UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE GEOGRAFIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUÇÃO EM GEOGRAFIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO GEOGRAFIA E GESTÃO DO TERRITÓRIO



TRAVESSIAS...

Movimentos migratórios em comunidades rurais no Sertão do Norte de Minas Gerais.

ANDRÉA MARIA NARCISO ROCHA DE PAULA

UBERLÂNDIA/MG
2009

ANDRÉA MARIA NARCISO ROCHA DE PAULA

TRAVESSIAS...
Movimentos migratórios em comunidades rurais no Sertão do Norte de Minas Gerais

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) como requisito à obtenção do título de Doutor em Geografia.

Área de Concentração: Geografia e Gestão do Território

Orientador: Prof. Dr. Carlos Rodrigues Brandão

Uberlândia/MG
INSTITUTO DE GEOGRAFIA

2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P324t Paula, Andréa Maria Narciso Rocha de, 1966-
Travessias- movimentos migratórios em comunidades rurais no sertão do norte de Minas Gerais [manuscrito] / Andréa Maria Narciso Rocha de Paula. - 2009.
350 f.

Orientador: Carlos Rodrigues Brandão.
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Geografia.

1. Urbanização - Minas Gerais, Norte - Teses. 2. Migração rural-urbana - Minas Gerais, Norte - Teses. I. Brandão, Carlos Rodrigues. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

CDU: 911.375.1(815.1)

Elaborado pelo Sistema de Bibliotecas da UFU / Setor de Catalogação e Classificação

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Programa de Pós-Graduação em Geografia

ANDRÉA MARIA NARCISO ROCHA DE PAULA

TRAVESSIAS...
Movimentos migratórios em comunidades rurais no Sertão do Norte de Minas Gerais.

_____
Prof. Dr. Carlos Rodrigues Brandão (orientador) – UFU-MG

_____
Profa. Dra. Luciene Rodrigues - UNIMONTES- MG

_____
Profa. Dra. Beatriz Ribeiro Soares - UFU-MG

_____
Prof. Dr. Heinz Dieter Heidemann - USP -SP

_____
Prof. Dr. Samuel do Carmo Lima - UFU-MG

Data: **27/11/2009**

Resultado: **Aprovada com Louvor.**

Aos "sertanejos sábios sabidos."

Aos que partem de onde estão quando é preciso. Aos que esperam os que se foram. Aos que voltam, quando podem voltar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço o amor de Mateus, Natália e Juliana, meus filhos que nessa trajetória sempre acreditaram e, mais que tudo, estiveram presentes todo o tempo, mesmo quando estivemos em espaços diferentes;

Agradeço a Fábio, meu companheiro, que prova e comprova que com dedicação e persistência “não tem erro”, os sonhos são realizados;

Agradeço aos meus pais Ari e Abigail pelo exemplo de que é através do trabalho que fazemos a vida; aos meus irmãos Ari, Alcione, Anderson e Ronan que, mesmo não entendendo o porquê de "tanto trabalho", acreditaram sempre. A Vó Detina (*in memoriam)* que me ensinou a acreditar nos sonhos; a dona Luiza, minha sogra, que foi e é uma amiga e durante minha ausência em casa foi de importância especial para o cotidiano da vida da nossa família; a Dete, pelo apoio e pela responsabilidade durante todo o tempo em estar em minha casa e cuidar da minha família;

Agradeço, e declaro meu afeto e admiração, profundamente, ao meu orientador, Professor e poeta Dr. Carlos Rodrigues Brandão, com quem vivi tantas vidas nesses anos do doutorado. Foi um tempo de aprender e apreender que a vida solidária é possível, que partilha e compartilha existem, que nossas ações com a natureza e com os homens e mulheres no dia-a-dia fazem o outro mundo possível. Aproveito para estender meu carinho e amor a sua família nas pessoas de Maria Alice, Luciana, Yara, Pablo e o querido André. Estivemos juntos, estamos juntos e estaremos juntos;

Aos professores da Universidade Federal de Uberlândia do Instituto de Geografia João Cleps Júnior, Samuel do Carmo Lima, Marcelo Chelotti, Joelma C. Santos e Vera Lúcia Salazar Pessoa, agradeço as orientações, a partilha de material de pesquisa e principalmente o carinho e amizade que sempre me foram ofertados;

Aos professores Samuel do Carmo Lima e Leopoldo Thiessen pelas orientações e sugestões na qualificação deste trabalho. As professoras e amigas Luciene Rodrigues pelo caminho que já trilhamos e por muito que juntas vamos continuar trilhando e acreditando na vida e Ana Paula G. Thé pela esperança na vida; a amiga professora Sueli Bernardes que mesmo distante foi tão presente; a todas agradeço pela sensibilidade, pelo exemplo e carinho;

Agradeço com muito carinho também o professor Ivo das Chagas, mestre e protetor do Cerrado, com quem aprendemos cada dia sobre a vida; agradeço o carinho e auxílio constante e presente do amigo José Carlos Costa.

Agradeço minha amiga-irmã Graça Cunha que vibra sempre com minhas conquistas, ela inspira esperança. A minha amiga - irmã Ana Paula Venuto Moura que durante essa travessia sempre reservou afeto, paciência e carinho para mim e toda a família; Júlia, Rodrigo, Felipe e Elisa crianças que juntos com o texto da tese foram crescendo e me encantando.

O meu imenso carinho para minha irmã-amiga Adriane Campolina Cunha Oliveira pelas nossas caminhadas em dias que eu estava a "flor da pele" e ela como sempre esteve ao meu lado; agradeço as amigas Dica, Marcinha e Lucimar que sempre foram tão disponíveis, carinhosas e solidárias. A Alessandra leal que é um anjo bom e que viveu comigo de "um tudo" nesses anos. Aprendo com ela que silêncio é, como diz João Guimarães Rosa, "a gente demais". Namastê!

Agradeço o carinho, a disponibilidade, a companhia e competência no trabalho de campo do mestrando da Universidade Federal de Uberlândia, o ex-aluno, amigo pesquisador Geraldo Martins; E a doce e competente amiga Maristela Correa que sempre foi e é tão prestativa.

Aos amigos de sempre e para sempre que hoje em outros sertões continuam fazendo o ser- tão: meu garoto Rodrigo, a querida Ângela, a bela e competente Paola, e as amigas Sandrinha e Antônia. Meu carinho especial para Joyce, minha amiga-irmã que junto comigo fez travessias e atravessou sertões, e na reta final se fez tão presente. Que seja tempo de florescer;

Meu agradecimento, carinho e saudade dos amigos da Pós em Redes Solidárias. Nos encontros e na diversidade de pessoas e pensamentos aprendi a apreender os conhecimentos diversos e complexos e foi possível vivenciar em Pirapora e em Poços de Caldas a solidariedade, a complexidade, a sustentabilidade e a criatividade. Meu carinho para Fernanda, Lucimar-Luzdemaio, Ligia Jaques, Décio Marques, Doroty Marques, Nádia, Josino Medina, Miriam, Daniel Tygel, Leopoldo, Cristiano, Eduardo, João Cleps e Flávio. Agradeço o carinho de Dieter por estar conosco realizando os

encontros dos Povos do Cerrado, foi tempo que plantamos e depois vimos florescer e dar frutos nossos trabalhos e amizades na vastidão do Norte de Minas. “Coraçaomente!”

Minha saudade de Marily Bezerra *(in memoriam*) que foi tão sertaneja e que atravessou sertões tantas vezes para mostrar que o sertão é tão ser-tão!

A amiga brasileira que em Coimbra faz uma bela travessia, Cláudia Cambraia, meu carinho, agradecimento e saudades pelas viagens e conhecimentos que juntas descobrimos. Agradeço Rosebel, amiga com quem dividi o apartamento e a vida durantes meses de estadia em Portugal, tempo em que nos conhecemos e nos acolhemos e assim foi mais fácil de suportar a saudade de nossas famílias e vidas no Brasil;

Aos professores e acadêmicos do Projeto Opará pela vivência nas viagens, nos encontros, nas aulas e principalmente nas discussões sobre mundo rural, em especial João Batista de Almeida Costa, Claúdia Luz, Elisa e Luciana, Maristela, Dária e Simone.

As ex-acadêmicas e hoje graduadas dos cursos de Geografia e Ciências Sociais que com sensibilidade e competência partilharam comigo suas pesquisas de campo: Haidê Alves de Carvalho Sousa e Simone Aparecida Leite da Silva;

Meu carinho ao funcionário do IBGE em Pirapora e ex-aluno Adílio Leal que auxiliou e produziu os mapas deste trabalho; Arlete e Eliana meu profundo agradecimento pela oportunidade de participar das atividades do Graal em Buritizeiro.

Agradeço aos homens e mulheres que vivem na Barra do Pacuí e que abriram as portas de suas casas e de seus corações para a gente estranha como eu. Acolheram-me e mostraram que como diz João Rosa: “felicidade se acha em horinhas de descuido”, que acontecem no correr do dia nas simples atitudes humanas. Seu João Bento, Dona Terezinha, Seu Euclides, Lorany, Milena, e tantas outras crianças, idosos, jovens e adultos, meu eterno e sincero: muito obrigada;

Meu reconhecimento à Universidade Estadual de Montes Claros que possibilitou meu afastamento das atividades de docência para a realização da pesquisa de doutorado. Aos companheiros e companheiras do DPCS - Departamento de Política e Ciências Sociais;

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) que me concedeu a bolsa de doutoramento, através do PPCRH - Programa de Apoio à capacitação de recursos humanos;

À direção, professores e funcionários do IG – Instituto de Geografia na UFU, que durante minha passagem como mestranda e doutoranda sempre foram prestativos com minhas solicitações, além do tratamento afetuoso que sempre me foi ofertado por todos eles;

À Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, do Ministério da Educação, através do Programa de Doutorado com estágio no exterior, pela concessão da bolsa para cursar o estágio em Portugal na Universidade de Coimbra;

Meu agradecimento e carinho ao professor Dr. Boaventura de Sousa Santos pela disponibilidade e pelo acolhimento como sua orientanda no CES - Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia na Universidade de Coimbra. Ao professor Pedro Hespanha que, com carinho especial pelos brasileiros em Coimbra, organizou encontros que possibilitou boas reflexões sobre o modo de vida rural;

Meu agradecimento, carinho e saudades das amigas portuguesas: Rute Castela, do Movimento Graal de Mulheres em Coimbra e Ana Costa, da Marcha Mundial de Mulheres pela Paz e Teresa e as mulheres do meio rural de Samuel;

Assino este trabalho, mas é importante ressaltar que esta pesquisa é resultado do esforço de muitas pessoas que apoiaram e acreditaram sempre; Os versos de Adélia Prado são pertinentes para expressar o meu carinho e respeito a todos:

Eu sempre sonho uma coisa que gera,
nunca nada está morto.
O que parece vivo, aduba.
O que parece estático, espera [...];
Minha mãe achava estudo a coisa mais fina do mundo.
não é.
A coisa mais fina do mundo é o sentimento. (1991, p.17)

O senhor vá pondo seu perceber. A gente vive repetido, o repetido, e, escorregável, num mím minuto, já está empurrado noutro galho. Acertasse eu com o que depois sabendo fiquei, para de lá de tantos assombros... Um está sempre no escuro, só no último derradeiro é que clareiam a sala. Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.

João Guimarães Rosa, 1986, p.p.51-52.

RESUMO

O objetivo desse trabalho é estudar e compreender dentro do processo migratório, a formação da identidade rural e as estratégias de reprodução camponesa dos sujeitos migrantes retornados ao lugar de origem no Norte de Minas Gerais através das tradições e das modificações nos modos de vida e trabalho. Para tanto trabalhamos especificamente em uma pequena comunidade tradicional ribeirinha e também com os sujeitos/atores/personagens do romance, dos contos e novelas de João Guimarães Rosa. Partimos do suposto de que o processo migratório modifica e altera os modos de vida e trabalho dos homens e das mulheres do campo, mas que eles e elas possuem uma condição estrutural e simbólica de identidade territorial, de alteridade e de reconhecimento como ser do mundo rural camponês. Afirmamos o espaço como o "promotor" das transformações no meio ambiente e no modo de vida a partir do qual pessoas, famílias e comunidades interagem com os cenários, espaços, lugares e territórios de seu viver, partir e, um dia, voltar. E entendemos o homem como o "produtor" dessas transformações na e através da cultura. Apoiados no aporte fenomenológico e no balizamento oferecido pela antropologia, literatura e pela sociologia, esperamos no âmbito da ciência geográfica valorizar as dimensões de ordem cultural sob a ótica do lugar, fazendo uma interpretação analítica das categorias tempo-espaço, território-territorialidade, espaço-lugar, percepção.

PALAVRAS-CHAVES: Sertão do Norte de Minas, migração, comunidade rural, modo de vida, espaço-tempo, migrante e lugar.

ABSTRACT

The objective of this work is to study and to understand - through their traditions and changes in their ways of life and work - the construction of the agricultural identity and the peasant reproduction strategies in the migratory process of the migrant people who returned to their place of origin in the North of Minas Gerais. For this purpose we concentrate our work in a small and traditional "ribeirinha" community and also with the subjects/actors/personages of João Guimarães Rosa's romance, stories and novels.We start from the assumption that the migratory process modifies and alters the ways of life and work of the rural men and women, but that at the same time they possess a structural and symbolic condition of territorial identity, otherness and recognition of being part of the peasant agricultural world.We affirm the space as the “promoter” of the transformations in the environment and the way of life upon which people, families and communities interact with the scenes, spaces, places and territories of their living, leaving and - one day - coming back. We also understand Man as the “producer” of these transformations in and through culture. Supported by the phenomenological contributions and references brought by Anthropology, Literature and Sociology, we intend to value the dimensions of cultural order also in the scope of Geography Sciences under the optics of the place, by doing an analytical interpretation of the categories of time-space; territory-territoriality; space-place; and perception.

KEYWORDS: "Sertão" of North Minas Gerais / Brazil; Migration; Rural community; Way of life; Space-time; Migrant; Place.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FOTOS

Foto 1	Enchente de 1979 no Rio São Francisco na cidade de Pirapora	55
Foto 2	Gaiolas no Rio São Francisco, a estrada liquida (1936)	76
Foto 3	Vaqueiro Manuelzão (1989)	92
Foto 4	Barca no São Francisco em Pirapora (1940)	94
Foto 5	Crianças sertanejas (2007)	99
Foto 6	O trem de ferro na cidade de Pirapora (1935)	116
Foto 7	O trem em Montes Claros (1952)	116
Foto 8	Migrantes rurais seguindo para a cidade de Montes Claros no ano de 1979.	125
Foto 9	Pivô de café em uma das fazendas do município de Ibiaí-MG	131
Foto 10	As cercas que fazem os limites na comunidade da Barra do Pacuí	146
Foto 11	A comunidade da Barra do Pacuí, junho de 2009	152
Foto 12	O ônibus chegando à comunidade	155
Foto 13	Peixe, a carne mais consumida na Barra do Pacuí	168
Fotos 14 e 15	Jogos dos Jovens na Barra do Pacuí	169
Fotos 16 e 17	Caminhos da Barra	182
Foto 18	O Rio São Francisco, as canoas na Barra do Pacuí - 2005	186
Fotos 19- 31	Imagens dos Lugares e das pessoas na Barra do Pacuí	199-206
Fotos 32 - 33	Modernidade e tradição nos tempos e espaços no rural	239
Fotos 34- 38	Gente barranqueira da Barra do Pacuí (2007, 2008, 2009)	253-254
Foto 39	Meninos e meninas do sertão na comunidade da Barra do Pacuí	308
Foto 40	Sertão dos Gerais na Barra do Pacuí (2008)	309
Foto 41	Travessia em painel de cabeças de gado na cidade de Cordisburgo	321

LISTA DE DESENHOS

Desenho 1	Representação espacial das migrações de Varney Ney Ferreira	108
Desenho 2	Croqui da comunidade da Barra do Pacuí	165

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Esquema de Pesquisa de Campo 41

Quadro 2 As grandes secas ocorridas no Nordeste 82

Quadro 3 Tempos e espaços na análise do processo migratório no Norte de Minas. 233

Quadro 4 Sair da Barra – Destino e ocupação pretendida pelos trabalhadores da Barra do Pacuí – anos de 2007, 2008. 272

Quadro 5 As dimensões do espaço na novela Campo Geral 316

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Indicadores de Desenvolvimento Humano – MG e em três municípios ɔ Médio São Francisco. 134

Tabela 2 Evolução da População do município de Ibiaí 135

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 Bacia hidrográfica do São Francisco 25

Mapa 2 Localização do município de Ibiaí no Estado de Minas Gerais 132

Mapa 3 Localização no Estado de Minas Gerais, na Mesorregião do Norte de Minas /IBGE do município de Ibiaí e do povoado da Barra do Pacuí. 149

Mapa 4 A comunidade da Barra do Pacuí – Ibiaí – MG 161

Mapa 5 Espacialização das migrações da Barra do Pacuí (Ibiaí- MG) 273

Mapa 6 Obra de Guimarães Rosa nos municípios do Circuito Turístico Guimarães Rosa 297

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS:

ADENE - Agência de Desenvolvimento do Nordeste.

AMANS - Associação dos Municípios da Área Mineira da SUDENE.

CODEVASF - Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco.

FJP - Fundação João Pinheiro - Governo de Minas Gerais.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

INDI - Instituto de Desenvolvimento Industrial de Minas Gerais.

INCRA- Instituto de Colonização e Reforma Agrária.

MOC - Montes Claros.

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio/IBGE.

RESEX- Reserva Extrativista de Unidade de Conservação de Uso Sustentável

RMNE - Região Mineira do Nordeste.

RURALMINAS - Fundação Rural Mineira.

SEADE – Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados- São Paulo.

SUDENE - Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste.

SUDENOR - Superintendência de Desenvolvimento do Norte de Minas.

SUMÁRIO

NOTAS INTRODUTÓRIAS		22
***PARTE 1* - SERTÃO VIVIDO: SERTÃO, SERTANEJOS E MIGRAÇÃO NO NORTE DE MINAS GERAIS**		45
PRIMEIRA TRAVESSIA	**"Sertão é dentro da gente": beira de rio, beira de sertão, gerais do sertão. História do Rio São Francisco e do sertão no Norte de Minas**	46
1.1	Sertão dentro da Gente	46
1.2	Beira sertão, beira rio: histórias entrelaçadas	58
1.3	A representação do sertão mineiro	63
1.3.1	A representação do sertão pelos viajantes	67
1.4	A representação do Rio São Francisco	72
1.5	A representação das secas	79
1.6	A representação do cerrado: terras de beira rio e águas de beira sertão	82
1.7	A representação dos sertanejos e ribeirinhos	87
1.7.1	Os homens da terra: vaqueiros, jagunços, sertanejos	87
1.7.2	Os homens do rio: remeiros, pescadores, ribeirinhos	92
1.8	Travessiando	97
SEGUNDA TRAVESSIA	**"O sertão é do tamanho do mundo": sair do sertão e viver nele. Migrações sertanejas**	100
2.1	O sertão do tamanho do mundo	100
2.2	Sair do sertão, viver nele: as migrações sertanejas	107
2.2.1	O processo migratório	108
2.2.1.1	Caminho de águas: a estrada líquida	109
2.2.1.2	Caminho de terra e de ferro: o trem do sertão	112
2.2.2	A continuidade das migrações no e do sertão	118
2.2.2.1	As migrações do sertão	118
2.2.2.2	As migrações no sertão	120
2.3	Travessiando	123
TERCEIRA TRAVESSIA	**"O sertão está em toda parte": estar no sertão, viver globalmente. Comunidade tradicional: Ibiaí e Barra do Pacuí**	126
3.1	O sertão está em toda parte	126
3.2	Sertão de dentro: município de Ibiaí	128
3.3	Desemboque: a comunidade da Barra do Pacuí	139
3.3.1	O processo de formação da Comunidade	140
3.3.2	O processo de cercamento das terras na Barra	144
3.4	Travessiando	147

QUARTA TRAVESSIA	**“O sertão é uma espera enorme”. Tessitura da Barra do Pacuí**	150
4.1	O sertão é uma espera enorme	150
4.2	A composição socioespacial da Barra do Pacuí	152
4.3	Gente barranqueira	157
4.4	Sertão sentido: os ciclos do trabalho e da terra	159
4.4.1	A repartição dos espaços	159
4.4.1.1	Os espaços das casas	164
4.4.2.	O cotidiano: fazer a vida	166
4.4.2.1	A comida	166
4.4.2.2	O lazer	169
4.5	Ciclos de relações	170
4.5.1	Os casamentos	170
4.6	Trabalho na terra e na água	172
4.6.1	Cultivar e transformar: a farinhada	177
4.7	Os sonhos	179
4.8	Travessiando	180
QUINTA TRAVESSIA	**“Sertão é isto”: narrativas e imagens da Barra do Pacuí**	183
5.1	Sertão é isso	183
5.2	Saberes da alma: o contar sertanejo	186
5.2.1	Tradições: benzer,cuidar e oferecer	186
5.2.2	Rezar e festejar	190
5.2.2.1	A dança de São Gonçalo	191
5.2.2.2	A festa da Padroeira	192
5.3	Saberes da natureza	194
5.3.1	Saberes da água	196
5.3.2	Saberes da terra	196
5.4	Travessiando	197
5.5	Imagens do lugar e falas roseanas	198
	***PARTE 2* – SERTÃO PENSADO E VIVIDO: TEMPOS E ESPAÇOS NO PROCESSO MIGRATÓRIO**	207
SEXTA TRAVESSIA	**A terceira margem: as representações dos tempos e espaços no processo migratório**	208
6.1	A terceira margem e a representação do tempo e espaço	209
6.2	Espaço e tempo e suas representações	212
6.2.1	Modernidade, tempo e espaço	218
6.2.2.	Tudo flui: sociedades em redes, modernidade líquida	219
6.2.3	A representação do espaço no território e territorrialidade	222
6.2.3.1	O espaço social	225
6.3	Entre margens: espaços e tempos no processo migratório	228
6.4	Modernidade e tradição nos tempos e espaços do trabalho	236
6.5	Travessiando	239

SÉTIMA TRAVESSIA	**Tempos e espaços no mundo da cultura e das identidades sertanejas**	241
7.1	Identidades, cultura e migração	242
7.2	O processo de identidade	244
7.3	Identidades e alteridades: eu, outro, estranho	249
7.3.1	Identidades e identificações de fronteiras	252
7.3.2	Homens e mulheres da Barra	252
7.4	Travessiando	253

***PARTE 3* - TRAVESSIAS DO SERTÃO PENSADO, VIVIDO E SENTIDO** 256

OITAVA TRAVESSIA	**Travessias na Barra do Pacuí: partir, chegar, viver e voltar**	257
8.1	Travessia: partir, chegar, viver e voltar	257
8.2	Tempo passado e presente: migração na Barra	264
8.2.1	Sair, voltar, migrar: liberdade	270
8.2.2	Ciclos do ser da Barra	272
8.2.3	O acontecer migratório	277
8.3	O que significa retornar	278
8.3.1	Por que voltar? Motivos do retorno	280
8.3.2	Na volta, ilusão e desilusão	283
8.4	A dinâmica das idas e vindas dos moradores da Barra do Pacuí	287
8.5	Travessiando	289

NONA TRAVESSIA	**Travessia no sertão roseano: partir, chegar, viver e voltar.** Uma aventura geo-antropológica entre alguns escritos de João Guimarães Rosa	292
9.1	Fazer uma travessia no percurso roseano	292
9.2	Travessia roseana: partir, chegar, viver e voltar	298
9.2.1	As representações do sertão em João Guimarães Rosa	300
9.3	Mundo rural roseano	301
9.3.1	Cenários de sertão	303
9.3.2	Migração em João Guimarães Rosa	306
9.3.2.1	Cartografia sertaneja na novela Campo Geral	308
9.3.2.1.2	O Mutum	309
9.3.2.1.3	A vida sertaneja no Mutum	311
9.3.2.1.4	Praticas espaciais em Campo Geral: vividas, percebidas e imaginadas	313
9.3.2.1.5	Sair do sertão	317
9.4	Travessiando	319

CONSIDERAÇOES FINAIS. Da Barra ao Rosa: uma Geografia da errância 322

REFERÊNCIAS 331

ANEXOS		346
ANEXO A	Desenhos da representação do urbano feito por crianças na Barra do Pacuí	346
ANEXO B	Roteiro básico de observação da pesquisa de campo	347

ANEXO C Relação dos entrevistados na Barra do Pacuí - MG 349
ANEXO D Reportagem sobre mortes de peixes no Rio São Francisco 350

CARTA DA 13° ROMARIA DAS ÁGUAS E DA TERRA DE MG

*Tema**: "**TERRAS E ÁGUAS DE MINAS PEDEM SOCORRO."*
Lema: "ESCOLHE, POIS, A VIDA."

"Eu vi o teu clamor, a tua dor e desci para caminhar com vocês" (Êxodo 3,7-10)
Somos Romeiras e Romeiros da mãe terra e da irmã água. Viemos a Itinga, no Vale do Jequitinhonha, rica região envolvida por montanhas e solos férteis, chapadas de onde se tira riquezas, terra de pedras preciosas, frutas nativas, pequizeiros e plantas medicinais. Banhada pelo Rio Jequitinhonha - cantado em versos e prosa pelos artistas natos da região - e seus inúmeros afluentes. Somos mulheres e homens, crianças, jovens, adultos e idosos. Lutamos, trabalhamos e acreditamos que é possível construir uma sociedade onde se preserva suas histórias, culturas, tradições, valores e espiritualidade, na qual os direitos do povo sejam reconhecidos e respeitados em sua totalidade. Por tudo isso irmãs e irmãos, continuaremos caminhando, como peregrinos da esperança, construindo a esperança na luta, levando em nossas bagagens a certeza na frente e a vitória na mão. Coloquemo-nos a caminho sem a indiferença dos apressados, mas com a serenidade dos que sabem contemplar a luz e a força divinas agindo em nós e, através de nós, no mundo.
Que este caminhar seja sustentado pela coragem de quem sabe aonde chegar. Nessa desafiadora viagem, possamos unir forças com tantos outros e outras em busca de "um novo céu e nova terra." Deixemo-nos guiar por Jesus Cristo, que convoca toda humanidade para ser uma só família, de todas as culturas e todas as religiões. Porque ele é o Deus único de todos os nomes, seio da saída e do retorno.
Com a força do Deus da vida, solidário e libertador, anunciamos e defendemos:
A luta dos povos originais – quilombolas, indígenas, sertanejos, geraizeiros etc - pelo seu reconhecimento e dignidade, luta por igualdade entre homens e mulheres, luta em defesa do meio ambiente, luta por reforma agrária, por soberania e segurança alimentar, por dignidade no campo e por um semi-árido sustentável.
Denunciamos:
Os grandes projetos desenvolvimentistas baseados no fortalecimento do agronegócio ligados a grandes grupos econômicos nacionais e internacionais que promovem enormes danos sociais e ambientais através da implantação de projetos de Monoculturas de eucalipto, Grandes barragens, Exploração de minérios, Pecuária extensiva, projetos que contam com forte apoio dos poderes públicos em todas as suas esferas. Estes empreendimentos são responsáveis diretos pelo empobrecimento

de nossas regiões e pela intensa degradação ambiental, violência no campo e na cidade e migração sazonal que transforma os trabalhadores camponeses em migrantes que se tornam escravos na monocultura da cana-de-açúcar: campeões de podão na modernidade da produtividade, através dos "dez mil golpes de facão" por dia, pelas 15 toneladas de cana cortada, pelas doenças e mortes causadas por este processo devastador, e pela dupla jornada de trabalho das mulheres em conseqüência desta migração.

Romeiras e Romeiros da terra e das águas, da utopia de um novo mundo, caminhemos construindo um mundo possível e necessário, para uma terra sem males, com uma economia solidária, para casa da vida plena para todos e tudo. Continuemos com a mão na massa, os pés no chão, como povo de Deus que reza, mas coloca a oração no chão da terra e da vida com nossos sonhos e esperança, que a terra e a água, dom de Deus, sejam por todos partilhados.

Que possamos ao longo do caminho apreciar a beleza da natureza e da cultura popular, acolher o gorjeio dos pássaros e os clamores dos pobres, sentir o perfume das flores e de nosso chão. Que nossos ouvidos ouçam o barulho das águas, que nossos pés sejam firmes e fortalecidos pela certeza do caminhar. Enfim, que a glória de Deus brilhe em nós e através de nós!

Com a bênção de N. Sra. da Lapa e de São Francisco (patrono da Romaria), agradecemos de coração a hospitalidade do povo de Itinga e das comunidades cristãs do município, na esperança de nos reencontrarmos em 2010 na 14ª Romaria das águas e da Terra de Minas Gerais, na Diocese de Januária, na cidade de Januária, no Norte de Minas. Amém, aleluia, Auêre, Uai!

Itinga, 02 de agosto de 2009.

NOTAS INTRODUTÓRIAS

A pesquisa, os percursos da pesquisa, a escolha epistemológica, a opção pela literatura e por João Guimarães Rosa, os procedimentos teóricos e metodológicos, as inserções no campo e entre margens: opções de estruturação do texto

Travessia[1]. É com esta palavra que João Guimarães Rosa termina seu único romance Grande sertão: veredas. Sua grande travessia literária. Utilizamos a palavra travessia para iniciar esta tese de doutorado com o intuito de simbolicamente principiar a nossa viagem pelo sertão do Norte de Minas Gerais. Entre partes, capítulos, tópicos, parágrafos, frases e palavras, estaremos fazendo aqui também a nossa travessia. Estaremos percorrendo caminhos do sertão pensado, vivido e sentido. Caminhos que deságuam, entre o rio e a estrada, em uma comunidade tradicional: a Barra do Pacuí, na beira do Rio São Francisco e do Rio Pacuí, assim como na literatura de João Guimarães Rosa. Faremos uma viagem com idas e vindas entre e através de universos de mulheres e de homens sertanejos/jas que vivem e realizam suas vidas no sertão, e que confirmam João Guimarães Rosa[2] (1986, p.538): "Existe é o homem humano".

A pesquisa

Desde pequena, uma menina de beira-rio, aprendemos que viajar é uma bela e difícil experiência de conhecer o diferente. No ato de se deslocar de um lugar para outro estamos de alguma forma deixando nos locais de onde saímos algo de nós, e ao chegarmos a outro espaço encontramos também algo do outro. É no confronto do novo e diferente e do conhecido e antigo que traçamos a nossa geografia do cotidiano. Podemos traçar, descrever, mapear os caminhos, os itinerários dos lugares em que vivemos, os

[1] "– ato ou efeito de atravessar uma região, um continente, um mar etc. Longo trecho de caminho ermo. Palavra muito empregada em GSV com o sent. simbólico de vida, transposição de etapas. Última pal. do romance, que é uma travessia pelos caminhos da imaginação, da reflexão, da arte." Assim Nilce Sant' Anna Martins descreve a significação da palavra no Léxico de Guimarães Rosa, 2001, p.500-501.

[2] Utilizaremos a sigla JGROSA para identificar o autor João Guimarães Rosa, tal opção é facilitar a identificação e para citar o nome completo do autor e a sigla GSV para identificar o romance Grande sertão: veredas.

espaços por onde apenas passamos, os lugares mais atrativos e significativos. Os lugares reconhecidos e permitidos e os espaços não freqüentados e evitados. Viajamos em/entre espaços e tempos que podem ser materiais e simbólicos, ou só materiais ou apenas simbólicos. Podemos viajar através da literatura, da internet, da música, das experiências das outras pessoas, por diversas e complexas formas.

É a presença humana, feita na mobilidade para determinado espaço e entre espaços determinados, mesmo quando imprevisíveis, e em um tempo especifico, quem transformou e realizou o acontecer humano na vida. Na atualidade, transformações estruturais estão acontecendo com a exponencial da mobilidade e a vertiginosa transformação de distâncias dos espaços e da duração dos tempos. Temos hoje espaços voláteis, percorremos grandes distâncias em mínimos tempos. Produzimos e utilizamos conhecimentos nos mais diferentes lugares e espaços do globo; podemos participar de atividades em lugares distantes sem sair da nossa casa. E quando saímos de casa podemos percorrer hoje em dia distâncias entre continentes em um tempo menor do que nossos antepassados levavam para irem de uma cidade próxima a uma outra. Enfim, nosso cotidiano é feito através dos deslocamentos, entre viagens vivenciais ou virtuais, sejam elas pequenas e diárias ou longas e esparsas. Sempre estamos indo ou vindo de algum lugar em algum tempo.

É com essa percepção da mobilidade humana, enquanto transformação e transformadora da ação humana, que construímos nosso trabalho de doutoramento, com foco sobre o processo migratório e suas singularidades.

Algumas questões nos instigam: O que é migrar e não chegar? O que é voltar e sempre partir? O que é esperar os que migram? Como transformamos os lugares que também nos transformam? Quem migra do rural perde a identidade camponesa? Ao retornar o migrante não é mais camponês? Ou quem migra continua camponês e incorpora novos valores e promove a identidade rural nos lugares de destino e de origem? O que são essas ações, expressões, estações humanas em cada lugar, que fazem o cotidiano das famílias em comunidades de "beira de rio e de sertão" quando os migrantes retornam de forma sazonal ou permanentemente no Norte[3] de Minas Gerais? Quais as

[3] Utilizaremos Norte com a primeira letra maiúscula neste trabalho como opção de destacar a área de estudo.

modificações percebidas nos espaços e nas pessoas entre ambientes naturais e cenários culturais? Quais são os modos tradicionais de trabalho e de cultura existentes na vida das pessoas ribeirinhas?

Indagações e incertezas que nos acompanham nesta pesquisa de doutorado e que foram sendo construídas através da nossa experiência profissional e também vocacional junto a comunidades rurais e em nossa pesquisa de mestrado. Em 2003 terminamos o mestrado em Geografia no Instituto de Geografia na Universidade Federal de Uberlândia.[4] A realização do mestrado foi um desafio. Compreender que o espaço, o território, o lugar são mediados nas e através das relações sociais de produção. A mobilidade espacial sendo também uma questão social que modifica e interfere na mobilidade do inevitável viver em sociedade. A paisagem e a região são formas e conteúdos de cultura que o homem, ao habitar, transforma e faz novos ambientes na natureza socializada. Compreender a Geografia como uma ciência social. "[...] Uma geografia social deve encarar, de modo uno, isto é, não-separado, objetos e ações 'agindo' em concerto". (SANTOS, M. 2004, p.86)

No mestrado investigamos a migração de trabalhadores rurais da região Norte - mineira para Montes Claros (cidade centro de serviços de saúde e educação para a região), na busca de emprego na cidade, assim como o processo de inserção no mercado de trabalho local. A pesquisa mostrou que os sucessivos deslocamentos espaciais são caracterizados pela esfera do trabalho e pelas dificuldades em estabelecer redes de relações no/com o novo espaço. Nos vários depoimentos colhidos ficou claro que a maioria desejava retornar ao meio rural, mas diante da impossibilidade de realizarem tal projeto de vida – ou tal sonho do viver - preferem ficar "de vez" em Montes Claros. Muitos continuam a seguir a rota da migração para São Paulo e outras regiões por tempo determinado e, depois, retornam a Montes Claros. A justificativa da vontade de permanecer na cidade se dá em função de que a maioria das migrações acontecem com a família nuclear, além do fato da cidade estar situada em sua própria região de origem.

A nossa busca agora é compreender a realidade socioespacial; o cotidiano no lugar de origem através da experiência, que entendemos, de acordo com Benjamin

[4] Já era professora de Sociologia na Universidade Estadual de Montes Claros, UNIMONTES, mesma universidade onde me graduei em Ciências Sociais.

(1994), como resultado da narração passada de pessoa para pessoa e composta da associação do saber de quem saiu e do saber de quem ficou. E também com Tuan (1983), para quem a experiência é a apreensão do real, construído com a memória, com os pensamentos e as interpretações do mundo que geramos e construímos no correr do dia-a-dia.

Desta constatação partimos então para analisar o processo migratório no sertão dos Gerais, na região do Norte de Minas, no bioma Cerrado. Região que pertence ao Polígono das secas, no semi-árido brasileiro. Estamos às margens do Rio da Integração Nacional: o São Francisco, na Bacia Hidrográfica do São Francisco, como mostramos no mapa 1.



Mapa 1 **Bacia Hidrográfica do São Francisco**
Fonte: ANA/Ministério do Meio Ambiente

Os Percursos da Pesquisa: objetivos e justificativa

Como quem navega certo de onde partiu, mas sem tantas certezas sobre onde irá chegar, entre as suas três margens, buscamos no percurso de construção da investigação, exercitar uma complexidade viável e possível, no sentido etimológico da palavra: *tecer junto*. Assim sendo, compreendemos nossa pesquisa como inserida dentro de um contexto local/global, em que o nosso saber acontece aqui como um fio nas e entre as redes de algumas diferentes construções acadêmicas de vocação transdisciplinar.

Durante o período em que desenvolvemos a investigação participamos como pesquisadora (orientanda e orientador) em dois grupos de estudos e pesquisas de Instituições de Ensino Superior: O *Grupo de Estudos e Pesquisas em Cultura, Processos Sociais, Sertão,* da Universidade Estadual de Montes Claros; e o *Núcleo de Estudos Agrários e Territoriais* da Universidade Federal de Uberlândia. A participação nesses grupos foi fundamental para o encaminhamento da tese. Concordamos com nosso orientador, professor Carlos Rodrigues Brandão, quando nos faz refletir sobre a prática de uma pesquisa acadêmica que, mesmo sendo *solitária* pode, não obstante, ser também *solidária,* no compartilhar conhecimentos, saberes, sentidos leituras, dados e diálogos plurais.

Nosso objetivo é analisar e compreender, no processo migratório, a formação da identidade rural e as estratégias de reprodução camponesa dos sujeitos migrantes retornados ao lugar de origem no Norte de Minas Gerais, e também daquelas e daqueles, os "ficantes", que restaram à espera de quem partiu um dia, através das tradições e das modificações nos modos de vida e trabalho. Para tanto trabalhamos especificamente em uma pequena comunidade tradicional ribeirinha e também com os sujeitos/atores/personagens do romance, dos contos e novelas de João Guimarães Rosa.

Partimos do suposto de que o processo migratório modifica e altera os modos de vida e trabalho dos homens e mulheres do campo, mas que eles e elas possuem uma condição estrutural e simbólica de identidade territorial, de alteridade e de reconhecimento como ser do mundo rural camponês.

Partimos também da idéia de que as ações humanas, transformando o ambiente ao mesmo tempo em que são transformadas pelo ambiente que, ao modificá-las, por sua vez, transforma também a existência e a essência do humano, provocam reconstruções, modificações, permanências nos processos socioculturais, espaciais e ambientais no mundo rural que fazem, refazem as especificidades das formas no tempo e no espaço. "Podemos falar de um mundo camponês, não no sentido dessa realidade constituir um mundo isolado, mas em função de sua extraordinária variedade e de suas características próprias", (LEFEVBRE, 1986, p.163).

O "partir do sertão" rumo às cidades médias ou aos grandes centros, ou em lavouras de trabalhos sazonais de plantio ou colheita em regiões de desenvolvimento agrícola, não significa que ao "deixar o rural" e "estar no meio urbano", o "errante" transforma a substância identitária de um modo de ser e de um modo de vida do sujeito rural em um sujeito urbano.

Afirmamos o espaço como o "promotor" das transformações no meio ambiente e no modo de vida a partir do qual pessoas, famílias e comunidades interagem com os cenários, espaços, lugares e territórios de seu viver, partir e, um dia, voltar. E entendemos o homem como o "produtor" dessas transformações na e através da cultura. Meio e cultura que fazem o *continuum* dos processos rurais e dos processos urbanos. E são as organizações, as instituições, a sociedade que modificam, segmentam e separam os espaços, que os transformam em lugares, em regiões, em territórios constituídos de paisagens e pessoas que provocam os processos migratórios.

Neste sentido, realizamos várias travessias na busca da compreensão, não "da migração e seus dados", mas da "pessoa que migra", do ator social que se desloca *nos* e *entre* tempos e espaços. Neste sentido estivemos atentos a algo e alguém, que em geral escapam ao olhar de quem estuda processos migratórios: as pessoas que ficam na espera dos que partem, os ficantes. O ir, vir, chegar, estar. O sair, o partir, retornar, voltar. Ações humanas que modificam vidas e traçam destinos.

Buscamos compreender o híbrido e o transitório, aquele momento em que a história local sempre tem conexões com outras histórias: as historias globais que são fruto da valorização da identidade e do reconhecimento da alteridade. Concordamos com

Milton Santos (2004) que define o espaço como um híbrido e propõe que para a construção epistemológica é melhor partimos dos híbridos do que dos conceitos puros.

> [...] No mundo de hoje, é freqüentemente impossível ao homem comum distinguir claramente as obras da natureza e as obras dos homens e indicar onde termina o puramente técnico e onde começa o puramente social. De fato, os objetos técnicos com que diariamente lidamos "não são carne nem peixe", eles são um ente intermediário em que se associam "homens, produtos, utensílios, máquinas, moedas (SANTOS, 2004, p.101)

Buscamos na análise do processo da mobilidade humana o espaço relacional que fazem das culturas uma reflexão sobre o mundo vivido, quando a Geografia é cartografada no estudo dos significados, das intervivências e das experiências, e de como elas podem influenciar e modelar o presente, resultando numa abordagem das ações humanas, na identidade de homens e mulheres sertanejas/jos que criam, transformar e recriam a identidade do/no lugar, sempre mediados pela significação e percepção de um mundo da vida.

Nossas relações concebem o ir e vir através de uma referência dialógica constituída de subjetividade e alteridade, pensada em seus desdobramentos espaciais, assim como na referência à temporalidade enquanto passado, presente e futuro na perspectiva do lugar do habitar. Relações vividas e vivenciadas tais como se apresentam e representam na realidade socioespacial, e não somente através de teorias e modelos abstratos.

Ressaltamos que compreendemos a migração como um processo, onde a mobilidade espacial-temporal constituem e configuram representações das ações humanas nos lugares, em meio a relações carregadas de símbolos, de imaginários, na hibridização que formam as identidades que fazem as culturas dinâmicas. Um constante processo compreendido como aproximação, confronto e encontro de tradições recriadas à medida que a modernidade se instala.

O processo migratório é um processo sócioespacial. São os espaços os objetivos dos que migram. São os espaços os sonhos dos que retornam das migrações. São os espaços que dão forma e conteúdo ao processo da experiência migratória. É nos espaços que as pessoas constroem as suas identidades e modificam e/ou permanecem em suas ruralidades.

> Como cualquier otra construcción social, la ruralidad tiene una naturaleza reflexiva; es decir, es el resultado de acciones (o está condicionada por ellas) de sujetos humanos que tienen la capacidad de interiorizar, debatir o reflexionar acerca de las circunstancias y requerimientos socioculturales que en cada situación espacio-temporal se les presentan. (DURÁN, 1998, p.77)

Ruralidades que configuram um processo social em que a compreensão do ser rural, da identidade do sujeito do meio rural, bem como, todas as questões referentes ao mundo rural são singulares. E, ao mesmo tempo, onde as relações sociais e de produção são mediadas pelos modos de vida e de trabalho vinculadas às estruturas de relações sociais, espaciais e históricas da sociedade. Pensarmos as práticas do modo de vida camponês.

> [...] tais práticas são permeadas pelo universo simbólico dos sujeitos, pelas categorias e regras mediante as quais pensam e vivem sua existência. As percepções e ações dos sujeitos estão inscritas nas condições sociais e historicamente situadas e "funcionam" em um nível mais profundo do que a realidade passível de apreensão imediata – é preciso dar à luz as práticas. (GODOI, 1999, p.27)

Assim sendo, a nossa pesquisa foi realizada através de um ensaio de abordagem cultural e fenomenológica. Nela procuramos descrever e analisar as *ações* (feitas e construídas pelo indivíduo no local da ação), as *relações (*formadas nas ações sociais de cada um), os *significados* (que são os valores atribuídos pelos habitantes nas situações e ambientes variados) e *percepções* (do ser e estar no mundo tendo o ambiente enquanto categoria social em um quadro de signos) e como são modelados e quais as simbologias que transformam os "espaços" em "lugares". Procuramos nos aproximar do que Martins (2003) refere como uma fenomenologia da migração, tratando de ressaltar a necessidade de "incorporar" nos estudos do processo de migração o que se processa na consciência dos/as migrantes.

Nossa opção teórica e metodológica de analisar diferentes teorias - mas não contraditórias - dos autores estudados possibilitou a compreensão do ambiente enquanto sociedade e comunidade complexas, feitas e re-feitas pelo homem e seus valores e/ou desejos de valores e relações. "[...] Que ninguém tende debilitar o sentido da relação: relação é reciprocidade". (BUBER, 1974, p.9)

Escolha epistemológica

Nossa escolha epistemológica estabeleceu-se sobre um desejo de dialogar com os autores de dentro e de fora da Geografia – mas autores que, de um modo ou de outro, reconhecemos sempre próximos de linhas de fronteira com a Geografia - para propor e proporcionar nos variados momentos da pesquisa a reflexão dialética das categorias, conceitos e processos dinâmicos que constroem a ciência.

Vivemos tempos e espaços onde os temas de pesquisas e em pesquisa estão em fecunda germinação, através dos cruzamentos entre saberes polissêmicos que se não derrubam as fronteiras possuem a virtude de nos aproximar cada vez mais de um conhecimento que, nas palavras de Boaventura de Souza Santos, seja um: "Conhecimento prudente para uma vida decente", (SANTOS, 1987, p.36).

Nossa contextualização revela-nos uma ciência em mobilidade, onde as modificações aconteceram, acontecem e seguem a acontecer em e, sobretudo, entre todos os ramos dos conhecimentos. As especializações não acabam, mas as fronteiras acadêmicas estão em constante devir. O que acontece com a própria vida começa agora acontecer com as ciências que estudam a vida, inclusive a vida humana. "Por isso, todo o conhecimento cientifico é autoconhecimento [...]", (SANTOS, 1987, p.52).

É essa nossa percepção da ciência geográfica, com foco nas paisagens humanas e culturais, que procura estabelecer um diálogo possível e fecundo com a Antropologia e a Sociologia, ousando estender-se ainda a conceitos filosóficos e da literatura. Ao estar fazendo ciência na Geografia, nosso fazer caminha pela trilha múltipla dos diferentes saberes de uma Antropologia aqui compreendida enquanto o saber que descreve, conta, narra os modos culturais de viver de homens e de mulheres. Nesta mesma direção integrativa pensamos a Sociologia como sendo a ciência que analisa, reflete e descreve a construção da realidade social feita, re-feita nas representações dos atores sociais no seu grupo e os seus modos de trabalho.

A opção pela literatura e por João Guimarães Rosa informante e participante na pesquisa

Roland Barthes, em discurso inaugural de posse no *Collége de France*, publicado posteriormente em livro sob o título de *Aula*, afirmou que "a literatura faz girar os saberes" (BARTHES, 1978, p. 15).

> A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distancia que a literatura nos importa. Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas - que sabe muito sobre os homens. (BARTHES, 1978, p.19).

Paul Claval (1999) chama a atenção para que compreendamos que é através da abordagem cultural que podemos pensar de maneira nova a Geografia e assim abordarmos o fato humano e social em suas condições de materialidade, historicidade e geograficidade[5]. Para isso é necessário que nossa análise, recaia sobre o corpo (as pessoas que povoam o espaço), a experiência e os sentidos com que os homens apreendem o mundo e o "papel do além".

> Levar em consideração o além interessa diretamente ao geógrafo, que não poderia sem ele conhecer a distinção, no mundo que nos envolve, entre espaços sagrados e espaços profanos, e compreender por quais rituais e por quais estratégias de organização do espaço os primeiros são reativados, protegidos e utilizados [...] (CLAVAL, 1999, p.78)

Para Almeida e Olanda (2007) a Geografia Cultural concebe a arte como mediadora entre a vida e as representações e a literatura seria uma representação da realidade. O geógrafo Carlos Augusto Figueiredo Monteiro explica:

> A literatura por meio do romance – ficção, criação artística –, em sua proposta de nos dar uma visão particular do Mundo – o homem e seu ofício de viver –, tem que se revestir de uma estrutura espaço-temporal. Isso em qualquer tradição cultural, já que espaço-tempo são categorias *a priori*. (MONTEIRO, 2006, p.60)

Podemos assim ousar compreender a literatura como uma representação da possibilidade de "ir além", de descrever o ambiente e seus habitantes através do espaço mítico, imaginário e vivido, na espacialidade e na temporalidade, sendo também uma preciosa fonte aberta à possibilidade de conhecermos as representações coletivas que, em outros campos, sempre estão ameaçadas de serem reduzidas a fragmentos.

A representação do sertão na literatura de João Guimarães Rosa desvela uma realidade sertaneja feita e re-feita através da experiência vivida, sofrida, pensada e refletida de seus habitantes; na projeção dos usos do lugar no processo social de transformação do espaço em lugar. Enfim, uma realidade tão "real" quanto a da ciência, mas representada em versos e prosas no que tange à percepção e também aos fatos. Atos

---

[5] "Geograficidade é a característica daquilo que possui existência, a partir de uma realidade geográfica" (MARANDOLA JÚNIOR, 2008, p.83).

e fatos que muitas vezes não são traduzíveis à estrutura de poder das palavras, mas inerentes à sensibilidade humana. O habitante é estabelecido como aquele que transforma a paisagem e é por ela transformado simultaneamente. O habitante absorve as imagens e os fragmentos do espaço para transformá-lo em enunciados que representam suas experiências, que são responsáveis pela transformação do espaço geográfico em "lugar".

Desse modo, estaremos sendo acompanhados por personagens e paisagens da obra de João Guimarães Rosa, ele mesmo um escritor que optou por fazer-se também membro de uma associação de geógrafos. No dia 20 de dezembro de 1945, tomou posse no cargo de sócio titular da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.[6]

> De início, o amor da Geografia me veio pelos caminhos da poesia – da imensa emoção poética que sobe da nossa terra e das suas belezas: dos campos, das matas, dos rios, das montanhas; capões e chapadões, alturas e planuras, ipuêiras e capoeiras, caatingas e restingas, montes e horizontes; do grande corpo, eterno, do Brasil. (JGROSA, 1945.)

A opção por este informante de pesquisa, oriundo da literatura, justifica-se pela geografia sertaneja realizada pelo autor. Uma geopoética carregada de uma *descrição densa* do sertão, dos sertanejos, de suas errâncias, vividas em situações no cotidiano e nos lugares de vida descritos em causos e prosas.

Na literatura de João Guimarães Rosa são apresentadas as cenas e os cenários do cotidiano sertanejo através das situações do dia-a-dia. E eles nos revelam amores profanos e sagrados, doenças e loucura, violência e assassinatos, trabalho e festas, poder e política local. Concordamos com Sandra G. T. Vasconcelos (2002) em que na obra roseana o sertanejo possui um papel central e representa o homem rural brasileiro através do vaqueiro, do barranqueiro, do geralista. Encontramos também a errância e a mobilidade sertaneja no romance, nos contos e nas novelas, a partir do principio de que a mobilidade é condição de vida e morte para os que não possuem terra, para a comunidade de pobres.

> Heróis ou bandidos, cangaceiros ou retirantes, partilham da mesma condição, seja porque, como jagunços, estão sujeitos às vicissitudes de sua vida errante, seja porque, como vaqueiros, sua vida se pauta pela perambulação permanente, seja porque, homens pobres, sem nada de seu, estão condenados a uma existência precária e instável, sempre prestes a ser tangidos da terra alheia e jogados na mais completa destituição (VASCONCELOS, 2002, p.3-4).

---

[6] Publicado originalmente na Revista da Sociedade Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro (Tomo LIII, 1946, p. 96-7). Utilizamos aqui o discurso publicado em BEZERRA E HEIDEIMANN, 2006, p.14.

Importante ressaltarmos que os errantes, bem como os ficantes, possuem uma característica que é o pertencimento ao lugar, compreendido como "enraizamento físico e biológico do sujeito humano a sua condição cultural propriamente humana". (MOURÃO, 2005, p.3)

Penetrar no sertão roseano é uma travessia no espaço e no tempo, em direções plurais, encontrando no caminho sujeitos, cenas e cenários descritos nas narrativas de confronto entre o tradicional e o moderno, entre a palavra e a ação humana, entre a comunidade e a sociedade, entre a cidade e o campo, na ação humana e na ação do ambiente natural. O lugar é fruto da interação entre homem e ambiente e a possibilidade de ir além acontece em função de quem fala sobre o sertão.

Procedimento teórico-metodológico: descrição densa de uma *etnogeografia*

A abordagem qualitativa na pesquisa tem como marca o saber do outro, significando uma possibilidade de interação entre os sujeitos que pesquisam e os sujeitos que são possuidores de histórias que possam ser desveladas, narradas, contadas como um saber, como uma história ou uma estória, um acontecimento, uma lenda, um mito, e que descrevem, entre e vivido e o pensado, os modos de vida e de trabalho das pessoas nos diversos espaços, tempos e lugares que são criados e re-criados pelo exercício de uma cultura peculiar através dos seus atores humanos, logo, sociais.

Apoiados no aporte fenomenológico Relph (1979) e no balizamento oferecido pela antropologia, literatura e pela sociologia, esperamos no âmbito da ciência geográfica[7] valorizar as dimensões de ordem cultural sob a ótica do lugar, fazendo uma interpretação analítica das categorias tempo-espaço, território-territorialidade, espaço-lugar, percepção. Consideramos que a fenomenologia na geografia possibilita uma descrição de como somos no mundo e como habitamos um espaço. Concordamos com Marandola Júnior (2008):

[7] Na Geografia, a fenomenologia tem sido uma das fontes de orientação teórico-metodológica de pesquisa mais importantes desde os anos 1970 (AMORIM FILHO, 1999), permitindo a ampliação dos horizontes da ciência geográfica e de seu próprio fundamento ontológico e epistemológico. As bases têm sido lançadas por geógrafos ligados à Geografia Humanista, (SAUER, BUTTIMER, 1974; RELPH, 1979; CLAVAL, 1974, HOLZER, 1997, Y.F.TUAN,1985).

> Do ponto de vista geográfico, a fenomenologia fundamenta a intuição das essências da experiência vivida (do ser-no-mundo) e a experiência pensada (do pesquisador). É no encontro das essências dessas duas experiências que o procedimento metodológico se orienta para fenômenos que não podem ser compreendidos somente a partir da medição ou observação, mas que têm de ser vividos, constituindo a "(...) substância de nossos envolvimentos no mundo e constituem as bases do corpo formal de conhecimento que designamos de 'Geografia'." (MARANDOLA JÚNIOR, 2008, p.101apud RELPH, 1979, p. 01)

O objetivo de revelar a realidade sob a perspectiva do *outro*, através do penetrar no cotidiano da vida na comunidade, faz da pesquisa etnográfica um caminho que traduz uma *descrição densa*[8] entre o viver no dia-a-dia, *a rotina diária,* e os eventos especiais que nos levam a uma compreensão das redes de significações do real entre os símbolos, os devaneios, as práticas de trabalho, as manifestações culturais, as crenças, as aptidões, os modos de viver, o perceber e o imaginar que são partilhados pelo indivíduo com os seus grupos sociais.

> Na etnografia, o autor é, ao mesmo tempo, o seu próprio cronista e historiador, suas fontes de informação são, indubitavelmente enganosas e complexas, não estão incorporadas a documentos materiais fixos, mas sim ao comportamento e memória de seres humanos, (MALINOWSKI, 1978, p.18-19).

As ações dos homens e das mulheres, delimitando e transformando o ambiente, faz com que possamos entender as inter-relações e as gramáticas sociais que perpassam a pluralidade das dimensões que criam, modificam e re-criam as relações homem/natureza. Consideramos que pesquisar é incorporar-se a um diálogo de saberes. Compreendendo como o cenário é percebido pelos sujeitos plurais e como as ações dos sujeitos dependem ou alteram o cenário natural. Entender a socialização da natureza e a incorporação do espaço no mundo da cultura, através de um diálogo entre e com os saberes diversos é o que nos parece ser um dos horizontes do que estamos denominando aqui de uma etnogeografia. Podemos compreender a *etnogeografia*[9] como um olhar na e para a comunidade através da pesquisa etnográfica feita por geógrafos. Sua especificidade estaria no procurar descrever, inventariar dados e fatos, compreender e analisar o cenário e a cena, o palco e os atores, os dramas sociais entre seus tempos e espaços e os personagens que os vivem, com a mesma importância. Compreendendo que tudo que

---

[8] Utilizamos o termo "*descrição densa*" de acordo com GEERTZ (1989), que nos revela uma antropologia interpretativa, onde todos os detalhes são passiveis de mostrar uma visão do real na comunidade.

[9] Foram muitos os debates e reflexões sobre a Etnografia e a Geografia nas aulas da disciplina: TÓPICOS ESPECIAIS EM GEOGRAFIA E GESTÃO DO TERRITÓRIO: Teoria, Métodos e Vivências da Pesquisa de Campo ministrado pelo professor Carlos Rodrigues Brandão no Instituto de Geografia-UFU no ano de 2006

vivemos e pesquisamos são "[...] teias e são tramas de sentidos, sentimentos e saberes por meio dos quais pessoas como nós [...] vivem e pensam a história que criam. (BRANDÃO, 2003, p.311).

São as falas, os gestos, as impressões, as aparências que vão construindo as redes de significados das ações nas representações dos homens e das mulheres que, então, vão delimitando os territórios em espaços que se criam e se identificam em lugares e que vão se constituindo como e nas paisagens, nas regiões, nos municípios, nas comunidades, nos grupos de pessoas diversas que chegam, ficam, partem e, entre ir, ficar, viver e voltar realizam a própria dimensão da dinâmica do habitar humano. E as representações criam e traduzem os dramas e entretecem as tramas do cotidiano de homens e de mulheres com e no ambiente no constante viver, reviver e conviver na sociedade. Utilizamos o termo *"representação*" de acordo com Goffman: "[...] toda a atividade de um indivíduo que passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência." (GOFFMAN, 1975, p.29)

O comportamento humano é um aspecto fundamental para a nossa pesquisa, e está presente *nas teias e nas tramas* das interações e das representações que fazemos no contexto social. Aquilo que de modo geral denominamos de memória e que é fruto da ação humana feita na cultura.

> Apenas o homem possui [...] não só inteligência, como também consciência; não só necessidades, como também valores; não só temores, mas também senso moral; não só um passado, mas também uma história. Somente o homem, em suma, tem cultura, (GEERTZ, 1966, p.32)

É na memória o lugar interior e, o mesmo tempo, socialmente partilhado, onde nossa lembrança, nossa recordação[10], acham morada a cada vez que contamos nossas vitórias, nossos fracassos, nossas ações cotidianas, enfim, as diversas e instigantes experiências em que revivemos e reconstruímos nossa biografia, misturada sempre com as outras tantas histórias de outros homens e de outras mulheres, assim como de outros seres da natureza, com quem partilhamos o existir no mundo e com quem vamos realizando e repensando a trajetória de nossa representação no mundo e do mundo.

[10] Estamos baseando a distinção entre lembrança e recordação em CHAUI (2000, p.130), que nos diz que quando lembramos espontaneamente isso é lembrança e quando fazemos um esforço para evocar a lembrança isso é recordação.

Ao propormos ouvir o outro e a outra, pretendemos estabelecer uma interação entre os sujeitos portadores de histórias e de objetivos diferentes que podem, através da história de vida, narrar as tradições de gerações, as histórias dos eixos centrais da comunidade e a história de cada um e uma, promovendo assim um diálogo do passado e do presente repleto de cenas, cenários, sabores, sentimentos, vivencias, conhecimentos e práticas da natureza, do vivido, do imaginado, do representado e das visões do mundo que habitamos.[11]

"O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes", (BENJAMIN, 1994, p.201). Assim, os relatos de vida e de vidas configuram a reflexão do presente entre as suposições e saberes que organizam um mapa contendo os caminhos e os desvios, entre as informações que sugerem uma interpretação. Algo que, dependendo da escala, visualiza uma representação mais próxima possível da realidade do espaço vivido.

Consideramos o vivido como as ações e as relações que praticamos, permeadas no e pelo cotidiano. É o estar na natureza e transformar o meio através das práticas do dia-a-dia. Concordamos com Relph (1979) que o mundo vivido apresenta três aspectos: o natural (o mundo pré-determinado das coisas, formas e pessoas), o social ou cultural (mundo da ação humana) e o geográfico (o mundo dos ambientes tanto naturais como construídos pelo homem). Sob o espaço do pensado nos referimos a subjetividade entre as representações reais e idealizadas.

Buscamos na narrativa da oralidade um dos caminhos para a pesquisa. Pensar a história de vida como a possibilidade de entender as interações do sentido, pensado e vivido por cada sujeito, entre pares ou grupos de sujeitos, como atores sociais interativos – mesmo quando ausentes da comunidade. Suas sensações, percepções, valores, crenças e visões de mundo que fazem os processos interativos na vivência social. O vivido então é permeado pelos sentimentos e sacralizações que comandam a vida do coletivo.

---

[11] Afirmamos junto com Geertz (1989) a necessidade de fazermos distinção da visão do mundo e do *ethos*. Sob o ponto de vista antropológico "ethos" resume aspectos morais e éticos de determinadas culturas. Concomitantemente os aspectos cognitivos e existenciais são resumidos pelo termo "visão de mundo". (p.93)

Para a compreensão do vivido, procuramos realizar uma análise através dos depoimentos colhidos por outros pesquisadores com quem tivemos e temos envolvimento com as suas pesquisas. Pois eles e elas foram e são estudantes integrantes participantes dos grupos de pesquisa com que estamos vinculada. De nosso diálogo provieram algumas das informações sobre a comunidade da Barra do Pacuí. Nossa analise pessoal priorizou os dados sobre a organização e as relações na comunidade para compreender e cruzar os nossos dados de campo com os dados dos demais pesquisadores sobre a percepção que os membros dessa comunidade têm de suas práticas sócioespaciais. Se de um lado é uma dificuldade interpretar informações que são colhidas por outras pessoas, pelo outro é também essa visão de *estranhamento* que possibilita uma compreensão da realidade social.[12]

> Tudo o que me é familiar é intimo? Tudo que o que me é familiar está realmente próximo de mim? Fazendo a si mesmo tais perguntas, encontrará na sua realidade social respostas diversas, mas fazendo isso, estará praticando de alguma forma a dúvida antropológica, base do trabalho de campo, (DAMATTA,1993,p.162).

Será possível aprender algo através do outro que coleta, armazena e me envia a informação? Enquanto pesquisadores da academia podemos nos deslocar e apreender a pesquisa de campo com a pesquisa em campo?[13]

Indagações que permeiam a elaboração e construção da nossa pesquisa e que, ao nos apoiarmos em Weber (1985), nos propomos em *ousa*r pensar uma ciência que nasce pronta para morrer, e em que o homem civilizado nunca está saciado de saber. Escolhemos aprender com os demais entrevistadores/pesquisadores e a apreender saberes com outros sujeitos que são os entrevistados. Assim, possibilitando o "apreender o ponto de vista dos nativos, seu relacionamento com a vida, sua visão do seu mundo," (MALINOWSKI, 1978, p33-34).

Na análise e interpretação dos dados primários e secundários coletados na pesquisa de campo e na sistematização e análise dos dados obtidos buscamos uma integração dos dados e confrontamos com analises de outras pesquisas de campo e

---

[12] Principais pesquisadores alunos que citamos são Alessandra Leal, Simone Silva, Haidê Sousa.

[13] Esta possibilidade nos mostra ser uma via de mão dupla, que resolvemos chamar *pesquisa de campo*, nos referindo a nós que fazemos o trabalho de analisar as informações e *pesquisa em campo* a dos demais pesquisadores/entrevistadores. Ressaltamos que trabalhamos o tema em artigo publicado no Simpósio ALASTRU no ano de 2006.

abordagens teóricas correspondentes, o que possibilitou estruturar uma tessitura da comunidade estudada.

Os dados iconográficos promoveram uma representação da visão de mundo dos sujeitos da ação e sua relação no entremeio da razão e emoção que entretecem e configuram o viver junto. Desenhos e croquis foram importantes na análise do espaço vivido e da percepção de quem vive no lugar de como é a representação dos espaços e lugares.

As imagens fotográficas foram a nossa forma de representação do real e da possibilidade da reflexão da realidade com diferentes conexões e interações que são polissêmicas de acordo com o olhar e as representações de quem vê e interpreta. Concordamos com Sontag:

> A fotografia é a única arte importante em que um aprendizado profissional e anos de experiência não conferem uma vantagem insuperável sobre os inexperientes e os não preparados—isso ocorre por muitas razões, entre elas o grande peso do acaso (ou da sorte) no ato de fotografar, além da preferência pelo espontâneo, pelo tosco, pelo imperfeito […]. As intenções do fotografo não determinam o significado da foto, que seguirá seu próprio curso, ao sabor dos caprichos e das lealdades das diversas comunidades que delas fizerem uso. (SONTAG, 2003, p.28-36).

A imagem fotográfica foi utilizada por nós como instrumento que vai além de uma ilustração, ou seja, como uma comprovação de nossas concepções e interpretações da pesquisa. Roland Barthes faz em seu livro: A câmara clara um estudo sobre a representação e o poder da fotografia, e revela o que considera o destino da imagem fotográfica.

> [...] fazendo-me crer (isto acontece uma vez em quantas?) que encontrei a "verdadeira fotografia total", ela realiza a confusão inaudita da realidade («*Isto foi* «) e da verdade (*«É isto! «)*. Passa a ser simultaneamente verificativa e exclamativa; leva a efígie a esse ponto louco em que o afecto (o amor, a compaixão, o luto, o entusiasmo, o desejo) é garante do ser.[14]. (BARTHES, 2008, p.124, grifos do original, grafia em português de Portugal)

Resolvemos mostrar para a população local as fotografias tiradas na comunidade. Para tanto preparamos uma exposição que foi realizada na Escola local e também organizamos vários álbuns fotográficos com imagens dos lugares e dos habitantes e imagens nossas na comunidade. Uma mistura de imagens e objetivos de vidas que fazem

[14] Participamos de uma "Oficina de fotografia" realizada na comunidade, proposição do orientador, e que foi fundamental para o "exercício do olhar".

o modo de vida. Outra experiência fundamental com a fotografia foi possibilitar que alguns adolescentes fotografassem na comunidade. Confirmamos nessa ação que a fotografia é "[...] subversiva não quando assusta, perturba ou até estigmatiza, mas quando é *pensativa*. (BARTHES, 2008, p.47, grifos do original). Ao final todas as fotografias foram doadas e incorporados ao acervo da biblioteca da escola.

Sabemos que não exercitamos uma *pesquisa participante*, mas sim uma pesquisa de *participação observante* que nos conduziu por travessias no sertão, onde ancoramos nos diálogos dos saberes sentidos e significados diversos.

Inserção Empírica de campo

Nossa inserção empírica aconteceu de duas formas: 1- Nos lugares da Geografia da vida e da obra literária de João Guimarães Rosa e 2 - Em uma comunidade rural tradicional nas margens do Rio São Francisco.

1-A pesquisa de campo em alguns lugares no sertão de Minas Gerais que são cenários da obra de João Guimarães Rosa, teve como objetivo conhecer os lugares, as paisagens, as pessoas, as comunidades e os seus diversos pequenos grupos, mesmo que através de uma fração dos lugares que fazem a realidade sociogeográfica do Norte de Minas e a análise da migração e errância através dos temas e dos sujeitos/personagens abordados na obra literária do autor.[15] Nas idas às cidades e através da leitura de alguns eventos na obra de João Guimarães Rosa foi possível a percepção das diferenças entre quem pesquisa, quem vive e quem imagina o sertão. Entre vivências, pensamentos e imaginários encontramos um sertão contraditório onde famílias sertanejas rurais continuam na travessia sem-fim pelo sertão afora para que possam continuar dentro do sertão.

2-A pesquisa em uma comunidade rural, nos encontros dos rios São Francisco e rio Pacuí, com 210 moradores, que através do processo migratório originaram a comunidade e hoje vivem as várias modalidades dos fluxos migratórios: o partir, o ficar, o ir e voltar sempre, o esperar, o ir para não voltar, e o chegar para ficar na comunidade rural. O objetivo de nossa pesquisa de campo na comunidade foi compreender como os lugares

[15] Cidades e distritos visitados: Morro da Garça, Cordisburgo e a gruta de Maquiné, Três Marias e o distrito de Andrequiçe, Pirapora, Buritizeiro e o distrito de Paredão de Minas e Várzea da Palma no distrito de Barra do Guacuí.

são construídos e re-construídos através da mobilidade humana. O cotidiano das pessoas do lugar que ficam na espera dos que migram, as modificações no modo de vida e trabalho na vida comunitária e na unidade familiar com o retorno dos migrantes de forma temporária ou permanente.

Ressaltamos que estamos utilizando os critérios apontados por Diegues e Arruda (2004) para nossa escolha de comunidade tradicional.

> Comunidades tradicionais estão relacionadas com um tipo de organização econômica e social com reduzida acumulação de capital, não usando força de trabalho assalariado. Nela produtores independentes estão envolvidos em atividades econômicas de pequena escala, como agricultura e pesca, coleta e artesanato. Economicamente, portanto, essas comunidades se baseiam no uso de recursos naturais renováveis. Uma característica importante desse modo de produção mercantil (*petty mode of production*) é o conhecimento que os produtores têm dos recursos naturais, seus ciclos biológicos, hábitos alimentares, etc. Esse *'Know-how'* tradicional, passado de geração em geração, é um instrumento importante para a conservação. Como essas populações em geral não têm outra fonte de renda, o uso sustentado de recursos naturais é de fundamental importância. Seus padrões de consumo, baixa densidade populacional e limitado desenvolvimento tecnológico fazem com que sua interferência no meio ambiente seja pequena. (DIEGUES, 2004, p.87).

Procuramos mostrar no quadro a seguir o nosso esquema de pesquisa de campo, elaborado através da contextualização de "*um roteiro de filme ou de peça de teatro*" seguimos as orientações e explicações do orientador o Professor Carlos Brandão.

Nosso cenário mais amplo é o sertão mineiro, entre paisagens naturais e culturais, do "correr da vida" dos moradores de uma comunidade ribeirinha e nos personagens da obra de João Guimarães Rosa. Priorizamos as nossas cenas nos espaços do trabalho e da socialização, ou seja, espaços do familiar e do cotidiano. Os sujeitos são os homens e as mulheres de beira rio e beira sertão que vivem sua vida junto a família nuclear, junto as pessoas ao seu redor que são os amigos e parentes e junto aos outros e outras que fazem as relações entre eles. São as relações dos sujeitos no vivido, no percebido e no imaginado que constroem os dramas sociais que vão demarcando e delimitando espaços, lugares de vida e lugares de trabalho e provocam as transformações no sertão e nos seus habitantes através das idas e vindas no processo migratório.

QUADRO I – Esquema de Pesquisa de Campo

PESQUISA DE CAMPO

TRAVESSIAS

↓

CENÁRIO: O SERTÃO MINEIRO

↓

NATURAIS / CULTURAIS

↓

MORADORES E MORADORAS DE UMA COMUNIDADE RURAL RIBEIRINHA E PERSONAGENS DA OBRA DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

CENAS ESPAÇOS DO TRABALHO, DA VIDA E DA SOCIALIZAÇAO	Sujeitos e famílias migrantes sertanejas
	Populações tradicionais ribeirinhas e sertanejas
	Comunidades tradicionais
	O rio São Francisco
	Pessoas e cenários: personagens da obra João Guimarães Rosa
	O rural: comunidade tradicional, o arraial
	Lugares de vida e trabalho no deslocamento espacial
SUJEITOS ATOS PRÁTICOS COM ATOS SIMBÓLICOS	**Principais:** A família nuclear sertaneja migrante do sertão – os errantes, velhos e novos.
	Coadjuvantes: agregados, companheiros/ras, primos, amigos, parentes
	Complementares: lideres comunitários, representantes religiosos
DRAMA SOCIAL IDAS E VINDAS MISTURA ENTRE O INDÍVIDUO E O COLETIVO	**Transformações**: vivido, percebido, imaginado
	Interações: homem e ambiente
	Relações: convivência, participação, trabalho
	Confrontos: mundo da casa e o mundo da rua.
	Narrativas: memórias, relatos, festas tradicionais, bênçãos, crenças, ritos
	Nonada – território do vazio (moderno/tradicional), novas formas de viver no rural
	Travessia: migrâncias, errâncias – as idas, as vindas, o ficar, o chegar, o partir, o voltar, os modos de vida, a resistência do pulsar migratório
	Identidade e diversidade: múltiplas

Org. PAULA, A. M.N.R. de. 2009.
Roteiro de pesquisa de campo, elaborado através de aulas e colóquios com o Professor Carlos. R. Brandão.

Entre margens – Opções de estruturação do texto.

Algumas opções na estruturação do texto devem ser explicadas ao leitor.

- ✓ Grafamos o trabalho na primeira pessoa do plural, em função da nossa percepção de pesquisa enquanto diálogo de saberes. Mas ressaltamos que em vários momentos do texto, quando nos referimos a nossa trajetória pessoal utilizamos a primeira pessoa do singular.
- ✓ Estamos considerando como unidade familiar nuclear os moradores de um mesmo domicilio que tenham não apenas laços consangüíneos ou de contrato, mas que compartilham fontes de renda e de alimento.[16]
- ✓ Em nossa pesquisa priorizamos as entrevistas com os moradores da comunidade e também com outros camponeses na região pertencentes a duas gerações de migrantes, de idades entre 60 e 90 anos na primeira geração e entre 26 a 45 anos da segunda geração.
- ✓ Para realizar nossa análise, delimitamos o recorte temporal pós-1940 no século XX no qual acentua-se as transformações regionais no Norte de Minas.
- ✓ É importante ressaltar que não foi objetivo de nosso trabalho entrar na discussão aberta em torno ao projeto governamental de transposição das águas do rio São Francisco, oficialmente chamado de: "Projeto de Integração do Rio São Francisco com Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional", a cargo do Ministério da Integração Nacional, bem como o Projeto de "Revitalização e Conservação da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco", a cargo do Ministério do Meio Ambiente.
- ✓ Ressaltamos que os homens e mulheres de comunidades rurais e cidades ribeirinhas que conhecemos e mantivemos contato durante o tempo de nossa pesquisa posicionam-se contra o projeto governamental. A degradação as águas do rio, das terras e das populações locais configuram o maior motivo do posicionamento contra o projeto. As populações não possuem informações sobre o que significa o projeto governamental e quais são os reais impactos na vida cotidiana, mas compreendem que as condições que vivenciam hoje já são de

[16] Concordamos com Martins (2003), que é "necessário pensar como migrante não apenas quem migra, mas o conjunto da unidade social [família] de referência do [a] migrante que se desloca" (p. 145).

precariedade e carência para o rio e para os povos do rio e que essa situação pode agravar mais com a transposição das águas do rio.

- ✓ Utilizamos a palavra "Travessia" para a divisão dos capítulos da tese, bem como, o termo "Travessiando" para fazermos as considerações nos capítulos.
- ✓ As partes e os capítulos da tese têm seus títulos nas expressões utilizadas por João Guimarães Rosa.
- ✓ Utilizamos os depoimentos dos sujeitos da pesquisa sempre em itálico, como forma de destacar os mesmos das demais citações.
- ✓ Destacamos que seguimos as Diretrizes Éticas Internacionais para a Pesquisa envolvendo seres humanos. Concordamos com Brandão que "Toda ciência do humano deve servir ao humano", (BRANDÃO, 2003, p.22). Salientamos que já em nossos primeiros contatos nos preocupamos em informar sobre o conteúdo de nosso trabalho e também em conhecer as diretrizes éticas internacionais para pesquisa com seres humanos.

> As pesquisas envolvendo seres humanos devem atender às exigências éticas e científicas fundamentais. a) consentimento livre e esclarecido dos indivíduos-alvo e a proteção a grupos vulneráveis e aos legalmente incapazes (autonomia). Neste sentido, a pesquisa envolvendo seres humanos deverá sempre tratá-lo em sua dignidade, respeitá-lo em sua autonomia e defendê-lo em sua vulnerabilidade; b) ponderação entre riscos e benefícios, tanto atuais como potenciais, individuais ou coletivos (beneficência), comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos; c) garantia de que danos previsíveis serão evitados (não maleficência); d) relevância social da pesquisa com vantagens significativas para os sujeitos da pesquisa e minimização do ônus para os sujeitos vulneráveis, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio-humanitária (justiça e eqüidade). (CEP, s.p, 2009)

- ✓ Estruturamos o texto em três partes. A primeira parte constitui o estudo sobre o sertão, os sertanejos, o processo migratório na região e a comunidade tradicional. São cinco capítulos frutos da pesquisa de campo e bibliográfica com foco na história e nas narrativas que mostram e descrevem a história do sertão, dos sertanejos, do município de Ibiaí e, com bem detalhes, as tessituras de vidas e de destinos de pessoas e famílias da comunidade da Barra do Pacuí, nosso lugar preferencial da pesquisa.
- ✓ Na segunda parte prosseguimos com a nossa análise, agora através do estudo da representação do tempo e o espaço no processo migratório. São dois capítulos em que procuramos fazer uma discussão epistemológica das categorias que

consideramos prioritárias para o nosso estudo: o espaço e o tempo, a identidade, tradição e modernidade, território e territorialidade. Conceitos que foram revisitados através de uma polissemia de autores contemporâneos que possuem teorias diferentes, mas não contraditórias.

- ✓ Na terceira parte enfocamos as travessias, compreendidas como o processo de deslocamento que realizam a mobilidade humana. São dois capítulos com as análises de nossa pesquisa de campo e também bibliográfica, na comunidade rural e na obra Roseana. O partir, chegar, viver e voltar como ações que no lugar estruturam o modo de vida.
- ✓ Nas considerações finais retornamos as indagações que nos levaram a pesquisa e procuramos dentro da "provisoriedade" do conhecimento científico apontar nossas reflexões sobre aspectos do processo migratório.
- ✓ Introduzimos os capítulos com relatos transcritos de nosso diário de campo de nossas viagens-travessias (simbólicas e materiais) ocorridas durante o percurso da pesquisa de doutoramento. Essa opção metodológica é justificada pela nossa vontade de oferecer ao leitor algo sobre o significado e o significante de um fazer acadêmico, através da ação de observar, questionar, estudar, analisar e realizar a ciência e o conhecimento que adquirimos como parte do cotidiano de nossas vidas.

Comecemos então a nossa história, que, como em uma longa narrativa, atravessa cenários e cenas, vidas e pessoas, campos, veredas, buritis, águas do "Velho Chico", comunidades rurais, lugarejos, lugares da obra de João Guimarães Rosa, tendo em comum o mundo rural, seus valores e as práticas de trabalho dos homens e das mulheres, baseadas nas atividades agrícolas como sua fonte de sobrevivência. Lembramos que como diz João Guimarães Rosa: "Contar é muito, muito dificultoso". (JGROSA, 1986, p.159) e "[...] Conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe, mas principal quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor saiba." (JGROSA, 1986, p.199)



PARTE 1 – Sertão Sentido: sertão, sertanejos e migração no Norte de Minas Gerais.

Um estudo sobre o sertão, o rio, seus habitantes, a migração e a comunidade tradicional.



PRIMEIRA TRAVESSIA -

"Sertão dentro da gente": beira de rio, beira de sertão, gerais do sertão. História do rio São Francisco e do sertão no Norte de Minas.

SEGUNDA TRAVESSIA -

"O sertão é do tamanho do mundo": sair do sertão e viver nele. Migrações sertanejas.



TERCEIRA TRAVESSIA -

"O sertão está em toda parte": estar no sertão, viver globalmente. Comunidade tradicional: Ibiaí e Barra do Pacuí.

QUARTA TRAVESSIA -

"O sertão é uma espera enorme": tessitura da Barra do Pacuí.



QUINTA TRAVESSIA -

"Sertão é isto": narrativas e imagens da Barra do Pacuí.

PRIMEIRA TRAVESSIA:
Sertão é dentro da gente: beira de rio, beira de sertão, gerais do sertão.
História do Rio São Francisco e do sertão no Norte de Minas.

> Sertão é sozinho. Compadre meu Quelemém diz: que eu sou muito do sertão? Sertão: é dentro da gente. (JGROSA, 1986, p.270).

1.1 Sertão dentro da gente

Lá onde eu nasci o nome São Francisco vale duas vezes. Sim, nasci na cidade de São Francisco, cidade ribeirinha sertaneja do Norte de Minas Gerais, banhada pelas águas da margem direita do Rio São Francisco. Minha mãe conta que começou a sentir as dores do parto à noite, em nossa casa. A nossa morada estava de frente para o rio. De lá víamos as águas do rio, de lá ouvíamos, no silêncio da noite, o seu rumo. De lá víamos o sol nascer e a noite chegar víamos pescadores em canoas de madeira no meio do rio, iluminados pela lua ou pelo sol.

Casa em beira de cais, na beira do rio, como tantas outras. Uma moradia de portas e janelas altas, com escada de três pequenos degraus em cimento descambando para rua de terra. Porta alta de madeira dividida em duas bandas, com travas de pau em dois lugares, em cima e em baixo, no meio um pequeno ferrolho (tranca rústica corrediça de ferro). Porta que vivia apenas encostada. Nossa proteção, lembra o meu pai, "*era contra as águas do São Francisco"* [17]. Muitas vezes o medo das chuvas e das enchentes de inicio e final de ano fizeram a família inteira mudar para a casa de meus avós, que ficava na Rua Montes Claros, na parte alta da cidade, numa pequena e suave elevação que nos dava proteção das cheias de águas barrentas do "Velho Chico". Em 1966 era desse jeito que conhecíamos o rio, "*O Velho Chico"*. [18]

Minha mãe ainda hoje recorda as dores do parto (foi o primeiro!). Dores tão intensas que faziam dos três degraus da escada um caminho sem fim. Dona Cacilda,

[17] As expressões em itálico são as falas ditas pelas pessoas da época da forma como me recordo. Todas as citações deste capítulo-travessia são da edição nº33, da Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1986.
[18] "Já era o Chico- o poder dele - largas águas, seu destino", (JGROSA, 1986, p.266).

enfermeira, vizinha e parteira oficial, veio até nossa casa e falou ao meu pai que *chegou a hora*. Chegara a hora.

Às duas horas da manhã, em uma madrugada de calor e águas cheias do mês de fevereiro, minha mãe deu à luz mais uma criança sertaneja, que nascia sob as estrelas e os ruídos da noite e do rio, no único hospital da cidade. Hospital público, porquanto não havia distinções entre hospitais privados ou públicos à época, só havia um. Fui a primeira filha de mais uma família "*no tudo misturado*" entre uma negra e um branco dessas Minas Gerais. Uma negra com muito de branco e um branco com muito de negro. Mestiços. Compartilho com Gruzinski (2007) que o mestiço é o ser nascido do entrecruzamento, do encontro entre África, América, Ásia e Europa: é o ser do encontro, entre gente de todas as terras. A mestiçagem construiu e constrói o novo [19]. Por não ser puro, o mestiço é o aberto, o ser que veio de um encontro entre diferenças e que faz da diferença a sua essência.

Meu pai, técnico em eletrônica, veio do Triângulo Mineiro, onde trabalhava na Usina Hidrelétrica do Rio Abaeté; ele veio para o Norte de Minas fazer um estágio de um ano na Usina Hidrelétrica de Pandeiros, no rio Pandeiros, afluente do rio São Francisco, no meio rural de Januária, na época uma das cidades mais desenvolvidas da região. Era então o ano de 1961. Ele trabalhava para a Comissão do Vale do São Francisco; e em Januária continuou na mesma Companhia. Em seis meses de estágio cumprido e com a possibilidade de assumir o comando de uma usina hidrelétrica na Bahia, começou a perceber que *Minas são muitas, que cada lugar tinha sua gente, seu ritmo e costumes*. E resolveu não aceitar o convite. A errância não lhe atraía muito. Conhecer lugares era para ele não uma forma de aventuras, de novos conhecimentos, mas mudar de lugar. Migrar era o afastamento, o medo e a distância dos seus sonhos. Ele queria *firmar laços, vínculos*.

Ele conta que fez então uma troca: convenceu um colega de trabalho a ir em seu lugar para a Bahia e ficou em Pandeiros, Norte de Minas. *Mesmo longe do Triângulo, pelo menos ainda estava no mesmo Estado.* Em 1965 foi transferido para a cidade de São

[19] "A verdadeira mestiçagem se inicia nos séculos XV e XVI, nasce do encontro do europeu com o índio, criando uma forma particular de pensamento, o pensamento mestiço. É a capacidade, a porosidade, a permeabilidade que encontramos, por exemplo, na criação artística contemporânea, que integra elementos de sociedades e direções completamente distintas, criando coisas novas." (GRUZINSKI, Serge, 2007, p.8)

Francisco. Meu pai recorda que essa outra mudança foi o jeito que ele encontrou de "*voltar para trás*", de retornar lentamente, para mais perto do Triângulo Mineiro. *Já estava voltando para casa, ainda que estivesse muito longe*.

Ao viver aqui no Norte de Minas defrontou-se "*com hábitos que não estava acostumado"*. Tinha 22 anos, estranhava: a necessidade da bebida alcoólica para os homens, as pessoas sempre estarem armadas. *Arma de fogo, faca, facão.* Estranhou também a comida com temperos fortes e a jornada de trabalho com 9, 10 horas.

As lembranças que meu pai narrou e narra ainda, muitas vezes com lágrimas nos olhos, misturam-se no mapa de minhas memórias, entre as percepções de um homem que sente saudade de sua terra e de seus costumes. Mas o mesmo homem, ao longo das experiências e do tempo de vida no sertão, tornou-se também um sertanejo.

Minha mãe, filha adotiva de uma família tradicional em São Francisco, teve sua infância vivida entre reuniões da política, temporadas em grandes fazendas e tradições e alegrias da roça. A sua mãe foi a primeira mulher vereadora da cidade de São Francisco; o seu pai, um fazendeiro rico e vereador por várias vezes. Minha mãe recorda que minha avó tornou-se vereadora em função de um acordo político entre meu avô e seu partido político. Ele já não podia mais ser candidato, por ter sido várias vezes, e então minha avó tornou-se sua porta-voz. Maneiras conhecidas de se preservar o poder político.

Filha única do casal, minha mãe viveu a sua infância entre longas e divertidas temporadas na fazenda da família. Fazenda chamada Urucuia, que ficava às margens do rio que lhe dava o nome. Em sua adolescência e juventude migrou para estudar em colégios internos em Januária e Montes Claros. As escolas para moças daquela época tinham a função de formar boas esposas. Minha mãe lembra as narrativas de seu pai e conta com detalhes de palavras e entonação de voz de mando: "*Moças de famílias, estuda um pouco, prá saber administrar uma casa e uma família, faz o ginasial e depois fica em casa, aguardando um bom homem para fazer uma família."*.

Meu pai chega a São Francisco e fica conhecido como o homem que "*mexia na televisão e na luz*". A casa da minha mãe era uma das poucas com televisão e logo meu pai foi chamado para ir à residência de "Seu Leovigildo" para consertar a TV. E assim aconteceu um primeiro encontro entre meu pai e minha mãe. Outros encontros depois

aconteceram. Alguns proibidos, em igrejas, praças e beira de rio; outros já permitidos, no sofá da sala de visitas da casa de meus avós maternos.

Em 1965 se casaram em São Francisco meu pai e minha mãe. Ganharam de meu avô materno, como presente de lua-de-mel, uma viagem de vapor de São Francisco a Pirapora. E morando em São Francisco constituíram nossa família. Meu pai, branco e pobre do triângulo Mineiro; minha mãe, rica e negra do Norte de Minas. Sofreram preconceitos diversos entre suas famílias: das diferenças étnicas e de *status* social. Mas como os ciclos do rio e seus afluentes, entre os desvios e os encontros, formaram mais uma família sertaneja ribeirinha. Depois do meu nascimento vieram mais quatro filhos. Nos ciclos das águas e da vida do habitar[20]. Heidegger (1970), no artigo "Construir, habitar e pensar", define o habitar não somente construir um lugar, estar em um lugar ou em uma casa, mas também o estar protegido com cuidado em um lugar, e nele cultivar.

Cresci "habitando" com e do lado do São Francisco. Os primeiros anos de minha infância foram na margem deste rio onde, de pés descalços e só de calcinha, como toda menina ribeirinha, eu corri, brinquei com pedrinhas: de jogar pedrinhas no rio, de má-ré-de-si, pique-esconde. Nossos quintais, os terrenos vazios de São Francisco, as periferias entre a natureza e a cultura e, mais que tudo, o rio, estabeleciam as primeiras diferenças entre nós, meninos e meninas. Pois aos meninos era facultado perambular por lugares proibidos para nós, e aventurarem-se nas águas do rio em locais aonde *"menina não vai*".

Eram tempos em que só era permitida a contemplação do rio, não nos aproximávamos e muito menos nele nadávamos. As águas claras e cheias nos deixavam fascinados ao imaginar como seria o outro lado, pois era tanta água que não se via bem a outra margem. Havia também o medo do rio, que além de águas profundas, pescadores de cara amarrada, canoas com carrancas e peixes imensos, trazia também *as estórias* dos seres que viviam dentro do rio: *a mãe d'água, o caboclo d'água e o Romozinho*, este último era meio homem, meio lobo e pegava as crianças que desobedeciam aos pais.[21]

---

[20] "Ser hombre significa: estar en la tierra como mortal, significa: habitar. La antigua palabra *bauen* significa que el hombre *es* en la medida en que *habita;* la palabra *bauen* significa *al mismo tiempo* abrigar y cuidar; así, cultivar (construir) un campo de labor (*einen Acker bauen*), cultivar (construir) una viña." Construir, Habitar, Pensar. Martin Heidegger, Revista Eco, Bogotá, Tomo 2, Junho De 1970, P. 114. Tradução Para O Espanhol de Eustáquio Barjau, En Conferencias Y Artículos, Serbal, Barcelona, 1994

[21] Romãozinho era um espírito travesso que tanto atua nas caatingas e brejos como dentro do rio, [...] Não há, na beirada, quem desconheça as diabruras do diabinho que passa os dias apagando o fog das cozinhas, e à noite atira pedras nos telhados das casas. (LINS, 1983, p.123).

"Um que é o romãozinho, é um diabo menino, que corre adiante da gente, alumiando com lanterninha, em meio certo do sono. Dormi, nos ventos. Quando acordei, não cri: tudo o que é bonito é absurdo. Deus estável!" [22]

O rio era largo e profundo, realidade e magia. Não sei dizer ao certo se meus colegas respeitaram as normas impostas pelos nossos pais, mas sei que eu até hoje continuo temendo as águas do rio. Respeito que sei que tenho que ter por um rio que antes de mim já vinha de muito longe. "*De onde o oculto do mistério se escondeu*" como canta Caetano Veloso. [23]

Foi nas ruas de São Francisco que eu vi pela primeira vez "o Boi". Minha avó Detina, com quem vivi muitos anos da minha vida e com quem aprendi regras, normas, preceitos, saberes e sabores diversos, mostrou-me o Boi e disse: *esse é o Boi de Santos Reis, olhe e peça para lhe abençoar*.

Aprendi depois que "aquilo" era a o Boi de Janeiro e a Folia de Santos Reis, que em minha infância se passava não apenas nas casas, mas fechava ruas, quarteirões, e juntava gente de todas as idades e era uma festa entre novos e velhos. Momento festivo e quase sagrado de encontro entre pessoas que já não residiam mais em São Francisco.

Na minha infância *o Boi de Janeiro*, como nós o chamávamos, era algo mágico, assustador e fantástico. Cores, rodas, a cabeça enfeitada de um boi a rodopiar pelasruas de pedras, deixavam sensações que iam do medo à excitação pelo desconhecido. Tentávamos em vão saber quem estava debaixo daquela roupa enfeitada e com cabeça de boi. Mas cada tentativa nossa era uma investida do boi, e nós nos afastávamos com ainda mais curiosidade. Antes do Boi havia o tempo da arrumação do presépio de pedras feito na minha casa, que era visitado por homens que cantavam, bebiam, abençoavam a casa com canções que invocavam sempre os Santos Reis e o menino Jesus. As mulheres rezavam ladainhas. Eu ficava encantada e espantada em pensar como elas conseguiam

[22] (JGROSA, 1986, p.252)

[23]"Velho Chico vens de Minas. De onde o oculto do mistério se escondeu. Sei que o levas todo em ti Não me ensinas. E eu sou só, eu só, eu." VELOSO, Caetano. Musica: O Ciúme. CD: Antologia 67/2003.

decorar e repetir tantas vezes as mesmas falas sem perder a intensidade e o ritmo. "*Ave Maria, Salve rainha, Creio em Deus Pai, no primeiro mistério, no segundo mistério...".*

Foi assim que começamos a esperar os meses de dezembro e janeiro com ansiedade e alegria. E também com medo, porque as chuvas vinham fortes e nossos pais muitas vezes nos acordavam no meio da noite para que fossemos dormir nas casas de nossos avós na parte alta da cidade. Dizia meu pai: *Rio tá cheio!É hora de sair! É hora do rio! Vamos indo! Depois voltamos!*

Recordo as palavras e os gestos. Cada um de nós era levado no colo para casa de nossos avós. E era tempo bom, de muito milho e mandioca, tudo assado em fogão à lenha. Muita gente em frente das casas e rodas de vizinhos em cadeiras de madeira e tamboretes quando em noites de lua. Em noites de chuvas acomodávamos na sala de visitas, que era a primeira sala da casa, sempre mais arrumada e com grandes sofás de molas. Nessas noites as crianças é que levávamos as cadeiras à sala para os adultos se sentarem. Os assentos dos sofás eram poucos para os vizinhos que, entre biscoitos, bolos e café, conversavam e faziam avaliação de como estava a "cheia do rio".

E tendo as águas do rio como testemunha, acostumei a ver a barriga da minha mãe "ficar grande" durante um tempo e depois nascer um irmão, uma irmã. E fui aprendendo que à medida que crescemos em altura e indagações, chega a hora em que vamos para a escola.

Foi na Escola Estadual Reginaldo Farias, que ficava ao lado da Igreja São José e da casa Paroquial na beira do Rio, que Dona Natália, minha professora, ensinou que aquele rio largo, farto e profundo que eu via todo dia, nascia de um filete de água e que vinha vindo bem de mansinho entre pequenas trilhas até se transformar naquele rio enorme. Eu pensava e tentava imaginar como seria possível que em uma serra tão longe da minha cidade, um fio de água, virasse uma cachoeira imensa e, depois, fosse se transformar em águas claras e profundas e que ainda em outros lugares teria corredeiras, remansos, ilhas, praias de beira de rio.

No recreio, entre as pedrinhas no chão e o amendoim torrado de nossa merenda, eu e meus colegas admirávamos nossa professora. Afinal, ela era ótima. Além de tocar

piano, que se ouvia de qualquer lugar nos arredores da Igreja de São José, próxima a sua casa, e ensinar tanta coisa para todos nós, ela ainda sabia contar estórias, como as do rio.

Aprendi que a cidade em que eu morava era bem pequena, e que existiam outras muitas cidades maiores. Aprendi através das falas dos meus pais, dos mais velhos, dos professores, que o lugar em que eu morava era "interior" e que o desenvolvimento ali iria demorar muito para chegar um dia. Será que ele viria pelas águas do rio? *Cidades maiores eram melhores e com mais oportunidades de emprego, de saúde e educação.* Eu não conseguia entender o que era "aquilo". *Como o meu lugar poderia ser tão pequeno, mesmo tendo um rio tão extenso, com águas claras e limpas que ainda dividia o município em dois?* De um lado a cidade e do outro lado do rio as fazendas, os bois, os pastos, as paisagens de nossas férias.

Como aquela cidade de São Francisco, que até aquele momento era todo o meu universo, não seria o lugar mais importante para nós? Tínhamos luz elétrica, rádio, televisão, telefone, casa, comida e toda a família e amigos sempre por perto. A escola era boa, com "merenda" no recreio entre e com os colegas, com brincadeiras, festas e aprendizado. O que faltava? O que seria o desenvolvimento que meus professores, meus pais e seus amigos sonhavam, e só poderia ser alcançado longe das cidades perto do rio? Repetiam sempre nas aulas, ou nas prosas em rodadas de falas de política, sobre fazendas, sobre gados, as pessoas e a vida que: *"Cidades em beira de rio, cidades de ancorar vapor, tinham muita bebida, mulheres da vida, pouca educação e não era lugar para morar e sim para passar"*.

Em 1975, com nove anos de idade, junto com meus pais e irmãos, e como já havia acontecido com muitos colegas da escola, deixamos a cidade de São Francisco. Lembro-me de meu pai dizer: "*a vida vai ser melhor e o rio vai junto. Estamos indo para Pirapora. Lá o rio é o mesmo e tem águas calmas, mas tem pequenas cachoeiras que nós vamos ver. E vamos brincar muito"*. E como tantas outras famílias ribeirinhas deixam o sertão, deixamos nosso lugar e fomos em busca de outras paragens. Mas nossa grande alegria era que o rio seguia conosco!

Viagem longa por uma estrada de terra pela Serra da Onça. Fizemos muitas pequenas paradas: para comer, tomar água e descansar. Mas foi Montes Claros, a principal cidade daqueles sertões, que nos deixou mais impressionados: *muitas ruas,*

carros, prédios. Cidade grande com estação de trem de ferro. Comemos um frango assado, coisa que lembrava domingos de festa e dias especiais. Sim, a vida iria ser melhor. E depois de 18 horas de viagem chegamos a Pirapora. Outra cidade banhada por águas são-franciscanas.

E como meu pai tinha prometido, muito de nossos domingos foram entre pescarias e brincadeiras no rio, nas "duchas", as pequenas cachoeiras que o homem fez no rio. Só que isso descobrimos muito tempo depois. Para crianças tanto faz se a queda d'água é artificial ou natural, o que vale é a alegria de ficar debaixo dela.

Estar naquelas águas aos domingos é recordação da liberdade que guardo da minha infância. Na minha memória entrelaçam-se emoções de brincadeiras, excitação, amor, ternura, descobertas. Como bem disse o jagunço Riobaldo: "perto de muita água, tudo é feliz" [24].

Continuando na escola e com os estudos entendi que era mesmo o Rio São Francisco primeiro um olho d'água e depois uma imponente cachoeira de Casca D'antas. E quando chegava em Pirapora começava a navegação do São Francisco. E o rio continuava em busca do mar. Sim! Do filete de água às profundas águas do São Francisco, tudo é o mesmo rio. E "o melhor de tudo é a água" [25].

O som do apito dos vapores era a certeza de que chegavam gente e cargas na pluralidade de coisas entre cimento e alimento. O apito dos vapores soava três vezes seguidamente. Era o anúncio que todos e todas esperávamos para saber quem iria chegar e o que iria chegar. A novidade que aquele barulho proporcionava era marcante. O apito do vapor era a informação e a certeza de que algo novo chegava: novas pessoas, novas mercadorias, parentes, amigos de nossos pais. Era a fartura de águas e de povos do sertão. Muitos dos meus amigos e um dos meus irmãos sonhavam em ser um dia Comandante de Vapor. Estar entre as águas, em várias cidades, de outros Estados, comandando uma grande tripulação. *Assim teriam respeito e seriam famosos e ricos.*[26]

---

[24] JGROSA, 1986, p.26.
[25] JGROSA, 1986, p.41
[26] O apito do vapor despertava a cidade para as emoções da espera. Será o vapor? Será? O breve silêncio e a breve imobilidade favoreciam a distinção do som: à distância, vencendo as refrações do ar, o apito longo, frágil e docemente agudo parecia originário de uma flauta cujo dom era o de ativar nos moradores a sensação de que algo original se aproximava. Então, por toda a parte, o coração da cidade mudava o ritmo

Quando o vapor apitava era normal irmos ver a chegada e a partida. Muitas pessoas na beira do cais de pedra vindas no vapor e chegadas pelas águas do rio. Muita gente embarcando também. E comecei a observar as diferenças entre aqueles que desciam antes e depois. Os que desciam primeiro eram sempre de roupas limpas e em menor número. Logo depois desciam homens, mulheres, crianças em maior quantidade; eram os que estavam na parte inferior do vapor, instalados em redes. Percebi que entre águas, terras, casas, pessoas, espaços e lugares, as diferenças perpassavam sempre os valores quantitativos de cargos, de poder e dinheiro.

Fui crescendo, e foi em Pirapora que parei de assistir e esperar o Boi de Janeiro e comecei a assistir as Pastorinhas, o São Gonçalo. Manifestações do povo que também nos deixaram encantados, eu e meus irmãos, meus amigos e minhas amigas. Mas, à medida que o tempo passava íamos percebendo muitas mudanças. A cada ano o janeiro trazia menos gente em nossas casas, menos chuvas no nosso chão e menos idas ao rio com nossos pais.

Novos amigos se formam com a chegada da adolescência e foi o rio nosso ponto de partida e chegada entre as descobertas da adolescência. Íamos a sua margem para andarmos de bicicleta, para um bate-papo entre meninas sobre os meninos, para fazer o "proibido". E o proibido era sairmos antes da escola, ir direto para a beira do rio; proibido era irmos à área do porto dos vapores, espaço próximo das árvores que sempre ouvimos chamar de "*gameleiras*" e que eram localizadas na "*zona boêmia da cidade*", o cais onde ficavam *as casas das mulheres da vida* que, para nós, era o proibido do proibido.

Andávamos sempre em grupo. Meninas na maioria. Muitas vezes entrávamos nas águas do São Francisco, em tempos de seca, quando em suas margens se formava uma praia com areias finas e claras e chegávamos as nossas casas molhadas, o que significava castigos e repreensões diversas. Mas, o que fazer se o rio nos chamava?

O tempo de estar no rio modificou os sentimentos de muitos de nós em relação à água. Muitos engoliram piaba para aprender a nadar, outros se aventuraram em lugares mais longe da margem. Eu não compreendo bem o que aconteceu e acontece comigo,

---

do tempo. A rotina de cada gesto ganhava um impulso novo com o aviso do vapor que dobrava o pontal e daí a instantes seria atracado no cais (SOUZA, 1996, p. 9).

pois eu estava sempre dentro da água, mas hoje não sei nem mesmo boiar. Acredito que minha relação com o rio continuava perpassando as corredeiras da minha infância entre medo, respeito, fantasia e encantamento. "regra do mundo, é muito dividida" [27].

Mas, foi em 1979 que conheci o medo das águas do São Francisco. Ouvia conversas sussurradas dos meus pais, entre meus professores, sobre as conseqüências da cheia do rio. Muitas histórias começaram a ser narradas e descritas entre nós e através de nós nos corredores da escola, com nossos amigos. Em todas as narrativas o medo maior sempre foi o de que *a represa de Três Marias não iria conseguir segurar tanta água.*

Observávamos a tensão entre os adultos em todos os lugares, nas nossas casas, nos encontros de amigos, nas praças, entre pessoas na beira do cais, na rua, na escola e começamos a espalhar informações que nossa imaginação criava: *Era uma questão de tempo a inundação de Pirapora e nossa saída da cidade. Em Pirapora a água chegaria em 5 horas*. Informações também chegavam através dos jornais locais e regionais, o rádio anunciava que várias cidades tinham famílias desabrigadas. Em Pirapora, vimos as águas do rio subirem, ultrapassarem limites entre a praia e a rua. O porto, a rua em frente ao rio, a praça, casas, tudo sendo engolido pela água. Vimos áreas serem isoladas. Famílias serem transferidas para escolas e casas de amigos e parentes. Foi um tempo de espera e medo. Represado, o rio mostrava a sua força.



Foto 1- **Enchente de 1979 no Rio São Francisco na cidade de Pirapora.** Norte de Minas Gerais.
Autor: Eduardo Hatem, 2005.

[27] JGROSA, 1986, p.52.

Ficamos em nossa família com tudo pronto para irmos embora: malas prontas, móveis arrumados, caminhão alugado. No nosso caso a solução seria ir para a casa da família do meu pai no Triângulo Mineiro, porque na família da minha mãe em São Francisco a situação seria a mesma. Tentava entender, com todo o meu "aprendizado" na escola, *como é que um filete de água que nascia e descia da serra da Canastra, virava uma cachoeira e acabava vindo afogar as cidades? Tudo iria virar água?*

Mas a represa não rompeu, as águas voltaram ao normal. E entre cheias e secas, entre nascer e por do sol, vivi as minhas primeiras experiências amorosas. Comecei e começamos, eu e minhas amigas, a ficar com vontade de estar mais próximas dos meninos do que das meninas. Como lidar com sentimentos meus, dos outros? Quais seriam minhas atitudes ou nossas atitudes diante do outro que não sabíamos estar ou não cientes de nossos sentimentos? Experiências que hoje vejo como caminho de pesquisa. E agora ao elaborar este trabalho, percorrendo os trajetos das minhas recordações e lembranças, vejo como em nossos sentidos e sentimentos não podemos ignorar o nosso lugar de fala, de vida.[28] Migração de sentimentos de meninas para mulheres que contava com o rio como informante, confidente e testemunha de nosso atos e vontades.

Estabelecemos junto ao rio códigos e símbolos de uma geografia do compromisso. Se uma menina e um menino de 13 a 16 anos estivessem entre 17 e 19 horas na beira do rio, isso era inicio de namoro. Se tal fato se repetisse e se o menino acompanhasse a menina até a sua casa. Isso já era um namoro.

O rio, o sol, suas margens, seu cais de pedra, foram testemunhas do meu choro e dos choros que presenciei por amor a alguém, por uma razão inquestionável que temos quando somos jovens, pela revolta com os limites de nossos pais e da escola. Foi ao por do sol que, com amigas e amigos, fizemos promessas de reencontro quando chegou à hora ir embora para "estudar". Para, como diziam nossos pais: *sermos alguém na vida!*

Já não era a menina do São Francisco e nem ainda uma adulta em Pirapora. Eu estava entre as águas do mesmo rio, virando mulher, com as responsabilidades e os deveres dos adultos. E aos poucos ia ficando longe das margens do rio. Mudei de espaço.

[28] "Só pesquisamos a verdade que nos afeta-mais ainda ao lembrar que afetar vem de afeto". MARTIN-BARBERO, J.

Mudei de cidade. Migrei para Montes Claros, onde havia a Universidade. Foram tempos de aprendizagem, em outros mundos, mas com idas e vindas sempre ao rio São Francisco.

O rio também mudou, ou mudamos o rio? As chuvas diminuíam, as praias eram maiores, extensas praias de areia, nossas idas nas férias eram em menor tempo e em espaços menores.

Todos nós crescíamos, em tamanho, em responsabilidades, em conhecimentos plurais, em quantidade e qualidade de pessoas em nossas vidas. O rio ao contrário, diminuía. Esparso, entre arbustos, pedras e a ganância humana.

Quando estávamos em Pirapora, nas férias da faculdade, era sempre na beira do rio o nosso reencontro. Fazíamos piquenique, íamos tomar sol "*nas pedras"* no meio do rio, paquerar, rever e reviver nossos descobrimentos e encantamentos de meninas que foram se transformando em muitas, em múltiplas-única: profissionais, mães, mulheres sertanejas!

Nossa identidade sempre foi um desafio, uma incerteza. Entre margens tínhamos ao mesmo tempo orgulho e vergonha de sermos do Norte de Minas e, mais ainda, de sermos alguém de beira de rio. Mas, de outro lado, havia entre nós um elo de imagens, uma amorosa cumplicidade rústica de gestos, palavras que permitiam a nossa comunicação e nos faziam ser-tão.

Fomos percebendo que nos tempos e espaços distantes do rio e em nossas vidas em outros lugares nossa identificação como ribeirinhos sertanejos, nossa diversidade existia no fato de sermos da ribeira, do cerrado, do sertão. E mesmo morando em núcleos urbanos, éramos e nos sentíamos rurais. Uma sempre "gente de lá". Sempre foi nossa vocação sermos do mundo rural. Nossas comidas, tradições, os laços de reciprocidade e solidariedade e com as pessoas de nossa terra, algo de boi, do buriti, de poeira e barro, de vereda e do rio ia sempre conosco, para onde quer que fóssemos. Uma "geo-grafia", grafada no corpo e na alma, que desvela o jeito de ser do sertão.

Enfim, ribeirinha sertaneja. E, se em alguns momentos isso parecia ruim e triste, afinal sempre alguém nos lembrava que nosso lugar de *origem era o mais pobre e imperava o bolsão de pobreza e da seca*. De outro lado, nossa resistência cultural, as

músicas, as festas, as tradições, as comidas, os valores, o nosso jeito de falar, de expressar, traziam alegria. As nossas palavras, gestos, contatos, relações, os nossos retornos e reencontros entre as águas e as pessoas de nossa geração e em nossas casas em família e junto aos mais velhos, em tudo isto nós nos distinguíamos de outras culturas e de outros modos de vida. E íamos aprendendo que nem melhores, nem piores, mas diferentes éramos gente do "Norte" e do sertão, e nosso jeito de ser e de estar no mundo seria assim demarcado.

"Quero todos os pastos demarcados... como é que posso com este mundo? A vida é ingrata no macio de si; mas transtraz a esperança mesmo do meio de fel do desespero. Ao que, este mundo é muito misturado... "(JGROSA, 1986, p.192).

1.2 Beira sertão, beira rio: histórias entrelaçadas.

A história contada até aqui é mais uma das muitas histórias de famílias de sertanejos mestiços ribeirinhos no Norte de Minas Gerais. História de mobilidades e fluidez em busca de um lugar de vida, onde o sertão e o rio são cenários, cenas, e protagonistas.

E como toda história tem várias outras histórias dentro da mesma, é assim com a história do sertão, como tal qual mostrou João Guimarães Rosa, "Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de *opiniães*...o sertão está em toda parte. "(JGROSA, 1986, p.24). O que apresentamos como o sertão será sempre o processo de apreensão simbólica que o lugar e suas dimensões provocam.

A categoria sertão[29] emana um conjunto de representações entre o real e o simbólico que constitui fundamental importância para o pensamento social, cultural, econômico e espacial do Brasil. Amado (1995) confirma: "No conjunto da história do Brasil, em termos de senso comum, pensamento social e imaginário, poucas categorias têm sido tão importantes, para designar uma ou mais regiões, quanto a de sertão"

[29] A palavra sertão foi atribuída por Gustavo Barroso (1888-1950) ao "dicionário da língua de Angola", onde sertão deriva do vocábulo "*mulcetão*", ou seja, *locus mediterraneus*, "um lugar que fica no centro ou no meio das terras". Para Janaína Amado, a palavra sertão começou a ser utilizada pelos portugueses no final da Idade Média, "com certeza desde o século XIV", "para referir-se à áreas situadas dentro de Portugal, porém distantes de Lisboa.

(AMADO, 1995, p.145). Concordamos com a autora que a categoria sertão foi vivida como experiência histórica e, é categoria fundamental para o entendimento da nação, mas é importante destacar que o sertão vai se transformando ao longo do tempo e do espaço, revelando uma polissemia de interpretações e significações.

> De fato, essa pluralidade de vozes aponta para os vários sentidos associados a *sertão,* alçado, assim a uma categoria simbólica polissêmica. Por sertão, pode-se referir a *interior* (distante da costa), a *selvagem* (etnicamente povoado por indígenas), a *pastoril e extensivo* (onde não chegou a *civilização* da agricultura), agricolamente pobre e ambientalmente árido (discurso da seca), a *anárquico* (onde o Estado está ausente e a ordem é privada), a deserto, desabitado (baixa densidade populacional). As duas últimas acepções podem ser encontradas em Guimarães Rosa (1965:9) "sertão [é] [...] onde pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador, e onde o criminoso vive [...] arredado do arrocho de autoridade" (MORAES, 2000, p.73- grifos do original)

Pesquisamos no sertão do Norte de Minas Gerais, no vale do São Francisco, no médio São Francisco. A região é considerada área de transição dos domínios dos biomas do cerrado e da caatinga, apresentando como principais fisionomias o cerrado no sentido restrito e a floresta estacional decidual, chamadas generalizadamente de "Matas Secas" (RIZZINI, 1997).[30] É também área de transição para o planejamento estatal, considerada como RMNe- Região Mineira do Nordeste.[31]

Ressaltamos que o sertão e o cerrado encerram particularidades e semelhanças sem se confundirem. Concordamos com Moraes (2000) que considera o cerrado uma parte do sertão, e não o todo, e que o cerrado faz parte da representação da modernização do sertão. Para esta autora o sertão vai se desencantando a medida que a modernização da agricultura avança pelos territórios dos cerrado.

> O desencantamento do sertão associa-se, assim à construção científica dos cerrados. O discurso autodeclaradamente científico que acompanha o desencantamento e se vincula à moderna pesquisa agronômica acompanha o processo gradativo de diferenciação dos cerrados, à medida que estes se

[30] Em janeiro de 2007, o governador de Minas Gerais - Aécio Neves sancionou a Lei 17.353. O texto da lei aumenta a possibilidade de desmatamento da mata seca para 70% de todo ecossistema, que está presente na região Norte do estado. De acordo com o Ibama, o tratamento da mata seca para a mata atlântica foi considerada pelo Ministério de Meio Ambiente e essa discussão acontece desde 1993, ou seja, houve oportunidade para o debate com produtores. O IBAMA no final de 2008, no Mapa da Área de Aplicação da Lei n° 11.428 de 2006, classificou as matas secas compondo a mata atlântica, portanto dentro da área de proteção ambiental. Há, assim, um confronto entre as legislações federais e estaduais no tocante a esta importante área ambiental ocorrente na bacia do rio São Francisco.

[31] O território norte mineiro é considerado pertencente a três regiões para o planejamento estatal, são elas[16]: 1-Bacia do São Francisco, que envolve sete unidades da federação; 2-Vale do São Francisco, que abrange parte da região Nordeste, parte do Polígono das Secas e parte da região Sudeste; 3- Semi-árido Brasileiro, que compreende o Polígono das Secas.

> desprendem de imagens do sertão. Nesse sentido, processos de subordinação real da natureza ao capital ocorrem juntos com a desconstrução de uma memória – a do sertão e a construção de um novo objeto – os cerrados. (MORAES, 2000, p.74)

Estamos no sertão do cerrado. Aqui o sertão e o rio São Francisco têm suas histórias entrelaçadas, onde os ciclos da terra e da água formam o cenário dos sujeitos do campo à cidade. Povoados, aldeias, comunidades e cidades se formaram na mistura de humanos, terras, águas, árvores e bichos. As histórias e *estórias* fazem a representação do sertão, modificando e provocando a travessia do e no grande sertão. É no sertão mineiro o cenário da obra literária de João Guimarães Rosa. Para Galvão é no sertão mineiro que se passa todos os dramas e tramas do sertão roseano: "O sertão – é o sertão do Estado de Minas Gerais. Oposição entre seco e úmido, de campos gerais, com veredas, de "regato" ou "riozinhos". Grandes áreas de pastagens e com grandes rios como o São Francisco" (GALVÃO, 2000, p.27). [32]

O cerrado estende-se por cerca de dois milhões de quilômetros quadrados, ou seja, 25% do território nacional. Atualmente, de acordo com dados do Ministério de Meio Ambiente (2009), restam apenas 20% da cobertura original. Além de exibir uma das mais ricas biodiversidades do planeta, constitui-se ainda no maior dispersor de águas do Brasil.

No sertão do cerrado[33] o domínio do ambiente é composto por veredas, vazantes, gerais, chapadas, e barrancos de rio, que são denominações mais utilizadas pelas populações locais para os subsistemas do bioma. O conhecido investigador do cerrado, professor e geógrafo Ivo das Chagas descreve assim o cerrado:

> Eu sou o cerrado. [...] aqui sou eu mesmo, com todas as minhas características- o cerrado típico, como querem alguns, *stricto sensu*. Árvores pequenas, que quase nunca chegam a oito metros de altura, folhas grandes, geralmente espessas e duras, troncos e galhos tortuosos, cascas grossas, corticosas e gretadas, recursos que me permitem melhor suportar os rigores do tempo e as labaredas do fogo e, após as queimadas, qual Fênix, renascer das cinzas. Um tapete de gramíneas, de arbustos e subarbustos, com certa descontinuidade, cobre e protege o meu chão. Mesmo nos horrores da sequidão, quando o Sol calcina meu universo, o cinza não me domina completamente porque busco no fundo da terra a água que dá o verde da vida, pois, sábia e zelosamente, a conservo para meu uso e para as necessidades dos que vivem em meu reino e em outros reinos vizinhos. Minhas árvores são bastante afastadas umas das outras e suas copas raramente se tocam. Assim, abro-me para o céu, o Sol beija minha terra e enxergo horizontes. (CHAGAS, 2003, pp.19-20).

[32] Iremos discutir o sertão roseano no nono capítulo dessa tese.
[33] Ou nos sertões dos cerrados, afinal a diversidade de paisagens, lugares e pessoas fazem uma região plural.

É esse o domínio do cerrado, composto de ambientes diversos com as seguintes formações bióticas classificadas por Chagas (2003): *o cerrado ralo ou campo cerrado*: árvores baixas com distância entre si e com gramíneas mais contínuas e arbustos mais freqüentes. O *campo sujo*: arbustos e subarbustos e as gramíneas dominam o ambiente e as árvores desaparecem. O *campo limpo*: as gramíneas imperam no ambiente. O *cerradão*: diminuem as gramíneas, as árvores chegam a 18 metros de altura com troncos retilíneos e cascas delgadas. Os *campos rupestres e campos de altitude:* acontecem nas chapadas e as árvores se tornam arbustos. *Matas de galeria*: acompanham os cursos d'água protegendo-os contra o dessecamento das margens, como uma amostra de uma floresta densa, as árvores são de grande porte e aparecem as orquídeas.

E a Vereda: considerada como mãe das águas do cerrado é o subsistema mais úmido, fonte de riachos e rios e com espécies exclusivas como a palmeira buritizeiro, de tronco grosso com frutos doces, os cocos que dão em grandes cachos. Palmeira que tudo se tira e se faz. "De longe, a gente avista os buritis, e já sabe: lá se encontra água" (JGROSA, 1986, p. 42).

O clima do cerrado é tropical, com precipitação variando de 750 a 2000 mm por ano (EITEN, 1993). As estações, de forma geral, dividem-se em duas: inverno e verão. A duração da estação seca é de aproximadamente cinco meses, de meados de maio a outubro, quando praticamente não chove.

Os solos de cerrado são considerados pobres e impróprios para a agricultura, devido à baixa concentração de matéria orgânica e de nutrientes ao lado de uma alta concentração de ferro e alumínio (WWF, 1995). Contudo, os parâmetros utilizados para atribuir baixa fertilidade e alta acidez aos solos de cerrado são, segundo Silva (2006), questionáveis, originários da agricultura moderna, voltada à hiper-produção de grãos.

> Certamente, esta definição tem a ver com as exigências das principais culturas alimentares do mundo que não são iguais, por exemplo, às das plantas frutíferas do cerrado como pequi, buriti, araticum, mangaba, cagaita, cajuzinho, bacuri etc., que são ricas em nutrientes e sempre fizeram parte da dieta dos povos do cerrado. Estas plantas nascem, crescem e produzem, com um nível razoável de fartura, em condições chamadas por essa agronomia de *baixa fertilidade e alta acidez* dos solos, inclusive com níveis de alumínio considerados tóxicos. Isso demonstra um processo histórico de adaptação (inclusive ao fogo) que relativiza esses conceitos um tanto reducionista do que seja riqueza ou pobreza. Esses solos, teoricamente pobres, sustentam uma das

> maiores e mais ricas biodiversidades do planeta (SILVA, 2006, p.50, grifos do original).

"Os Gerais" é outra designação do Norte de Minas, bastante utilizada para designar a área do sertão do cerrado. No livro J. Guimarães Rosa Correspondência com seu tradutor Italiano Edoardo Bizzarri; João Guimarães Rosa assim define os Gerais:

> Você sabe, desde grande parte de Minas Gerais (Oeste e, sobretudo Noroeste), aparecem os "campos gerais", ou ''gerais''- paisagem geográfica que se estende, pelo Oeste da Bahia, e Goiás (*onde a palavra vira feminina: as gerais*), até ao Piauí e ao Maranhão. O que caracteriza esses GERAIS são as chapadas (planaltos, amplas elevações de terreno, chatas, às vezes serras mais ou menos tabulares) e os chapadões (grandes imensas chapadas, às vezes séries de chapadas)," (BIZZARRI,1980,p.22,grifos nossos).

Percebemos que os gerais podem significar o conjunto de paisagens que compõem o cerrado local ou a paisagem das chapadas. Para Dayrell (1998), Gerais não é exatamente a vegetação dos cerrados, mas o ambiente dos cerrados e suas diversas formações, incluindo as formações de transição para a caatinga e a mata seca (1998, p.73). Os Gerais, as Gerais, ou dos Gerais e Campos Gerais são referências que aparecem nos relatos da população de dentro e de fora da região. Para Costa (2009), é necessário pensarmos que se falamos "as Gerais" estamos falando das Minas Gerais e se falarmos "os Gerais" estamos nos referindo aos Campos Gerais, portanto a região do Norte de Minas.

> Alguém disse em Belo Horizonte, e o dito se espalhou, que Minas Gerais só contava até o paralelo 18, na altura do Município de Curvelo. O que havia daí para cima era inviável para o progresso. Era a terra dos chamados 'baianos cansados'[...] Era assim que, da capital do Estado muita gente via Montes Claros e o Norte de Minas, (FERREIRA, 1975, p.10).

Observamos que essa divisão de regiões distintas classifica os espaços e as populações de Belo Horizonte para baixo como das Minas e de Curvelo e Corinto adiante estamos então no sertão, nos Gerais. Notamos que a divisão reflete também divisões espaciais, sociais, simbólicas, culturais e econômicas. Nas Minas teríamos o desenvolvimento e nos Gerais o atraso. Para Costa (2002), compreender a realidade social mineira através do pensamento social brasileiro é necessário recorrer a dois signos: o signo Minas Gerais que é o modo colocado de olhar e ver a partir do centro gerador e o signo sertão mineiro onde é colocado o modo de olhar e ver das regiões Norte e Nordeste. "É pelo imbricamento entre os dois que se pode dar conta da totalidade do sistema social

mineiro. Cada um aponta para a presença de significantes e significados distintos." (COSTA, 2002, p.55)

Nesse vasto território Norte-mineiro encontramos um sertão grande, de espaços e lugares conquistados, lugares perdidos, lugares arrancados, lugares sagrados e profanos. Paisagens de cerrado, com buritis, com veredas, matas fechadas, chapadas; seres como macaco-prego, tatupeba, surubim, seriema. Com pessoas e grupos humanos: índio, negro, branco, nativo, estrangeiro, beiradeiro, vaqueiro, pescador, lavadeira, barranqueiro, geralista, ribeirinho, sertanejo, ao lado de novos habitantes como industriais, irrigantes, fruticultores, carvoeiros. Dramática mistura de diversidade e aridez, fartura e miséria, água e poeira que permeiam a história do sertão e do rio São Francisco.

São muitas as representações que fazemos quando percebemos e distinguimos os lugares e os espaços, as paisagens e os territórios. São muitas as representações feitas e re-feitas sobre o sertão. Geógrafos, literários, viajantes, botânicos e antropólogos desenvolveram vastos trabalhos para designar o ambiente que habitamos. Sertão com expressões e representações em marcos na paisagem, com identificação concreta no espaço implicando limites materiais e imateriais. Percorrendo este espaço histórico e geograficamente denominado sertão encontramos representações entrelaçadas do sertão e do rio e ao mesmo tempo diferenciadas. Percorramos algumas representações.

1.3 A representação do sertão mineiro:

A representação geo-histórica do sertão foi marcada pela conquista do espaço brasileiro para além dos núcleos do litoral. A história da penetração, do povoamento e da ocupação econômica do sertão está vinculada à abertura e à expansão das rotas terrestres e fluviais que varreram o território colonial nos séculos XVI ao XVIII.

Os indígenas foram os habitantes originais do Norte de Minas Gerais, segundo Rodrigues (2000), dois grupos principais desenvolveram uma mistura de traços culturais, os Tupis e os Gê. Os indígenas viviam da caça, da pesca, da coleta de frutos, raízes e cascas. *Abaeté, Tamoio, Shacriabá, Aricobé, Tobajara, Amoipira, Tupiná, Ocren e Sacragrinha, Tupinambá, Abatirá, Candindé, Cariri, Catolé, Caiapó, Guaíba, Crixá, Cururu, Goianá, Kiriri, Tremembé, Tupi,* são alguns dos grupos indígenas citados pela

autora (através de pesquisas feitas nos estudos de Pierson e Hohental Jr.) confirmando a diversidade de grupos que habitavam o sertão mineiro.

Entradas e Bandeiras eram os nomes atribuídos às expedições empreendidas no Brasil no período colonial com o fim de explorar o território, descobrir ouro e pedras preciosas, aprisionar os índios e utilizar a mão-de-obra dos negros africanos. As *Entradas* eram financiadas pelos cofres públicos, contando com o apoio do governo em nome do rei de Portugal. As *Bandeiras* eram iniciativas de particulares, que com recursos próprios adentravam pelos sertões brasileiros.

As expedições para a região tinham como finalidade inicial reconhecer e depois se apossar das terras descobertas através do domínio dos indígenas. Em 1553-55 foi Spinoza Navarro, em 1573 foi Sebastião Tourinho e em 1590 foi Gabriel Soares os responsáveis pelas expedições ao Norte de Minas no século XVI que, segundo Cardoso (2000), foi o século do conhecimento. Para o autor, a mais importante expedição da região nessa época foi a de Matias Cardoso, que em 1689 desceu o rio São Francisco e ficou instalado em um local que foi denominado de Arraial do Cardoso.

> Neste local, Matias Cardoso esperou por um ano o Coronel Amaro, que ali chegou acompanhado de 600 homens. Após quatro anos de campanha, em que os grupos indígenas que ali estavam estabelecidos foram massacrados e/ou transformados escravos, os integrantes da expedição, entre os quais merecem destaque o Cap. João Pires de Brito, o Cap. Antônio Gonçalves Figueira e Januário Cardoso (filho do referido Matias Cardoso), criaram vários povoados, e se estabeleceram na Região como criadores de gado, (CARDOSO, 2000, p.180).

A passagem de bandeirantes baianos e paulistas pelo sertão mineiro resultava em escravidão, expulsão e morte para as populações nativas. A maior parte da população eram de indígenas. Com o bandeirismo os índios começaram a ser transformados em escravos e a perder a posse das suas terras.[34] Dessas invasões muitos bandeirantes paulistas não voltaram e tornaram-se fazendeiros da região. Fazendas foram fundadas nas margens dos rios São Francisco, Olhos d'água (hoje cidade de Bocaiúva), Formiga (hoje cidade de Montes Claros) e Jahyba (hoje cidade da Jaíba), Rodrigues (2000).

Outro fator importante da ocupação nessa época foram as missões religiosas, iniciadas por padres capuchinhos bretões a partir de 1641. Com isso, as nações indígenas

[34] Conferir em PIERSON, Donald. O homem no Vale do São Francisco. Tomo I. 1972, SUVALE, Rio de Janeiro.

sumiam do mapa, atacadas por doenças, miscigenação e pela aculturação. Dyrell (1989) descreve que os os padres jesuítas e os bandeirantes para ocuparem a terra cometeram "[...]um verdadeiro genocídio, matando guerreiros às centenas e reunindo os restantes em aldeamentos situados às margens dos rios e administrados por religiossos de diversas ordens" (DYRELL, 1989, p.5).

O sertão mineiro teve a sua composição organizacional fundada nas grandes fazendas de gado, nas propriedades herdadas dos tempos do Brasil colônia, no sistema de capitanias hereditárias, e no período do ciclo do ouro. As fazendas de gado do Nordeste seguiram as margens do Rio São Francisco e alcançaram o Norte de Minas, trazendo a pecuaria extensiva e a marcha dos latinfúndios que se tornaram caracteristicas da ocupação e estruturaçao regional.

O Norte de Minas no período colonial pertencia às Capitanias de Pernambuco e da Bahia. A área era conhecida como "os currais da Bahia" na margem direita do rio São Francisco e os currais de Pernambuco na margem esquerda. Simeão Ribeiro Pires (1979), intelectual da região, relatou que foi o Norte a primeira região das Minas Gerais a ser povoada através dos currais de gado do Rio São Francisco e do Rio Verde. O autor, citando Antonil[35], relata que existiam em 1701 cerca de 500 currais de gado na margem direita do São Francisco, na capitania da Bahia, e que o número era maior na margem esquerda.

Descrevendo a história do médio Sao Francisco como uma sociedade de pastores guerreiros, Wilson Lins (1983), autor baiano, narra que o *mandonismo armado* teve início nos primórdios da colonização do sertão saofranciscano através da caça ao índio, no encalço dos holandeses invasores, no rastro dos quilombolas, na guerra dos emboabas, na luta entre os pioneiros pela posse do melhor guinhão na "terra de ninguém"(LINS, 1983, p.41).

Para esse autor,duas famílias detentoras de sesmarias foram fundamentais no povoamento do sertão do São Francisco no século XVII e na formação dos latifúndios: são elas a Casa da Ponte localizada na margem direita do rio, liderada por Antônio

[35] "Pelos idos de 1711, André João Antonil, anagrama mais tarde identificado por Capistrano de Abreu, como sendo do Padre Jesuíta João Antonio Andreoni, contemporâneo de Vieira, reitor do Colégio da Bahia, publicava um notável livro histórico CULTURA E OPULENCIA DO BRASIL." (RIBEIRO PIRES, 1979, P.45)

Guedes de Brito e a Casa da Torre, com liderança de Garcia D´Àvila na localização oposta. A Casa da Ponte recebeu enormes extensões de terras entre o Morro do Chapeú e as nascentes do rio das Velhas. O interesse da Casa da Ponte era as terras férteis e ricas de Minas Gerais.

A exploração aurífera dinamizou a constituição da Capitania de Minas Gerais no século XVIII, em 1720, e anos mais tarde foi realizada a anexação de parte dos Currais da Bahia à nova capitania – parte essa que corresponde hoje ao Norte do Estado. Foi nesse século que originou-se um período de isolamento da região norte-mineira com a dominação da mineração em detrimento do ciclo da cana de açúcar. A atividade mineradora foi importante para o Norte de Minas como região de fornecimento de produtos agropecuários para as minas, mas com os contrabandos de ouro e a sonegação de impostos houve um período de restrição ao comércio da região.

Para Cardoso (2000), o isolamento regional teve como fator decisivo a Sedição de 1736 ou Conjuração do São Francisco, e como conseqüências a imposição de restrições comerciais ainda maiores à região pela Coroa. O estabelecimento de novas rotas comerciais que ligavam as minas a outras regiões foi também um fator que contribuiu para o isolamento regional. A partir daí, desenvolveu uma economia de subsistência regional, baseada na agricultura e nos recursos naturais, como frutos silvestres, ervas, madeiras de lei, caça e pesca, e alguns recursos minerais como o salitre.

Uma grande parte da população que tinha sido atraída pelos núcleos auríferos se dispersa por fazendas da região. "O povo desce das montanhas e espalha-se pelos campos, trocando as minas pelas gerais". (VASCONCELLOS, 1968, p. 193). Escravos fugidos, forros, brancos pobres, uma dispersão de homens pobres livres contribuíram para a ocupação da região no período, especialmente para a constituição de novos arraiais e povoados, que por sua vez deram origem a alguns dos distritos e cidades mais antigos da região norte-mineira. No século XIX, quando da abolição da escravatura, nova leva de negros libertos ganhou os vales dos rios São Francisco, Verde Grande e Gorutuba, aí se fixando. De acordo com Fernandes: "O cativeiro humano termina, começa o cativeiro da terra", (FERNANDES, 2001, p.2).

Os dois autores sertanejos citados, Wilson Lins (baiano) e Simeão Ribeiro (norte mineiro) demonstraram em seus estudos (realizados respectivamente nos anos de 1952 e

1977) a prática de concentração de terras e de poder na região através das relações de parentesco e compadrio. As famílias que detinham o poder na época do império formaram as oligarquias rurais que foram substituídas pelo coronelismo já na época republicana.

> [...] O mandonismo dos antigos senhores tinha um caráter tribal – era uma ditadura de uma família sobre as demais. O dos novos chefes tinha um sentido novo: era um caudilhismo mais político, embora sem perder contato com os fatores econômicos que o determinavam [...] Os descendentes das famílias recém-chegadas à ribeira, juntamente com os filhos da terra que não desfrutavam das regalias reservadas às velhas oligarquias, firmaram um pacto de união contra as antigas famílias que detinham, há séculos, o poder político e econômico no vale. Da luta pela derrubada do feudalismo das velhas famílias nasceu um novo caudilhismo – o dos coronéis. (LINS, p.58-60).

Os coronéis comandavam os destinos da vida local e regional. "Assim, o coronel constituiu-se o mediador entre o Estado e o camponês e seu agregado, ao mesmo tempo em que era o próprio Estado na localidade sob o seu jugo" (COSTA, 1997, p.80). Até metade do século XX, a região teve sua representação vinculada ao imaginário de uma terra sem lei, com perigos da natureza e dos homens que a habitavam.

A ocupação desigual dos territórios delineou o destino dos povos. O domínio dos territórios, a exploração deliberada dos recursos naturais e a apropriação da força local de trabalho servil ou escrava foram desenhando a configuração dos espaços no sertão mineiro.

"O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado! E bala é um pedacinhozinho de metal...". (JGROSA, 1986, p.11)

1.3.1 A representação do sertão pelos viajantes.

No século XIX os caminhos percorridos para construir as representações do sertão mineiro foram feitos com a presença e os relatos de viagens de muitos e variados cientistas estrangeiros, interessados em conhecer a natureza tropical. Segundo Hélio Gravatá (1970), foram 45 viajantes em território mineiro nos séculos XIX e XX. O autor contabiliza do inglês Jon Mawe, que foi o primeiro com permissão de viajar por Minas Gerais em 1808, até Miguel Torga, português que esteve em Minas Gerais em 1954.

> Interesses científicos, econômicos, curiosidade humanista (motivada tanto pelas expectativas individuais quanto pelos ideais iluministas) foram os principais impulsos para as viagens. Não é sem razão, portanto, que o perfil característico do viajante seja o do "explorador" e do "aventureiro", muito embora eles tivessem as mais variadas profissões como, por exemplo, cientistas (notadamente naturalistas), diplomatas, oficiais da marinha, soldados, artistas, artesãos, comerciantes, educadores, mercenários, piratas, missionários, etc.[...] É preciso sim desconfiar dos julgamentos inevitavelmente comprometidos do viajante/estrangeiro, contudo, e pela mesma razão (sua situação de proximidade e distância simultâneas), revelam o que de ordinário não vemos, pois contrasta, denuncia, se encanta e se apaixona (PEREZ, 2006, p.5-6)

Os viajantes estrangeiros em seus relatos conceberam importantes mecanismos na construção do imaginário acerca do novo mundo por oposição ao velho. Um olhar do estrangeiro, com a concepção de ver, observar, de alguém de fora. Os relatos evidenciavam que os viajantes não participavam efetivamente da vida dos lugares por onde passavam, descreviam cenas pouco usuais para seus leitores europeus e analisavam o comportamento dos nativos de cima e de fora, mostrando certa condescendência para com "seus inferiores", que não partilhariam de "seu saber científico".

Dois naturalistas alemães, Joahnn Baptist Ritter Von Spix e Carl Friedrich Philip Von Martius, conhecidos como Spix e Martius, estiveram em Minas Gerais no início do século XIX. Os relatos da *Viagem pelo Brasil*[36] são marcados pela dualidade entre o sertão e o litoral, representados até hoje entre o urbano e o rural, o interior e a cidade.

Nos primeiros dias de maio de 1818, Spix & Martius deixaram a Vila Rica, capital de Minas Gerais, e começaram uma longa viagem para o Distrito Diamantino. Ao adentrarem o sertão mineiro os naturalistas destacaram como era diversa a sua paisagem. As terras de montanhas vão cedendo lugares para as planícies do cerrado e os viajantes compararam o distrito Diamantino com o sertão, destacando que no sertão era o vazio e a ignorância de seu povo. (SPIX & MARTIUS, 1976, p.66).

> Um cerrado espesso cobria a região, que se estendia no horizonte a perder de vista; apenas a oeste flutuava como nuvem azul, a Serra de Santo Antonio, em perfis audazes, à nossa frente. Atravessamos o rio em Porto dos Angicos, que corre aqui xisto quartizítico, e achamo-nos agora no *sertão*, como denominam

[36] O Zoólogo Joahann Baptist von Spix (Zoólogo) e o médico Botânico Carl Friedrich Philipp Von Martius estiveram no Brasil no período de 1817 a 1820. Das viagens realizadas em território brasileiro escreveram o livro: *Reise in Brasilien,* publicado em 1823 na Alemanha (Münchem). Foi traduzido para o português por Lúcia Furquim Lahmeyer, revisto por B. F. Ramiz Galvão e Basílio de Magalhães com o nome de *Viagem pelo Brasil* em 1938. Dessa expedição, resultou *na primeira divisão fitogeográfica do Brasil feita por Martius (1838)*, onde classifica a região dos Cerrados como *Oreas ou oréades* – região montano-campestre ou de campos e cerrados - Planalto Central - (RIZZINI, 1997, p. 619).

> os mineiros a vastidão deserta, na sua linguagem usual, (MARTIUS & SPIX, 1976, pg.65).

Era julho de 1818, quando os viajantes Spix & Martius pararam entre os rios Jequitinhonha e Araçuaí e descreveram que haviam chegado ao sertão. Os viajantes definiram a região mineira como uma área deserta com pessoas de costumes simples e rudes. "O sertanejo é criatura da natureza, sem instrução, sem exigências, de costumes simples e rudes" (ibidem, pg.66).

O sertão aparece como lugar de muitos animais, de flora intensa, com grandes rios, de vastos recursos naturais e onde a população simples e rude é parte da natureza. Um ambiente para ser explorado e uma população com a possibilidade de absorver costumes e hábitos de outros povos. "Embora no coração do sertão pudemos notar com prazer como o comércio e a riqueza já levaram para ali sociabilidade e costumes amenos." (MARTIUS & SPIX, 1976, p.82).

O discurso positivista de Spix & Martius, como cientistas e viajantes da época, comungava a idéia de que o sertão necessitava da intervenção do progresso representado pelos valores da ciência e da visão do mundo europeu. A população sertaneja é sempre descrita como "os índios", "os mestiços", "os selvagens", "habitantes de uma floresta" onde não existe vida civilizada, compreendida como o modo de vida europeu. Fica evidente que o sertão é o interior, a colônia em contraposição com litoral, à cidade, onde vivem as pessoas ditas civilizadas e pertencentes à Coroa portuguesa.

Vejamos a descrição de outro viajante estrangeiro Saint-Hilaire[37], francês, que esteve no Brasil no período de 1816 a 1821. Escreveu o livro "*Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais"*. Descreve no livro o que considera sertão:

> Essa parte do Sertão apresenta, como disse noutro lugar, um terreno ondulado, talvez cortado por algumas montanhas, e salpicado de pântanos. Crescem caatingas em diversos lugares e em particular às margens do São Francisco. A majestosa palmeira chamada boriti embeleza os pântanos. Finalmente, em uma imensa parte do solo se estendem pastagens em meio às quais se dispersam árvores retorcidas e enfezadas, de córtex fendilhado, e folhas duras e quebradiças, que tem, na maioria das vezes, a forma de nossas pereiras. Os que falam do Sertão garantem que ele se assemelha a um jardim, e essa comparação ficou até proverbial. Admito, efetivamente, que essa região possa ter o aspecto que lhe atribuem, quando os relvados estejam perfeitamente verdes, e as

[37] O naturalista era especialista em botânica. Realizou quatro grandes viagens pelo país, três das quais em território mineiro (entre 1816 e 1821). De acordo com Francisco Iglesias (1970) Saint-Hilaire, fez por Minas o que Humboldt fez pelo México (p. 1).

> árvores e esses arbustos tão numerosos, tão variados, fiquem cobertos de flores em geral tão vistosas; entretanto, por mais florido que seja, um jardim plantado quase pelo mesmo modelo durante um espaço de várias centenas de léguas, fatiga, finalmente pela monotonia. Mas qual o tédio que experimenta aquele que, como eu, percorre o Sertão durante o tempo da seca, quando as campinas perderam o frescor, e a maior parte das árvores está despojada de folhas? Então um calor irritante abate o viajante; uma poeira incômoda ergue-se debaixo de seus passos, e algumas vezes mesmo, nem sequer encontra água para aplacar a sede (HILAIRE, 1975, p. 310).

Era o ano de 1867 e outro viajante, o explorador inglês Richard Burton, começou uma ousada viagem pelo rio São Francisco, registrando, num diário, suas aventuras, além de observações cuidadosas acerca da natureza e sobre a população ribeirinha. No segundo dia de sua viagem de dois mil quilômetros descendo o rio São Francisco num ajoujo[38] (balsa) alugado, narrando que o sertão ainda não havia começado.

> 08 de agosto. _ A manhã estava deliciosa, e a face da natureza calma, como se não pudesse mostrar outra expressão. Os raios do sol, como espadas, irradiando do centro invisível antes que esse se erguesse em seu esplendor, cedo, dispersaram a névoa leve que dormia tranqüila sobre o frio leito do rio. Atravessamos a Ponte Grande de Santa Luzia, de onde parte a estrada que, passando por Lagoa Santa, distante três léguas, leva a Curvelo e ao sertão.[39] (BURTON, 1977, p.23).

Continuando a penetração pelo interior, foi no dia 20 de setembro de 1867 que o viajante Burton chegou a cidade de São Romão e descreveu a população sertaneja como negra e rude. "A falta de educação aumenta com a pigmentação da pele e, às vezes, quando essa é muito escura, surge a arrogância peculiar do negro, que usa de uma grosseria bem intencional", (BURTON, 1977, p. 159). De acordo com a descrição, a cor escura da pele definia o homem do sertão e seu modo de vida como grosseiro e sem traços de educação e civilidade. As localidades de beira rio e seus habitantes no Vale do São Francisco mineiro foram apresentados como pobres e necessitados de auxilio para o desenvolvimento econômico e social.

> Não tive boa impressão dos são-romanenses. Não vi, entre eles, uma única pessoa branca; constituíam um "magote" de bodes e "cabras", caboclos e negros. A classe inferior – se ela existe, nessa terra onde reina a perfeita igualdade, teórica e prática – anda em mulambos; os mais ricos vestiam-se no estilo europeu, camisas de "pufos" e coletes de veludo, mas seus cabelos escorridos e rostos chatos relembravam a origem aborígine. Eram devotos, como mostravam as cruzes de madeira penduradas nas paredes; mal-educados, mal tinham a energia suficiente para se reunirem em grupos nas portas e

[38] "Ajoujo – Embarcação típica do Rio São Francisco, era formada por duas ou três canoas, ligadas entre si por paus roliços e amarradas a estes com tiras (ou cordas) de couro cru. Por cima dos paus se fazia um estrado, onde pessoas, animais e cargas viajavam". (NEVES, 2004, p.18)

[39] A citação faz parte do relato do viajante Richard Burton na trajetória que se transformou no livro: *Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico.*

> janelas, os homens para observar, as mulheres para comentar o forasteiro que passava. Algumas negras velhas trabalhavam em roças primitivas, mas a rede, apesar do tempo frio, era o local preferido. (BURTON, 1977, p.202).[40]

A trajetória que aqui estamos brevemente seguindo mostra a representação de um imenso território de natureza exuberante com populações nativas selvagens. O clima quente e as vastas áreas a serem percorridas provocavam desânimo nos viajantes, mas as descrições dos viajantes são modificadas ao descreverem a chegada ao Rio São Francisco. Percebemos que o sertão solitário, deserto e seco encontra sua "dádiva", o seu "oásis," nas águas do "grande rio". O Rio São Francisco seria a porta de entrada para levar o progresso. Via de acesso de pessoas e cargas que iriam transformar a região e sua população nativa.

Era agosto de 1818 quando Martius e Spix chegam ao Rio São Francisco:

> Depois de havermos forçado caminho através dessa orla de mato, que o povo chama de *alagadiço,* cheios de alegria, avistamos o Rio São Francisco passar suas ondas espelhentas em majestosa calma diante de nós (...). Julgamos aqui transportados a um país inteiramente diverso. Em vez de matas secas, desfolhadas ou de campos do alto sertão, vimo-nos de todos os lados cercados de matas virentes, que orlavam extensas lagoas piscosas. (...) O rio já é atualmente a via usual do comércio de uma grande parte do sertão de Minas Gerais, que transporta os seus produtos com facilidade maior por esse meio a Bahia, do que em lombo de mulas ao Rio de Janeiro e, em troca, recebe sal das salinas situadas ao norte do rio, além de mercadorias européias," ((MARTIUS & SPIX, 1976, pp.77-80).

Foi em um domingo, exatamente em 15 de setembro de 1867, quando Burton chegou ao encontro dos rios das Velhas com o Rio São Francisco.

> Se algum lugar merece o selo da grandeza conferido pela mão da natureza é essa confluência. É o meio caminho do grandioso vale ribeirinho; tem, ou antes, pode ter ligação fluvial com Sabará, Diamantina, Curvelo, Pitangui, Pará (ou Patafúgio), Dores do Indaiá, Campo Grande, Paracatu, São Romão e as outras localidades no Rio São Francisco. Faz ligação das províncias de Goiás, Pernambuco, Bahia e Minas e, dentro de alguns anos, os navios a vapor e a estrada –de- ferro farão com que ela se comunique com a Capital do Império. Falarei mais do que pareceria suficiente acerca das localidades atuais; assim, quando minhas previsões sobre sua futura grandeza se mostrarem justificadas, o viajante poderá comparar o seu Presente com meu Passado, e encontrar, portanto, novo padrão para medir a marcha do Progresso, enquanto este avança e deve avançar, com passos de gigante, na terra do Cruzeiro do Sul. (BURTON, 1977, p.159).

[40] O viajante explica que o caboclo brasileiro é chamado de bode e que o mestiço mistura de índio e mulato é designado como cabra.

A natureza do tempo dos viajantes foi para sempre alterada pelo desenvolvimento. O ciclo vital de cheia dos rios foi enfraquecido por uma cadeia de barragens e irrigação de cana, soja e eucalipto. No tempo e no espaço dos viajantes o rio descia por várias cachoeiras e estrondava através das corredeiras como as de Pirapora e de cachoeira como as de Paulo Afonso. As quedas foram diminuídas devido as barragens, muitas das cidades que eles descreveram agora estão submersas e outras cidades se tornaram povoados sem significação política ou econômica e, portanto, sem condições mínimas de sobrevivência para suas populações locais que seguem entre idas e vindas para sobreviver.

Os viajantes construíram uma imagem, produzida a partir de determinado ponto de vista. Ponto de vista do mundo europeu, uma imagem, mediada por sujeitos. Sujeitos que aqui vieram por um tempo, coletaram informações, vivenciaram situações no tempo e no espaço sertanejo e retornaram para seus espaços e tempos com as representações que construíram. Percorramos outra representação, uma descrição do Rio São Francisco.

1.4 A representação do Rio São Francisco

> *Acredita-se que há muito tempo atrás, no fundo no coração da Serra da Canastra em Minas Gerais, Brasil, existia uma jovem índia muito bonita chamada Iati. Naquele tempo de guerra entre as tribos do interior, o amante de Iati foi chamado para defender o território ocupado por seu povo contra os invasores. Mas, os invasores eram muitos, com grandes poderes e munição, e os guerreiros índios pereceram nas entranhas profundas da floresta. Iati, triste e só, continuou chorando abundantemente até os últimos dias de sua vida. Suas lágrimas desesperadas formaram a cachoeira cujas águas seguem os passos dos guerreiros, formando o grande mar de Rio, conhecidos pelos índios de então como Opará, e assim hoje se conhece a Lenda do Rio de São Francisco formado pelas lágrimas de Iati.* (lenda da criação do Rio São Francisco relatada pela Sra. Dezinha,68 anos, em julho de 2007,na cidade de Ibiaí– Norte de Minas)

Nas representações que estamos apresentando foi o Rio São Francisco o meio de vida e povoamento do sertão mineiro. Nas margens deste rio surgiram povoados e cidades, entrelaçando as culturas e tecendo a identidade do povo sertanejo. Nas águas do São Francisco temos mais de cinco séculos de nossa história. No período da colonização o rio era visto como uma "dádiva". Sem a ajuda de um caminho aberto pela própria natureza não teria sido possível o avanço lusitano, após o domínio do litoral com suas plantações de cana-de-açúcar. A partir de sua foz estabeleceu-se um novo caminho, dessa vez para as missões religiosas que dominariam os índios e influenciariam para sempre os

hábitos, a fé, a cultura e a história do povo ribeirinho.[41] O São Francisco foi o caminho geral do sertão.

> [...] O São Francisco foi, nas altas cabeceiras, a sede essencial da agitação mineira; no curso inferior, o teatro das missões; e, na região média, a terra clássica do regime pastoril, único compatível com a situação econômica e social da colônia. Bateram-lhe por igual as margens o *bandeirante*, o *jesuíta* e o *vaqueiro*, (CUNHA, 1979, p.129*)* .

O São Francisco nasce no "*chapadão da zagaia*" na Serra da Canastra em Minas Gerais. E mineiramente suas águas começam estreitas e tímidas e aos poucos vão se alargando e correndo para o mar pela Bahia e Pernambuco, quando altera seu curso, e entre Alagoas e Sergipe chegando ao Oceano Atlântico. Banha os estados de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas. [42]

O Rio São Francisco foi o divisor de águas, das culturas materiais e imateriais e da identidade da população sertaneja ribeirinha. O rio está presente nas especificidades de cada lugar: ponto de partida e chegada, espelho de crepúsculos e luares, de modos de vida e de trabalho. As populações em suas margens e no seu entorno viviam em cronologia com o rio. Secas e cheias eram tempos e espaços de plantar, colher e viver. O homem fazia o seu tempo e seu espaço no tempo e espaço da natureza.

---

[41]"O trabalho indígena forçado nas missões, administrado pelos religiosos, ou o trabalho escravo, nas fazendas de gado, plantações, nas casas, como domésticos ou no trabalho de transporte, vinha sendo praticado desde o início da colonização e teve no século XVIII total investimento através das bandeiras montadas para a captura do gentio. O índio, de maneira geral, servia bem como guia em terra ou nas águas, como carregadores, no preparo e cultivo de alimentos, para caça e pesca e foi cruelmente utilizado para guerrear contra outros nativos" Bartira Ferraz Barbosa. Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em http://www.fundaj.gov.br/docs/indoc/cehib/bartira.html#fn1, Acesso 15 de julho de 2009.

[42] Segundo dados oficiais do Ministério da Integração Nacional em abril de 2009, o Rio São Francisco tem extensão de 2.700 quilometros, desde a Serra da Canastra, no município mineiro de São Roque de Minas, onde nasce, até a sua foz, entre os estados de Sergipe e Alagoas. A Bacia do rio abrange 504 de municípios, ou 9% do total de municípios do país. Desse total, 36,8% em Minas Gerais. Cerca de 13 milhões de pessoas (Censo de 2000) habitam a área da Bacia do São Francisco. O rio está dividido em quatro trechos:- Alto São Francisco – das nascentes até a cidade de Pirapora (MG), com 100.076 km2, ou 16% da área da Bacia, e 702 km de extensão. Sua população é de 6,247 milhões de habitantes
- Médio São Francisco – de Pirapora (MG) até Remanso (BA) com 402.531 km2, ou 53% da área da Bacia, e 1.230 km de extensão. Sua população é de 3,232 milhões de habitantes
- Sub-médio São Francisco – de Remanso (BA) até Paulo Afonso (BA), com 110.446 km2, ou 17% da área da Bacia, e 440 km de extensão. Sua população é de 1,944 milhões de habitantes
- Baixo São Francisco – de Paulo Afonso (BA) até a foz, entre Sergipe e Alagoas, com 25.523 km2, ou 4% da área da Bacia, e 214 km de extensão. Sua população é de 1,373 milhões de habitantes. Disponível em http://www.integracao.gov.br/saofrancisco/rio/numeros.asp. Acesso em 25 de abril de 2009.

Neves (2003) relata que antes das construções das grandes barragens as cheias do São Francisco aconteciam em outubro e prosseguiam até março. As enchentes significaram para as populações nativas a fertilização natural da terra. As vazantes em abril eram o tempo de plantio. As colheitas eram fartas e a pesca produtiva e fácil. "É evidente que na atualidade este processo continua, mas bastante modificado, pois as barragens de Três Marias e Sobradinho alteraram consideravelmente o regime das águas." (NEVES, 2003, p.186). A característica da paisagem do médio São Francisco, segundo esse autor, eram as vazantes, que propiciavam as culturas ao longo da ribeira e das ilhas, embora a pecuária já fosse praticada às margens do São Francisco desde o século XVII, o homem ribeirinho conseguia conter o gado e as culturas de vazante, tipicamente de subsistência, por meio de cercas de troncos de árvores.

As barcas comercializavam o excedente das plantações. Assim, a paisagem do São Francisco no período colonial até a década de 50 do século XX era composta por lavouras de mandioca, feijão, milho, abóbora, banana e melancia, fabriquetas de farinha, alambique de cachaça, engenhos de rapadura e dos "*portos de lenha*". Gente simples que rio abaixo, rio acima, começava a integrar e constituir núcleos urbanos em função da necessidade de escoamento da produção por via fluvial.

Os ribeirinhos entraram em contato com os tropeiros, com os comerciantes ambulantes, com os vaqueiros em função da necessidade do transporte (que começam também a utilizar os carros de boi e animais de montaria, que auxiliam nas articulações regionais e intra-regionais ainda no século XIX), e das transações comerciais que permitiram o conhecimento da arte, dos costumes, dos cânticos populares, do conhecimento do trato com a natureza, da troca de saberes e da difusão de culturas em função da migração fluvial pelo Velho Chico.

Foram os remeiros (tripulantes que guiavam barcos) nas barcas no Rio São Francisco nos séculos XVIII, XIX e XX que fizeram o comércio de mercadorias, principalmente sal e rapadura entre o rural e o urbano. O sal comercializado era o "sal da terra" que era utilizado para consumo doméstico, para salgar o peixe e para a alimentação do gado.[43] Na década de 30, do século XX, com a criação da Navegação Mineira do Rio

[43]"De julho a outubro, quando as lagoas marginais começavam a secar mais intensamente sob o efeito da evaporação, ocorria o período de produção. Misturado ao Iodo, o sal aparecia à beira das lagoas. Os salineiros começavam então o processo de lixiviação em grandes cochos ao sol ou em tachos ao fogo. Em

São Francisco houve aumento do número de vapores e conseqüentemente aconteceu uma diminuição do número de barcas.

As gaiolas, como eram chamados os vapores (embarcações de grande porte para o transporte de pessoas e cargas movidas a combustão da lenha que alimentava as caldeiras) cortavam as águas do rio levando passageiros e mercadorias de norte a sul, promovendo a mistura de pessoas, de costumes, de sons, cheiros e sabores, incrementando o comércio e criando cidades ao longo da calha do rio.

> Os passageiros já desembarcaram. Coló comanda a descarga. Malas de algodão de Sitio do Mato. Farinha de mandioca de Remanso. Potes e moringas da Barra. Cachaça e coco babaçu de Januária. Mamona de São Francisco. O *Wesceslau* sairá amanhã às 14 horas. Marinheiros de corpos reluzentes carregam caixas de cerveja "Teotônia", sacos de cimentos "Mauá". Fardos de tecidos da Cedro Cachoeira. Caxias, caixinhas, caixotes. "Cuidado, frágil". "Este lado para cima". Camarotes, camas, redes. Passageiros de 1ª e 2ª classes. Mulheres bonitas, caixeiros-viajantes, fazendeiros, migrantes de São Paulo para o Nordeste. Dentes de ouro na boca. Lenços ao pescoço, pentes e escovas de dentes no bolsinho do paletó. Vidros de perfume barato. (DINIZ, 2005, p.7)

As viagens através do rio e a bordo dos vapores funcionaram como via de acesso para o deslocamento dos nordestinos para as Minas Gerais. Nos portos havia grande concentração de pessoas e serviços o que auxiliou no crescimento de várias cidades ribeirinhas. A partir de 1960 as gaiolas (vapores) foram sendo substituídas pelos "empurradores" (rebocadores) movidos à diesel que formavam comboios com grandes chatas (barcaças largas de fundo chato).

---

seguida, faziam o enfardamento nos surrões, ou seja, em sacos de couro [...]. No século XIX com a concorrência do sal marinho que tinha melhor qualidade e com a inauguração da estrada de ferro Salvador-Juazeiro, o sal da terra perde importância" (NEVES, 2004, p.p.19-20).

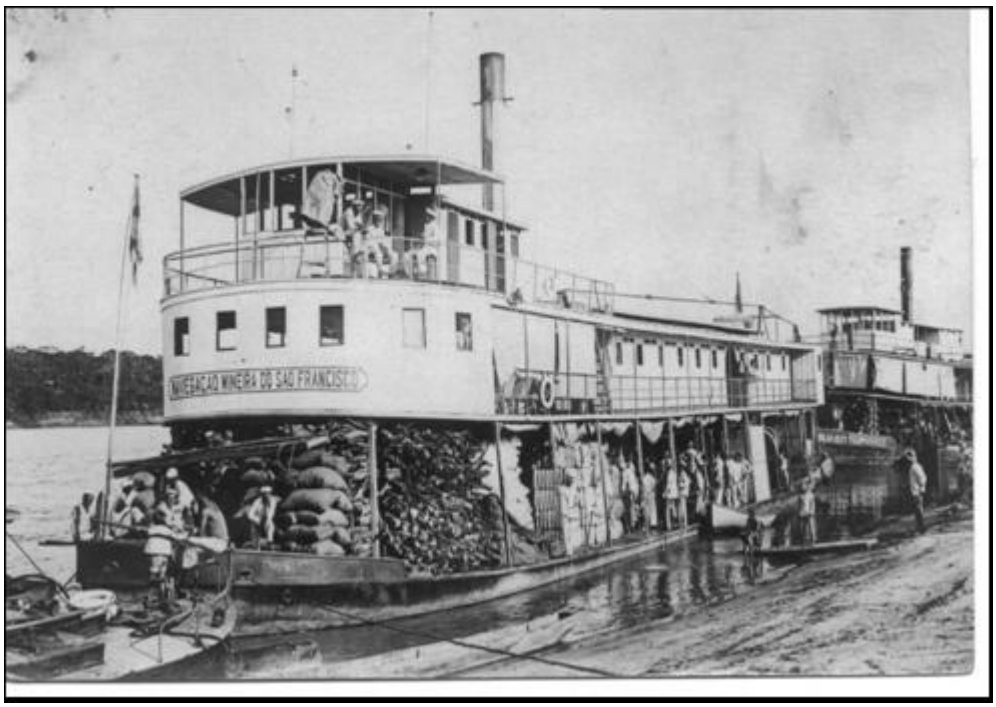


Foto 2 - **Gaiolas no Rio São Francisco, estrada líquida.** (1936).
Autor: Eduardo Hatem (2005).

A cidade mineira de Pirapora assinala o começo da grande viagem fluvial. Localizada onde outrora habitavam as tribos Cariris, no sertão, é a maior cidade da região. Depois vem a pequena Ibiaí, onde não há meios de atracarem e o descarregamento é feito no barranco. Depois a viagem prossegue durante toda a tarde, para, bem tarde da noite, a embarcação atingir São Romão. Antes que a noite chegue, entretanto, é dado ao viajante apreciar um dos mais belos crepúsculos da terra, os raios solares criando incríveis reflexos nas águas. Depois, contrastando com as cenas de abandono, surgem as torres e a rede elétrica de São Francisco e o cais de pedra repleto de gente, para quem a chegada dos barcos representa sempre novidade. Januária surge aos olhos do viajante no segundo dia de percurso, já à tardinha. Ali, todos desembarcam para dar uma circulada pela cidade calçada por mãos escravas, ver de perto os seus velhos sobradões e "conhecer" a sua famosa cachaça.
Depois vão aparecendo as vilas de Itacarambi e Manga, antes de chegar à Bahia, onde a paisagem vai ser transformando um pouco e o vento, mais forte, anuncia a primeira cidade do sertão da Boa Terra, Carinhanha. Ali a parada é bem mais demorada que as anteriores, pois é sempre muito grande o volume de mercadorias a ser desembarcado ali. A viagem segue, sertão a fora, para atingir a Lapa, onde o misticismo campeia mais intensamente que em qualquer outro local das margens do São Francisco. O viajante é envolvido pela multidão de vendedores que ali atuam e lhe oferece, em vozes cantadas, frutas, doces, aves e artesanatos diversos. Toda a gente tem, logo a seguir a impressão de mistério, a começar pela enorme pedreira, onde se localizam escuras grutas, vindo depois uma estátua de bronze do monge Francisco Mar e a sala dos milagres, à margem do rio. Barra fica no quinto dia de viagem. É a terra natal do barão de Cotegipe, onde se realizam os mais tradicionais festejos de São João de toda a zona ribeirinha. Remanso, Sento Sé, Santana são outras cidades que se encontram nesse roteiro. Juazeiro é o ponto final da grande arrancada a bordo

> das gaiolas. Tem um folclore riquíssimo em que se destacam as congadas, as cheganças, os reisados e o *São Gonçalo*. Na margem oposta, outra cidade centenária aparece com sua imponente catedral, no mais puro estilo gótico. Uma ponte liga hoje as duas cidades, mais muita gente prefere ir de uma a outra, com antigamente, em canoas. ("Rio São Francisco, Tradição, misticismo e folclore embelezam suas margens, colorindo a vida da população sertaneja". *Diário de São Paulo*, 30 de abril de 1976).

Nos anos 40 (1945-século XX) foi criada a Companhia Hidrelétrica do São Francisco-CHESF, que iria fornecer energia elétrica para o Nordeste, e em 1948 com o objetivo de "modernizar o transporte fluvial" é instituída a Comissão do Vale do São Francisco – CVSF, que tinha como objetivo o desenvolvimento regional com ênfase na navegação fluvial.[44] Em 1963 foi constituída a Companhia de Navegação do São Francisco, que era uma sociedade mista com controle da união – CNSF.[45] É o inicio de um ciclo de construções de hidrelétricas e conseqüentemente das modificações no curso do rio. A prioridade é para a utilização do São Francisco para a energia elétrica e das terras para os projetos de irrigação e reflorestamento.

Mas, na época, foi o advento da ferrovia, no início do século XX, que permitiu uma grande difusão econômica, principalmente para as cidades localizadas às margens do Rio São Francisco. A ferrovia beneficiava também a pecuária e auxiliava o escoamento da produção. A ferrovia proporcionou a interação com o restante do país, auxiliando também no povoamento de outras áreas. Em 1918 a ferrovia chegou à cidade de Pirapora e em 1926 à cidade de Montes Claros. Estes dois municípios tornaram-se então os mais importantes da região.

Mesmo com a ferrovia, continuou o comércio ambulante através das barcas. "[...] Pois as ferrovias transportavam mercadorias que circulavam nas barcas" (NEVES 2004, p.39). Mas na década de 50 vai desaparecendo as barcas de figura (embarcação com uma figura de animal ou de monstro na proa) sendo substituídas pelas barcas motorizadas que necessitavam de menos trabalhadores para navegar e eram mais rápidas.

Na década de 50 do séc. XX começou o declínio da navegação do rio São Francisco. A prioridade governamental como já citamos, estava voltada para a construção de barragens no São Francisco para a geração de energia, industrialização e transporte

[44] Hoje é a empresa CODEVASF- Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco, criada em 1974, com a função de desenvolver o Vale, sobretudo no campo da agricultura irrigada.
[45] A companhia mudou depois para a FRANAVE, (que foi extinta em janeiro de 1997).

rodoviário. Em 1961 foi construída a barragem da Usina Hidrelétrica de Três Marias (MG) e em 1978 a barragem da Usina Hidrelétrica de Sobradinho (BA), com isso a navegação passou a ser quase inexistente, pois mesmo com um melhor controle da vazão da água no rio, o lago de Sobradinho inviabilizou a navegação em função da formação de ondas que não eram suportadas pelos vapores "gaiolas".

A construção das rodovias e pontes interligando os Estados facilitou o transporte de passageiros que passou a ser feito com prioridade por ônibus e o de carga por caminhões. "Assim, os vapores que no século XIX eram celebrados como "alicerce do progresso" foram considerados em 1967 um empecilho ao desenvolvimento regional" (NEVES, 2006, p.265).

Em 1960 começou o grande incentivo governamental na região norte-mineira. Até então, a região era apenas fornecedora de mão-de-obra. Com a criação da SUDENE e o desenvolvimento de planos diretores começou uma expansão capitalista impulsionada pelo Estado.[46] O discurso estatal baseava-se na possibilidade de integração da região com a economia nacional. O desenvolvimento almejado fez com que o Estado facilitasse o ingresso de capitais nacionais e internacionais.

Os mesmos espaços começam a ser disputados por grandes fazendeiros e grandes empresas que desejam o aumento de produção e produtividade, desestruturando os modos de vidas das populações locais na margem e no entorno do rio. A utilização predatória dos recursos naturais, como a água, o solo e a vegetação, provocaram o desequilíbrio do meio e das comunidades.

Dos tempos passados, principalmente a partir da década de 1950, até os tempos de hoje, a dinâmica natural do rio São Francisco foi sendo profundamente transformada. A construção de hidrelétricas e seus grandes reservatórios, a degradação das nascentes, principalmente pela agricultura comercial desenvolvida nos Estados de Minas Gerais e Bahia; os grandes projetos de irrigação (Projeto Jaíba, por exemplo) e atualmente o projeto de Transposição fomentado pelo Governo Federal, contribuem para estas transformações.

[46] A região é inserida na SUDENE em 1965.

1.5 A representação das secas

O Nordeste brasileiro e o Norte de Minas são considerados a maior área semi-árida povoada do mundo de acordo com Jean Dresch, mestre francês, que foi um dos participantes da excursão realizada aos sertões semi-áridos por ocasião do Congresso Internacional de Geografia, ocorrido no Rio de Janeiro em agosto de 1956.[47] Isto singulariza a região, conhecida por *Polígono das Secas*[48], quanto a diversos fatores naturais e sócioeconômicos. As irregularidades do clima, enfatizando estiagens periódicas, adaptam formas específicas e intensas quanto aos transtornos exibidos no processo de construção social no tempo e no espaço, no passado e no presente.

Segundo Villa (2000), o drama das secas tem uma longa história: o primeiro registro da ocorrência de seca nos documentos portugueses é de 1532, três anos após a chegada do primeiro governador-geral, Tomé de Sousa (2000). Citando as grandes secas que atormentaram o homem do semi-árido em momentos distintos, das quais inúmeras se apresentam, da mesma forma, em datas repetidas, Euclides da Cunha (1982) enumera diversas fases crônicas de estiagem, a exemplo das secas ocorridas entre os anos de 1710-1711, 1723-1727, 1736-1737, 1744-1745, 1777-1778, no século XVIII, e as registradas em 1808-1809, 1824-1825, 1835-1837, 1844-1845, 1877-1879, no século XIX.

> O homem do sertão tem particular intuição para as forças telúricas. Os sinais longínquos das trovoadas, que anunciam chuvas. A chegada da estação das águas, chamada *inverno*. [...]O retorno das águas correntes dos rios, ao ensejo das primeiras chuvas. O conhecimento das potencialidades produtivas de cada pequeno espaço dos sertões, desde as vazantes do leito dos rios até os altos secos e pedregosos das colinas sertanejas. Entretanto, muitos desses homens nada têm de seu. Outros são mera força de trabalho para os donos das terras. (AB'SÁBER, 1999, p.25).

No século XX, de acordo com Garcia (1995), foram registradas secas em 1900, 1903, 1915, 1932, 1942, 1951/53, 1958, 1966, 1970, 1976, 1979/1984 e 1998/1999. O que leva o autor a afirmar que: "A estiagem de 1958 [...] indica a ocorrência de um ciclo de anos secos a cada 26 anos, aproximadamente. Esta periodicidade é que leva os

[47]Conferir em: Nordeste sertanejo: a região semi-árida mais povoada do mundo. USP: ESTUDOS AVANÇADOS 13 (35), 1999.
[48] Na bacia do São Francisco encontra-se 58% da área do Polígono das Secas.

sertanejos a afirmarem que cada homem tem que enfrentar uma grande seca em sua vida." (GARCIA, 1995, p.p.64-66).

O professor Josué de Castro (2001) nominou as secas em relação aos períodos. Uma seca parcial obedecia a um período de quatro a cinco anos. A seca generalizada acontecia em um período de dez a onze anos e a seca expecional acontecia no ciclo de cinqüenta anos. O professor comentou que os números não são precisos, afinal "[...] não foi ainda descoberta a lei que rege a freqüência das secas" (CASTRO, 2001, p. 200).

Os períodos de estiagem provocaram e seguem provocando tempos de pobreza e miséria para a maioria da população no sertão e nas margens do São Francisco que foi expropriada de terras, de águas e de seus lugares de vida e de trabalho. As populações locais conviveram e convivem com a seca e com as políticas públicas que são também áridas e escassas de possibilidades de sobrevivência digna nos espaços sertanejos.

No Quadro I retratamos as secas que atingiram o semi-árido e os períodos indicam que os tempos modificaram sem transformarem a realidade dos habitantes. As soluções que os governos encontraram para os períodos de estiagem não auxiliaram as populações. Desagregaram homens e terras e agregaram a *indústria da seca.*

A "indústria da seca" é um processo de apropriação de recursos financeiros públicos destinados às populações vítimas da seca. Foi e é uma estratégia de grupos de políticos e de lideranças locais e regionais, dos coronéis detentores de grandes extensões de terra, que formam a elite do sertão e são tão presentes no tempo e no espaço como as estiagens no sertão.

> Mais que a seca, o que expulsa o nordestino é a cerca. Cerca que, como hoje sabemos, concentra não somente a terra, mas também a água. Podemos afirmar que a estiagem marca a hora da partida, mas a causa profunda do êxodo reside na estrutura fundiária já assinalada. Não devemos confundir as motivações aparentes e superficiais com as razões estruturais da saída em massa. De resto, à concentração da terra e da água, haveria que acrescentar o patriarcalismo e o coronelismo, tão arraigados na cultura brasileira, e dos quais muita gente se liberta no ato mesmo de migrar para a cidade. (GONÇALVES, 2001, p.180)

Foi no final dos anos 50 do século XX que efetivou-se uma intervenção do poder do Estado, através do investimento no "problema da seca". As regiões Nordeste do Brasil e Norte de Minas Gerais, já conhecidas como subdesenvolvidas, foram beneficiadas com

estratégias governamentais de combate a longos períodos de estiagens. A partir de 1959 a região do Norte de Minas teve seu desenvolvimento sob a responsabilidade da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE, efetivamente a região foi incorporada em 1963. Dos pontos centrais dessa política de desenvolvimento destacaram-se os grandes projetos agropecuários, a industrialização, o reflorestamento e a irrigação.

As políticas públicas, através dos variados governos em todas as esferas do global e do local, têm reproduzido uma série de medidas emergenciais e paliativas que eternizam os problemas das secas, gerando lucro para a elite detentora do poder, legitimando uma verdadeira indústria de mão-de-obra barata, de concentração de terras e águas.

> São muitos os fatos que respondem pela originalidade fisiográfica, ecológica e social dos sertões secos, região paradoxal em relação aos demais tipos de espaços geográficos do mundo subdesenvolvido. O grau de diferenciação de seus espaços econômicos e sociais é inegavelmente baixo. Por outro lado, é uma *região sob intervenção*, onde o planejamento estatal define projetos e incentivos econômicos de alcance desigual, mediante programas incompletos e desintegrados de desenvolvimento regional [...] (AB'SÁBER, 1999, p.8).

Do domínio anterior da pecuária extensiva e da lavoura itinerante e de subsistência, seguiu-se a lavoura comercial, monocultura de grande porte para fins de exportação, com larga utilização de máquinas agrícolas e descarte de mão-de-obra não especializada. Mudam as formas, mas não modificam os conteúdos de exploração do meio e das populações da região. Enquanto os recursos naturais se esvaem, as populações seguem o movimento de deixar seus lugares em busca de trabalho. Não estão fugindo das estiagens, mas fugindo da não sobrevivência imposta pela privatização da terra e da água. Para João Guimarães Rosa na fala do jagunço Riobaldo:

> -"Ah- a vida vera é outra, do cidadão do sertão. Política! Tudo política, e potentes chefias. [...] se descer esse São Francisco, que aprova, cada lugar é só de um grande senhor, com sua família geral, seus jagunços mil, ordeiros: ver São Francisco da Arrelia, Januária, Carinhanha, Urubu, Pilão Arcado, Xiquexique e Sento-Sé." (JGROSA, 1986, p.94).

Quadro 2 - As grandes secas ocorridas no Nordeste

1877 Calcula-se que 500 mil pessoas morreram nesse ano por causa da seca. O imperador Dom Pedro II foi ao Nordeste e prometeu vender "até a última jóia da Coroa" para amenizar o sofrimento dos súditos da região. Não vendeu.
1915 A intensidade da estiagem levou o governo a reestruturar o Instituto de Obras Contra as Secas (Iocs), que passou a construir açudes de grande porte. Até então, o Iocs se concentrava em perfuração de poços, confecção de mapas e abertura de estradas.
1934/36 Considerada a maior seca de todos os tempos até o início dos anos 80. A estiagem se estendeu pelos nove Estados nordestinos e chegou a Minas Gerais. A partir dela as secas do sertão do Nordeste passaram a ser encaradas como flagelos nacionais.
1979/85 A mais longa e avassaladora seca deste século foi marcada por uma onda de saques que chegou ao auge em 1981. Diante da situação, o presidente João Figueiredo declarou que só restava rezar para chover. Não deu certo.
1997/99 No final do século 20, nos anos de 1997 a 1999, o sertão nordestino enfrentou uma das piores secas de sua história. Tudo desidratou - roçados, açudes, bois e homens. Desta vez, um fenômeno social tornou-se marcante na briga para resistir ao flagelo ambiental: os saques em mercados, feiras e prefeituras das cidades sertanejas.
2001 O Rio São Francisco agonizou com a maior seca da sua história. Somado ao assoreamento, a seca reduziu drasticamente o volume de suas águas. A barragem de Sobradinho, a mais importante da região NE, atingiu os níveis mais baixos de sua história. A água no local em 1º de novembro de 2001 estava a 6,3% da capacidade, que é de 34 bilhões de metros cúbicos.

FONTE: Adaptação da Revista Época, 09/07/2004.

1.6 A Representação do cerrado: terras de beira rio e águas de beira sertão

As transformações do e no grande sertão dos Gerais ensejaram o aproveitamento sem limites das terras de beira rio e das águas de beira sertão. Uma inversão da lógica da natureza para a lógica do capital. Uma vegetação esparsa, o baixo custo das terras e a topografia plana favoreceu a incorporação do cerrado pelo agronegócio. Em menos de três décadas, a área principal do cerrado foi absolutamente transformada com a implantação de grandes empresas agro-industriais de capital nacional e internacional.

A modernização da agricultura no Norte de Minas foi possível muito em função dos avanços tecnológicos para o bioma cerrado, que passou a ser visto como local

propenso para produção de grãos, principalmente os de exportação. Todavia, foi necessário corrigir a acidez do solo, utilizar largamente adubos químicos e orgânicos, numa lógica inversa à da natureza, pois ao invés de adaptar as plantas ao solo, adaptou - se solo às plantas.

Desta maneira a região do cerrado norte-mineiro passou a ser uma área de convergência de agricultores de todo o país, quando então muitos buscavam financiamento fácil e subsidiado através de incentivos fiscais. Vários projetos foram implementados na região, entre eles os projetos de colonização e irrigação, como o "Projeto Pirapora", o "Projeto Jequitaí" e o conhecido "Projeto Jaíba" [49].

Esta modernização adotada na agricultura que produz safras recordes, grandes produções e aumentos de produtividade, tem demonstrado graves efeitos colaterais: o êxodo rural, o aumento de bóias-frias, o desmatamento, a erosão, a contaminação das águas e dos próprios alimentos e o surgimento de pragas antes adaptadas ao próprio ambiente natural, isto sem contar com a significativa redução da biodiversidade do cerrado, estimada em cerca de 5% da mundial.

Na década de 70 o governo mineiro concedeu muitas áreas de propriedade estatal para empresas reflorestadoras, o que contribuiu para o êxodo rural. O carvão vegetal foi explorado em áreas de expansão da fronteira agrícola e intensificou-se no decorrer do período, principalmente em função do parque siderúrgico. As matas nativas do Norte de Minas já em 1970 passaram a ser inteiramente exploradas para a produção de lenha e carvão, incentivada pela quantidade de terras disponíveis, aliada aos incentivos governamentais.

O reflorestamento/eucalipto provocou a desarticulação e desmembramento de pequenas unidades produtivas, uma vez que eram os grandes empresários urbanos e rurais responsáveis pela atividade, e ele também representou a penetração de grandes empresas em áreas devolutas.[50]

---

[49] O projeto Jaíba está localizado no município de Jaíba (MG), nas margens do Rio São Francisco, e é considerado o maior projeto de irrigação da América Latina, projetado para irrigar 100 mil hectares, passa por dificuldades de produção. (IBAMA/MMA, 2002).

[50] Terras devolutas: "como sendo aquelas espécies de terras públicas (sentido lato) não integradas ao patrimônio particular, nem formalmente arrecadas ao patrimônio público, que se acham indiscriminadas no

O número de proprietários de terras no Norte de Minas foi maior em relação a outras regiões do Estado, o que não aconteceu em relação à ocupação. "Verifica-se, portanto, uma distribuição assimétrica entre o número de estabelecimentos e a área correspondente, o que demonstra uma forte concentração de terras", (RODRIGUES, 2000, p.14).

O processo de concentração de terras refletiu no crescimento da principal atividade agropecuária da região: a pecuária bovina de corte juntamente com as atividades reflorestadoras. Paralelamente ao reflorestamento surgiu a modernização da agropecuária regional, dos projetos aprovados pela SUDENE, que contemplou grandes unidades produtivas, o que contribuiu para a concentração da posse de terras. Em estudo da Fundação João Pinheiro, em 1990, o Norte de Minas continuou sendo caracterizado como "espaço econômico apoiado na pecuária de corte extensiva e por uma cultura calçada em produtos alimentares básicos" (FJP, 1990, p.53).

Os dados do Censo Agropecuário (IBGE) para a região verificou que dos estabelecimentos rurais existentes em 1996, 1.466 propriedades, ou seja, 77,33% são pequenas propriedades, ocupando uma área de 42.654 ha, equivalente a 19,77% da área total. Por outro lado, 430 grandes produtores ocupam uma área de 173.039, ha equivalendo a 80,23% da área total, sendo a média de área ocupada pelas grandes propriedades acima de 100 hectares.

A modernização proposta pelo Estado, que levaria ao desenvolvimento da região Norte Mineira, diminuiu a oferta de trabalho rural, aumentando os empregos temporários. A região passou a ser palco de conflitos constantes por posses de terras. As terras eram disputadas pelos trabalhadores e também pelos grileiros que possuíam muitas vezes apoio do Estado.

Cada vez mais os minifúndios, propriedades de pequeno porte que utilizam mão-de-obra familiar, não conseguiam conviver com os grandes latifundiários, responsáveis pelos grandes projetos do território Norte Mineiro. Os grandes latifúndios ocuparam, principalmente, as chapadas, terrenos planos propícios à mecanização agrícola. Para o

---

rol dos bens públicos por devir histórico-político". STEFANINI, L. de Lima. **A Propriedade no Direito Agrário.** 1 [a.] Ed. São Paulo. Editora Revista dos Tribunais, 1978.

sertanejo, sobram as encostas e os vales dos rios, de onde, com muita dificuldade, tiram o seu sustento e o de suas famílias

Para se ter uma visão dos problemas ambientais causados pelo desmatamento e reflorestamento, vemos que "a degradação ambiental no período de 1985-1989 chegava à cerca de 990.000 hectares", (OLIVEIRA, 2000,p.33). As carvoarias também trouxeram grandes problemas sociais para o Norte de Minas, como o trabalho infantil e as péssimas condições de exercício do trabalho que famílias inteiras encontravam nos fornos de carvão.

Em relação ao setor industrial**,** é a partir da década de 60 que se verifica o grande impulso no Norte de Minas, por meio de planos diretores que previam criar infra-estrutura econômica, investir no setor de transporte, aumentar a oferta de energia, água e saneamento e disponibilizar um grande número de empresas para alguns municípios da região.

Nos anos 80 o setor secundário passa a ter mais importância econômica regional que o setor primário. Os municípios que constituíram os maiores pólos industriais foram Montes Claros, Pirapora, Várzea da Palma e Bocaiúva. A industrialização proporcionou o processo de urbanização. E a urbanização modificou e incrementou a dinâmica da população do rural para o urbano.

A modificação produtiva provocou a busca de novos locais de destinos. Novos pólos de atração surgiram, localizados tanto em novas cidades da fronteira agrícola, quanto pela redefinição econômica e ampliação da prestação de serviços em cidades de porte médio do interior dos Estados brasileiros. Estes núcleos urbanos surgem compondo um novo cenário de oportunidades e melhor qualidade de vida; algo que antes se restringia, segundo o senso comum, às metrópoles e às principais capitais dos Estados mais industrializados.

O IDH - Índice de Desenvolvimento Humano do Estado de Minas Gerais é considerado como de faixa média de desenvolvimento, embora o Norte de Minas apresente-se como de baixo desenvolvimento.[51] Os dados confirmam a permanência da

[51] Consultar REIS. Geraldo, In: SANTOS, Gilmar. *Trabalho, Cultura e Sociedade Norte /Nordeste de Minas.* Montes Claros: BEST, 1997, p.57.

região entre as mais pobres do país. Os projetos direcionados pelo Estado em parcerias com organismos internacionais não modificam integralmente as estruturas sociais tradicionais. Considerando Celso Furtado (1981), é necessário entender as causas, para se atuar criticamente no local, percebendo todas as dimensões globais dos fenômenos sociais. Porém, alguns aspectos de desenvolvimento regional devem ser ressaltados, como o avanço significativo que o Norte de Minas experimentou com relação à expectativa de vida.

O estudo da Fundação João Pinheiro demonstra que o Norte de Minas continua a ser uma região com disparidades em relação às outras regiões do Estado, embora haja significativas melhoras de indicadores sociais a partir de 1970. Nesse período diminui a mortalidade infantil e, conseqüentemente, cresce a expectativa de vida. Entre 1960-1970 o habitante na região vivia em média apenas 56,2 anos e, na década seguinte, 63,7 anos; uma esperança de vida superior à média do Nordeste (59,1 anos).

As diferentes formas de existir na sociedade do capital, marcada pela delimitação do território, pela expropriação da terra e das condições de trabalho onde os antagonismos são presentes e constantes, promovem o desenraizamento das culturas, tornando aquele que é 'do lugar", um "estranho" em sua própria casa.

> O lugar se transforma pela práxis dos homens, que são totalmente alienadas ao capital, mediante a ideologia de uma sociedade urbana, mundializada, tecnificada e ilusoriamente 'promissora'. Modifica-se o homem, modificam-se o lugar, modificam-se os cenários, as paisagens, enfim, a relação entre e com a natureza, (PAULA; BRANDÃO, 2006, p.116).

Atualmente vivem no Norte de Minas cerca de 2.595.750 pessoas de acordo com dados do IBGE/Censo 2000. Uma mistura de grupos indígenas, negros, afro-descendentes, mestiços, europeus que formaram uma cultura multifacetada com diversidade de costumes e hábitos. Brasileiros que constituem uma pluralidade de costumes, valores e crenças, que é fator de aproximação de todos os habitantes do cerrado: a cultura. Uma forma de resistência, persistência de um povo que, como disse João Guimarães Rosa, é *forte e guerreiro*.

1.7 A representação dos sertanejos e ribeirinhos.

A população sertaneja criou uma vivência social intensa entre os grupos sociais locais, caracterizando uma forte cultura de costumes, cânticos e cantigas religiosas, promessas e perseverança popular. A articulação de relações internas nas comunidades, povoados, vilas e depois nos municípios estabeleceu uma organização social, espacial, econômica dentro da própria região. Os povos que aqui se fixaram foram constituindo um modo de vida singular entre e com o ambiente.

Os modos de vida foram sendo formados nas trocas e junção das estações das águas e das pessoas nos caminhos conhecidos e novos do viver sertanejo em beira rio. O ir e vir de pessoas e coisas acontecia através do gado e do rio. A terra e a água foram os elementos constitutivos dos modos de vida e trabalho dos sertanejos ribeirinhos.

Na diversidade dos espaços sertanejos havia também uma diversidade de pessoas que nas bandas, nas margens do rio, fizeram a vida. Afirmou o vaqueiro Manuelzão:

> Tantos sendo: vaqueiros, as famílias; barranqueiros vazanteiros, veredeiros, geralistas, chapadeiros, total das mulheres e crianças; moços e moças; ramo de gente da outra banda do Rio; catrumanos de longe. Os amigos dos vaqueiros, os parentes. Os do mundo, (JGROSA, 1984, p.200).

Vindos do meio rural para as cidades, os homens recebiam denominações especificas dependendo do lugar aonde se encontravam: *Catrumano* em Januária, *roceiro ou capiau* na cidade de Pirapora, *geraizeiro* se vivia na chapada e era catador de frutos do cerrado, *barranqueiro* quando vivia no barranco na beira do rio. *Beiradeiro e ribeirinho* eram as designações mais comuns para os habitantes nas margens do São Francisco, e *sertanejos* para os habitantes que viviam mais distantes das margens.

1.7.1 Os homens da terra: vaqueiros, jagunços, sertanejos.

Manuel Diegues Júnior (1960) fez um ensaio de classificação cultural do Brasil, a partir de regiões culturais. O autor retrata, as regiões culturais como: “espaços territoriais

definidos por certas características que dão unidade de idéias, de sentimentos, de estilos de vida a um grupo populacional" (DIEGUES JÚNIOR, 1960, p. 7). Ressalta que o vaqueiro foi o tipo humano mais característico do sertão, sendo elemento social fundamental para a formação da sociedade sertaneja. E foi a partir do vaqueiro que aos poucos surgiram na paisagem outros personagens como lavrador, beiradeiro, etc.

As boiadas foram o principal objetivo dos vaqueiros nas idas e vindas para buscar e entregar gado, entre fazendas, cidades da região. "Boiada e mais boiada e mais boiada - passava adiante. Ô mundo grande *Minrréis, mirigôis*!... Até a gente..." (JGROSA, 1984, p.167, grifos do autor) relatava o vaqueiro Manuelzão. As boiadas eram tangidas por homens vestidos de couro que no início do século XVIII ocuparam a paisagem sertaneja, eles tinham o cavalo como principal aliado

Os vaqueiros, tropeiros, agregados e boiadeiros são exemplos de homens que povoaram o Vale do São Francisco através dos caminhos de terra. Os camponeses eram os agregados, camaradas, vaqueiros e tropeiros dos grandes proprietários de terra, fazendeiros e/ou coronéis que constituíram a história do Médio São Francisco. Os agregados residiam em terras da fazenda, em pontos mais distantes da sede, e ajudavam a cuidar do rebanho, cumpriam funções de feitores e capatazes ou empenhavam-se no trato da lavoura (Silva,1997).

Os tropeiros, segundo Neves (2006), eram camponeses que conduziam do campo para a cidade tropas de animais de cargas com fins de comercialização. Entre o campo e a cidade, esses camponeses ao longo do caminho realizavam a comercialização de mercadorias como carne seca (salgada), couro, querosene, sal, entre outros produtos. Eram também mensageiros oficiais, portadores de bilhetes e recados, aviavam mercadorias encomendadas e receitas.

O fazendeiro era criador de gado, que fazia o pagamento dos vaqueiros através das "quartas" ou "quintas", ou seja, para cada quatro ou cinco cabeças cuidadas do rebanho, uma ficava para o trabalhador. Havia outras formas de pagamento como lavouras em terras de vazante, a criação de pequenos animais em áreas cedidas pelo proprietário da fazenda.

O aumento de currais na região e a criação de gado na larga (em campo aberto) fizeram com que o número de vaqueiros do século XVII até a metade do século XX aumentasse consideravelmente. A cultura do vaqueiro possuía características que perpetuaram no sertão: as vestimentas de couro, o aboio, as boiadas, o cavalo. Uma vida difícil e carregada de trabalho entre longas distâncias. "[...] Mas a roda da vida empuxava. Carecia de estreitar os desejos, continuar seus caminhos. O destino calça esporas," (JGROSA, 1984, p.188), é a verdade do velho vaqueiro Manuelzão.

> Manuelzão: sua mão grande. Sua Porfia. Pois ele sempre ali usara um viver sem pique nem pouso - fazendo outros sertões, comboiando boiadas, produzindo retiros provisórios, onde por pouquinho prazo se demorava – sabendo as poeiras do mundo, como se navega." (JGROSA 1984,p.151)

Personagem central da novela "Uma Estória de Amor" (Festa de Manuelzão) de JGROSA, Manuelzão foi primeiro cozinheiro de tropa e depois vaqueiro até se aposentar. Foi ele um típico vaqueiro desse sertão. Foi chefe da "comitiva de boiada" em que viajou João Guimarães Rosa em 1952. Viveu o tempo de grandes "feitos" e grandes comitivas de boiadas para os vaqueiros e viveu também os tempos de troca dos vaqueiros pelos caminhões. "*O cerrado e o sertão acabaram. Só tem eucalipto, onde não há vida. É um deserto verde.*" Falava Manuelzão em entrevista em 1993 ao Jornal Folha de São Paulo. Costumava questionar *"quero ver, pra comer só vai sobrar carvão"*. Realizou um grande desejo que era conhecer São Paulo. Faleceu aos 92 anos em 1997, foi enterrado no distrito de Andrequicé, no município de Três Marias, em terras de beira sertão onde vivia.

As Cantorias, as contações de causos e as danças eram parte do cotidiano desses homens que em comitivas, em grupos, faziam as idas e vindas no sertão para levar e buscar as boiadas nas fazendas e nas estações de trem de ferro. O vaqueiro era conhecido como um homem rude e sensível, que sabia lidar com o ambiente natural e que encontrava na natureza os remédios, os alimentos e a própria forma de fazer a vida.

> "*Lá chove, e cá corre. Eh mundão! "Quem me mata é Deus, quem me come é o chão!...*"– Como no truque. Arre, o ruim, o duro da vida, é a da gente... Não se destroca. Tudo tinha de ir junto. Como no canto do vaqueiro:"- Eu mais o meu companheiro Vamos bem emparelhado: Eu me chamo Vira-Mundo e ele é Mundo-Virado..." (JGROSA,1984,p.170)grifos do autor.

Muitos vaqueiros também foram jagunços. O homem que perseguia os bois, que cuidava das roças transformava-se em um guerreiro. Não só vaqueiros, mas pescadores,

agregados, eram transformados em guerreiros chefiados geralmente pelos donos de fazenda a quem deviam total lealdade. Os jagunços eram empregados dos coronéis de terra e gado. O chefe era temido e sob seu mando os homens agrupados guerreavam por território e honra.

> Jagunço podia? Jagunço – criatura paga para crimes, impondo o sofrer no quieto arruado dos outros, matando e roupilhando. Que podia? Esmo disso, disso, queri,por pura toleima; que sensata resposta podia me assentar o Jõe, broeiro peludo do Riachão do Jequitinhonha? Que podia? A gente, nós, assim jagunços, se estava em permissão de fé para esperar de Deus perdão de proteção? Perguntei, quente.- "Uai?! Nós vive..." – Foi o respondido que ele me deu. (JGROSA, 1986, p.191)

A narrativa acima é do ex-jagunço Riobaldo que é o protagonista do romance Grande Sertão: veredas e retrata a preocupação em querer ter o perdão de Deus. A resposta que ele obtém mostra o caráter ambíguo do ser jagunço. O homem que mata, rouba e tortura é o mesmo que doa, protege, ama. Uma ambivalência entre Deus e o Demo.

"[...] Ninguém nunca foi jagunço obrigado. Sertanejos, mire veja: o sertão é uma espera enorme" (JGROSA, 1986, p.509). Confirma Riobaldo, demonstrando que os jagunços do seu bando estavam em guerra pelo querer e acreditar nas causas e necessidades determinantes das lutas. Em bando eles vão vivenciando nas trilhas e caminhos pelo sertão as proezas e feitos de guerra, de amor, das incertezas da vida e da necessidade de muita coragem para seguirem sendo jagunços. Sempre agindo em grupo e em favor dos mais pobres e fracos, Riobaldo vai delimitando a oposição entre os grupos dos jagunços de um lado e dos coronéis de outro.

Como afirmar Lins, "Ser jagunço não é ser cangaceiro" (LINS, 1983, p.97-98), explicitando que o sertanejo que possui uma arma de fogo, um punhal e está sempre pronto para lutar por um amigo sem necessidade de recebimento de recompensas ou salário é totalmente diferente da representação do cangaceiro que vivia sem lugar certo e praticando crimes através de assaltos nas estradas e casas.

Os delitos cometidos pelos jagunços eram associados com honra e vingança, uma forma de fazer a própria justiça. Exemplo de um jagunço que existiu na região está na história conhecida de Antonio Dó, coronel na cidade de São Francisco. Citado pelo ex-jagunço Riobaldo, Antônio Dó espalhou fama pelo Norte de Minas no início do século

XX enquanto fugia da polícia e de fazendeiro inimigo. Ele perdeu gado e parentes em brigas de terras e resolveu reunir vinte jagunços e fazer vingança.

> Recrutou um grupo de homens que, a partir de então, passou a seguí-lo e juntos fizeram "justiça com as próprias mãos". Durante dezenove anos, Antônio Dó percorreu o Norte de Minas, Sul da Bahia e Sul de Goiás. [...] Antônio Dó foi assassinado, em 1929, por um membro de seu bando, que acreditava que seu líder possuía uma garrafa cheia de diamantes (RODRIGUES, 2005, p.4).

A vida desses homens nas terras do sertão passou pelas mesmas transformações que o cerrado. Com o fim da criação de gado na larga, o caminhão passou a buscar o gado no curral e a extinção dos trens de ferro e dos vapores praticamente extinguiu a profissão do vaqueiro. "*Tinha carro de boi que ajudava. Hoje é o carro (caminhão) que "puxa" os bois. E boiadeiro, vaqueiro, daqueles de comitivas, que levavam os bichos no grito e no laço, por dias e dias, é coisa que não existe mais."* Diz Seu Zé Vicente Barbosa, sitiante no meio rural de Cordisburgo, relatando com nostalgia os tempos que encontrava com boiada de 200, 400 cabeças de gado nas estradas.[52]

Os jagunços ainda persistem na região, mas no presente são movidos não pelos valores humanos, mas pelos valores do capital, porém ainda chefiados pelos "coronéis" de terra.[53]

Os camponeses de beira rio e beira sertão seguem sobrevivendo, agregados, camaradas viraram assalariados ou sem-terra, migrantes sazonais, bóias-frias, muitos seguem fazendo viagens, fazendo travessias pelas cidades e regiões para trabalhar. Muitos retornam e já não encontram seus lugares como deixaram, as dificuldades são imensas, os espaços são delimitados, os tempos regulados. Devastaram-se as terras e os homens.

---

[52] Narrativa apresentada aos participantes da Comitiva Sertão das Gerais- Verde e Rosa. Alfredo Dures.

[53] "Fazenda Capão Muniz – Brejo dos Muniz, município de Rio Pardo de Minas. Esta área esta em litígio já há bem tempo, com processos no Judiciário e no ITER - Instituto de Terras de Minas Gerais, órgão subordinado a Secretaria Estadual de Reforma Agrária de MG. Neste domingo, 26 de abril de 2009, por volta de 01h30min da madrugada, o acampamento foi invadido pelos fazendeiros Mário Nascimento, Geraldo Ângelo de Oliveira, seu filho Renilson, outro apelidado por Chupinha e ainda Robson, apelidado por Birro, irmão de Mário. Esses mandantes e executores acima citados estavam acompanhados de 30 pistoleiros que chegaram ao acampamento disparando armas de fogo e bombas e agredindo violentamente com paus, ferros, facões e serrotes as 33 famílias que estavam ali no momento. Montes Claros, 30 de abril de 2009. Informações da Comissão Pastoral da Terra de Minas Gerais –." Disponível em. http://www.mst.org.br.Acesso em. 24 de outubro de 2009.

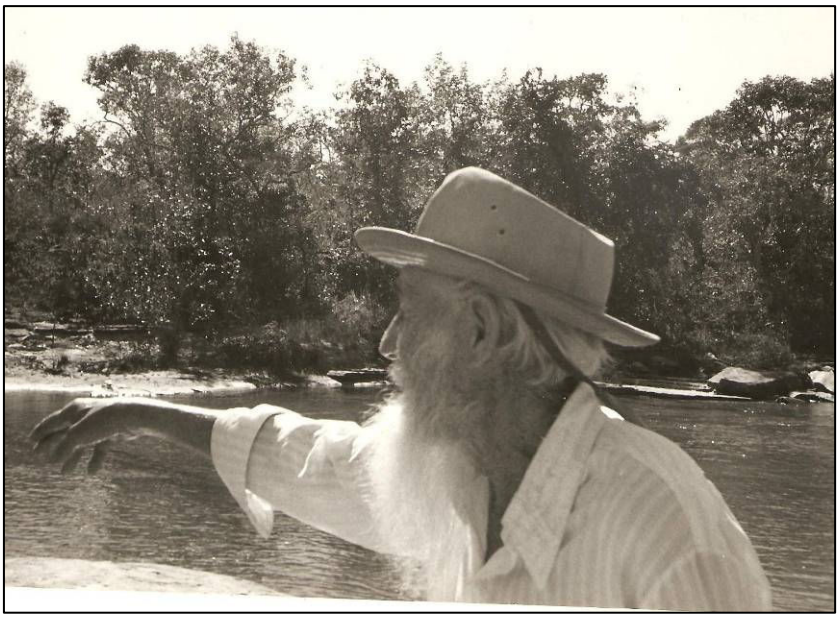


Foto 3: Vaqueiro Manuelzão (1989)
Autor: Carlos Rodrigues Brandão (1989)

1.7.2 Os homens do rio: remeiros, pescadores e ribeirinhos.

O viajante inglês Richard Burton disse no século XIX referindo-se aos homens da beira do São Francisco que: "Todos os homens desta região são mais ou menos "anfíbios"; a canoa, como dizem, é o seu cavalo". (1977, p.173). A canoa do tipo indígena (feita com um único tronco escavado) era a que predominava na região, depois foi substituída pela canoa de origem européia (construída com tábuas com que formam o casco e as laterais e as fendas são vedadas com resina). As balsas, barcas, gaiolas (vapores) foram sendo incorporadas ao rio ao longo do tempo e de acordo com as necessidades crescentes de transporte de mercadorias, animais e pessoas, do final do século XIX e até a metade do século XX.

Os camponeses que viviam da pesca e da agricultura de vazante tinham a canoa como seu instrumento de trabalho. Eram com a canoa que os ribeirinhos encontravam os melhores lugares para a prática da pesca, designados como *os pesqueiros,* e servia também como forma de transportar os produtos excedentes da agricultura e o pescado para as feiras no meio urbano. Eventualmente faziam o transporte de pessoas em pequenas distâncias no São Francisco, na travessia entre as margens e nos seus afluentes.

> O camponês que plantava no "lameiro" utilizava a canoa para, no período de vazante, ir até as ilhas onde fazia o plantio das roças. Em tempo de colheita, a canoa era utilizada para levar o produto à cidade, visando a comercialização – aos mercados, às vendas e às feiras. Vale esclarecer que "lameiro é uma categoria êmica, pertencente à cultura do camponês ribeirinho, designando o solo das ilhas fertilizado naturalmente pelas enchentes do São Francisco. (NEVES, 2006, p.136).

Grande número de camponeses se dedicava à pesca no São Francisco, nos seus afluentes e nas lagoas marginais, Neves (2004, p.21) afirma que os pescadores ribeirinhos eram também os camponeses da agricultura de vazante e das roças de subsistência. Eles se dedicavam a várias modalidades de pesca, herdadas dos índios. As mais comuns eram *a pesca de chuço, arco-e-flecha, jequi e tinguijada*. A praticada nas lagoas era a *tinguijada* que consistia na matança predatória dos peixes através da raspa de *tingui* uma árvore comum da região. O *jequi* era um cesto de cipó com boca estreita que era colocado em trechos de correnteza e o peixe que descia o rio entrava no cesto e não conseguia sair. O *chuço* era utilizado para a pesca em lagoas e era confeccionado por uma ponta metálica presa a uma vara. O *arco-e-flecha* eram diferentes do confeccionado pelos indígenas por possuir uma ponta de ferro.

Para a pesca de peixes maiores como surubim e dourado os pescadores ribeirinhos utilizavam uma corda de onde saiam linhas com chumbadas e anzóis, chamada de *grosseira*. Amarrada em árvores ou arbustos a *grosseira* era colocada nos córregos na margem ou ficava presa a uma cabaça,[54] ou uma pedra grande no São Francisco e nos seus afluentes grandes. Os pescadores pescavam em grupo e quando iam pescar sozinhos utilizavam dois tipos de rede, *a tarrafa e a manjubeira*. As duas eram confeccionadas da mesma maneira e se diferenciam no tamanho.

O peixe era comercializado nas feiras e nos portos. Muito comum na região era a prática de salgar o peixe e depois colocá-lo para secar ao sol. "O transporte do peixe seco – como era conhecido na região - ficava a cargo das tropas de animais de carga", (NEVES, 2004, p.76).

Canoeiro, passador, remeiro, barqueiro, vapozeiro foram designações feitas aos homens que tiveram suas vidas vinculadas ao trabalho de transporte dentro do rio. O

[54] Cabaça: fruto oco de casca dura que nasce de uma trepadeira da família das cucurbitáceas; porongo. No Rio São Francisco, é utilizada como bóia nas atividades de pesca e para fazer cuias de uso doméstico. (NEVES, 2004, p.21)

canoeiro era o homem da canoa que podia também ser um pescador camponês. *Passador* era aquele que fazia a travessia de pessoas, cargas e animais de uma margem para outra no São Francisco. Embora muitos pescadores também fossem identificados como passadores porque faziam eventualmente a travessia de pessoas entre as margens. *Remeiros* eram os trabalhadores das barcas de figura (embarcação que tinha uma figura de monstro, ou de animal ou de gente na proa) e de barcas de madeira.[55] No livro Carrancas do São Francisco, o historiador Paulo Pardal citou três motivos para a utilização das carrancas (as figuras) nas barcas: o prestígio que a carranca poderia conceder ao proprietário da barca, a concorrência comercial quando a carranca chamava a atenção para a barca de transporte e, por fim, a conotação mística.



Foto 4 **Barcas no São Francisco em Pirapora**- 1940
Autor; Arquivo Eduardo Hatem (2005)

Barqueiros eram os proprietários das barcas. Eles eram comerciantes ambulantes que faziam o transporte a frete e contratavam os remeiros, para fazerem uma viagem redonda, ou seja, ida e volta ao porto do destino da embarcação. Os *vapozeiros* eram os tripulantes das embarcações maiores que eram responsáveis pelo transporte de mercadorias e de passageiros nos vapores no rio.

[55] [...] expressão amplamente utilizada até os anos de 1940-1950 para designar as figuras em forma humana, de monstro ou de animal que identificavam as barcas onde trabalhavam os remeiros. [...] O termo carranca, cujo uso difundi-se mais recentemente, refere-se também as antigas figuras de proa, mas diz respeito, sobretudo ao artesanato, que, seguindo as tradições das esculturas em forma de monstro, serve na atualidade para decorar residências e escritórios, (NEVES, 2004, p.30)

O declínio da navegação provocou a extinção de várias profissões dos homens do rio. Não há mais vapozeiros nem remeiros na ativa, vivem hoje na memória dos velhos aposentados em cidades de beira rio da região. Ainda temos pescadores, canoeiros dentro do rio, mas são poucos. O rio e os pescadores viram suas vidas modificadas. Águas foram represadas, pescas foram regulamentadas e os tempos e os espaços no rio para a pesca determinados.

> Matar a cegueira do cadáver e tentar descobrir o milagre do peixe são termos que saem fáceis da boca do pescador Deusdedith de França Antunes, 70. A voz é cantada, o corpo está encurvado pelos anos e pelas noites consecutivas à caça dos misteriosos animais. "*A gente nasce, cresce e não descobre o milagre do peixe. Ele surge no meio do rio*", diz, referindo-se à incerteza característica desse tipo de atividade. A pesca é sua fonte de rendimento desde que ele tinha 12 anos, quando ainda vivia em sua cidade natal, Pilão Arcado-(BA). Antunes nem se lembra do número de cadáveres que retirou do fundo do São Francisco. "*Aqui não tinha Corpo de Bombeiros e o pessoal era cismado. Eu não. Acredito que a gente só é diferente porque tá vivo*." Os cadáveres, muito mais de 50, segundo sua soma, apareciam em diferentes estados e tipos: "*de empresário a cachorro*". Longe do rio, só 90 dias trabalhando em Belo Horizonte. *"Ficava servindo cafezinho, subindo e descendo no elevador com a bandeja, mas aquilo não era vida nada*." Deusdedith Antunes fala e anda com calma, e sabe esperar. "Fico umas duas horas no rio. Mas se não dá nada, o melhor é voltar para casa", ensina. Ele diz não duvidar porque sabe que a natureza é "muito bem organizada". Curimatã, piau canudo, matrinxã, surubim, dourado. As espécies que o rio abriga naquela região são variadas e valorizadas. Em Pirapora, o pescador recebe de R$ 10 a R$14 pelo quilo de surubim. Fonte: (Relatos feitos a Bianca Melo para o jornal O Tempo, de Belo Horizonte, publico em reportagem especial do jornal O Tempo, MG - 23/09/2007).

Percebemos que os sertanejos faziam e fazem distinção entre o lugar de vida e o lugar de trabalho. O *lugar de trabalho***,** hoje, pode ser os canaviais do interior de São Paulo, lavouras de café, de soja e de algodão no Triângulo Mineiro, subempregos de indústrias em cidades de porte médio dentro da própria região, como Montes Claros, e mesmo no sertão trabalhando como bóias frias. O *lugar de vida* é o sertão, a Folia de Reis, o Lundum, o caboclo d'água, as lendas, mitos, tradições e práticas na beira do Velho Chico**,** nas pequenas cidades nas margens do rio, nas comunidades tradicionais nos municípios, na percepção da natureza que permeia e faz parte da vida de homens e mulheres.

> O Sr Anarciso Lucio mora na comunidade São Pedro, na área urbana de Buritizeiro. Tem 42 anos e há 30 anos é pescador. Sempre pescou no Rio São Francisco, que chama de Velho Chico. Ele relata que sobrevive exclusivamente da pesca. É pescador profissional, possui carteira profissional, participa da Colônia dos pescadores e recebe, na época da Piracema, o seguro-pesca. Entre os peixes mais tradicionais pescados em Buritizeiro ele cita o surubim, o

> dourado, a traíra e a matrichã. Conta que entre os pescadores próximos ou parentes, funciona o sistema de horário no rio, que trata da propriedade comum, que segundo Thé (2003), é um conjunto de normas ou direitos estabelecidos por uma comunidade para relacionar-se ao uso de um recurso comum. Em Buritizeiro, existem 04 lugares nas corredeiras do rio, onde ocorre o sistema de propriedade comum, são eles denominados: Cabeça do rego, Toma Banho, Pedra do descanso e Barbaio. Em cada um deles existe um grupo de pesadores que possuem o direito ao acesso e ao uso em horários pré-estabelecidos.[56]
>
> "*Conseguir meu horário com muitas lutas, muitos gritos. Não herdei, comprei meu horário na Pedra do descanso*. Dizem que foi senhor Barnabé Martins que organizou a tradição do horário de pesca no rio, para organizar porque todos de uma vez só assustavam os peixes e ninguém pegava nada. E que com os horários os peixes podiam descansar. *Meu horário começa às 5 da tarde. Tempo de peixe graúdo é com água suja, tem que ter sorte de ter arribação. E claro sempre depende das fases da lua. Com a lua cheia é melhor, porque se a lua for minguante os peixes não caminham*".
> As águas são a ligação do homem ribeirinho com o imaginário através de mitos e lendas como caboclo d'água, a mãe d'água, a proteção das carrancas na proa do barco para evitar maus espíritos e trazer boa pescaria. Mas as águas do rio são principalmente o espaço de produção para o desenvolvimento da pesca, o meio de produção para os pescadores que baseados em saberes tradicionais permitem a sobrevivência das muitas famílias ribeirinhas. A utilização da natureza pelos sujeitos desses relatos demonstra que a forma de apropriação dos recursos por meio do trabalho familiar e pelo uso comum da terra e da água, representa a reprodução material e cultural da interação homem e natureza. (DE PAULA, Andréa M. N. R. 2006, p.)

Os sertanejos e sertanejas entre as travessias nas margens deste rio vão se esvaindo dos sonhos. As tradições modificadas na margem do São Francisco pela modernidade dos tempos transformam lugares de vida em espaços de trabalho. Modificam lugares em espaços de não-lugares[57]. Mundos diversos que acontecem no sertão, entre secas, dejetos de grandes empresas, grandes projetos de irrigações, e na persistência da fé dos barranqueiros a continuarem acreditar na esperança pelo sertão.

> Tempos foram, os costumes demudaram. Quase que, de legitimo leal, pouco sobra, nem não sobra mais nada. Os bandos bons de valentões repartiram seu fim; muito que foi jagunço, por aí pena, pede esmola. Mesmo que os vaqueiros duvidam de vir no comércio vestidos de roupa de couro, acham que traje de gibão é feio e capiau. E até o gado no grameal vai minguando menos bravo, mais educado: casteado de zebu,desvém com o resto de curraleiro e de crioulo. Sempre, nos gerais, é à pobreza, à tristeza. Uma tristeza que até alegra. (JGROSA, 1986, p.17)

[56] Para maiores informações ver: THE, Ana Paula G.Tese de Doutorado, UFSCAR, 2003, p.70.
[57] A utilização do termo não-lugar reporta-se a Paul Claval, citando Augé,1992; Relph,1976 e em 1981. [...] em face a estas áreas onde só se lêem geometria as mais frias, os grupos acham-se esvaziados de conteúdo. Eles não conseguem se enraizar ao território para construir suas identidades, (CLAVAL, 2001, p.318).

1.8 Travessiando

As representações que apresentamos brevemente demonstraram tempos e espaços da constituição do território norte mineiro. Raffestin (1993), para definir a categoria território, faz primeiro a distinção entre este e o espaço, e afirma que é o agente, o sujeito social que irá se apoderar dele. "Ao se apropriar do espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator "territorializa" o espaço," (1993, p.143).

Foi na busca do território que europeus, viajantes, homens cativos e livres vieram para o sertão e produziram suas representações. Para os europeus lusitanos a vastidão das terras, ouro e gado eram a produção e reprodução do capital. Para os viajantes do século XIX as minuciosas descrições dos recursos naturais que realizaram, serviriam para o progresso através da ordem e da re-produção da ciência e do capital. Os povos nativos viram suas representações simbólicas, naturais e do real serem drasticamente extintas e/ou modificadas.

As mobilidades das populações locais aconteciam para dentro do sertão, os povos nativos moviam-se para as beiras de rio e do sertão. Com a presença dos europeus, bandeirantes, fazendeiros, enfim, os "forasteiros" ocorreram modificações na mobilidade, não mais para o interior para dentro do sertão, mas para fora da região. Concordamos com Moraes (2000), que nos seus estudos confirmou que foi a modernização agrícola que causou o desencantamento do sertão e o aparecimento do cerrado. O sertão foi associado como atrasado, tradicional, e a modernidade é associada ao cerrado e aos planos e políticas do estado que promoveram o capitalismo rural através do *agrobussines.*

Mas é na pluralidade dos espaços-lugares do e no sertão e da sua população que podemos pensar em formas peculiares e simbólicas de vida social que continuam caracterizando a região, cidades e comunidades tradicionais como "sertaneja", "barranqueira", "ribeirinha", "geralista", e da mesma maneira, uma cultura do sertão, do cerrado, sertaneja, já apontada e descrita por Costa (1997). Finalmente, ser do sertão caracteriza pessoas e grupos sociais que se auto-identificam ou são qualificados como "sertanejos", "pessoas do sertão", "habitantes do sertão", "povos do cerrado".

As populações do sertão do cerrado diferem-se de diferentes maneiras. E toda a literatura Roseana é uma bela imagem de grafia disso. Onde um olhar apressado veria apenas "sertanejos", havia ribeirinhos, barranqueiros, vazanteiros, geralistas, catrumanos. Onde os cenários do passado pareciam abrigar apenas fazendeiros pecuaristas, pequenos agricultores, pescadores, havia, como há ainda, e com mais variedades, homens livres e cativos, ocupantes de diferentes "territórios de sertão" e praticantes de modos de vida que vão do pescador tradicional ao carvoeiro e dele ao "irrigante" dos projetos como o "Jaíba" e dele aos acampados e assentados de Reforma Agrária.

Deste modo, seja como cerrado, seja como sertão, os territórios, os espaços e lugares, as paisagens e cenários, persistem e, como podem, se reproduzem através de antigas e novas alternativas de resistência à "chegada do estranho" (MARTINS, 1993). São esses "estranhos" que na maioria das vezes produzem grãos e números recordes de safras enriquecendo em tempos e espaços rápidos e voláteis a agroindústria globalizada e promovendo o empobrecimento e o desenraizamento das pessoas que ainda trabalham e vivem na terra, ou que migram "daqui para ali", ou "dali pra longe", em busca de qualquer trabalho. Damos voz novamente a João Guimarães Rosa, através do personagem Riobaldo: "O sertão não tem janelas nem portas. E a regra é assim: ou o senhor bendito governa o sertão, ou o sertão maldito vos governa... aquilo eu repeli?" (1986, p.437).

Disparidades dos mundos dos sertões que mostram e confirmam um "campo geral" de migrações. O sertão e o rio têm sido assim demarcados. Ribeirinhos, sertanejos, agricultores, camponeses que continuam a conviver entre a modernidade e a tradição, entre a opulência e a pobreza extrema, entre a seca e os grandes rios, o sertão é do tamanho do mundo.



Foto 5 – **Crianças na Barra do Pacuí (2007)**
Autor: Elisa Costa, Barra do Pacuí, 2007.

∞

SEGUNDA TRAVESSIA
"O sertão é do tamanho do mundo": sair do sertão e viver nele. Migrações sertanejas.

O sertão é do tamanho do mundo.
Agora, por aqui, o senhor já viu: Rio é só o São Francisco, o Rio do Chico. O resto pequeno é vereda. E algum ribeirão. (JGROSA, 1994, p.60).

2.1 O sertão é do tamanho do mundo.

E foi em outras paragens, longe das margens do rio, quem sabe? Além da terceira margem, que atravessei sertões, naveguei no São Francisco, descobri flores e ervas da minha terra, fiz travessias entre trilhas de fazendas, lugarejos, povoados e pessoas de sertão e no sertão. Descobri chapadões, campos gerais, veredas, buritis e mutuns.

Entendi que as águas de rios e corguinhos, cidades, povoados, buritis e veredas não são só cenários, mas são cenas. Adentrei em paisagens dos gerais de Minas que não conhecia. Participei de fragmentos da História e da Geografia do sertão mineiro no viver e conviver com as pessoas e os lugares. *Mas afinal o que é o sertão? Onde ele está? Quando se está nele?* Virei barranqueira, ribeirinha! Conheci a literatura de João Guimarães Rosa na Universidade. E entre as leituras de Grande Sertão: veredas, Sagarana e tantos outros livros do mesmo autor, compreendi que o sertão é do tamanho do mundo, o sertão é dentro da gente. E em toda parte. As metáforas criadas pelo autor materializavam-se em pessoas, territórios, paisagens, espaços e lugares por onde eu vivia, num pedaço do Norte de Minas Gerais. Vi o rural e a errância que caracteriza os personagens de João Guimarães Rosa permeando a vida dos sertanejos e das sertanejas.

Deste modo eu revi cenas da minha infância e do meu cotidiano nas estórias, nos personagens das novelas, dos contos e do romance sertanejo que João Guimarães Rosa entrelaçava nas suas aventuras literárias. Lembrei "causos" dos mais velhos, redescobri e me encantei com os conhecimentos da história social, biologia, e da geografia que aprendi na escola. Aprendi uma geografia do ambiente socializado, poetizado, onde bichos, plantas, homens, mulheres, árvores, rios, riachos, pedras, bois, veredas e seus pássaros e buritis são seres vivos, interativos e dinâmicos. Seres que fazem o espaço, criam e descrevem lugares, constroem e vivem a vida no e do ambiente.

Vi-me sertaneja em objetividade e subjetividade, nas interações da intersubjetividade, onde o que eu penso, escrevo, pesquiso, entretece as demonstrações legitimadas da minha instigação, criatividade e busca de perguntas e não de respostas prontas e vazias de sentido[58].

No entanto, eu estava para além da terceira margem, longe do rio a minha trajetória profissional e acadêmica aconteceu. Migrei para cidades diversas, afastadas do rio, mas no sertão. As razões de partir e migrar são diferentes, em épocas, em tempos e espaços plurais. Mas elas mostram e descrevem que o ir, partir, migrar é também uma forma de resistência. É todo um processo de luta de terras, das águas e da vida. É a migração um dos conteúdos da esperança da sobrevivência.

Sei que o sertão das minhas recordações, e mesmo do passado, também era, pouco a pouco dominado pelo capitalismo. No passado prevalecia também à lógica da propriedade privada e da exploração da mais valia, mais o que vivi e vivenciei em outros tempos não posso comparar com o que comecei a viver como profissional sertaneja.

Em 1987 eu me formei em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Montes Claros e em seguida, já em 1988, comecei a trabalhar com comunidades do meio rural dos municípios de Pirapora e Buritizeiro, através de um programa do Estado de Minas Gerais em convênio com o Banco Mundial[59].

O meu trabalho consistia em apoiar atividades produtivas junto aos pescadores, artesãos e agricultores. Todos os sujeitos considerados pelo Estado como populações rurais tradicionais ribeirinhas. Minha função era a elaboração de laudos de viabilidade social de pequenos empreendimentos de geração de renda de projetos públicos para as comunidades rurais. Fabriquetas de farinha, pequenas irrigações, eletrificação rural, máquinas de costuras para grupos de mulheres, equipamentos agrícolas para lavouras de agricultura camponesa, câmera frigorífica para conservação do pescado, eram algumas das demandas das comunidades, viabilizadas em reuniões locais com a presença da maioria da população reunida em associações comunitárias.

---

[58] [...] pensar a intersubjetividade como a única objetividade possível e deixar que todas as conotações emergem de um discurso que não se esforça para ser nada, a não ser pura expressão. Talvez seja essa a real diferença entre o teórico burocrata e um pensador realmente criativo (...). PINTO, Julio. p.92

[59] PAPP - Programa de Apoio ao Pequeno Produtor Rural. Através da SETAS- Secretaria de Estado do Trabalho e Ação Social de Minas Gerais, hoje SEDESE- Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social, Esporte e Lazer de Minas Gerais.

Quase tudo o que era demandado ao Estado através de projetos sociais era viabilizado por nós, os *técnicos de campo*. Fazíamos os projetos, encaminhávamos as demandas comunitárias que eram disponibilizadas em tempo viável e sem necessidade de contrapartidas financeiras. Tínhamos a garantia da liberação dos recursos para as comunidades de forma ágil e certa, pois as políticas públicas com incentivo financeiro vindo do exterior e voltadas para região do semi-árido eram prioritárias para o governo.

O trabalho me levou a transitar novamente pelos sertões dos Gerais, e era já década de 90. Foi quando fui coordenadora do mesmo programa na região de Janaúba, onde já se alardeava o sucesso financeiro da fruticultura irrigada. Minha função era coordenar os técnicos de campo na execução do projeto em oito municípios: Riacho dos Machados, terra de algodão e mineração; Porteirinha, cultivo de algodão e frutas através da irrigação; Mato Verde, cultivo de algodão e cooperativa de leite e produção de queijos; Monte Azul, cultivo de mandioca e fava; Espinosa, última cidade de Minas antes da Bahia, onde havia muitos pequenos agricultores e propriedades pequenas com policultura regional; Varzelândia e São João da Ponte, área de pecuária extensiva e de conflito de terras com várias pequenas comunidades e extensas áreas sendo requisitadas e em processo de desapropriação para a Reforma Agrária.

Recordo duas grandes ocupações: Boa Sorte e Cachoeirinha, no município de Varzelândia. Rememoro algumas comunidades de negros e negras em São João da Ponte. Crianças e mulheres que entre risos e dentes claros abriam as portas de suas moradas para gente estranha como nós.

Vi, vivi, participei de modificações das paisagens, comunidades, pessoas que mostraram um sertão do tamanho do mundo. Nosso trabalho era avaliado por outros colegas em nível regional e central, respectivamente em Montes Claros e Belo Horizonte. E também pelos trabalhadores rurais da região através da representação dos sindicatos de trabalhadores rurais. Mas a avaliação mais esperada era feita pelos técnicos da Alemanha e Japão, do Banco Mundial. Em uma dessas visitas dos técnicos estrangeiros fomos questionados sobre a autonomia que representantes e comunidades rurais exerciam dentro das decisões do projeto. Fomos avaliados como bons gestores, mas com necessidade de capacitação para o gerenciamento empresarial voltado para a produtividade e gestões financeiras.

Entre tantos equipamentos e provocações de deslocamentos de pessoas e de coisas, fomos responsáveis por uma alternativa de "Geografia do Poder". Nela as relações com o governo e a vocação das comunidades não tinham conexão com as demandas e a mobilização e organização participativa foram ineficientes para a geração de renda e a promoção do rural. Foram muitos os equipamentos que anos depois vimos sucateados e/ou na mão de particulares.

Assisti distritos virarem cidades, vivenciei a alegria das pessoas diante de suas demandas atendidas, ouvi depoimentos de velhos, velhas, mulheres e homens jovens sobre a vida do rural. Para alguns, "*o desenvolvimento tinha chegado e a vida ia melhorar"*. Vi mulheres e homens sertanejos que debaixo de árvores fizeram escolas para crianças; vi fazendeiros fazerem estrategicamente em suas sedes de fazendas um único quarto na parte superior da casa para poderem atirar dali em agricultores. Vi também camponeses tomarem posse da terra e resistirem em partilhar lotes e realizar atividades comunitárias, após a compra da fazenda pelo INCRA[60].

Percebemos que nossa falha estava na organização comunitária. Começamos então a realizar pequenos e grandes encontros sobre a importância do estar junto, da associação e suas funções. Comecei a entender que as relações de poder modificam lugares, espaços e todos os seres vivos. Fiquei em "*um mundo muito misturado*" [61], lembrando uma expressão de João Guimarães Rosa. Pedi minha transferência para outra cidade, com a condição de que não exercesse a função de coordenação no projeto. Senti que tinha aos poucos me distanciado das pessoas e me aproximado das instituições. Comecei a observar a modificação da paisagem natural e humana numa dinâmica que deixava nossas idéias e valores repartidos e áridos como a terra do sertão.

Era 1995 quando casei e mudei para Montes Claros. Tempo de construir uma nova família e de novo mudava de cidade dentro do sertão. Continuei trabalhando no mesmo projeto, como técnica de campo no meio rural do município. Presenciei rodas de São Gonçalo, folias de reis, catopês e marujos, festa de São Benedito em comunidades rurais. Santa Rosa de Lima, Sambaíba, Olhos d'água, São Bento, tantas comunidades, e em quase todas um mesmo desejo entre as populações locais: "*ir para a cidade*". "[...] Cidade acaba com o sertão. Acaba?" (JGROSA, 1986, p.144)

---

[60] INCRA - INSTITUTO NACIONAL DE REFORMA AGRÁRIA
[61] "Ao que, este mundo é muito misturado..." (JGROSA, 1986, p.192).

Percebi que as imagens do ambiente que me fascinavam significavam o sofrimento de muitas famílias. Descobri que a paisagem entre aquilo que eu via e que a minha mente captava e interpretava através da minha socialização no mundo, revelava diferentes formas, conteúdos, rugosidades daquilo que eu considerava o meu real, o nosso real e o nosso imaginário. Formas e conteúdos que Milton Santos (2001) definiu como sistema de objetos e sistema de ações: como um espaço híbrido. Um espaço em que as rugosidades, aquilo que resta do processo de acumulação de coisas em substituição das outras formas de trabalho eram as variáveis do mundo vivido entre aquilo que considerávamos objetos, ações, técnica e tempo.

Entre aquilo que eu vi, vivi e que gostaria de ver ou imaginava ver um dia, havia uma multiplicidades de formas de olhar, de travessias em trilhas, desvios, caminhos dos outros sujeitos que viviam, faziam, sonhavam o sertão: o mundo vivido. E entre o sertão da ribeira e o sertão de dentro, deparei com antigos vaqueiros, pescadores, lavradores, camponeses meeiros e pequenos proprietários de terras, tornando-se migrantes sazonais, bóias-frias, carvoeiros, todos indo e vindo no mesmo caminho: *cair na estrada*. Novas formas de produção, velhas formas de relações de subordinação/dominação, e a crença daqueles que partem e daqueles que ficam, que o ir e vir era u*m jeito de ficar aqui, de não perder a terra, de a gente ficar na roça*.

As ações e práticas do cotidiano entre o mundo vivido por mim e o mundo vivido pelos outros e outras, que acompanhei nesses Gerais de Minas, aproximaram- me mais ainda da obra e dos personagens de João Guimarães Rosa. Reconhecia narradores de vida como Riobaldo; a consciência do destino para as populações locais na vontade de retornar ao passado como no conto Cara de Bronze; a esperança com o sertão, mas saindo do rural como em Miguilim, quando pela primeira vez ele colocou nos olhos de menino os óculos e disse na despedida que o Mutum era bonito.

Comecei a entender o significado e o significante, a forma e o conteúdo das palavras de João Guimarães Rosa como: *nonada, matula, matutar, travessia, pelejar, vivice, coragem, quotidiar, barranqueiro, sertão.* Elas representavam nas minhas percepções do mundo a ambigüidade necessária entre o devir e o porvir daquilo que eu relacionava como o real e aquilo que o outro e outra vivenciavam no real[62]. E, portanto, a

[62] Nonada: nada, coisa sem importância, p.354 Matula: alimento, provisão, p.325 Matular: comer, p.325. Travessia, longo trecho de caminho ermo. Palavra empregada em GSV com o sentido simbólico de vida, transposição de etapas. p.500 Pelejar: insistir, instalar com obstinação, p.378. Vivice: viveza, brilho, p.525.

vida. Reaprendi a importância dos rios, corguinhos, olhos d'água. O respeito pelo rio São Francisco que dividia o sertão e a vida no meio. A minha vida? A de quem? Sentimento de amor por rios, veredas, bichos, plantas, cerrado, sertão, gerais.

Mobilidades de personagens, o trágico e o engraçado, o sagrado e o místico, em espaços, lugares e pessoas, cenas e cenários que se sucedem e são, ao mesmo tempo, cenas-cenários entretecidos de vida própria, com nomes e com histórias que entrelaçam o ambiente natural e social como tecidos nos fios das redes dos pescadores, nas lavouras fartas de mandioca e melancia na beira do rio, nos bordados de flores e bichos, de vidas e cores das mulheres aqui no sertão. Sensibilidades da poesia e literatura, ao mesmo tempo, emoções e sentimentos do viver sertanejo, no criar, re-criar lugares no rural.

A minha experiência profissional em comunidades rurais foi aliada à minha profissão de docente na Universidade. Em 1999 comecei a ministrar aulas na mesma Universidade onde me formei: UNIMONTES.[63] Começava um novo ciclo de aprender e ensinar. As reflexões que fizemos nas aulas de sociologia sobre o rural e o urbano, a modernidade e a tradicionalidade guiaram à minha decisão de compreender melhor as migrações na região. E foi essa a minha pesquisa de mestrado concluída em maio no ano de 2003.

Nos vários depoimentos colhidos junto aos migrantes rurais em retorno um ficou e continua na minha memória: *"No campo é aquela estória que vai vim um programa assim, uma cesta de comida, na cidade é a realidade dura dos serviços no braço, na construção, mas a família viva, junta. É dona, de esperança a gente vive, de expectativa não"* [64].

As recordações e as lembranças que constituem o mapa da minha memória fazem as representações intersubjetivas e eu sigo cartografando as relações que vamos estabelecendo nos tempos e nos espaços, entre nós e o ambiente. A nossa relação com a realidade e o outro que a realiza. "A pergunta de Emawayish está hoje em toda a parte:

Coragem: ânimo firmeza, bela metáfora para sugerir altura, o vigor, a beleza das árvores, p.134. Quotidiar: seqüência dos dias, p.409. Barranqueiro: habitante ribeirinho do São Francisco p.65. Vereda: é um oásis. Em relação às chapadas, elas são as veredas, de belo verde-claro. p.521, sertão:espaço geográfico onde se realiza a travessia de Riobaldo como Jagunço, o espaço existencial onde se efetua sua busca do sentido da vida, e finalmente o espaço de construção lingüística em que se verifica a demanda da expressão poética,p.452.In: MARTINS, Nilce Sant'Anna. O léxico de Guimarães Rosa. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

[63] Universidade Estadual de Montes Claros.

[64] Conferir em: DE PAULA, A.M.N.R. A Integração dos Migrantes Rurais no Mercado de Trabalho em Montes Claros: A Esperança de Melhoria de Vida. Dissertação de Mestrado - IG/UFU-2003.

Que acontece com a realidade quando ela é despachada para o exterior"? (GEERTZ, 2002, p.171)

A representação da realidade revelou que o filete de água que um dia nasceu na serra, em outro transformou-se em cachoeiras de águas profundas, e também em um rio caudaloso, cheio, temido na minha infância e que agora continua chegando aos gerais, ao cerrado, como um rio tímido perseguido pela ganância dos homens que chamam o sertão de "áreas de produção". A constituição do sertão como áreas de produção destroem os modos de vida das populações locais, as safras de produção significa a reprodução dos modos de vidas urbanos em espaços demarcados, com uma população nativa sempre em mobilidade no sertão e fora dele em busca do moderno e da sobrevivência mínima.

A modernidade no rural foi transformando o cerrado de veredas com buritis em territórrios de "Nonada". As plantações extensas de soja, café, eucaliptos não matavam a fome do sertanejo, mas serviam como valor de mercado. O sertão que na minha infância e adolescência era a abundância e fartura nas hortas, nas lavouras de milho, feijão e nos peixes, foi se transformando entre os tempos acelerados dos imensos territórios de vazio. O que era e é plantado e colhido em grande parte não servia e não serve para alimentação das familias sertanejas ribeirinhas. Mas resulta nos valores de produtividade, produção nas bolsas dos mercados virtuais e espaços de fluxos. São os meios técnico-científicos informacionais modificando os espaços naturais em espaços artificiais, alterados na técnica, tecnologia e mecanização para a produção farta de safras e capitais na modernidade da acumulação flexivel.[65]

E as populações do sertão viveram então o deslocamento do rural para o urbano. Primeiro nos sonhos de consumo da cidade, depois na realidade da vida na comunidade rural. Muitas familias deixaram o campo, muitas chegaram a cidade. Muitas familias deixam agora a cidade e retornam ao campo, outras familias seguem no ir e vir de viver no campo e procurar trabalho na cidade.

E deste modo sigo, seguimos, eu, o rio, as *estórias* de João Guimarães Rosa, as observações do viver sertanejo, das populações locais, buscando entender o que faz com que um lugar de paisagens naturais e culturais, com um povo desbravador e de ciranda de

[65] "Os espaços assim requalificados atendem, sobretudo aos interesses dos atores hegemônicos da economia, da cultura e da política e são incorporados plenamente às novas correntes mundiais. O meio técnico-científico-informacional é a cara geográfica da globalização", (SANTOS, 1999,p.190).

ofícios, viva entre o ir e o ficar. Entre estar e não habitar. Sempre a navegar, sempre na travessia, fazendo o caminho.

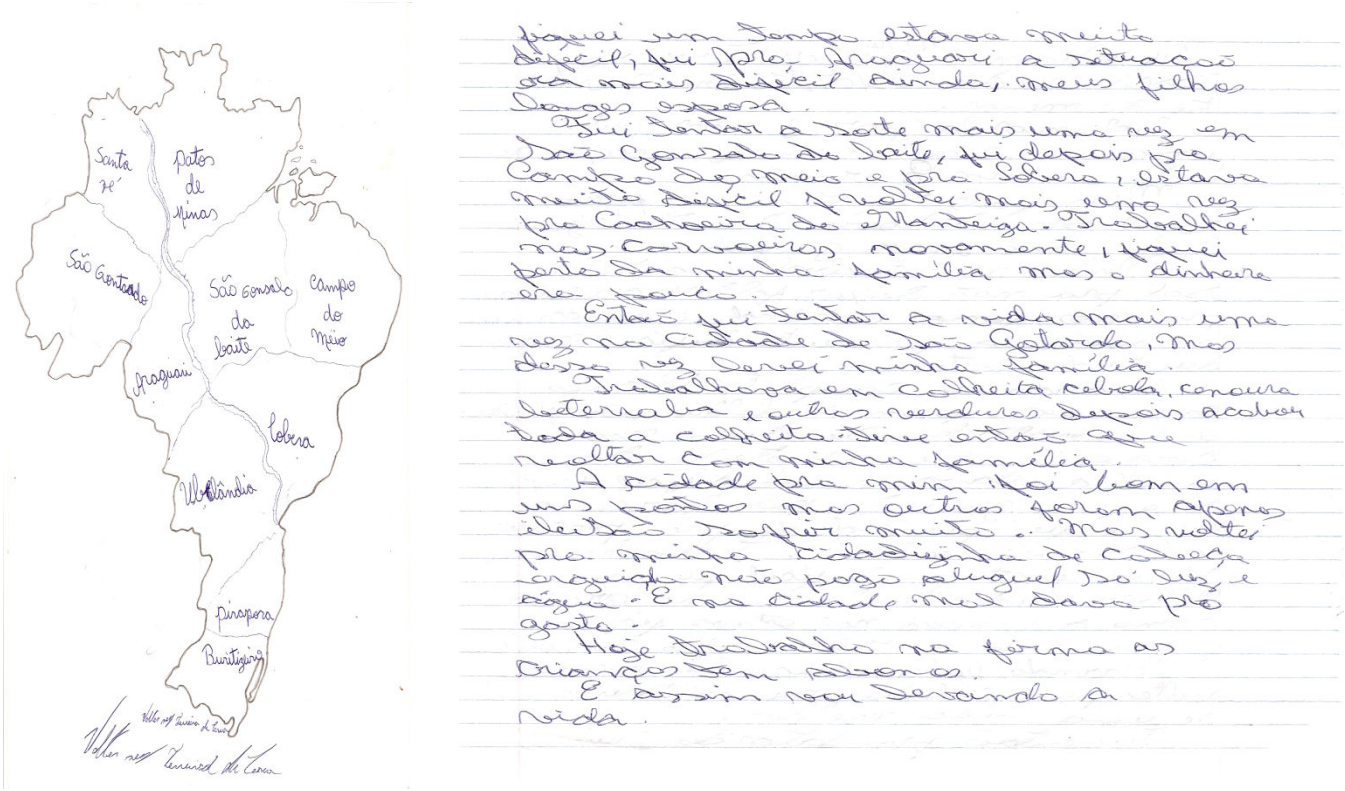
Sozinhas, em grupos ou com famílias nos lugares de origem e/ou nos lugares de destino, buscam retornar para suas comunidades, localidades rurais nas pequenas cidades de beira de rio. Para fazer, refazer, retomar o habitar no sertão, na procura de um lugar de vida, um destino, como o rio procurando o encontro com mar, o seu destino.

O rio para chegar ao seu mar, precisou fazer desvios, abrir caminhos e sorver-se com outros rios, os seus afluentes. É o juntar das águas que promoveu a travessia do rio pelo sertão até desaguar no mar. A população sertaneja vive travessias pelo sertão, vive em ambientes fora de sua região; muitos não retornam, outros retornam e aqui ficam. É um separar e de novo juntar de pessoas que, indo e vindo, fazem o sertão do tamanho do mundo. Vivendo entre - lugares, em idas e vidas e voltas e dramas, saindo do sertão mas simbolicamente e afetivamente vivendo nele.. "Mas o sertão está movimentante todo tempo... rodando por terras tão longas." (JGROSA, 1986, p. 483)

2.2 Sair do sertão, viver nele: as migrações sertanejas.

> *Me chamo Valter Ney Ferreira, nasci no dia 09 de julho de 1976 em Santa Fé de Minas, aqui no sertão mesmo. Moramos lá por 08 anos, eu tinha uma irmã mais velha que eu, e ao todo éramos 08 irmãos.*
> *Meus pais separaram e fomos todos com minha mãe viver em outro lugar , no distrito de Cachoeira do Manteiga, beira do rio São Francisco, comunidade em Buritizeiro.Tem gente que fala é que lá que Judas perdeu as Botas, porque é muito longe mesmo. Minha mãe estava grávida.*
> *Minha mãe trabalhava de sol a sol na roça pra não deixar faltar as coisas para nós. Fomos crescendo e começamos a ajudá-la. Foi muito difícil, mais deu tudo certo.*
> *Quando eu completei 18 anos casei e ai veio o primeiro filho, o segundo e eu trabalhando duro nas carvoeiras pra sustento da família. Estava muito difícil, deixei a esposa grávida pela terceira vez e fui pra cidade pra procurar um serviço melhor. Trabalhei em Pirapora, estava difícil, fui pra Uberlândia, trabalhei na granja, mas como a família não estava fiquei um ano, ai retornei pra Cachoeira.Chegando lá não encontrei serviço e voltei pra cidade e na expectativa de uma vida melhor.Fui então pra Patos de Minas fiquei um tempo, estava muito difícil, fui pra Araguari a situação era mais difícil ainda, meus filhos e a esposa longe.*
> *Fui tentar a sorte mais uma vez em São Gonçalo do Abaeté, fui depois para Campo do Meio e para Uberaba, estava cada vez mais difícil, resolvi voltar mais uma vez pra roça, pra Cachoeira do Manteiga. Trabalhei nas carvoeiras novamente, fiquei perto da minha família, mas o dinheiro era pouco.*
> *Então fui tentar a vida mais uma vez na cidade de São Gotardo, perto de Uberlândia, só que dessa vez levei a família. Trabalhava na colheita de*

cebola, cenoura, beterraba e outras verduras. Depois acabou toda a colheita. Tive que voltar com minha família pra roça.
A cidade pra mim foi bom em uns pontos, mas em outros foram apenas ilusões. Sofri muito, fui humilhado, confundido com bandido, passei fome e frio, porque na cidade ninguém quer saber se você tá com fome, só importa é se você tem braço forte e do resto pode esquecer. Voltei para roça de cabeça erguida, não pago aluguel, só pago água e luz. E na cidade não tava dando nem pro prato de comer dos meninos. Hoje trabalho na firma, plantando eucalipto, os meninos tão na escola, coisa que só agora eu to fazendo o primário, os meninos tem abono do governo e assim vou levando a vida, daqui saio mais não, espero não precisar. Aqui na roça é bom, difícil é serviço, mas a gente leva a vida como pode e tem sempre um pra ajudar e isso melhora muito a vida. Se Deus ajudar com chuva e o rio ficar cheio então a vida fica boa, tem peixe, tem mandioca, tem comida. Isso eu garanto na roça e só Deus mandar chuva que a vida melhora. (Depoimento De Valter Ney,camponês, 33 anos, entrevista concedida em julho de 2007.)



Representação espacial das migrações Valter Ney Ferreira.
Fonte: Reprodução de PAULA, Andréa M. N. Rocha de. Reprodução de trabalhos nas oficinas com migrantes.31 de maio de 2007.

2.2.1 O processo migratório.

As migrações no Norte de Minas Gerais fazem parte da história do povoamento e dos ciclos da nossa região. O processo de formação da região aliado à constituição e

consolidação do latifúndio por meio da concentração de terras consolidou o capitalismo rural, provocou a destruição de chapadas e matas do cerrado e a expropriação das populações nativas. Como resultados tivemos uma intensa mecanização do rural, grandes fluxos de migrantes rurais para as grandes e médias cidades do país e da própria região e a urbanização das pessoas e das cidades.

A proximidade dos Estados de Minas Gerais e São Paulo, a conclusão da rodovia Rio - Bahia em 1949 – estrada que ficou conhecida pelos caminhões "*pau-de-arara*" (Tal nome é em função do transporte de grande número de migrantes em caminhões de carga, precariamente adaptados para o transporte de humanos) e os incentivos públicos para a migração foram determinantes para o deslocamento crescente de mineiros do Norte de Minas Gerais.[66]

As migrações dos nordestinos e dos norte-mineiros para o Sudeste entre as décadas de 1930 e 1950 eram realizadas de duas formas: 1º) através da "estrada líquida", ou seja, o Rio São Francisco; 2º) através da cidade de Montes Claros, que já era o maior ponto de concentração de trabalhadores com destino ao Sul do país. Montes Claros fazia a ligação direta com a rodovia Rio-Bahia, com o Norte, com o Sul, com o Centro-Oeste e Nordeste do Brasil.

2.2.1.1 Caminho de águas - a estrada líquida

Podemos afirmar que o Rio São Francisco funcionou como uma via migrante, levando esperança de vida. As estiagens e a representação da secas na região juntamente com as políticas de combate a seca auxiliaram na formação do processo migratório dos nordestinos e norte mineiros.

> É importante acrescentar que essa massa de emigrantes em trânsito pelo Rio São Francisco eram os "flagelados da seca" (conforme terminologia da época) e ribeirinhos tangidos pelos latifúndios – trabalhadores do campo, analfabetos e semi-alfabetizados. Na região Sudeste, incorporavam-se às lavouras de café e ao parque industrial como mão-de-obra não especializada. Os salários que recebiam como camponeses e operários industriais possibilitavam a reprodução de sua força de trabalho e a subsistência de suas famílias. Essa mão-de-obra

[66]Conferir em Disponível em: http://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/gente-paulista_migrantes.Acesso em 10/05/2009.

> dos migrantes contribuía para potenciar a acumulação de capital em mãos da oligarquia rural e dos empresários da região Sudeste (NEVES, 2006, p.102).

As migrações ocorriam através do rio e da chamada "estrada baiana" que fazia a comunicação por terra entre Bahia, Pernambuco e Minas Gerais. Os municípios nas regiões nordestinas que não eram localizados nas margens do rio sofriam mais com as estiagens, o que favoreceu a mobilidade da população. A fuga da seca, da falta de terras e trabalho em sua própria região foram determinantes para as migrações pelo rio. Camponeses em sua maioria enfrentaram o desconhecido através das águas do São Francisco na busca do mínimo para sobreviverem.

Nas últimas décadas do século XIX e na primeira metade do século XX foram muitas as levas de "flagelados da seca" pelo vapores. Exemplo disso é citado por Neves (2006) relatando que em 1878 houve um grande fluxo de retirantes da seca da Bahia para Minas Gerais através de cinco viagens financiadas pelo Império no Vapor Presidente Dantas. O autor, citando o intelectual M. Cavalcanti Proença, narra que em 1925 as saídas dos habitantes do sertão foram chamadas de "uma descida do sertão e subida do rio." As viagens realizadas nos vapores eram feitas em condições precárias. Chamados de "passageiros de segunda classe" os homens e mulheres rurais viajavam amontoados e dormiam em redes e esteiras ao lado das cargas.

> Os retirantes da caatinga chegavam subnutridos e esfarrapados à ribeira do São Francisco. Traziam doença, o sofrimento e a penúria estampados na face. No primeiro convés e nos porões das "gaiolas" ou da chata, a situação se agravava. Nesses espaços limitados, concentrava-se um grande número de pessoas – algumas vitimas de epidemias. Portanto, os flagelados submetiam-se a um ambiente insalubre. "A bóia da segunda classe era intragável" conforme entrevistas dos próprios *vapozeiros*. Organizavam-se filas para receber as refeições. Na falta de talheres, os retirantes utilizavam as mãos para colocar o alimento na boca. Os pratos, latas e cascos de cágado usados para receber as refeições eram insuficientemente higienizados com a água do rio. Havia um campo fértil para a proliferação de bactérias. Muito recorrentes a bordo, os surtos de diarréia enfraqueciam ainda mais os organismo já debilitados. Enfim, promiscuidade, doença e sofrimento! (NEVES, 2006, p.106)

A viagem feita no vapor durava cerca de quinze dias entre a cidade de Juazeiro na Bahia até Pirapora em Minas Gerais. Chegando a Pirapora era hora de embarcar no "trem do sertão" até Belo Horizonte e de lá seguir para São Paulo ou Rio de Janeiro. A viagem feita em condições tão difíceis, a longa duração e a escassez de recursos fizeram que muitos desanimassem em prosseguir e acabavam fixando moradia nas cidades ribeirinhas de Minas Gerais. A expressão "baianos cansados" ficou conhecida na região para

designar de forma irônica os homens e mulheres oriundos principalmente da Bahia que tinham como destino São Paulo, mas que ficaram em terras mineiras.

> *As viagens eram desconfortáveis, feitas na "segunda classe" dos vapores que correspondia a viajar vários dias em uma rede, com péssimas condições de higiene e com muita gente junta vinda para ficar, então era tanta gente, móveis e muita mala e pouca matula (comida) tudo junto. Muita gente pegava doença, ficava ruim e tinha gente que morria e ia ficando os corpos pelos portos afora, era terrível. Assim que foi ajuntando gente, famílias grandes aqui em Pirapora. A cidade virou cidade mesmo foi em função dessa gente que veio pelo rio, a movimentação dessa gente foi que fez crescer.* (Relato do Seu João Felix, 95 anos, ex- vapozeiro, abril de 2009, morador de Pirapora).

A narrativa de Seu João Felix, ex-vapozeiro, morador em Pirapora, comprova que muitos foram os migrantes que não terminaram a viagem entre o Nordeste e Sudeste rumo a São Paulo. E nessa travessia muitas famílias ficaram no meio do caminho, construindo seus espaços de vida, nas cidades que margeavam o rio, o que possibilitou a urbanização de muitas cidades ribeirinhas. Pirapora, cidade ribeirinha no Norte de Minas é exemplo disso.

> Em 1925, Pirapora já contava com uma população de 22.643 habitantes. Na sede do município, residiam 9.310 pessoas conforme Vitor Silveira em seu livro *Minas Gerais em 1925*. (1926, p.614-618). É importante ressaltar o significativo crescimento da população ocorrido em cinco anos: 6 000 pessoas a mais aproximadamente. O crescimento demográfico foi determinado evidentemente pelos movimentos imigratórios. Das áreas ribeirinhas da Bahia e Pernambuco chegava um grande número de imigrantes a Pirapora. De outros estados não ribeirinhos como o Piauí, afluíam também outros imigrantes. Depois de concluída a estrada de ferro em 1910, alguns retirantes – os flagelados da seca- que demandavam a região sudeste ficavam no meio do caminho, fixando-se na sub-região de Pirapora. (NEVES, 2006, p.111).

No romance Maleita, lançado em 1934, o autor Lúcio Cardoso, (filho do primeiro administrador do povoado São Gonçalo das Tabocas que depois se transformou na cidade de Pirapora, o Sr. Joaquim Lúcio Cardoso), retrata a fundação da cidade de Pirapora na última década do século XIX e início do século XX. O povoado foi descrito como um espaço muito grande e com caminhos largos e, portanto ideal para a construção dos armazéns da Companhia Cedro e Cachoeira para a compra, armazenamento de algodão e venda de tecidos. "Como ponto de convergência, o lugarejo tocava o Norte, pelas águas do São Francisco" (CARDOSO, s.d, p.47).

Mas era necessário ativar o comércio, trazer mantimentos e levar correspondências para o povoado e, portanto, foi feito o pedido à comarca de Curvelo (o povoado era ligado a esse município) para que houvesse a aportagem em Pirapora dos

vapores que trafegavam no Médio São Francisco. A autorização foi dada pela comarca e então o Porto de Pirapora ficou aberto à navegação regular. Houve grande fluxo de pessoas para a cidade no final do século XIX e início do século XX. O escritor retrata a chegada dos migrantes nordestinos através de caminho por terra, margeando o rio.

> Ao cair de uma tarde os "imigrantes" apontaram no principio do caminho. Formavam uma longa fila que vinha pela margem do rio, como serpentes que rastejasse junto à água. Muitos chegavam esfarrapados, descalços, o rosto afilado pela fome. Outros se vestiam melhor, com sacos pendurados nas costas. E ainda outros arrastavam mulheres e filhos, e até cachorros e papagaios. Apesar de tudo, a certeza do trabalho e a necessidade de alegrarem a longa caminhada iluminavam as faces de suave alegria. Pressentia-se, no grupo roto, os sinais de familiaridade que traz a convivência longa, um aspecto comum de gente da mesma família, vibrando as mesmas alegrias e sofrendo pelas mesma necessidades.(CARDOSO, s.d, p.55)

As "Gaiolas" do São Francisco e depois seu complemento, os trilhos da estrada de ferro foram parte do cenário de constituição do imaginário da migração. A partir daí a presença de mineiros e nordestinos foi dominando os cenários de São Paulo e imprimindo sua marca no imaginário das metrópoles do "Sul Maravilha".

> Ao chegarem a Pirapora, esses migrantes, a quem denominavam de retirantes, iriam passar por outro calvário enquanto não conseguissem passagem de trem rumo a São Paulo. Naquela cidade, o governo paulista instalara uma repartição com a função de fazer a triagem das pessoas e, somente famílias sem registro de doenças crônicas entre seus membros, como tuberculose, receberiam as passagens para seguir viagem e conseqüente colocação em alguma fazenda de café. A maioria era reprovada. Os desclassificados, ou reuniam dinheiro pra comprar as passagens por conta própria ou se fixavam na cidade como mendigos, prostitutas e inválidos, esperando a hora da morte, (AMADO, 1978,p.44).

Na primeira metade do século XX, com a chegada da ferrovia (em Pirapora em 1910 e em Montes Claros em 1925), começaram novas formas de deslocamento da população, agora não somente pelos rios, mas também pelos trilhos da estrada de ferro.

2.2.1.2 Caminho de terra e de ferro: O trem do sertão

Quem prosseguia para São Paulo vindo de Juazeiro na Bahia até chegar a Pirapora enfrentava mais uma longa e difícil viagem. Em Pirapora embarcavam no trem da Estrada de Ferro Central do Brasil e na cidade de Corinto os passageiros faziam a baldeação para continuarem a viagem até Belo Horizonte. De lá a viagem prosseguia também de trem

"rumo" a São Paulo. Pirapora fazia parte da linha Centro e o projeto previa a ligação até Belém do Pará.

> LINHA DO CENTRO: Primeira linha a ser construída pela E. F. Dom Pedro II, que a partir de 1889 passou a se chamar E. F. Central do Brasil, era a espinha dorsal de todo o seu sistema. O primeiro trecho foi entregue em 1858, da estação Dom Pedro II até Belém (Japeri) e daí subiu a serra das Araras, alcançando Barra do Piraí em 1864. Daqui a linha seguiria para Minas Gerais, atingindo Juiz de Fora em 1875. A intenção era atingir o rio São Francisco e dali partir para Belém do Pará. Depois de passar a leste da futura Belo Horizonte, atingindo Pedro Leopoldo em 1895, os trilhos atingiram Pirapora, às margens do São Francisco, em 1910. (Estações Ferroviárias do Brasil, 2009)

Ainda em Pirapora os migrantes tinham que procurar o posto de triagem para serem avaliados fisicamente por médicos. Com o documento de autorização, embarcavam na "segunda classe" do trem (vagão com bancos de madeiras que comportavam de três a quatro pessoas por banco). Os destinos eram as grandes cidades em construção, as lavouras de café e cana, ou para qualquer tipo de atividade que necessitasse da ocupação de mão-de-obra abundante.

Os trilhos da ferrovia haviam chegado a Pirapora em 1910 e no ano de 1926 chegou a Montes Claros com a intenção de ligar Belo Horizonte a Salvador. Pirapora então passou a dividir atenções com Montes Claros, até que por fim, veio a ter caráter secundário. Posteriormente, a linha entre Corinto e Montes Claros passou a ser a linha do centro, enquanto a linha entre Corinto e Pirapora foi rebaixada a ramal.

> RAMAL DE PIRAPORA: O ramal de Pirapora, que saía da estação de Corinto, chegou em 1910 a Pirapora, às margens do rio São Francisco, mas para cruzar o rio através de uma ponte ferroviária, levou 12 anos, quando foi inaugurada a estação de Independência (Buritizeiro) na margem oposta. Nessa época, o trecho fazia parte da Linha do Centro da Central do Brasil. Nos anos 1930, entretanto, com a maior afluência de tráfego na linha para Monte Azul, esta passou a ser parte do tronco e o trecho Corinto-Pirapora passou a ser apenas um ramal. Na mesma época, Buritizeiro foi desativada, junto com a ponte sobre o São Francisco. O ramal nunca passou dali, ao contrário dos planos de 1922, que pretendiam chegar a Belém do Pará. No final dos anos 1970, o tráfego de passageiros foi desativado no trecho. (Estações Ferroviárias do Brasil, 2009)

Montes Claros funcionava como ponto de chegada e partida, principalmente para os sertanejos migrantes do Norte da região e do Sul da Bahia e era o local para "*pegar o trem pra São Paulo",* daí a designação de "trem do sertão". De acordo com o Boletim do Serviço de Imigração e Colonização de 1941, "[...] nesta cidade, não só se modificam os

meios de locomoção, como também o indivíduo migrante começa a receber a assistência por parte do governo" (DANTAS, 1941, p.84).

Os trabalhadores que se deslocavam para Montes Claros partiam de sua localidade para outra próxima, onde se reuniam com outros trabalhadores e continuavam a viagem alugando caminhões para levá-los para a cidade. A viagem era feita sempre de forma muito desagradável, tumultuada e perigosa, conforme relatos da época. No trajeto costumavam pernoitar em barracões rústicos. Nessa época, as migrações ocorriam com grupos numerosos de famílias.

Quando chegavam a cidade, os migrantes ficavam em pensões, quartos alugados ou mesmo sob copas de árvores, enquanto aguardavam a ida para São Paulo. Em Montes Claros eles também precisavam passar pelo posto de triagem para prosseguirem a viagem. "Há casos ainda, especialmente em Montes Claros, em que os trabalhadores alugam por alguns tostões a sombra de árvores situadas nos quintais das casas, afim de não ficarem inteiramente desabrigados," (DANTAS, 1941, p.86).

Sampauleiros, trem baiano e pau de arara são expressões associadas aos migrantes rurais que se lançaram na estrada para São Paulo. A migração para São Paulo passou a ser incentivada de forma estatal desde 1935 com o objetivo de incrementar a mão de obra para as lavouras. Pagamentos de passagens, bagagem e um pequeno salário para a família eram os incentivos propostos pelo então governo paulista de Armando Salles. As firmas particulares contratadas pelo governo de São Paulo buscavam no Nordeste do Brasil e no Norte de Minas Gerais os trabalhadores.

Em 1939 foi criada a Inspetoria de Trabalhadores Migrantes que tinha como finalidade substituir as firmas particulares no serviço da migração. As famílias chegavam a São Paulo e ficavam hospedadas na Hospedaria do Imigrante durante o tempo que eram avaliadas em relação a documentação, condições físicas e o local de destino. As lavouras de café eram o destino prioritário e havia uma orientação para que os migrantes não permanecessem na capital. De acordo com dados do SEADE, cerca de 100 mil migrantes foram contabilizados em 1939 no Estado de São Paulo. Entre 1941 a 1949 foram

registrados 399.937 trabalhadores procedentes de outros Estados do Brasil. Em 1950, Minas Gerais contribuiu com quase 50 % do fluxo migratório. [67]

> Esse aliciamento pelo Estado ocorrerá até 1943, pois nesse período, a Hospedaria passa para o Ministério da Aeronáutica. "Embora a inspetoria continuasse a funcionar, a coisa era caótica, porque as pessoas que ali chegavam eram alojadas em pensões, ali da própria região do Brás". Essa situação perdurou até 1952. Depois disso há uma alteração no quadro de registros desses migrantes, que necessariamente passam pela Hospedaria, porque já têm outros pontos de apoio, como os familiares. A orientação de mandar a pessoa para o interior deixa de existir e elas acabam permanecendo na capital, pois o quadro econômico também é outro. A situação no campo também se modifica: em 1965, vigora o Estatuto do Trabalhador Rural e não há mais interesse em trazer gente para morar na fazenda, os expulsos tornam-se os bóias-frias, que vão engrossar as periferias das cidades. (GOMES, 2006, p.6.)

Com a construção das estradas mudou a forma de deslocamento dos migrantes rurais, não mais através de vapores e trens de ferro, mas de caminhões "paus-de-arara", e depois de ônibus. Através da rodovia Rio- Bahia, construída em 1949 e pavimentada em 1968 eram realizadas as viagens que daria acesso as grandes cidades. "Para se ter uma noção da importância da Rio-Bahia como via de 'êxodo', basta atentar para o fato de que em 1950 somente 12% dos migrantes entravam em São Paulo por via rodoviária; em 1961, o numero sobe para cerca de 34%" (BOSCO,1967, p. 26).

Na década de 70 o transporte ferroviário de passageiros foi desativado em Pirapora e em 1996 com a privatização da Central do Brasil termina também os trens de passageiros em Montes Claros (que já acontecia nessa década somente entre Montes Claros e Monte Azul, cidades da região). O transporte fluvial já não acontecia e a priorização estatal era a pavimentação das estradas. *"Os ônibus quebrava que era um horror. Ônibus velho, caindo aos pedaços* [...] Gente com fome, com sede, criança chorando (...) - Emilia Dias" (ESTRELA, 1998, p.13).

[67] Dados SEADE. Disponível em: http://www.seade.gov.br/produtos/spp/index.php?men=rev&cod=5071.Acesso em 20 de março de 2009.



Foto 6 - O **Trem de Ferro na cidade de Pirapora (1935)**
Autor: Eduardo Hatem (2005).



Foto 7- O **Trem em Montes Claros (15 de abril de 1952)**
Fonte**:** E Editora Ática S. A.

A partir da segunda metade do século XX, com a implantação das hidrelétricas, construção de estradas e implemento da indústria, houve uma drástica modificação na paisagem natural e cultural do Médio São Francisco. As populações nativas continuaram a saga de fugir da seca e das velhas e novas formas de cativeiro humano, agora através das estradas.

Procuravam mais os meios urbanos, nas cidades, uma vez que as culturas de café do interior de São Paulo já não estimulavam mais a ida de trabalhadores para morarem em suas fazendas. Grande parte dos lavradores migrou para as cidades a procura de uma oportunidade de trabalho constituindo as massas marginalizadas que foram viver nas favelas, alagados, em loteamentos clandestinos, cortiços e nas senzalas modernas dos canteiros de obras da construção civil.

O Estado de Minas Gerais foi considerado como um dos maiores exportadores de mão-de-obra no Brasil entre as décadas de 60,70 e 80, concentrando nas regiões Norte e Nordeste do Estado os lugares de maiores êxodos de trabalhadores sazonais, principalmente para o interior de São Paulo e para a região do Triângulo Mineiro, de acordo com dados da Fundação João Pinheiro (2000).

> Basicamente, os fluxos emigratórios, ou seja, o movimento das pessoas para fora de Minas Gerais, na década de sessenta, tinham como destino os estados de São Paulo (39%) e Rio de Janeiro (19%), em função do potencial industrial crescente, Paraná (12%) e Goiás (11%), áreas em plena expansão agrícola. Na década de setenta, Rio de Janeiro e Paraná perdem importância relativa no que se refere a serem destino dos emigrantes de Minas Gerais, de forma mais acentuada esse último, provavelmente pelo esgotamento de sua capacidade de absorção de mão-de-obra pelo setor agrícola. O Rio de Janeiro, apesar da queda relativa, continua respondendo por cerca de 14% do destino dos emigrantes, caindo também à participação de Goiás e dos demais estados da região Centro-Oeste. Em contrapartida, aumenta significativamente o percentual de São Paulo, responsável pelo destino da metade dos emigrantes que deixam o estado. Vale destacar também a crescente participação das regiões Norte e Nordeste, (FJP, 2000, p. 4).

Os trabalhadores sazonais em sua maioria continuaram sendo transportados em condições irregulares e recebiam parcos salários. Muitos foram mantidos como escravos, em cativeiros, trabalhando para pagarem dívidas de medicamentos, alimentação e moradia. Deixavam suas famílias para trás. As chamadas “viúvas de maridos vivos”, que passaram a tomar conta da terra, dos filhos e a viverem a esperar pelo companheiro e pelo rendimento que ele esperava receber.

A urbanização brasileira intensificou nas décadas de 80 e 90 do século XX, embora com novas características, no final dos anos 80 e toda a década de 90 as migrações intensificaram-se intra–regionalmente e continuaram a ocorrer às migrações sazonais. Abramovay (1999) enfatiza que a saída do meio rural não significou o acesso às condições mínimas próprias da vida urbana, ou seja: ”desruralização nem sempre é sinônimo, neste sentido, de urbanização”, (ABRAMOVAY, 1999, p.2).

2.2.2 A continuidade das migrações no e do sertão

No início do século XXI a migração continua ocorrendo no Norte de Minas, sempre em busca da integração com o mercado de trabalho. Os trabalhadores oriundos do meio rural, camponeses, pequenos produtores, cidadãos de aglomerados rurais de pequenos municípios do interior, possuem dificuldades de inserção no mercado de trabalho, mas perseveram na procura de espaços, em "*busca de algum tipo de rendimento*". A sobrevivência de milhares de famílias ainda depende dos constantes deslocamentos espaciais, sem direito às escolhas para onde ir e quando voltar, migrando do sertão.

Observamos que durante todo o processo migratório os trabalhadores recebem uma única designação: *Do norte*. Ou seja, mineiros, baianos, são todos nordestinos que vindos do Norte trazem a miséria e são excluídos e são homogeinizados nas cidades enquanto migrantes.[68] Ressaltamos que as migrações para as capitais, o interior de São Paulo e novos pólos no Norte do Brasil, continuam a acorrer, mas as migrações intra-regionais, confirmadas pelo censo IBGE/2000(Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), tornaram-se mais constantes. A migração sazonal, sempre concentrada nos trabalhadores do Norte de Minas, agora já não é a modalidade migratória mais freqüente nos municípios da região. Os trabalhadores rurais em suas idas e vindas começam a fazer a opção de migrar dentro da própria região, migrando no sertão, entre rural e rural e no rural e urbano.

2.2.2.1 As migrações do sertão

Em principio as migrações do sertão continuam rumo às capitais e outras regiões do Brasil, de forma sazonal. Os membros da família que permanecem ficam para cultivar a terra e cuidam do *mundo da casa*.[69] Os que saem para *o mundo da rua* sonham e buscam retornarem para a casa. Assim, tanto os que partem como os que ficam querem estar no mundo da casa, e a migração só acontece em função da necessidade de enfrentar

[68] [...] O estereótipo do nordestino migrante, ao qual se resume a identidade regional, é contudo um de seus elementos, definido "de fora" (NET0, 1994,p.22)

[69] Utilizamos as expressões Mundo da casa e Mundo da rua de acordo com DA MATTA, essas categorias foram trabalhadas peal autora desse trabalho na dissertação de mestrado ano de 2003.

a "*dura realidade da vida"*, quer seja a ausência dos entes queridos, quer seja o trabalho quase sempre mal remunerado e vivido em péssimas condições.

O Jornal Estado de Minas, na edição de 08 de julho de 2001 divulgou o que foi chamado de "Mapa da Fuga". Os jornalistas chamam atenção para a persistência da migração do Norte de Minas para outras regiões do país, em situações irregulares de trabalho, e com salários míseros, deixando também parentes em extrema pobreza, aguardando a volta com "algum dinheiro". A reportagem do Jornalista e escritor Luiz Ribeiro, demonstrou que a principal rota migratória era para Palmas, no Estado do Tocantins. Os dados sobre as rotas migratórias no período de dezembro de 2000 a junho de 2001 divulgados pela Associação dos Municípios da Área Mineira da SUDENE/AMANS, utilizados pela reportagem, demonstraram também a diminuição da população em vários municípios da região. São famílias que deixaram o campo, e são muitas as empresas que chegaram para se apropriarem do espaço rural. A chamada rota da fuga acumulava cerca de 80 mil pessoas desde dezembro de 2000, deslocando-se do Norte de Minas para outras regiões.

Novas reportagens continuam mostrando o prosseguimento do processo migratório na região. Em novembro de 2007, o "Jornal Estado de Minas" noticiou como o desastre ambiental está aliado a exploração da pobreza. A produção de carvão oriundo de mata nativa na região é aliada a exploração de mão-de-obra rural em condições insalubres e com remuneração insignificante. Em maio de 2009 o "Jornal Hoje em Dia" noticiou com destaque (foi à reportagem de capa da edição de domingo) uma série de reportagens sobre a migração na região. A reportagem mostra como o "mar de eucalipto" tomou conta da pequena lavoura e comprovou que a baixa qualidade das escolas rurais e a intensa migração regional provocam a procura pela educação formal para os migrantes apenas quando os mesmo chegam à cidade. As reportagens que citamos publicadas nos jornais estaduais de circulação nacional nos anos de 2000, 2007 e 2009 comprovam que o processo migratório continua sendo característica da região.

Mencionemos outro exemplo: através dos estudos recentes dos pesquisadores Ferreira e Ortega da Universidade Federal de Uberlândia, que comprovaram a inserção intensa de migrantes rurais norte mineiros na região do Alto Paranaíba e Triângulo mineiro para a colheita do café. Especificamente na microrregião de Patrocínio e Patos de

Minas. Dos 93 mil empregos ofertados na safra, 35 mil são ocupados por trabalhadores do Norte de Minas, dados da Diretoria Regional da FETAEMG (Garlipp, 1999, p.3). Ou seja, 37 % dos trabalhadores da safra de café são provenientes do Norte de Minas. De acordo com as informações do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Patrocínio, existem casos em que prefeitos de determinadas cidades do Norte de Minas fretam ônibus para que os habitantes venham trabalhar na safra do café. Informam os autores que quando a previsão para a safra é desfavorável:

> [...] o sindicato liga para as prefeituras e envia ofícios para tentar impedir que venham muitos migrantes, pois caso estes migrantes cheguem na cidade e não encontrem oportunidades, o sindicato tem que encaminhá-los para a ação social para tentar enviá-los de volta para a sua cidade de origem. (FERREIRA; ORTEGA, 2004, p15.)

Os pesquisadores relatam que na cidade de Patrocínio existe um abrigo para o trabalhador migrante que funciona no período da safra do café. Os trabalhadores que estejam de posse da sua carteira de trabalho podem ficar no local durante três noites para que possam resolver a situação no município, "[...] o que obriga a aceitar rapidamente as propostas de emprego que surgem" (FERREIRA; ORTEGA, 2004, p15).

2.2.2.2 As migrações no sertão.

As migrações no sertão acontecem do campo para o campo de forma sazonal, como forma de incrementar a renda familiar através do trabalho em propriedades rurais próximas do seu lugar de vida no meio rural.

> Em Ibiaí, outra cidade do Norte de Minas, à margem do São Francisco, Alor Ribeiro da Silva queixa-se do preço atual do carvão. Diz que, apesar de ser empreiteiro de carvoaria, "está praticamente fazendo para comer". Do metro cúbico de carvão que chega a R$80 no pátio da siderúrgica, Alaor recebe apenas R$20. O restante fica com o dono da fazenda, que arca com o custo de transporte.
> O empreiteiro, de 71 anos, diz ganhar R$2 mil brutos por carreta carregada. Parte desse valor é repassado aos carregadores de forno e aos catadores de lenha. Terça-feira, duas mulheres faziam o serviço de picar os troncos com machado e empilhá-los numa pequena carreta puxada por um trator. Esse povo, coitado, não tira R$250 por mês, reconhece Alaor. No entanto,, ele defende a atividade como se fosse um mal necessário. "Não tem outro emprego aqui. Por isso, tinham de liberar o carvão no Norte de Minas," justifica. (Jornal Estado de Minas, Nov/2007).

As migrações do sertão para as cidades da região são realizadas com o objetivo de ser uma migração permanente com todo o núcleo familiar. Quando a população migrante

retorna para sua região não quer dizer que retornou para os seus municípios de origem, mas sim para as cidades de porte médio que oferecem melhores condições de saúde, educação e trabalho. As migrações sazonais ocorrem na região, buscando qualquer tipo de trabalho e as migrações intra-regionais buscando oportunidade na industrialização nos municípios pólos, financiados pelos programas de incentivos fiscais do Estado, em especial, Montes Claros, Janáuba e Pirapora, de acordo com dados do IBGE de crescimento da população. De acordo com Rodrigues (2005), dos 89 municípios que compõem a região, 84 deles são de pequeno porte e tem na agricultura sua fonte de renda principal.

Essa mobilidade espacial desorganizou os municípios que não dispunham de infra-estrutura para receber tantos novos habitantes. Conseqüentemente, houve a concentração em alguns municípios com uma melhor qualidade de serviços. Segundo Rodrigues (2000), nos anos 80 (século XX) a maior parte da população da região ainda estava no meio rural. Com a aceleração da urbanização através da industrialização, em 1997, cerca de 55,2 % da população já vivia nas cidades.[70]

A pesquisa de campo que realizamos com migrantes que se deslocaram do meio rural da região para a cidade de Montes Claros, no Sistema Nacional de Emprego (SINE - Posto de Montes Claros) e com migrantes rurais ambulantes do mercado informal no ano de 2003, traçou um perfil do sujeito migrante oriundo do meio rural, que busca inserção na cidade de Montes Claros.[71] De acordo com a análise dos dados da pesquisa, verificou-se velhos preconceitos, novos paradigmas e antigas e urgentes indagações.

A pesquisa revelou que 60% dos migrantes rurais entrevistados voltariam a morar no campo porque sentem como o "*seu lugar*." "*Por causa da tranquilidade". "Porque a vida piorou depois que veio para cidade" e "porque na roça as pessoas são mais*

[70] Neste período, as microrregiões que apresentaram maiores taxas de crescimento populacional foram as de Pirapora (73%) e Montes Claros (43%), onde localizavam os dois únicos distritos industriais da "Área Mineira de Atuação da SUDENE".

[71] A população da pesquisa, de acordo com os dados do posto do SINE, foi composta de 917 (novecentos e dezessete) migrantes rurais, destacados de todas as pessoas que procuraram o órgão em busca de trabalho nos anos de 2000 e 2001. Utilizamos a amostragem probabilística proporcional, com seleção aleatória dos migrantes rurais a serem entrevistados. A amostra apontou o número de 116 (cento e dezesseis) migrantes rurais como representativos do universo da pesquisa.

amigas".[72] Os que não voltariam para o meio rural (40 %) acreditam que a vida está melhor em Montes Claros, já que todos tinham migrado antes e afirmam que no campo "*pior estava"* e que na cidade *"pelo menos aparece um bico para fazer*" e "*para quem não exige, sempre tem algum serviço."*

O estar na cidade não significou participar da cidade. O sair do campo não significou abandonar a miséria e sim falta de oportunidades. Existem também relatos de pessoas bem sucedidas em Montes Claros que foram em princípio migrantes rurais, e que conseguiram, principalmente através do setor de serviços em pequenos e médios negócios, a "*sonhada melhoria de vida"*. Mas a maioria dos trabalhadores rurais ainda vivem em condições de trabalho injustas e informais. Os migrantes rurais quando mais jovens não querem ser os trabalhadores que foram os seus pais, e sabem que não o serão nunca. A vinda para cidade significa uma vontade de deixar o "*trabalho bruto*" por um "*trabalho melhor*", o que significa estar "*fora da roça*".

Os trabalhadores do campo que já enfrentaram viagens de vapores, viagens de trem de ferro, caminhão pau-de-arara, agora viajam dentro de suas próprias regiões, os destinos que tentam perseguir acontecem em seus lugares de vida e não somente em seus lugares de trabalho. A migração é uma estratégia, uma resistência, uma eterna possibilidade ou impossibilidade de ficar ou sair. Não querem mais o "vôo das andorinhas" Martins (2000). Isto é, na construção de diferentes territorialidades, ficar indo e vindo não tem melhorado a situação das famílias rurais, em um mundo cuja concepção corrente o trata como cada vez mais "desterritorializado" e sem fronteiras. Mundo que desata referências e reconstrói outras e, juntamente com elas, desata famílias e indivíduos que muitas vezes são sua única referência.

[72] Todas as expressões em itálico são depoimentos de migrantes rurais no Posto do SINE- Montes Claros, como também na Praça Dr. Carlos e em algumas favelas da cidade. Entrevistados durante a pesquisa de campo.

2.3. Travessiando

Entre tempos e espaços, seguimos com as velhas formas de migrações para canaviais e cafezais com formas irregulares de transporte e das condições de trabalho. Famílias inteiras seguem a rota de outros parentes. Homens sozinhos deixam companheiras e filhos por vários meses para seguirem o "trecho" da cana, do café, da soja, da fruticultura e dos empregos precários nas cidades. Meninas adolescentes entre 13 e 17 anos deixam as casas de suas famílias para viverem no espaço de cidades médias e grandes em troca de comida ou moradia, empregando-se como domésticas em tempo integral. Meninos seguem seus pais e fazem do ir e vir entre Minas e São Paulo um *caminho da roça*. A migração começa sazonalmente, mas muitas são as famílias que migram definitivamente para os centros urbanos. E os que retornam aos municípios das comunidades de origem, dentro da própria região, fazem da migração uma alternativa precária de trabalho temporário; migrar segue sendo a estratégia do sobreviver no sertão. Para Wanderley (1999) a migração continua a funcionar com duas faces: "esperança e fracasso".

As migrações mudam de perfil, os deslocamentos continuam agora mais interestaduais e intra-regionais. São novas formas em novos espaços, mas a mobilidade humana no Norte de Minas continua como migração forçada, uma diáspora de pessoas rurais, que são motivadas pela necessidade da sobrevivência das famílias rurais, mais pobres e com menor grau de escolarização. São diferentes sempre os motivos e desejos de quem migra, são complexas as vontades de deixar e de voltar aos lugares de origem e de destino. E nas chegadas e partidas é que são tecidas redes entre os que ficam e os que migram, os que não retornam, mas mantém vínculos com as pessoas dos lugares de origem e os que retornam para voltarem a migrar, e mesmo os que retornam para não mais partirem.

Mudam-se os tempos. Migram agora também jovens mulheres para outras regiões em busca de outras fontes de renda. Muitos vivem da renda dos que migram. Muitos migram ainda hoje para que a sua família não deixe a terra, a casa, a vida simples na margem do rio. Muitos migram para que seus filhos não necessitem migrarem. Muitos migram em família na busca ilusória das cidades grandes que continua perpassando a

ideologia da urbanidade. Muitos e muitas não partem, resistem em ofícios de trabalho e seguem aqui construindo a história dos ribeirinhos sertanejos. "*As vezes até parece que quem mais fica é quem mais foi."* Relata Dona Maria ao expressar a saudade dos filhos que partiram da Barra do Pacuí há seis meses para a Serra do Salitre no Alto Paranaíba para a colheita do café.

As migrações deram visibilidade para o processo de perda da autonomia do camponês em relação ao tempo, ao espaço e ao valor do seu trabalho. Não sendo mais donos da terra onde trabalhavam e viviam, ou vivendo os cercamentos das suas terras pelos grandes proprietários e conseqüente diminuição dos seus territórios, acabam tendo que deslocarem para outros espaços e trabalhos e perdem o controle dos meios de produzir e vivem uma única possibilidade: serem a sua única força de trabalho.

São as migrações as errâncias e as vivências nos Gerais uma parte das possibilidades de seguirem construindo uma cartografia simbólica de traços da cultura, da história, da identidade, dos valores no cotidiano. São transformações em e no grupo e em cada um e uma, e que permitem a compreensão da representação dos espaços vividos, das temporalidades reconhecidas e diferenciadas; identificadas na diversidade do viver entre os ambientes, a natureza e os espaços sociais da vida.

Os múltiplos antigos e atuais povoadores das terras ribeirinhas do São Francisco poderiam ser divididos entre os "que ficam" em um lugar; os que "migram de um lugar para outro uma ou duas vezes" e ali fixam nova morada; os que "partem e voltam" periodicamente; e os que "se foram daqui para sempre". Fora os que "não tem parada", como os vaqueiros e até os jagunços, personagens centrais da obra do sertanejo João Guimarães Rosa. São esses sujeitos que fizeram e fazem o ir e vir nos lugares, nos entre-lugares, nos não-lugares, enfim nos espaços. Confirmamos que para os sertanejos e as sertanejas, as vidas entre idas e vindas mostram que o sertão está em toda parte. Mas que é no rural que querem viver a vida. Deixemos que Riobaldo que foi um errante no sertão nos fale:

> Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo!
> - só estava era entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso? (JGROSA, 1986, p.26)

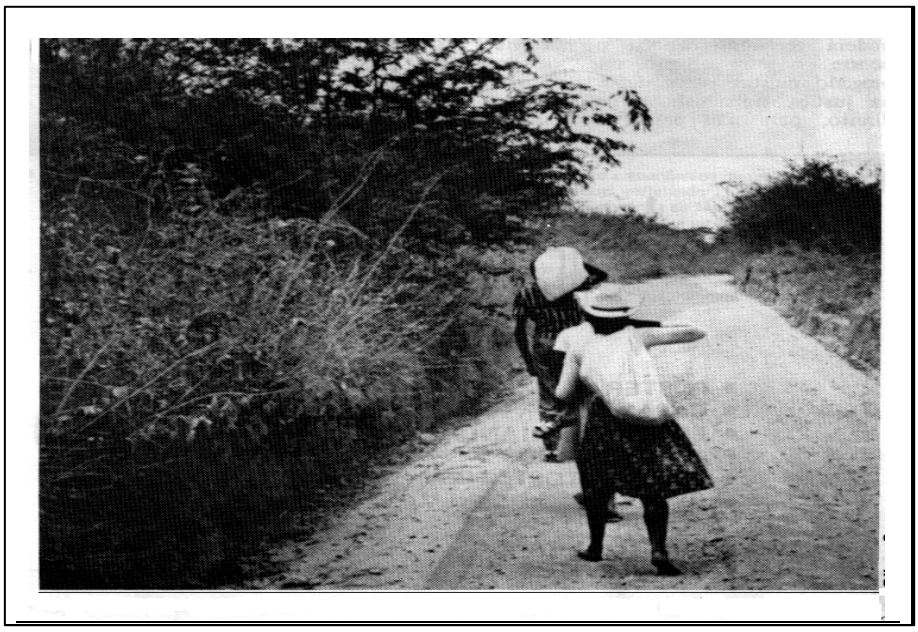


Foto 8: **Migrantes rurais seguindo para a cidade de Montes Claros no ano de 1979**.
Fonte: Rilson Santos (1979).

∞

TERCEIRA TRAVESSIA

"O Sertão está em toda parte": estar no sertão, viver globalmente. Comunidade tradicional: Ibiaí e Barra do Pacuí

> O *gerais* corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães é questão de *opiniães*... O sertão está em toda a parte... (JGROSA, 1986 p.1).

3.1 **O Sertão está em toda parte.**

Retorno as minhas memórias e vejo que o rio continuou a diminuir. Hoje não sabemos se ele está em nossa cidade ou se ele está indo embora. Muitas amigas e muitos amigos foram para outras cidades e regiões, e depois voltaram e aqui constituíram famílias e profissões. Outros vieram por um tempo e já se foram. Outros não voltaram, mas sonham retornar. Outros não pretendem retornar e nem mesmo gostam que falem que são sertanejos ou gente de beira de rio. Outros e outras retornam, mas voltam sempre para outras cidades e regiões que se tornaram seus lugares de vida e de trabalho.

Hoje, entre chegadas e partidas, vivo aqui em Pirapora com meu companheiro e três filhos (nenhum deles nasceu em município de beira de rio). Meus filhos não gostam muito de ir ao rio. Preferem clubes. Escutam e aprendem na escola que a água do rio está contaminada. É verdade. Mineradoras, grandes irrigações, monoculturas, falta de saneamento básico, barragens, tornam as águas e os seres do Velho Chico seres e cenários doentes. Toneladas de peixes desceram o rio mortos no ano de 2007. [73] Diferente da minha infância, meus filhos convivem com cidades maiores e já pensam em ir para outro lugar, "*onde tenha shopping e cinema!"*.

Vejo o rio todos os dias, é um rito. Mas já não me banho em suas águas. Caminho em suas margens, mas, entre a de um lado e a do outro, pergunto onde ficou a terceira margem do rio. Os seres encantados, os peixes, enfim toda a cosmologia que fizeram do rio ator, cena e cenário na minha vida.

O apito dos vapores já não nos acorda nem nos faz correr ao cais. Agora ele é um apito programado, esperado em dia e hora marcada. Às 14 horas nos sábados, em feriados

[73] Existem laudos técnicos que apontam empresas como responsáveis pela mortandade de peixes, bem como, também a represa de Três Marias. Entre as discussões, repercussões seguem o rio doente e o projeto governamental da transposição de suas águas. Não há discussão sobre revitalização!

e períodos das férias para um passeio turístico, a bordo do vapor Benjamin Guimarães. Os locais delimitados, horários preestabelecidos de chegada e partida. Os passageiros são na maioria turistas, oriundos de outras regiões do Estado e do país. Passeio que eu nunca fiz. Farei um dia?

O barulho das corredeiras continua quebrando o silêncio da noite. Na madrugada, quando às vezes levanto para cobrir e acariciar meus filhos, escuto o canto do São Francisco. Nesses momentos, que não são contínuos, pois o cotidiano faz o tempo e o espaço, reinvento e revivo a menina que fui a adolescente ribeirinha e a mulher que sou. O que ainda existe entre uma e outra? Não sou a mesma, não somos os mesmos, nem o rio. O homem mudou o tempo da natureza e fabricou seu próprio tempo e espaços artificiais.

Os tempos vividos e vivos não são fáceis para as pessoas e o rio São Francisco. Nossos territórios de vida e trabalho foram mudados. E mesmo o que ainda é como foi, está cada vez mais ameaçado a não ser mais como era.

Mudam-se os tempos, as estações e os espaços, a lógica da natureza é suplantada pela lógica do homem. O Estado e as modificações na utilização do rio trouxeram novos habitantes. Agora não vieram pelo rio em vapores, e não chegaram mais para o povoamento da região, ou para migrações entre cidades da ribeira, mas pelas estradas de asfalto e em caminhões e ônibus. Vêm de longe e criam ambientes artificiais através da modificação dos solos, das técnicas de utilização na agricultura com inseticidas, e de monoculturas que produzem as toneladas de grãos e safras, para um capital concentrado e fugidio, aumentando a exclusão social e o êxodo das populações ribeirinhas, tanto quanto a modificação das culturas ribeirinhas.

Conseguem, entre tempos e espaços de fluxos virtuais, estarem conectados aos quatro cantos do mundo, com recordes de safra e capital. Reproduzem em grande escala a produtividade do modo de vida urbano, tendo como conseqüência a cheia de ribeirinhos de fome, uma fome de água e de comida.

Sou uma ribeirinha, entre cerrado e sertão dos gerais de Minas. Uma entre tantas mulheres neste “Norte”. Minoria entre as mulheres que consegue chegar do campo a um *campus* da Universidade. Poucas entre aquelas que chegam à academia e permanecem

nela. Uma errante entre lugares e entre os conhecimentos que a ciência promove e que me modifica. E que faz com que eu modifique outros e outras. Ao lado dos conhecimentos, da minha história, entrelaçada nas outras histórias dos outros/outras da minha socialização entre os saberes múltiplos e plurais das pessoas que fizeram e re-fazem meu viver.

Nas discussões acadêmicas no doutorado, estou e sou. Sim, como lembra Brandão (2003), a pesquisa não precisa só ser solitária, mas sim solidária. Estamos juntos com as pessoas da comunidade, com outros pesquisadores de diferentes áreas e junto ao orientador. Nossas discussões perpassam o ir e vir, o estar, o ficar, o partir, o chegar, o voltar, o permanecer das pessoas. A errância e a ruralidade sertaneja ribeirinha. As prosas dos sertanejos/sertanejas, as histórias de gente de beira de rio e sertão. Pessoas que como eu, nasceram nessas beiras, ou aqui resolveram fazer seu viver e habitar.

Pessoas que entre suas primeiras histórias, o seu grande sertão e seus breves contos no fazer o cotidiano da vida constroem a geografia da cultura e dos lugares que habitam. Ao modificarem suas vidas entre lugares de origem e destino, modificam também os lugares ou constroem os lugares que habitam.

Sigo eu e segue o rio, entre ciclos. Seguimos! As nossas estórias e histórias misturadas. Afinal entre cerrado e sertão, aridez e veredas, as águas não param. E nem as vidas. Diminuem suas águas, modificam seus ciclos e fases, mas seu caminho continua buscando o encontro com o mar. E nós, homens e mulheres, de beira de rio, seguimos, encontrando o sertão em toda parte.

3.2 Sertão de dentro: município de Ibiaí

Dezoito de setembro de 1867, quarta feira. No capitulo XVI "De Guaicuí a São Romão", do seu livro "*Viagem de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico"*, o viajante Burton descrevendo sua viagem, no rio São Francisco começa a assinalar a viagem em travessias contadas por léguas. Consideradas as 24 léguas da primeira travessia, narra que era um dia de tempestade e havia muita dificuldade para deixar as margens. "[...] Era quase meio dia, antes que o Elisa pudesse afastar-se, à força de varas, da margem do Guaicuí e, entrasse, de cabeça abaixo no grande rio."(BURTON, 1977, p.195).

Burton chama atenção para o significado da palavra travessia. Ela é utilizada na América latina como forma de passagem, travessa, e viagem por terra. Lembra que no Rio São Francisco a travessia começava em Pirapora e era calculada através de léguas, seguindo a tradição de Halfeld[74]. Travessia caracterizava a viagem por água. "[...] no São Francisco, a travessia, ou viagem, começa normalmente em Pirapora e se numera em trinta léguas. Ouvi um barqueiro, quando tínhamos dificuldade em atravessar o rio, falar em 'travessa braba'." (BURTON, 1977, p.202).

Dezenove de setembro de 1867, o viajante e sua tripulação saem bem cedo para continuarem a viagem, os homens são pagos "por tarefa" e não navegam a noite, nem mesmo em noites de lua cheia, portanto, ao amanhecer já se começava a navegar. Comenta que esse dia mostrou uma grande quantidade de vida animal nas margens do rio e de arvores que poderiam garantir o abastecimento de madeira por vários anos, embora a vegetação fosse desinteressante se comparada com as alamedas do Rio das Velhas. Descreve que a largura do rio nesse trecho é em média de 400 metros e em alguns lugares 1.600 metros (BURTON, 1977, p. 196-199).

É na primeira travessia, após descrever o Rio São Francisco no trecho entre Guacuí e São Romão, que o autor faz referência ao lugarejo de Extrema. O autor descreve um lugarejo pobre, localizado de frente para o rio e sem nenhuma expectativa de crescimento.

> [...] Logo adiante, elevou diante de nós o Morro de Extrema, em forma de tartaruga, acima das inundações, bem coberto de mato e com boas benfeitorias embaixo. A pequena aldeia do mesmo nome fica no fundo de um saco, formado pela curvatura que faz o rio visando a uma projeção de margem esquerda oposta. É construída na encosta de um terreno elevado e algumas casinholas cobertas de telha rodeiam a igrejinha, consagrada a nossa Senhora do Carmo. (BURTON, 1977, 196-197).

O pequeno povoado descrito pelo viajante é hoje a pequena cidade de Ibiaí, na margem direita do Rio São Francisco, no Norte de Minas Gerais. As referências mais antigas sobre o início da povoação remontam ao século XVIII, quando por aqui passou

[74] Heinrich Halfeld, engenheiro alemão que de 1852 a 1854 realizou o levantamento topográfico e a descrição de comunidades e paisagens do rio Sao Francisco a pedido do imperador Dom Pedro II. O trabalho resultou no "Atlas e Relatório Concernente a Exploração do Rio São Francisco - Desde a Cachoeira de Pirapora Até o Oceano Atlântico", que foi publicado em 1860.

Monsenhor Pizarro, secretário do Arcebispo do Rio de Janeiro, já encontrando um núcleo formado com o nome de Nossa Senhora da Conceição de Extrema. O monsenhor, o padre José de Sousa Azevedo Pizarro, por volta de 1820, fez referência à fartura das frutas, menção especial às laranjas, as casas bem cuidadas e ao comércio de sal da terra.

Ibiaí que em tupi-guarani significa "terra alta na beira do rio", tem sua história ligada aos aventureiros da Bandeira de Fernão Dias Paes Leme. O antigo povoado de Extrema surgiu na Vila Risonha de Santo Antônio da Manga de São Romão, hoje cidade de São Romão. O distrito foi extinto em 1846. Em 1848, o distrito é restabelecido e incorporado ao município de Montes Claros. Conceição da Extrema (1911), Extrema (1912), Borda do Rio (1923), foram nomes das divisões administrativas que o município possuiu. Em 24 de setembro de 1926, pela Lei Nº 921, é batizado de *Ibiahy,* sendo o nome alterado graficamente para Ibiaí em 1960. É emancipada em primeiro de março de 1963, com os seguintes povoados[75]: Bom Jesus da Vereda, Bom Jesus da Boa Vista, e Barra do Pacuí ou Várzea dos Bois. Limita-se com os municípios de Buritizeiro, Ponto-Chique, Lagoa dos Patos e Coração de Jesus.

Os moradores mais velhos relatam que a cidade era um vilarejo de pescadores. As casas eram feitas de esteio com adobe (argila) ou enchimento (esterco de gado com argila ou tabocas). As coberturas das moradias eram feitas de telhas de argila de forma manual em olarias artesanais. O meio de transporte principal era através do Rio São Francisco, em embarcações como canoas, lanchas e vapores. Por terra, os carros de bois demoravam dias para percorrem pequenas distâncias.

A navegação pelo Rio São Francisco, um comércio ativo de sal e a criação de gado bovino foram os fatores determinantes da ocupação do território. O transporte de cargas e pessoas pelo rio era feito a montante com a Barra do Guacuí e o porto de Pirapora e a jusante com São Romão e São Francisco.

---

[75] Utilizamos o conceito de Povoado do IBGE*:* o aglomerado rural isolado que corresponde a aglomerado sem caráter privado ou empresarial, ou seja, não vinculados a um único proprietário do solo (empresa agrícola, indústrias, usinas, etc.), cujos moradores exercem atividades econômicas, quer primárias (extrativismo vegetal, animal e mineral; e atividades agropecuárias), terciárias (equipamentos e serviços) ou, mesmo, secundárias (industriais em geral), no próprio aglomerado ou fora dele. O aglomerado rural isolado do tipo povoado é caracterizado pela existência de serviços para atender aos moradores do próprio aglomerado ou de áreas rurais próximas. É, assim, considerado como critério definidor deste tipo de aglomerado, a existência de um número mínimo de serviços ou equipamentos. (IBGE, 2000, v.7,s/paginação)

Em 1970 o município sofreu alterações significativas em sua base socioespacial e econômica. As políticas públicas incentivadoras de cultivo de reflorestamento de "*pinus*" e "*eucaliptos"*, a instalação de empresas agrícolas no meio rural e o declínio da navegação no Rio São Francisco provocaram o êxodo rural e o empobrecimento das populações locais. Com o evento da exploração agropecuária, o local passou a se dedicar a este tipo de atividade que viria a se tornar a base maior da economia municipal.[76] Nos últimos anos o município vem passando por um processo de modernização na agricultura com a intensificação das monoculturas de soja e café, atividades que convivem com o reflorestamento implantado anteriormente.



Foto 9**: Pivô de café em umas das fazendas do município de Ibiaí – MG.**
Autor: SANTOS, Rodrigo Herles, 2008.

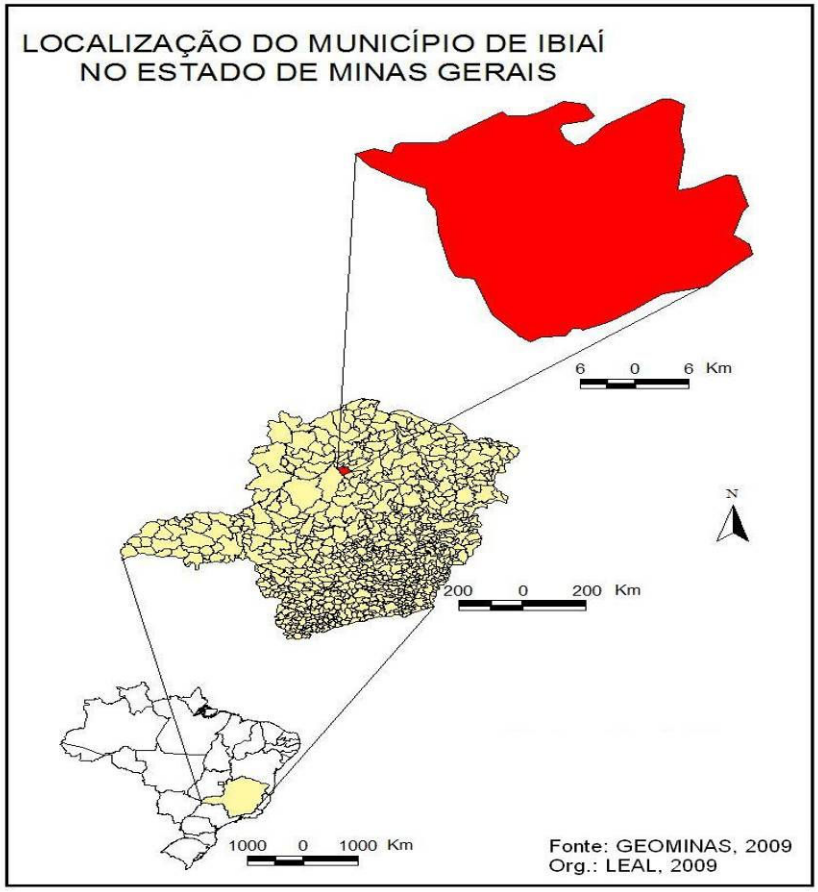
Ibiaí possui hoje cerca de 7.350 habitantes, de acordo com dados do IBGE –2007 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). A paisagem é marcada pela vegetação do cerrado, em transição para a caatinga. Observamos algumas árvores características dos dois biomas: barbatimão, tingui, pequizeiro, cagaiteiras, jatobás, umbuzeiro, jenipapo e mangabeira. O clima é seco e quente.

O município tem como atividades principais a agricultura e a pesca. A atividade de pesca está diminuindo cada vez mais, muito em função da alta mortandade de peixes,

[76] Conferir em http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/minasgerais/ibiai.pdf. Acesso em maio de 2009.

por resíduos tóxicos lançados nas águas por mineradoras nacionais situadas na região e a falta de saneamento básico nas cidades ribeirinhas.

A cidade de Ibiaí de acordo com classificação do IBGE compõe a mesorregião do Norte de Minas e está inserida na microrregião de Pirapora-MG, que é composta por dez municípios: Buritizeiro, Ibiaí, Jequitaí, Lagoa dos Patos, Lassance, Pirapora, Riachinho, Santa Fé de Minas, São Romão e Várzea da Palma. A microrregião (IBGE, 2009) possui uma área total de 23.072 km² e uma população estimada equivalente a 166.640 habitantes**.**Segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil (2000), o IDH-M médio da microrregião é de 0.684 e a taxa média de alfabetização de 79,17%.



Mapa 2- **Localização do Município de Ibiaí no Estado de Minas Gerais.**

Os índices de Desenvolvimento Humano que apresentamos na Tabela I comprovam uma cidade ribeirinha como tantas outras no sertão mineiro, com deficiências de recursos básicos. O analfabetismo, a taxa de proporção de pobres e o IDH de educação são dados que classificam o município como de médio desenvolvimento humano. Mas a

realidade vivenciada pelos moradores é de grande precariedade na área da saúde, educação e serviços básicos, como a coleta de lixo, água encanada e luz elétrica.

Comparando os dados do município com algumas cidades da microrregião, como Pirapora e Buritizeiro, comprovamos que os incentivos públicos na industrialização e agropecuária pelo Estado favoreceram os municípios citados. E aqueles que continuam com as atividades voltadas para o rural, como o caso de Ibiaí, são os que possuem menores índices de qualidade de vida. Daí que a modernização da agricultura é hoje tão expoente no município de Ibiaí e tão desejada pelo poder público e pela população local. *"Moça quando chega irrigação ou máquina tudo melhora. Agora ficar no cabo da enxada, vai pra frente não, Ibiaí vai crescer porque o café chegou com força aqui, a senhora vai ver só,"* (Sr. José Maurindo, 74 anos, morador de Ibiaí, abril de 2008).

Em 1990, segundo dados do projeto "Geografando os municípios" [77], a atividade econômica principal era a pecuária de corte e as melhores pastagens encontravam-se às margens do rio São Francisco, onde ficavam as fazendas de grande porte. O carvão vegetal era e é explorado em grande escala, o que provocou uma enorme destruição do cerrado.

Podemos citar como exemplo, o desmatamento ocorrido em 1999, em uma área de 182,25 ha pela Associação dos Moradores do Bairro Centro de Ibiaí. A área foi deflorada em três etapas, sendo todas interceptadas pelo IEF (Instituto Estadual de Florestas) e cabendo multa à associação e ao dono da fazenda. As Fazendas eram a Lages e Araras, conhecida como Fazenda Ema, nelas foram encontradas três carvoarias, uma desativada e duas em funcionamento.

[77] RODRIGUES, Adriana F. S. RODRIGUES, Fátima C. MEDRADO, Rita de C. DRUMOND, Sirléia M O. CARDOSO, Soraya F. Projeto Geografando os municípios. Montes Claros: Unimontes. 1991.

TABELA I

INDICADORES DE DESENVOLVIMENTO HUMANO-MG E EM TRÊS MUNICÍPIOS DO MÉDIO SÃO FRANCISCO

Indicadores	Minas Gerais	Médio São Francisco[78]		
		Pirapora	Buritizeiro	Ibiaí
IDH Municipal	0,773	0,758	0,659	0,687
IDH Educação	0,850	0,879	0,777	0,757
Taxa de Analfabetismo	14,8	13,3	26,0	32,6
IDH Renda	0,711	0,655	0,548	0,523
Proporção de pobres (%)	29,8	41,4	60,3	70,4
Mortalidade até 1 ano de idade (por 1000%)	27,8	30,4	49,7	23,5
Esperança de vida ao nascer	70,5	69,4	64,2	71,8
Taxa de fecundidade total	2,2	2,2	2,8	3,0
Água encanada	89,5	91,4	67,3	59,1
Energia elétrica	95,6	97,2	88,4	82,4
Coleta de lixo – somente domicílios urbanos	92,2	95,0	78,8	36,4
Geladeira	83,6	83,9	66,0	47,0
Televisão	88,5	90,0	73,7	56,3
Telefone	40,3	40,2	8,0	12,2
Computador	9,2	6,2	0,8	0,2

FONTE: FJP - Atlas do Desenvolvimento, 2000.

Na década de 90 eram poucas as casas que possuíam água encanada. O comum era a população utilizar poços artesianos abertos pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas – DNOCS. Havia ainda duas caixas d'água que davam suporte aos poços. As principais atividades industriais giravam em torno da aguardente, cerâmica, serraria e carvão-vegetal. Não havia saneamento básico. Hoje, o saneamento básico é uma prioridade, mas, ainda não é uma realidade no lugar e doenças como Chagas, Dengue e Malária continuam presentes na realidade dos habitantes do meio rural e urbano do município.

Ibiaí centralizou a produção econômica nas atividades rurais. A transformação demográfica do município demonstra a interferência do Estado no cotidiano e nas relações de vida das pessoas. A alteração da cidade se dá no crescimento em 30 anos da população total em 71,4 %, conforme apresentamos nos dados da Tabela II.

[78] Com os índices apenas de três municípios do Médio São Francisco, onde realizamos entrevistas com população local.

Na década de 70 houve uma urbanização no município de 18,8%, em 1980 elevou-se para 47,6%. No ano 2000, 50,2 % da população vive na sede do município de Ibiaí. Os dados do último censo (2000) mostram 70,7% da população no meio urbano.

A inversão da população do rural–urbano para o urbano-rural do município refletiu a tese de que a modernização do campo brasileiro, aliado as políticas públicas provocou os fluxos migratórios na região do sertão mineiro entre cidades e entre regiões. Em 1970 81,13% da população era rural; em 1991 temos 52,66% no meio rural e já no ano 2000 a população do campo representava apenas 29,23% da população do município. Cercados por empresas de reflorestamentos, de culturas irrigadas de soja e café que aqui se instalaram nos últimos anos, além da degradação das águas do rio e da falta de assistência médica e educacional, homens e mulheres deixam o campo e seguem para a cidade, às vezes próximas, outras vezes mais longe. Mas partem.

Mesmo com mais da metade da população no meio urbano, o município continua basicamente agro-pastoril. As atividades e ações dos homens e das mulheres são voltadas para o campo através da agricultura, reflorestamento, carvoaria, pecuária de corte e pesca. Mais de 53% da população economicamente ativa, de acordo com o IBGE/2000, estão ligadas ao setor agropecuário, incluindo a atividade da pesca. A pecuária de corte é predominante no município. A agricultura praticada tem como principais culturas o milho, o feijão e a mandioca.

TABELA 2

EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO DO MUNICIPIO DE IBIAÍ

ANO	URBANA	RURAL	TOTAL
1970	771	3.317	4.088
1980	1.662	3.887	5.549
1991	3.454	3.843	7.297
2000	5.141	2.110	7.251
2005 (1)	-	-	7.347
2007	5.685	1.886	7.571

Fonte: adaptação Paula, A. M. N. R. de., Dados dos Censos IBGE (1) dados preliminares (-) dados não disponibilizados. PNAD- IBGE

As condições de vida das populações na cidade ou no campo foram afetadas na sua forma espacial, ambiental, cultural, social e econômica. A migração sazonal para as cidades maiores, a perda das terras para as grandes empresas agroindustriais, a poluição das águas dos rios e a modificação dos hábitos e costumes através de novos habitantes no campo e da chegada de aparelhos eletrônicos, como a televisão e a energia elétrica, fazem que as bases da vida comunitária se modifiquem, mas não há uma efetiva melhoria na qualidade de vida.

São menores os espaços de trabalho e de vida, são maiores as necessidades e mais difíceis as possibilidades de sobrevivência. Já no ano de 1971, a revista de cobertura nacional "Realidade", destacou uma comitiva de jornalistas para fazerem uma viagem pelo Rio São Francisco. Na estadia no município de Ibiaí os jornalistas reproduziram o seguinte fato:

> Aureliano, metido em botas de borracha, sobe aos escorregões pelo barranco. Os pescadores que saíram pela manhã com suas canoas já estão voltando, encostando-se ao pequeno porto o próprio barranco - de Ibiaí. Minas Gerais. Aureliano sobe depressa, vai abrir a sua casa de negócios na rua principal da cidade. A casa de negócios: um salão de chão batido, balcão, um tanto solene, e fica a espera. Na pobreza do negócio, um homem importante, um dos poucos compradores de peixe em 100 km de rio, daqui até a boca do Urucuia. Intermediário de um frigorífico de Pirapora, única cidade de todo o São Francisco onde exploração da pesca é mais ou menos organizada [...] No mundo pobre que faz negócio, um homem importante. [...]Antonio Sovela, pai de quatro filhos, é um pescador 'aviados' por Aureliano. Tem débito de- '25 contos' - mas hoje não vai abater. Nem vai a Aureliano, manda o filho maior, Fernando (cartoze anos), levar o peixe, o único que conseguiu pescar com sua tarrafa. Na balança, 2 quilos e meio; a cotação do frigorífico é 80 centavos o quilo, o Curimatá vale 2 cruzeiros. O garoto, olhos brilhando, espera com ansiedade logo entendida pelo negociante, que abre a gaveta e apanha duas células amarrotadas de 1 cruzeiro. O menino sai quase correndo, volta para atender ao nosso chamado e para dizer o que vai fazer com os 2 cruzeiros:
> -Pai mandou comprar farinha.
> -Para comer peixe?
> -Não, senhor, nós só peguemos esse.
> Então a farinha é para comer com quê?
> - Com nada.
> O dia não foi bom para ninguém, dinheiro quase não entrou para a gaveta de Aureliano. Quase anoitecendo, ele fecha a porta de sua casa de negócio. Vai para casa, levando uma Curimatá até de 2 quilos e meio. Lá estão esperando para o jantar a mulher e nove filhos. (Fonte: Revista Realidade, 1971, p.23).

A narrativa divulgada no início da década de 70 enfatiza a pobreza e as dificuldades que já ocorreriam com as populações locais, entre elas, os pescadores. Segundo os relatos orais, obtidos durante nossa pesquisa de campo em 2006, 2007 e 2008

a estratégia utilizada pela população para a sobrevivência era seguir para São Paulo e fazer a trajetória da migração sazonal. Passar inicialmente de três a quatro meses (muitos foram e ficaram anos, e muitos não retornaram), na capital e retornar com algum capital para investimento em comida, moradia e plantação da lavoura para a família. "*São Paulo é ali*" diz um morador de 65 anos de Ibiaí. A ida para a cidade de São Paulo, a 992 km do município, é uma trajetória feita e refeita tantas vezes no correr da vida, que o ir e vir já faz parte do cotidiano de muitos habitantes e muitas famílias do município.

> *A gente vai para São Paulo, fica lá um tempo e volta com algum dinheiro no bolso. Ficar aqui dia e noite morrendo de fome é que não dá. Eu já tenho 65 anos e digo que já perdi as contas de quantas vezes já fui para São Paulo e quantas já voltei. Primeiro lá nos anos 70 vinha gente buscar a gente aqui em Ibiaí ou em Montes Claros ou em Pirapora. Ou então a gente já ia sabendo de alguém que tava precisando de homem forte para trabalhar na construção. Depois começou a ficar mais difícil, mas quando é gente como que eu que topa qualquer serviço, você vai e arruma trabalho. Já trabalhei mais de 12 horas em um dia só e só com um pão e um leite ralo. São Paulo não é terra para morar não, mas é lugar pra gente ir, ganhar algum e voltar para terra da gente. Já pensei em nunca mais ir lá, agora acho que velho como eu tô, tem quatro anos que não vou, mas sei não, tá tão difícil. Olhando para trás não falo que a vida mudou com as idas para São Paulo, mas não morri de fome e se não tivesse ido quem sabe?* (Relato do Sr. Adão Noé, 65 anos, na beira do Rio São Francisco, morador de Ibiaí, em entrevista em Junho de 2008).

Hoje os fluxos migratórios no município continuam ocorrendo na busca de trabalhos temporários para cidades próximas e maiores como Montes Claros e Pirapora ou para locais onde já encontraram trabalho como nas cidades de São Gotardo e Serra do Salitre, nas regiões do Alto Paranaíba e nas cidades de Uberlândia e Uberaba no Triângulo mineiro, nas culturas de café, tomate e alho. São Paulo e seu interior continua ainda como opção de rota migratória, de acordo com relatos da população. A saída essencialmente temporária continua sendo utilizada como estratégia para manter a terra, enquanto morada, meio de sobrevivência, patrimônio e, sobretudo, enquanto *lugar,* isto é, enquanto materialização de relações sociais e simbólicas.

Ibiaí teve sua organização produtiva centrada no reflorestamento e na irrigação, em que a intervenção governamental, embora com o objetivo de superar o desequilíbrio sócio-econômico, beneficiou os grandes proprietários em detrimento dos trabalhadores rurais. A estrutura fundiária agravou a situação de opressão e expulsão dos trabalhadores do campo. As paisagens com águas, terras e vastidão de árvores do tempo do viajante Burton foram modificadas, a previsão de que haveria madeiras por longo tempo falhou.

As comunidades, que dependiam da pesca artesanal e do plantio de várzeas, tiveram enorme perda de território e de qualidade de vida. Foi intensa a desapropriação dos lugares de vida e de trabalho ao longo do Vale do São Francisco. Em Ibiaí, a comunidade da Barra do Pacuí, que iremos conhecer adiante, foi uma entre tantas comunidades que sofreram e sofrem as transformações das relações sociais e produtivas que provocam rupturas dos modos de vida do homem e da natureza. Os "ciclos de viver com a natureza" passaram para "os círculos de viver da natureza".

Barra do Pacuí, chamada anteriormente de Várzea dos Bois, é o lugar em que iremos desembarcar. Segundo os moradores mais antigos, o nome Barra do Pacuí surgiu em função da comunidade estar entre duas fazendas e o Rio Pacuí[79]. As fazendas que faziam divisa com a comunidade eram: Várzea dos Bois (antigo nome da comunidade) e a fazenda Barra do Pacuí.

> *Para transportar animais de uma fazenda para outra, da Várzea dos Porcos para a Barra era necessário atravessar o rio e passar dentro do terreno da comunidade e o porco era o animal mais carregado de um lado pro outro do rio. Para travessia era preciso jogar os porcos no rio para que estes nadassem, para facilitar o transporte. A partir de então, o rio, ou melhor, o córrego, porque rio é o São Francisco, passou a se chamar: Pacuí Eu ouvi dizer que naquele tempo, os donos de porcos atravessavam o córrego e jogava os porcos na água, e era Pa! E a água estava fria, os porcos gritavam Cuí! "Então ficou chamando assim, tanto o rio, como o local aqui: Pacuí.".* (Sr. João Bento, 73 anos*).*

A Barra do Pacuí é uma típica comunidade rural tradicional de beira rio e beira sertão mineiro. Uma comunidade de cerca de 55 famílias negras, com relações de parentesco provenientes da vinda de cinco famílias base que originaram a localidade. Homens e mulheres, entre velhos, velhas, adultos, jovens e muitas crianças que representam e vivem o real em suas vidas pendulando na fronteira do moderno e do tradicional, dos valores entre o perene e o efêmero. Nos tempos e nos espaços de vidas que perpassam a complexidade do viver o rural com as influências do viver moderno.

[79] O Rio Pacuí, nasce no município de Glaucilândia, no Norte de Minas Gerais. São 218,95 Km² percorridos até chegar a sua foz entre o município de Ibiaí e Ponto Chique onde encontra com o Rio São Francisco. A bacia hidrográfica do Rio Pacuí segundo dados do Comitê de Bacias Hidrográficas dos Rios Jequitaí e Pacuí – CBH Jequitaí/Pacuí, possui uma área de cerca de 3.920 km², o que corresponde a, aproximadamente, 0,7% da área total do Estado de Minas Gerais.

3.3 Desemboque: a Comunidade da Barra do Pacuí[80].

> 19 de setembro de 1867. (...) Ao meio-dia, paramos, para descanso, no lado de Pernambuco, abaixo de um lugarejo chamado serra da povoação. A montanha do mesmo nome forma uma linha meridional de blocos isolados, paralela ao rio, raramente afastando-se dele mais de três milhas. Na serra ou serrote do Pé do Morro, chega até a margem; o pequeno crescente é chamado Serra do Salitre, porque há nele uma gruta com salitre e dizem que se trata de um ramo nordestino da grande cadeia da mata da corda. Em frente dela, a Barra do Pacuí forma a habitual coroa; (...) Esse rio corre quase paralelo com o Jequitaí e recebe as águas do Montes de Formigas. Não há minas ali, mas as terras são boas para a pastagem e para a agricultura. O pacu, segundo Castelnau é o gênero *Characinus* de Artedi e o subgênero *Curimata* de Cuvier. Seu corpo, semelhante ao da carpa, tem 40 a 60 centímetros de comprimento, e sua carne é apreciada sendo o pacu-vermelho considerado o melhor. (BURTON, 1977, p.p196-203).

O viajante Burton descreve a Barra do Pacuí em sua travessia ao navegar pelo "grande rio" como um lugarejo de passagem, com terras boas para plantio e pastagem, descrevendo que haviam parado para descansar no "lado de Pernambuco", (os ribeirinhos assim designavam a margem esquerda do rio) que segundo ele, tinha mais madeira e a margem direita é o lado baiano que era melhor para a proteção do vento leste e contra as tempestades. "Esses velhos nomes vêm do tempo em que a Capitania de Pernambuco abrangia uma parte da atual Província de Minas Gerais", (BURTON, 1977, p.196). Diferente do viajante do século XIX, nossa viagem é por terra. Mas seguindo o curso do rio.

A estrada que leva à Barra segue o descer do Rio São Francisco. Na comunidade as terras são "terras de inundação", com muita mata ciliar e, em alguns lugares, um pouco de campos sujos. Encontramos interfaces de manchas do bioma caatinga, de característica arbórea, mas, é o cerrado o seu principal bioma. Na comunidade temos o encontro de dois rios: o Rio São Francisco que margeia a comunidade e o Rio Pacuí, seu afluente.[81] O Rio Pacuí nasce no município de Glaucilândia, no Norte de Minas Gerais. São 218,95 Km²

[80] Barra do Pacuí verbete relacionado etimologicamente com vocábulo do radical *barr-*, de origem pré-romana significando "entrada estreita de um porto" no séc. XIII Pacu- nome comum de vários peixes da família dos caracídeos. Do tupi *pa ku, pacui, pacuy* em 1783. Do tupi paku'i pa'ku+-i pequeno. (CUNHA, Antonio Geraldo da. DICIONÁRIO ETIMOLOGICO NOVA FRONTEIRA DA LINGUA PORTUGUESA.Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.p.100 -571).

[81] A bacia hidrográfica do Rio Pacuí, segundo dados do Comitê de Bacias Hidrográficas dos rios Jequitaí e Pacuí – CBH, possui uma área de cerca de 3.920 km², o que corresponde a, aproximadamente 0,7% da área total do Estado de Minas Gerais.

percorridos até chegar a sua foz entre o município de Ibiaí e Ponto Chique onde encontra com o Rio São Francisco.

De Ibiaí até a comunidade da Barra do Pacuí percorremos 22 km, trajeto realizado em 50 minutos de viagem em carro pequeno. A estrada é de terra vermelha com muita poeira, com pedras soltas, com lombadas e subidas que dificultam o acesso. A vegetação de cerrado é composta de jatobás, gameleiras grandes e pequizeiros na margem da estrada. Muitas flores pequenas como sempre viva e ciganinha se misturam entre terra solta e grama seca. No caminho, pessoas, cavalos, motos, bicicletas e carros de boi completam a paisagem que nos leva ao povoado.

A história de ocupação da comunidade se confunde com a história de vida de muitos dos seus moradores e se insere em um contexto de transformações que atingiram as populações ribeirinhas do São Francisco a partir dos anos de 1960 (no século XX). Através do diálogo com moradores mais antigos foi possível identificar os principais fatos do processo de formação da Barra do Pacuí.

3.3.1 O processo de formação da comunidade:[82]

> *Foram cinco amigos*: *Benedito Nunes Siqueira, Francisco José Soares conhecido como Chico Bigodão, Anacleto Pereira de Matos, Manoel de Alcântara conhecido como Manuel Vermelho e Benedito de Paula Estevão. Anacleto e Benedito são da mesma família, primos distantes. Seu Benedito Siqueira deixou quatro filhos, deles três ainda residem na Barra, e já com filhos e netos. Francisco Bigodão deixou apenas o neto João Bento, os demais se foram. Eles compraram 48 alqueires de terra através do fazendeiro Seu Coralino que foi quem fez o negócio com a dona da área que era Dona Serja. Eles trabalhavam para Seu Coralino lá em Pirapora e ai quando os filhos dele assumiram a fazenda o clima não ficou bom e o próprio Coralino ajudou para que eles comprassem as suas próprias terras. Eles não queriam muita terra, mas tinham uma vontade que fosse terra de beira rio e do rio São Francisco. (*Seu Antônio Conceição de Souza, (Antônio Verde) 73 anos, morador da Barra do Pacuí, entrevista para Andréa M. N. Rocha de Paula em junho de 2008).

Era o ano de 1934. Cinco homens desceram[83] o rio São Francisco vindos de uma fazenda onde trabalhavam como meeiros no município de Pirapora. Estavam a procura de

[82] As informações sobre a constituição da comunidade foram realizadas através dos relatos dos moradores, bem como, na leitura de trabalhos sobre a comunidade e na discussão e reflexão com pesquisadores da Barra do Pacuí.

[83] "Navegar cabeça abaixo, no dialeto do rio, é o oposto a cabeça acima, isto é, rio acima." (BURTON, 1977, p.203)

terras para comprarem e assim terem suas próprias terras para o cultivo de lavouras de milho, feijão e mandioca. Fizeram várias paradas na travessia pelo rio. Desembarcam em Ibiaí e são informados da existência para a venda de terras boas na beira do São Francisco. Chegam ao lugar onde há o encontro do Rio São Francisco e do Rio Pacuí. O próprio patrão dos trabalhadores em Pirapora foi o responsável em fazer a mediação da compra da terra. Nas margens do rio delimitam que cada pé de manga representava uma família que ali se instalava. Os cinco homens compraram o "*direito de posse*" de 48 hectares de terra que foram divididas em 08 hectares para o Sr. Benedito de Paula e 10 hectares para cada um dos outros quatro homens: Benedito Siqueira, Francisco Soares, Anacleto Matos e Manoel de Alcântara. A divisão das terras foi efetuada de acordo com as posses financeiras de cada um. Como um dos homens possuía menos dinheiro, ficou com menos terra.

As terras compradas eram compostas por uma vegetação de cerrado, com mata densa, solo arenoso e muita água com formação de lagoas perenes. Na fauna encontraram capivara, sucuri, veado, jacaré e peixes variados e graúdos. As atividades de caça e pesca eram praticadas no cotidiano. Inicialmente construíram alguns casebres e desenvolveram atividades de pesca e agricultura para conseguirem alimentos.

Foi no ano de 1935 quando os trabalhadores rurais trouxeram suas famílias para a comunidade. Portanto um ano depois, segundo o relato de uma ex-moradora, Dona Messias, 78 anos, ela foi criada desde a infância na Barra do Pacuí, mas há mais de 30 anos mora em Pirapora.

> *Nasci abaixo da Barra do Pacuí a 2 léguas aonde tem um lugar que chama Joãozinho. Perto da croa dos patos e da lagoa das muriçocas (...) foram de canoa arranjaram as canoas, canoas grandes encheram das coisas, né "cacaiada de pobre" e descemos água a baixo ai encostamos lá, e lá o velho reconheceu aqueles ranchinhos, ai nós descemos, e de primeiro eram poucos moradores.*
> *[...] Quando eu fui pro Pacuí eu ia fazer três anos. O Pacuí, quando nós chegamos lá que meu avô desceu procurando terreno pra comprar, então ele chegou em Ibiaí e deram a dica deste lugar, ai ele desceu até lá, agradou o lugar, mais ele comprou lá já tinha tido moradores mais velhos por lá, ai então que eles foram descortinar*[84] *,foi primeiro umas casinhas mixurucas cá na beira do rio, mixurucazinha de roça ai pra depois construir lá no bairro.*[85] *(*Maria Messias, 78 anos, ex - moradora da comunidade, entrevista em maio de 2009 para Haidê Sousa*)*

[84] Descortinar, "mostrar," limpar, retirar a vegetação, para o plantio e construção de habitações.
[85] Local onde a comunidade vive atualmente.

As famílias plantavam e pescavam na margem do Rio São Francisco que era também o lugar para a comercialização e para o escambo de produtos entre a população local e as demais populações ao longo do rio. Nas canoas iam pessoas e cargas. Idas e vindas no rio em viagens longas. A população da Barra, como toda população da ribeira, freqüentava o comércio do rio através da compra de alimentos, roupas e medicamentos nos pequenos barcos que circulavam ao longo do São Francisco. Alguns dos produtos trocados ou vendidos eram: mandioca, farinha de mandioca, feijão, milho, abóbora, rapadura, peixes, laranjas e melancia. Os produtos que eram obtidos no escambo ou na compra eram a carne seca de boi, querosene, o fumo, utensílios domésticos como panelas e também tecidos para a confecção de roupas. O rio representava a ligação com o mundo exterior. Era através dele a comunicação com a cidade de Pirapora que representava o local para procurar por saúde e outros gêneros alimentícios.

> *Tudo vinha pelo rio e tudo ia pelo rio. Para gente ir a Pirapora era uma longa viagem pelo rio. O barco era movido no braço e nele ia farinha, mandioca, milho para vender. E a gente trazia tecidos para fazer roupa e sal. (*Relato de Dra. Maria Conceição, 62 anos, moradora da Barra do Pacuí, entrevista em abril de 2007 para Andréa M. N. R. de Paula*).*

Como as cheias os ameaçavam, foram afastando as suas casas do rio. As primeiras casas foram feitas com enchimento de barro construídas às margens dos rios São Francisco e do Pacuí. Usavam madeiras e barro para construção. As coberturas das moradias eram feitas de palha de coqueiro. O chão era de barro batido e quase sempre as casas possuíam no máximo uma janela. As casas eram feitas esparsamente, sem cercas. *"a gente ia para casa dos outros nas trilhas, tinha uns caminhozinhos que ligavam de uma casa para outra. O mato era ainda todo fechado*." Lembra o Sr. Antonio. A maioria das moradias mais antigas foram levadas nas cheias do rio em 1979, mas ainda restam exemplares de casas de adobe (tipo de tijolo rústico prensado e seco ao sol). As construções de hoje são de alvenaria, bem mais próximas uma das outras e continuam sem cercas.

A comunidade foi crescendo e organizando as moradias de acordo com os ciclos da natureza no lugar, nos ciclos da cheia, enchente, vazante e seca (COSTA, 2005). O tempo do passado é mencionado pelos moradores como *tempo das águas* para designar as cheias do São Francisco que ocorriam regularmente e com grande intensidade

configurando uma dinâmica de cheia e vazante que promovia a fertilização do rio pelas *lagoas* e que geravam abundância de peixes. Na seca os moradores moravam na beira do rio, nas águas mudavam para a parte mais alta. O ir e vir já fazia parte da constituição do grupo.

> *Eram cinco famílias e alguns deles trazia mais família, no caso de meu pai, já veio casado, no caso já era outra família. Cinco famílias que comprou o direito aqui, não era parente, mas amigos e conhecido, eram amigos na fazenda e reuniram os cinco e compraram o direito, no caso da fazenda não sei de quem ficaram sabendo desse terreno estava disposto, aí vieram e compraram quarenta e oito alqueires de terra.Entre os cinco, ficaram quatro com dez alqueires e um com oito, foi por aí que começaram, mudaram para aqui em 1934, eu nasci em 1937, e aí foram indo, no princípio morava na beira do rio, mas naquele tempo chovia bastante, tinha muita enchente, tinha que ficar mudando de cá para fora, para o alto.O rio lavava e depois a não sei em que ano que eles mudaram para aqui, mas já nasci aqui fora. Era pouca gente, agora este povo companheiro que vieram eram todas pessoas amigas e vivia bem, e continuamos e não acabou! Somos descendentes deste pessoal, mineiros e baianos, são os dois estados, uma parte era aqui de Minas e outra era baiana, continuaram aí, foram aumentando as famílias. Criando, construindo nossa família também e apesar de hoje não tem algumas pessoas, várias pessoas que não é dessa descendência chegaram depois pra aqui e se adentrou para as famílias, mas o começo daqui de Barra do Pacuí é dessa maneira*. (Seu João Bento, 73 anos, morador da Barra do Pacuí, entrevista a Andréa M. N. R. de Paula em junho de 2008).

As formas de trabalho e apropriação do território foram essencialmente baseadas nas relações regidas, sobretudo, pelo direito costumeiro e por redes de solidariedade entre vizinhos e parentes, característicos do mundo camponês. A apropriação das terras foi baseada nos costumes e nas necessidades de cada família. O que definia a posse eram as marcas do trabalho. Os limites eram demarcados pelos elementos da natureza. E o trabalho de cada família era definido por seus cultivos.

> *Tomaram posse. Abriram muita mata. E só algum tempo depois trouxeram as famílias. Com ajuda dos filhos construíram as nossas casas e abriram caminhos para ligar uma casa a outra, a mata era muito fechada. Nunca pensaram em cercas, em onde começasse a terra de um e terminava a do outro, afinal todo mundo era das famílias. Trabalharam muito e até hoje é assim que a gente vive. "Homem, mulher, criança, velho, todo mundo fazendo um pouco, para ter algum."*. (Relato Sr. Antonio Conceição de Souza, 73 anos, entrevista para Andréa M. N. Rocha de Paula em julho de 2008).

Algumas marcas e sinais do nascimento da comunidade ainda resistem à destruição provocada pelo tempo, como as cruzes do cemitério velho, alguns pés de manga na beira do rio, documentos e fotos antigas e a memória dos moradores. Na pesquisa de campo que realizamos nos anos de 2006 a 2008 foram muitos os relatos de

moradores lembrando a constituição da comunidade. Percebemos que a memória funcionou e funciona como registro da história do lugar e de sua população. Ao relatarem a constituição da comunidade estão elaborando e reelaborando a sua própria constituição.

Em 1979 a enchente nas águas do Rio São Francisco provocou mudanças na vida dos moradores. O rio inundou várias residências e quase todas as plantações, além disso, as águas do Rio Pacuí, também invadiram as lavouras. Foi uma época de mudanças para a parte mais alta da comunidade. Muitas famílias ficaram em uma única casa. "*Era um mundo de água, e foi tanta gente que ficamos apertados todo mundo em uma casa só. Era menino, velho, moço e moça todo mundo junto esperando as águas baixar. Muita gente construiu suas casas aqui em 79 e outros voltaram para a beirada rio quando as águas baixaram."* (Dona Tazinha, 82 anos, entrevista a Andréa M. N. R. de Paula, em junho de 2008*).*

3.3.2. O processo de cercamento das terras na Barra.

> *Cinco anos após a chegada das famílias que formaram a Barra, o dono da fazenda Várzea dos Bois, que fazia divisa com a comunidade, Seu Aristides Batista, valendo da amizade que o povo da Barra fazia com todo mundo, pediu para arredar a cerca dele para o um pedaço que era dentro da nossa comunidade. Ele falou que era para colocar o gado e já que os moradores não tinham gado era um favor e que logo ele ia colocar a cerca para o lugar onde era. Ele usou disso e todo mundo tinha muita confiança nele, era para ele que antigos moradores entregaram o registro da compra da terra para ele registrar no cartório de Coração de Jesus, era ele Seu Aristides que fazia toda essa coisa de papel e documentos e pagamento de impostos para o povo da Barra. E assim ele ficou com o pedaço da nossa terra. E depois já nos anos 90, ou seja, já comigo aqui, o neto dele Manim Maia fez a mesma coisa que o avô já tinha feito no passado. Ele ficou com um pedaço grande, inclusive onde fica a lagoa e um pedaço das minhas terras de roça.*
> *Foram muitos alqueires de terra, entrei na justiça, mas com o dinheiro pouco e eu sozinho tive que aceitar.* (Seu João Bento, entrevista em junho de 2008, para Andréa M. N. R. de Paula).
>
> *Meu pai e meu avô contavam que no tempo da seca tava sem pasto pro gado, então, o fazendeiro veio e pediu um pedaço de terra pro pasto, mais era só por enquanto até criar pasto, então ele ia voltar a cerca pro mesmo lugar, só que foi passando tempo, passando tempo e nada dele voltar a cerca pro lugar, até que ele morreu e ficou os filhos, só que não aceitaram o acordo que tinha sido feito antes, com o pai deles, tentamos conversar só que nada se resolveu, daí as cerca só foi avançando.* (Antonio Conceição de Souza, entrevista em junho de 2008, para Andréa M. N. R. de Paula).

Os relatos de Seu João Bento e de Seu Antonio descrevem uma situação vivenciada pelos primeiros moradores da localidade no início da década de 40 e vivida

novamente pelos atuais moradores. Os acordos verbais feitos pelos agricultores baseados na palavra empenhada e nos valores de amizade e vizinhança foram utilizados pelos fazendeiros para prover o processo da perda de parte das terras do território.

A palavra dada é um valor preservado pelos sertanejos. Façamos uma pequena digressão para invocarmos João Guimarães Rosa, que relata esse valor para os sertanejos no romance Grande sertão: veredas: No julgamento de Zé Bebelo, no seu discurso de defesa, Riobaldo se apossa de tal valor e garante a liberdade do amigo: "Mas agora eu afirmo: Zé Bebelo é homem valente de bem e inteiro, que honra o raio da palavra que dá" (JGROSA, 1986, p.177).

A área da comunidade que foi adquirida em 1934 de 48 hectares, atualmente é composto de 24 hectares. O acesso aos recursos naturais como a fauna, a terra e as águas, através das atividades da caça, das lavouras e da pesca foi drasticamente reduzido com a diminuição do território da comunidade e com o uso predatório do ambiente.

> *Ali, tinha vez que toda a gente estava reunida e escutava o barulho das rodas do carro de boi, que vinha lá longe, ali era de seis a oito bois para carregar as cargas de cana, outra vez de rapadura, era um carro só que a gente tinha aqui, para todo mundo usar e usava, alegre e satisfeito. Para leva ou buscar cargas para o engenho, as vezes usava até pras colheitas da roça. [...]O engenho ficava na beira dos dois rios o São Francisco e o do Pacuí, mais ai mudou de lugar, e depois mudou de novo, foi indo até acabou. Agora tem um carroção alguns ainda usam mais é pouca gente. Não tem nem o que colocar dentro, pra quê carro de boi? (Seu* Antônio, 73 anos*)*

Os moradores foram vendo o seu território ser cercado por arames e por pastos das vastas terras das fazendas de gado e pelas carvoeiras. Como conseqüência houve a destruição das terras de cerrado, a contaminação das águas, o desaparecimento de vários animais da fauna local e a perda das áreas comunais das chapadas, utilizadas para a coleta de alimentos e de lenha.

Hoje a comunidade continua cercada por fazendas de gado e possui mínimos espaços para a moradia e o cultivo agrícola. Os moradores relatam que não podem contar mais com o espaço do cerrado, para: "*pegar uma lenha*", um "*remédio do mato*", ou colher "*frutos do cerrado,*" o que era muito útil e aceito também como alternativa para complementação e manutenção da sobrevivência. A invasão do terreno da comunidade pelos fazendeiros e as cercas que foram colocadas como divisória para o gado, com o passar do tempo foram avançando cada vez mais. O que era para ser provisório virou

permanente. Nos relatos os moradores são unânimes em relação ao que perderam para os fazendeiros vizinhos: as terras comunais, os gerais.

> *Tiraram os gerais da gente, as terras que era de todo mundo, onde tinha lenha e muito fruto, mas acabou. Vivemos cercados, e o pior tem mais gado, carvão, cerca do que gente. Ou então tem uma pessoa só mandando, ou uma família que nem vive aqui, mas que é dona da terra, e quem ficam é são só os empregados. E nós que sempre vivemos da terra e aqui, ficamos assim, com pouquinho de terra, mas faz o quê? Pior é quem não tem nada. (Seu* João Bento)



Foto 10: **As cercas que fazem os limites na comunidade da Barra do Pacuí.**
Autor: Haidê. Alves Carvalho Sousa (2009)

A área construída da comunidade foi vendida à Prefeitura no ano 1997, pelo Seu João Bento. Vale ressaltar que essas negociações foram realizadas de comum acordo pelo poder público e os moradores, que acreditaram ser uma forma de impedir a invasão[86].

> *Nós somos muita gente aqui e vivemos aqui e queremos continuar aqui. Achei melhor vender para a Prefeitura. Mas só vendi a área construída, ou seja, aqui onde moramos. E é onde a gente precisava de melhoria pra todo mundo. A parte das terras de lavoura eu não entrei. Foi o jeito de garantir que ninguém mais ia tomar terra da gente. Já perdemos tanta terra, teve gente aqui que quase ficou sem a casa. Teve que pedir prefeito, fazendeiro, enfim uma luta danada. Conversei com todo mundo. Mas também vendi a parte que era minha por herança. E graças a Deus eu não me arrependo*. (Relato de Sr João Bento).

[86] Essas informações foram transmitidas através dos moradores da comunidade e confirmadas através do Sr. Geraldo Eustáquio de Andrade, oficial de administração da Prefeitura Municipal de Ibiaí, em entrevista para Haidê A. Carvalho (maio de 2009).

Até o momento a divisão dos terrenos continua sendo feita da maneira tradicional. Ou seja, as terras de lavoura são definidas através da apropriação pelo trabalho e pelo uso. É na condição de agricultor que reside o estabelecimento das terras para o cultivo e a moradia. *"Eu ponho minha rocinha, ali eu considero que é meu. Você faz sua casinha aqui, ai é sua casa. E por ai vai*." Conta Seu João Bento. "*Nunca tivemos briga por causa disso, mas tem reparo. Tem hora que um quer um pouco mais, mas tudo acaba se resolvendo*." Completa ele.

> *Com o tempo tudo mudou porque, a fartura que tinha acabou não tem mais fartura, planta não dá nada, a pessoa vive só do quê compra, e foi por conta disso que nós saímos de lá para vim morar aqui em Pirapora. Família grande, não estava dando cultura, plantava mais não dava então a gente procurou outro destino. (...) até os matos, os bichos e os costumes dos velhos tão acabando tudo.* (Relato de Dona Messias da Silva, 78 anos ex-moradora da comunidade da Barra do Pacuí.)

3.4 Travessiando

A constituição dos territórios do município e da comunidade foi permeada pela solidariedade entre os iguais e pela resistência com os diferentes. As modificações na agricultura transformaram as paisagens e as populações. Propomos pensar a territorialidade de acordo com Raffestin (1993), como a vivência do processo territorial através das relações existenciais ou de produção, mas relações de poder, que acontecem entre os sujeitos que querem modificar as relações ou com a natureza ou com a sociedade.

Deste modo, podemos afirmar que o processo territorial do município de Ibiaí fez parte da constituição da estrutura regional baseada no interesse do capital e na urbanização e modernização do campo. Na comunidade da Barra do Pacuí diferentemente sua constituição se deu na formação da territorialidade dos povos tradicionais. Na busca da terra de plantio e morada. Os processos e relações sociais foram se internalizando com e entre os moradores da comunidade resultando em uma relação de pertencimento, afetividade ao território, ao lugar e as pessoas que constituem o lugar. É na utilização do espaço–território-lugar, que o fazer da vida individual e coletiva provoca a compreensão

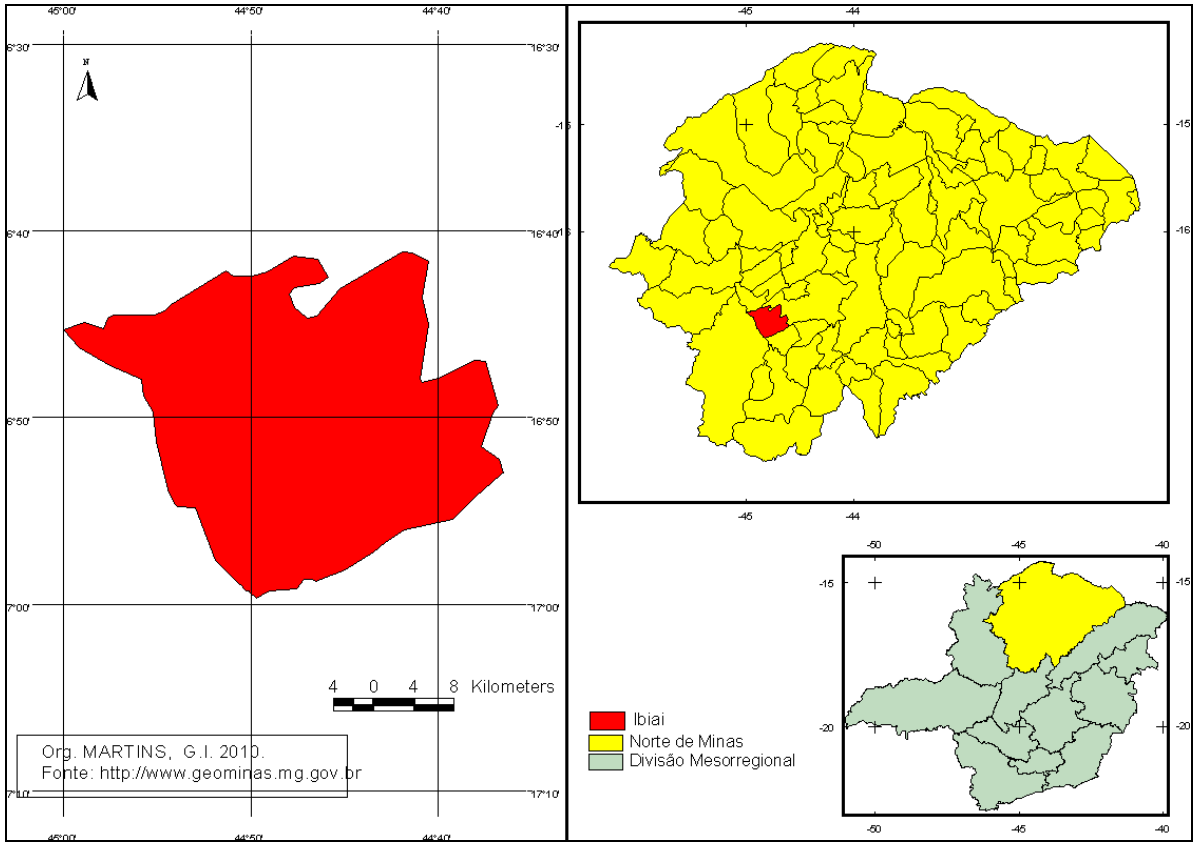
do espaço ecossistêmico, do lugar onde se vive e de suas representações em função do que se vê e do que se vive, portanto, parte e todo de um processo histórico e político.

Estamos assim reafirmando a posição da anterioridade do espaço em relação ao território e da singularidade que cada grupo humano representa e tem na constituição da sua territorialidade. Concordamos com Little (2002, p.3) que define a territorialidade "como o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente [...]" (LITTLE, 2002, p.3). Percebemos que a comunidade é elemento de centralidade na realidade do camponês da Barra "[...], pois ela (*comunidade*) exprime o modo possível de conceber a sua existência," (MARTINS, 1973, p.29, grifos nossos).

O conjunto das moradas da população nativa, os lugares de trabalho no rio e na terra às margens dos rios, fundamentam a territorialidade dos habitantes, traduzindo o "habitar" como dimensão de uma geografia singular. "O espaço habitado transcende o espaço geométrico" (BACHELARD, 1993, p.227)

Os moradores da Barra do Pacuí, como de tantas outras comunidades do sertão mineiro e do rural brasileiro, conviveram com as modificações na agricultura brasileira, com a mecanização rural que provocaram o cercamento e diminuição da terra, diminuindo a produção da agricultura camponesa, impondo restrição no uso da terra e modificando o cotidiano das famílias.

A mobilidade espacial que provocou a conquista da terra através da associação com outros camponeses será então utilizada agora para promover a continuidade nela. Camponeses migram para continuarem na terra, para manterem na comunidade seus lugares de vida e a possibilidade de continuarem reproduzindo o modo de vida camponês. *"O sertão é uma espera enorme"*.



Mapa 3- Localização do Município de Ibiaí.

∞

QUARTA TRAVESSIA:
"O sertão é uma espera enorme". Tessitura da Barra do Pacuí

Sertanejos, mire e veja; o sertão é uma espera enorme. (JGROSA, 1986, p.509).

4.1- O sertão é uma espera enorme.

Quando adentramos no cerrado norte mineiro somos acometidos de variadas impressões. Da solidão perante a imensidão dos chapadões, do encantamento pelas águas límpidas e profundas dos rios, da exuberância da beleza na manifestação da natureza nos detalhes que vão das pequenas e coloridas flores em meio à vastidão da terra com poeira aos frutos e cores nas árvores e animais nos caminhos e trilhas. Essas impressões se intensificam pelo calor intenso que molha o corpo, no azul que toma conta do céu no "*dião de dia*" [87] e nas inúmeras estrelas que com a lua enorme e clara fazem o céu nas "noites do sertão". Sertão tem cor, cheiro e sabor. Cor de terra, de poeira e de vermelho de urucum. Cheiro de fogo ardendo em fogão de lenha de alguém "passando" um café e o sabor de um "gole" de café ou de um cozido em panela de *alumínio arreado*.

As impressões descritas estão presentes no momento dessa travessia entre a cidade de Pirapora para a comunidade da Barra do Pacuí. Faremos o trajeto, a mudança de espaço em um tempo de no máximo três horas em carro pequeno. Mas a diversidade na paisagem entre o urbano da pequena cidade de Pirapora até o rural na comunidade da Barra do Pacuí nos revela espacialidades e temporalidades de uma geografia do sertão. Lembramos que a diferença entre a paisagem e matéria bruta é reconhecida pela na nossa percepção como ensina Simon Shama: "[...] Paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas" (SHAMA, 1996, p.17).

Estamos em abril de 2006, o tempo está quente, *abafado* como dizemos aqui no sertão, faz calor e ainda não choveu, "*mas vai chover, se não ventar muito, porque muito vento é sinal de pouca chuva,*" dizem os mais velhos. Estamos nos adentrando no

[87] [...] Amanhã é que ser mesmo a festa, a missa, o todo do povo, o dia inteiro. Dião de dia! (JGROSA, 1984, p.187).

cerrado, indo para terra de sertão em beira de rios, no encontro do Rio Pacuí com o São Francisco.

Depois de uma curva acentuada e com um grande pé de Baru para nos recepcionar, chegamos à comunidade. A paisagem mistura arbustos com galhos retorcidos e com raízes profundas, a flor vermelha conhecida aqui como ciganinha aparece em todos os cantos do caminho. Observamos que em frente ao pé de Baru tem a praça com a igreja de Nossa Senhora Aparecida. A pequena distância entre o lugar e a cidade se mostra grande na visualização do povoado.

Sensações distintas nos avassalam ao nos aproximarmos dos homens e das mulheres que vivem no interior do sertão. Sensações que variam do sentimento de impotência e de injustiça em percebermos famílias vivendo com tão pouco ao sentimento de compreender a diversidade dos mundos, em observar um modo de vida diferente do nosso, onde a concepção do que consideramos pouco é muito para as famílias que vivem na comunidade. Natureza e homem se confundem. As pessoas se misturam ao ambiente, entre a vastidão e o cercamento das terras. Homens, mulheres, velhos, adultos, jovens e muitas crianças que nos olham como se pudessem ver nossa alma.

Aqui estamos. Observamos as ações que se desenvolvem na paisagem, compreendendo que "a paisagem é dentro de nós, enquadrada por nosso olhar particular, por nossa memória individual, por mais coletiva que possa ser, (BEZERRA; HEIDEMAN, 2006, p.3).

Várias crianças estão brincando com a bola, outras pessoas nos olham e nos cumprimentam com um sorriso e um aceno de cabeça. Mulheres conversam nas portas das casas. À cavalo passa um senhor de chapéu, mais ao longe podemos ver alguns homens em uma mesa de bar. São vários os sons, alguns próximos e outros mais distantes. Uma televisão está ligada e noticia a greve da USP em São Paulo, de outro lugar vem um som de música que não conseguimos perceber qual é, apenas o ritmo é conhecido, forró. Mais ao longe, em uma casa com a porta entreaberta, escutamos vozes femininas e masculinas e mais próximo de nós o barulho do vento nas folhas das árvores de baru e do jatobá. Já ao nosso redor, a algazarra das crianças.

Lembro que avisaram que o vento afasta a chuva, mas o frescor que traz ao corpo refresca e anima. Por alguns instantes ficamos em silêncio, contemplando o diferente, o estranho, o outro. Observamos em um campo de chão batido, sem grama, um jogo de futebol com homens com camisas do Flamengo (time carioca) e do Corinthians (time paulista). Confirmamos a influência da mídia, através das antenas parabólicas da televisão, os times de Estados distantes são aclamados aqui no sertão de Minas. Percebemos que ainda estávamos na entrada da comunidade. Lembramos João Guimarães Rosa através do jagunço Riobaldo nos dizendo: "Regra do mundo é muito dividida", (JGROSA, 1986, p.53). Com as impressões e as sensações do ambiente e das pessoas do lugar vamos conhecer a Barra do Pacuí.



Foto 11: A **comunidade da Barra do Pacuí, Junho de 2008**.
Autor: Andréa M. N. R. Rocha de Paula (29 de junho de2008)

4.2 A composição sócioespacial da Barra do Pacuí

Atualmente o número de moradores da Barra é de 210 habitantes[88], são cerca de 55 famílias de maioria negra, fato que desperta a curiosidade de vários pesquisadores,

[88] Dados obtidos através do cadastro dos moradores da comunidade no Posto de Saúde, através do Programa Saúde da Família Veredas. (PS) em abril/2009, de acordo com o depoimento da agente de

na hipótese de se tratar de uma comunidade quilombola.[89] O número de habitantes tem sofrido alterações nos últimos anos em função da migração. Em 2006 a população era de 280 pessoas, segundo dados da pesquisa de Tatiana Thé (2006), em 2008 a população totalizava 249 pessoas de acordo com dados da pesquisa de Herlles (2008, p.104). De acordo com Sousa (2009) são 138 adultos e 78 menores de 14 anos no ano de 2009.

A maioria dos habitantes da Barra do Pacuí define-se como camponês agricultor; pessoas que vivem do cultivo da terra, do que "*plantam na roça*". Quase todos já tiveram a pesca como atividade importante (mas não principal) para o sustento da família, entretanto hoje muitos não pescam, embora a maioria possua carteira de pescador e receba o recurso do seguro desemprego da pesca na época da Piracema.[90] A renda média mensal da população da comunidade é de R$150,00 (cento e cinqüenta reais) a 300,00 (trezentos reais) [91].

Cerca de 57 % dos moradores são de mulheres e 43 % de homens. Essa predominância do gênero feminino é explicada pela população local como resultado das saídas dos homens para o trabalho fora da comunidade. Encontramos na Barra um grande número de crianças e mulheres convivendo com os mais velhos no correr do dia.

De acordo com Santos (2008), 15,90 % da população da Barra são compostas por aposentados e 52,30 % é uma população de adultos economicamente ativos, restando 31,80 % de crianças. De acordo com dados fornecidos pela agente de saúde local, Silvana de Jesus, a média de filhos por mulher no passado era de oito filhos e

---

Saúde, Silvana de Jesus, as pessoas que estão fora da comunidade a mais de seis meses não foram contadas. Entrevista para Andréa M.N. R. de Paula em janeiro de 2009, Entrevista para Haidê Sousa. Maio de 2009

[89] Não há ainda comprovação a esse respeito, ver Monografia de SILVA, Simone Aparecida Leite. ."PRA SE LEMBRAR TEM QUE BULIR EM MUITA COISA": Memória e Identidade em Barra do Pacuí uma Comunidade Rural Negra de Ibiaí Norte de Minas. 2009. Monografia (graduação em Ciências Sociais) Unimontes: Montes Claros.

[90] O seguro-desemprego funciona como uma espécie de "bolsa-anzol": é pago aos pescadores com registro profissional concedido pelo Ministério da Pesca durante os meses do "defeso", o período em que o anzol tem de ser dependurado porque é proibida a pesca. O Ibama definiu as normas para proteção dos peixes da bacia do rio São Francisco no período de 1º de novembro a 28 de fevereiro, quando os peixes sobem às cabeceiras para a desova, caracterizado como piracema. A pesca de qualquer espécie está proibida até 30 de abril nas lagoas marginais (áreas de preservação permanente), nas áreas até mil metros próximas de barragens, cachoeiras e corredeiras e até 500 metros das confluências dos rios.

[91] Segundo dados de cadastramento do Programa Saúde da Família na comunidade.

hoje, com o programa de métodos de controle da natalidade realizado na comunidade, a média é de 03 filhos.

Em relação a serviços básicos, foi no início da década de 80(século XX) que a comunidade viu chegar as redes de abastecimento de água e energia elétrica. A água da comunidade vem de poço artesiano. A água é bombeada para uma reserva geral e de lá dividida para todos os moradores. A Prefeitura municipal é que faz o pagamento do valor gasto para a Companhia de Abastecimento de Água-COPASA. O posto telefônico e o posto de saúde chegaram na década de 90 (século XX). E em 2007 foi então construída uma praça em frente à igreja, onde foi instalado um orelhão que é hoje o telefone utilizado por todos os moradores. Na comunidade existem somente duas construções muradas: a escola pública e um pequeno meio muro da igreja evangélica.

Em relação à educação, os estudos eram realizados de improviso na casa dos moradores. Após a construção da escola[92] os estudos passaram a ser realizados no novo local definido pela prefeitura de Ibiaí. Em 2002, uma reforma duplicou para quatro os números de salas de aula. O sistema escolar funciona com uma escola pública de "1 a 9 anos", oferecendo o ensino fundamental. Para o ensino médio, existe o transporte escolar diário para os alunos no período noturno irem cursarem na sede do município de Ibiaí. Os moradores mais velhos são alfabetizados, embora tenham grandes dificuldades com a leitura, segundo os relatos dos mesmos. A maioria das crianças em idade escolar estão matriculadas e cursando o ensino fundamental. Nas narrativas dos moradores todos citam os programas públicos com incentivo financeiro para manter os filhos na escola como responsáveis pelo número e a freqüência das crianças nas salas de aulas. Cerca de 10 jovens freqüentam o ensino médio em Ibiaí no período noturno.

A principal via de acesso na comunidade é o transporte rodoviário feito através da linha de ônibus regular entre Ibiaí e a Barra. O ônibus sai da cidade de Pirapora para a cidade de Ponto Chique com a parada em Ibiaí e na Barra do Pacuí. O transporte é realizado de segunda a sábado. Muitos dos moradores utilizam motocicletas, veículo que está cada vez mais presente no meio rural da região.

[92] Segundo dados adquiridos na escola da comunidade, a mesma foi implantada sob a lei 6/10 dezembro de 1963 construída em um terreno cedido pelo morador Sr. João Batista de Jesus- Seu João Bento, em 1997, com a denominação de Escola Municipal "Coronel Luiz Pires".



Foto12: **O ônibus chegando à Comunidade**
Autor: Haidê Sousa, 2009.

A população da comunidade da Barra do Pacuí desde o ano de 2006 aguarda o reconhecimento formal de seu território tradicional como Unidades de Conservação de Uso Sustentável (Reserva Extrativista – RESEX). De acordo com o IBAMA, as reservas extrativistas são "áreas destinadas à exploração auto-sustentável e conservação dos recursos naturais renováveis, por população extrativista". (2009, s/p)

A população compreende que através dessa regulamentação será possível ter de volta as terras comunais da comunidade, que são os Gerais, terras que eram utilizadas para o extrativismo dos frutos do cerrado, bem como, a possibilidade de retorno de familiares que sonham com a volta a comunidade agora em uma área de maior plantio. Todo o processo esta sendo acompanhado pela Associação de moradores.

O poder local é exercido na comunidade através da Associação dos Moradores da Barra do Pacuí, fundada no ano de 1989 e hoje é presidida pelo Sr João Bento (que já foi três vezes presidente em outros mandatos) A associação tem forte vinculação com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e com a Colônia de Pescadores de Ibiaí. Pelos depoimentos dos moradores é através da Associação e do Sindicato que os mesmos

conseguem sementes para o plantio, bem como a regularização e acompanhamento dos processos de aposentadoria rural, encaminhamentos para consultas e procedimentos médicos e odontológicos em outras cidades, principalmente Pirapora e Montes Claros. Também exercem liderança, esta mais social do que política, os professores, o padre, o médico, entre outros.

Os recursos econômicos dos membros da comunidade são oriundos da agricultura camponesa, do programa federal: Bolsa família[93], juntamente com os benefícios da aposentadoria dos muitos inativos como trabalhadores rurais ou pescadores, o que favorece uma estabilidade econômica local. O único trabalho assalariado na comunidade é feito pela Prefeitura Municipal, são 19 servidores públicos entre eles a agente de saúde, a telefonista, os professores e os funcionários da Escola Municipal Coronel Luis Pires.

O dinheiro em espécie não é encontrado facilmente no local. Os recursos das aposentadorias e do programa Bolsa Família são recebidos na cidade de Ibiaí e lá mesmo são transformados em mercadorias como roupas, remédios e alimentos (sal, macarrão, café, açúcar, óleo de soja e conservas- principalmente extrato de tomate) e em serviços que não existem na comunidade.

Hábitos e costumes tradicionais persistem nas mais variadas condições e situações do cotidiano, seja pelo precário estado econômico em que vivem a maior parte da população, seja pela forma de resistência cultural, a população local mantém o modo de vida identificado por eles como *tranqüilo e simples* e dependente da natureza.

---

[93] No site do Ministério de Desenvolvimento Social do Governo Federal é explicado as designações, atributos e valores pagos pelo Programa Bola família: " Os **Benefícios:**Os valores pagos pelo Programa Bolsa Família variam de **R$20,00** (vinte reais) a **R$182,00** (cento e oitenta e dois reais), de acordo com a renda mensal por pessoa da família e o número de crianças e adolescentes até 17 anos.O Programa Bolsa Família tem **três tipos de benefícios**: o Básico, o Variável e o Variável Vinculado ao Adolescente.O **Benefício Básico, de R$ 62,00** (sessenta e dois reais), é pago às famílias consideradas extremamente pobres, aquelas com renda mensal de até R$ 69,00 (sessenta e nove reais) por pessoa (pago às famílias mesmo que elas não tenham crianças, adolescentes ou jovens).O **Benefício Variável, de R$ 20,00** (vinte reais), é pago às famílias pobres, aquelas com renda mensal de até R$ 137,00 (cento e trinta e sete reais) por pessoa, desde que tenham crianças e adolescentes de até 15 anos. Cada família pode receber até três benefícios variáveis, ou seja, até R$ 60,00 (sessenta reais).O **Benefício Variável Vinculado ao Adolescente (BVJ), de R$ 30,00** (trinta reais), é pago a todas as famílias do PBF que tenham adolescentes de 16 e 17 anos freqüentando a escola. Cada família pode receber até dois benefícios variáveis vinculados ao adolescente, ou seja, até R$ 60,00 (sessenta reais)." Disponível em http://www.mds.gov.br/bolsafamilia/ Acesso em. 20 de abril de 2009.

4.3 Gente barranqueira

As pessoas na Barra se identificam como *barranqueiros*, em todas as entrevistas que fizemos e nas prosas e conversas que acompanhamos ficou evidente a autodenominação:

> *Somos barranqueiros, gente que cresceu na margem desse rio, que viveu e criou os filhos aqui nessas terras de barranco, somos do sertão, somos tudo gente barranqueira. Os nossos primeiros que desceram o rio procuravam terra na beira do rio, antes já viviam em Pirapora em fazenda perto do rio, outras pessoas que tem aqui, veio de São Romão, São Francisco, Ponto Chique, também beira de rio, e tem pouca gente dos gerais, gente de mais longe, foi sempre na beira do rio que a gente viveu.* (Seu João Bento*)*

Vários autores utilizaram o termo barranqueiro para designar as populações nas margens do Rio São Francisco.[94] Para Mata-Machado (1991), significa o "lavrador de vazante, conhecido como barranqueiro" (MATA-MACHADO, 1991, p.38). Para Pierson (1972), o termo equivale ao lameiro, populações que plantam em áreas de lameiros e que serve para descrever: "[...] pessoas que conhecem bem o rio e outros detalhes físicos da região e estão com eles intimamente associados" (PIERSON, 1972, p.305). Barranqueiro é caracterizado por Neves (2004) como termo da linguagem regional da região do Médio São Francisco:

> [...] Até os anos de 1960, designava o homem ribeirinho - em geral, o camponês e o pescador, à beira do rio. A partir daquela década, intensificou o processo de urbanização regional, sendo a população urbana atualmente maior que a rural. Assim barranqueiro passou a designar indistintamente todos os habitantes da ribeira, sejam do campo ou das cidades. (NEVES, 2004, p.8)

A relação profunda e rotineira dos habitantes com o rio e a terra faz com que a identidade dos moradores sejam perpassadas no estar no rio e na dependência do rio. Ao se afirmarem barranqueiros estão se diferenciando de outros povos e comunidades próximas e distantes e conjugando entre eles e com eles e o ambiente natural um laço de pertença e de dependência caracterizado no ser daqui e viver aqui. Povo dos gerais, do

[94] Diegues e Arruda (2001) utilizam o termo varjeiro para designar as populações tradicionais das margens do São Francisco: "Varjeiros ou varzeiros são aquelas populações tradicionais que vivem às margens dos rios e várzeas, sobretudo às margens do rio São Francisco" (p.51). Ressaltamos que em nenhum dos relatos, entrevistas ou contato com os moradores da Barra os mesmos citaram para o grupo ou para grupos próximos o termo vazanteiro, mas citaram agricultura de vazante para designar o trabalho na roça.

cerrado, são denominações atribuídas as pessoas de longe, de fora, mas que vivem no interior, em pequenas comunidades ou povoados. Quando falam de pessoas vindas de cidades maiores referem-se aos *chegantes* quando esses vieram e ficaram e aos *forasteiros* quando só ficaram por um tempo, de passagem, como explicam. A explicação dos moradores confirma os estudos de Martins (1997, p.18) quando classifica o chegante como alguém que chega para ficar, para compartilhar e partilhar o destino.

"Somos agricultores e depois pescadores". Repetem e confirmam as práticas de trabalho realizadas no cotidiano. A tradição no trabalho coletivo, na partilha e na reciprocidade, no estar na comunidade, no viver e produzir seus alimentos, no conflito e no confronto com costumes rurais e urbanos que transcorrem a vida de agora, os identificam como homens e mulheres que tem a vida ligada à terra e ao rio. Raízes que fazem que terra e água sejam indissolúveis e responsáveis pela sobrevivência humana no lugar. Como relatam:

> *Vivemos da terra, é ela que dá o de comer, a água traz o peixe, que hoje em dia não tem muito e quando tem a gente tem medo de comer. O que a gente planta sem veneno nenhum a gente sabe que é bom. Mas a gente sabe que não tem terra sem água. Então minha filha posso dizer para você eu sou camponês, eu vivo aqui no campo. A gente tem raiz vincada aqui, e isso não tem jeito é para sempre, ninguém arranca então é cuidar, regar para ter sempre."* (Seu João Bento)

Na atribuição da identidade somos os sujeitos que em nossas histórias fazemos e atribuímos valores e sensações no/ao lugar e no tempo que vivemos e que na Barra do Pacuí é representado na forma de cultivar a terra, na dieta dos moradores baseada em grande parte dos alimentos cultivados na própria comunidade, nos momentos do sagrado, nas partidas e chegadas de seus habitantes que fazem que o lugar e o tempo sejam no correr da vida o significado e o significante no estar aqui e ser daqui.

> *A maioria das pessoas que moram aqui são daqui. Só tem um moço que veio. Ele ficava e tinha uma casinha na ilha, mas não essa aqui não, outra ilha, aí veio e construiu aqui. Aqui era tudo mato. Agora o terreno da Barra é da Prefeitura de Ibiaí, e o herdeiro, Seu João Bento, vendeu. Agora tá loteado. Para conseguir espaço tem que ver na prefeitura, foi assim com forasteiros que construíram lá perto do rio, foi assim com chegantes da cidade e acontece agora com todos".* (Relato de Dona Terezinha,67 anos, moradora da Barra do Pacuí ,entrevista para Andréa M. N. R. de Paula, Junho de 2008,).

O ciclo da vida dos moradores é feito no ciclo da natureza entremeado na relação ambiente e sociedade que fazem do sertão físico um sertão sentido. Gente barranqueira camponesa que tem no trabalho e na terra o sustento.

4.4- Sertão sentido: os ciclos do trabalho e da terra

A Barra é uma pequena comunidade, em formato de vila, dividida visualmente em dois grandes círculos, que são denominados pelos moradores como: *parte alta e parte baixa.* Esses amplos espaços são cercados por fazendas por todos os lados, menos de um lado que leva ao rio. Os espaços são ambientes amplos e bem separados e estão ligados por duas pequenas "ruas". As ruas não têm formato definido, é apenas um lugar aberto por onde passam as pessoas, em soma são seis ruas. Duas em cada campo, duas interligando campo de cima ao de baixo, uma que sai em direção ao rio Pacuí e outra que vai em direção do Rio São Francisco.

4.4.1 A repartição dos espaços

A parte alta e de baixo são separadas por espaços comuns, amplos onde se encontram: o campo de futebol, a sede da associação junto com a casa de farinha, o posto tubular (aparentemente fechado), o posto médico, o posto telefônico e o galpão para as festas. Atrás das casas da parte de cima, do lado direito, há o campo de futebol novo, que é divido em duas partes. O campo oficial, gramado, em que os jogadores mais velhos utilizam; e o campo de chão batido, utilizado pela escola. A caixa d'água geral fica ao lado esquerdo do campo batido. Ao fundo do campo oficial fica o cemitério novo. A parte alta tem no seu traçado duas ruas longas, iniciando na entrada da comunidade e terminando no caminho que leva ao Rio Pacuí, reconhecido pelos moradores como do *córrego Pacuí*. Afinal como já dizia João Guimarães Rosa: "Agora, por aqui, o senhor já viu: Rio é só o São Francisco, o Rio do Chico. O resto pequeno é *vereda.* E algum ribeirão. (JGROSA, 1986, p.60, grifos do original)

Na parte alta é onde mora a maioria dos antigos moradores. Esse espaço é caracterizado por três grandes árvores, dois pés de Baru e um pé de Jatobá, que oferecem sombra para os moradores e visitantes e é lugar de brincadeiras, jogos e

conversas para as crianças e jovens. São as árvores que primeiro avistamos, assim que chegamos à Barra.

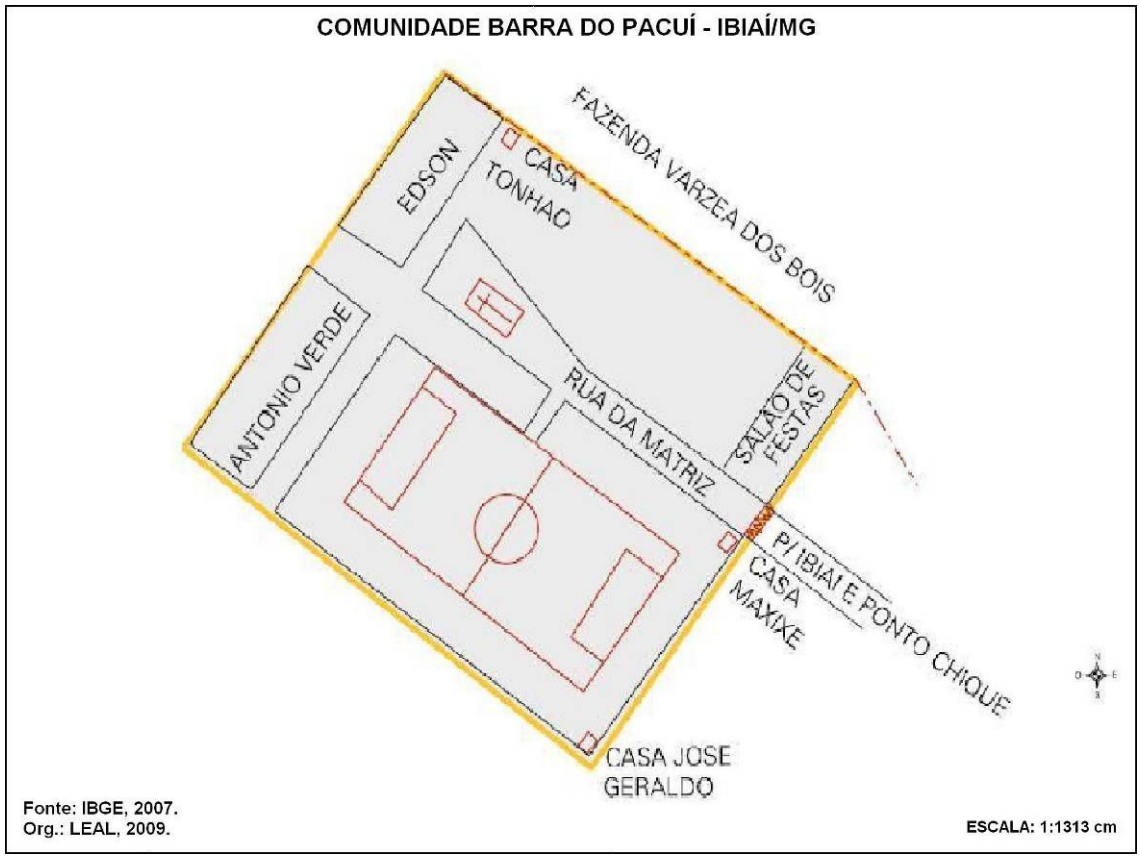
De costa para a foz dos rios São Francisco e Pacuí e de frente para os que chegam ao povoado, aparece a pequena igreja pintada de branco, com portas e janelas na cor azul. O cruzeiro identifica o lugar sagrado. Em frente à igreja estão os sinos e o orelhão. Quando estes tocam, todos os que estão próximos já sabem que algo vai acontecer, ou na igreja ou alguém vai correr para atender ao telefone. De frente para a Igreja avistamos do lado direito a escola. Diferente das outras construções da comunidade, a escola é totalmente murada. Na frente há um banco de cimento e um portão de ferro. Na escola tem linda horta bem cuidada pelos alunos, mas a escola não possui quadra e o recreio as crianças buscam o lazer. Na praça, podemos ver todos os caminhos que circundam a comunidade. Observamos cercas e porteiras cercando o lugar. "*Aqui só tem entrada, saída não tem, só se for o rio, agora entrada é uma só e o resto é terra das águas ou terras dos outros, os fazendeiros*." (Seu João Bento)

Na parte de cima há vinte e três moradias, sendo sete de adobe, duas de enchimento remanescente das primeiras construções e o restante são casas de tijolos e cimento. As entradas de muitas casas muitas são enfeitadas com roseiras. E há também um grande número de árvores frutíferas, como pés de abacate, laranja e fruta-pão. Na frente de algumas casas existem tocos de árvores que servem como bancos.

A parte de baixo é onde está o outro campo de futebol, mas antigo e onde estão localizados os três bares. Nesta parte é onde moram os habitantes que são mais recentes na comunidade, são trinta e três moradias e muitas delas de adobe. A igreja evangélica fica a um canto, do lado esquerdo de quem chega, é uma construção recente. Encontramos a igreja fechada e segundo os moradores não há uma programação estabelecida e encontra-se sempre fechada. Conforme os moradores dizem, não há evangélicos na Barra. A igreja "pertence"- (termo utilizado pelos moradores) a um pastor de Ibiaí, que de vez em quando vem a comunidade junto com os fiéis para promover o culto na igreja. Quando tem culto, os moradores participam, afinal *"tem Deus em todo lugar que é sério e sagrado"*.

A maioria das casas da partes de cima e de baixo são de alvenaria, mas ainda há casas de adobe e muitas delas são mantidas pelos moradores mesmo depois de

construírem suas novas moradias. *Não tenho coragem de destruir a casa onde eu construi minha vida. Vou acabar derrubando porque é uma pressão da família, que dá bicho, mas é difícil. Já tem anos que ela continua aí. Deixa aí minha casa, (*Seu João Bento*).*



Mapa 4- **Comunidade Barra do Pacuí – Ibiaí- MG**

Continuamos conhecendo os espaços da Barra e seguimos em direção ao Rio São Francisco. É onde estão as lavouras de vazante. Ou como denominam: *agricultura de vazante*. São pequenas porções de terra com plantio de abóbora, mandioca, quiabo, feijão e milho. E hortas familiares onde são cultivados verduras, legumes e temperos, entre eles cebolinha, maxixe e cenoura. As terras são separadas por cercas e cada morador e moradora sabe onde começam e onde terminam as suas plantações. Cada camponês tem seu pedaço de terra. Ali se algum morador ficar muito tempo sem plantar permite que outro plante em seu lugar. Em algumas situações o novo cultivador deve ceder ao antigo alguma benfeitoria. Em todas as conversas, nas narrativas, ouvimos os moradores dizerem que:

> *Aqui é roça de Seu Zé. Vê como tá bonito o milho. Agora, se no ano que vem ele não plantar e deixar a terra, outro morador pode plantar. Sempre foi assim, existe um rodízio nas terras de quem planta e do tipo de lavoura e assim nunca foi preciso usar nada sem ser água, terra e semente para que tudo aqui dê; Dá pouco, e conforme a vontade do rio, mas sempre sobra alguma coisa. Não pergunta como funciona esta troca de terra, que eu não sei não, nem sei quem sabe."* (Relato do Sr. Euclides, morador da comunidade, 62 anos, entrevista a Andréa M. N; R. de Paula, em junho de 2008).

Ainda na direção do São Francisco ficam os dois locais de criação de porcos, onde os porcos maiores ficam separados de porcos menores. Entretanto, poucos porcos são criados. A pocilga tem três divisórias, permitindo quatro vagas separadas.

Entre lavouras e chiqueiros, sobrevivem muitas plantas do cerrado. Em maior quantidade encontramos pé de Joá[95], jatobá e muitos pés de laranjas. Há uma lagoa situada antes das margens do São Francisco, onde os moradores contam que "*existe jacaré*". Era da lagoa que os moradores retiravam o barro para a fabricação de telhas e adobe que foram utilizadas na construção das casas, hoje a porção de terra onde está localizada a lagoa pertence a um fazendeiro vizinho.

Já na margem do rio avistamos a *croa*, uma pequena ilha de terras férteis que serve para o plantio. Da margem só avistamos uma ilha, mas são duas. A maior, com aproximadamente cinco hectares.[96] A outra atrás da primeira, é menor, mas é também utilizada. Nas ilhas os camponeses têm os espaços mais definidos do que os espaços dos arredores da comunidade. Há metragem certa para cada plantador, embora não existam cercas. O transporte dos produtos é feito por meio de canoa Quase todos os moradores possuem canoas e alguns possuem barco a motor.

Atualmente, de acordo com relatos dos moradores, a ilha tem "*quatro alqueires de comprimento*" e chega a "*duzentos e cinqüenta metros de largura*". Na ilha existem

---

[95] Juazeiro (Ziziphus joazeiro Mart.) ou juá, joá, laranjeira-de-vaqueiro é uma espécie de árvore abundante no Nordeste brasileiro. Possui copa larga e alta. As flores são pequenas em pequenos ramalhetes tem uma coloração amarela para verde e se assemelham muito a estrelinhas. Os frutos são pequenos, arredondados, doces e amarelos quando maduros, sua polpa é esbranquiçada e doce, podem ser consumidos tanto por humanos quanto pelos animais. Uma característica marcante para conhecer um juazeiro no tempo da seca é só olhar para a paisagem aparentemente sem vida, quando deparar com uma árvore verde-clara então é essa a planta do juá. O estrato do juazeiro é muito usado na indústria, principalmente, na fabricação de cremes dentais. Classificação científica: Reino: Plantas. Classe: Magnoliopsida. Ordem: Rosales. Família: Rhamnaceae. Nome Científico: Ziziphus Joazeiro. Divisão: Angiosperma. Habitat: Caatinga. Distribuição Geográfica: do Piauí até o Norte de Minas Gerais. Disponível em: http://www.kew.org/science/directory/projects/annex/PlantInfoNEBrazilANN3.pdf acesso em 20 de outubro de 2009.

[96] Dados de Haidê Sousa em julho de 2009.

dois barracões de alvenaria e um barracão de lona que são utilizados como depósitos de ferramentas do trabalho na lavoura. Na ilha os moradores plantam feijão, milho, abóbora, melancia, quiabo, hortaliças e mandioca. Vimos ancoradas três canoas na margem do São Francisco, que conforme nos foi relatado estão sempre disponíveis para a travessia à *croa:*

> *Foi acabando tudo no rio, ai ficou um pedacinho, um terra de ilha. Mas até esta terra acabou também. Depois criou outra. Que tá ai. Dela saiu uma croa- banco de terra- ai depois ela foi alimentando de barro e criou essa ai. Um ilhote que se formou ao lado da ilha*. (Relato do Sr. Tonhão, 72 anos).

Ao sairmos da beira do São Francisco em direção ao Rio Pacuí avistamos três casas de alvenaria de "*forasteiros"*, foi o nome que as crianças que nos acompanham nessa visita pela comunidade pronunciaram ao nos mostrar as casas. E que depois ouvimos também nos relatos dos mais velhos. As moradias são de pessoas que uma vez por ano, visitam a comunidade para passar alguns dias de férias e pescar como forma de lazer. Os moradores mostram as casas e se referem a essas pessoas como pessoas distantes, que não pertencem à comunidade. Ainda no caminho em direção ao Rio Pacuí encontramos o cemitério antigo, lugar com onze sepulturas bem antigas, com cruz de madeira em cada uma. O cemitério fica na mata, ou como os moradores dizem: *no matinho.* No retorno à comunidade, saindo da beira do Pacuí, passamos por várias roças de milho, feijão e hortas em área próxima dos dois rios.

As descrições dos espaços na Barra nos mostram que as formas de trabalho e dos conteúdos do agir em família e no grupo, são atribuídas à terra e à água como os tributos da condição de ser camponês através da autonomia do trabalho e na reprodução social pelos vínculos familiares e comunitários, confirmando as teorias expostas nos escritos de Martins (2002) e Brandão (2006).

Através do acesso à história de vida dos moradores foi possível identificar uma constância de trânsitos e mudanças, ao longo da vida de cada morador e de cada família que confirmam a terra como o lugar e o espaço da vida, que os mantém na comunidade. É nesse cenário com laços familiar e comunitário que, ao longo dos anos, cresceu a comunidade em números de casas e pessoas.

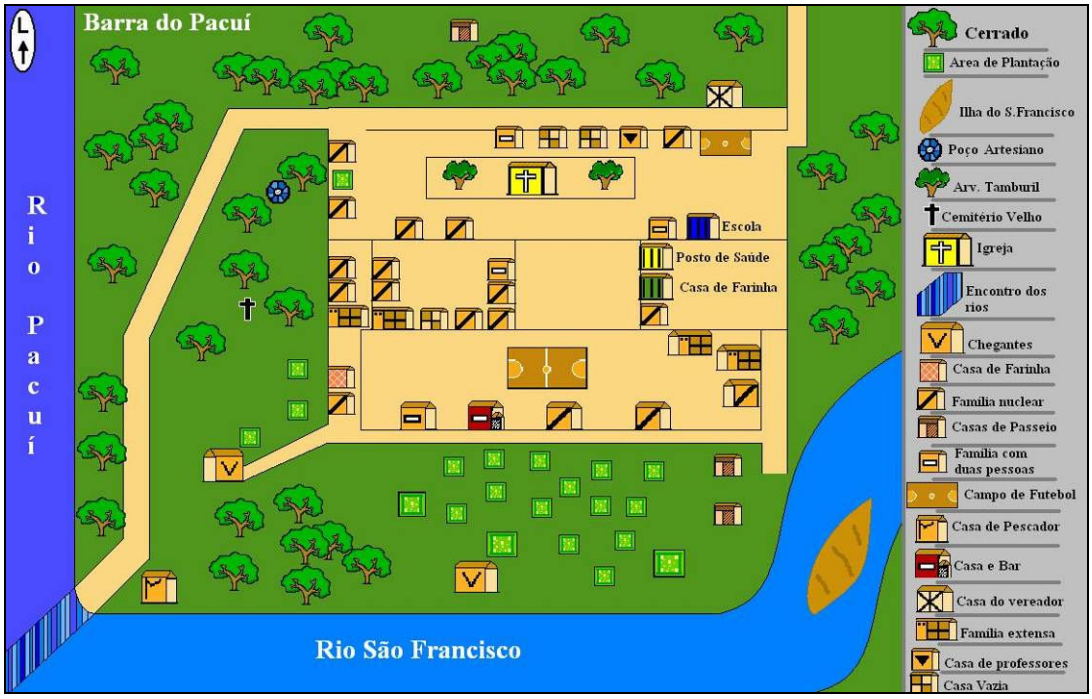
4.4.1.1 Os espaços das casas

Quando entramos em uma das casas do lugar é sempre uma imagem de santo que nos recepciona. Quadros de santos e de imagens da família são colocados lado a lado na parede da sala principal. Nas casas que visitamos encontramos uma imagem de santo católico e a imagem de Nossa Senhora Aparecida, que é a padroeira da comunidade. As casas simples e bem arejadas estão sempre com a porta de entrada aberta. "*Se uma casa está com janela e porta fechada, pode saber ou povo viajou, ou foi em Ibiaí, ou então tá tudo fora trabalhando, em outras terras, não tem ninguém*" (Seu João Bento). Uma porta e uma ou duas janelas de madeira compõem a fachada da maioria das casas. Telhas antigas e paredes sem pintura. O piso é de cimento liso e em algumas casas mais novas de ardósia. Não há muros entre as moradias, em algumas existem cerca de arame. Os cômodos são amplos e em quase todas as casas encontramos o fogão a lenha, mesmo tendo o fogão a gás. Nos quintais tem árvores frutíferas e galinhas e em alguns encontramos fornos para fazer biscoitos. É comum *o giral*, que é uma madeira suspensa utilizada para a secagem dos utensílios domésticos. Muitas mulheres lavam roupas e louças no rio e depois retornam e colocam para secar nos quintais das casas. As árvores frutíferas mais comuns encontradas nos quintais foram goiabeira, mangueira, limoeiro e laranjeira junto com plantas ornamentais como roseiras e bambus.

> A moradia de Seu Euclides e de Dona Terezinha é um exemplo do perfil das construções da Barra. A casa é de alvenaria, com pequeno jardim à frente. Há uma cerca em volta de todo o lote. À parte da frente da cerca há uma trepadeira que esconde o arame farpado e enfeita a entrada, formando um arco florido. Possui quatro quartos, dois de cada lado da sala e dois de cada lado da cozinha. À entrada da residência, a sala, à frente dela, a cozinha, à frente dessas, a área de serviço, ao lado esquerdo o banheiro, ao direito a dispensa, à frente o quintal. No quintal uma tenda com telhado, que abriga o fogão a lenha da chuva e do sol. No fundo do quintal o antigo banheiro com fossa. Uma goiabeira do lado esquerdo da tenda, com o maracujazeiro. O piso da casa é de ardósia, a área de serviço e o banheiro de cerâmicas. O quintal de chão batido. Todo o lote deve ter aproximadamente 300m². Ali moram Seu Euclides, Dona Terezinha, a filha Rosina e seus filhos, Lohany (de 11 anos), Bruna (de 2 anos) e Carlos Eduardo (de cinco anos).(LEAL, 2008,s.p)

Os espaços do interior das casas são de domínio feminino, a sala principal onde fica a televisão é lugar de encontro da família e dos visitantes, muitos foram os moradores que nos receberam com a televisão ligada. Os quartos ou o quarto, pois

muitas famílias dividem um quarto entre o pai, a mãe e filhos, são separados da sala por cortinas de pano. Foram poucas as casas que visitamos que possuem portas internas, a maioria delas possuem apenas duas portas, a de entrada e uma na cozinha que dá acesso ao quintal. O banheiro fica próximo da cozinha e fora das casas, e em muitas delas o sanitário faz parte da varanda já no espaço do quintal. Ainda existem várias casas com banheiro de fossa séptica. Os quintais são usados para pequenos serviços feitos pelos homens como o conserto de ferramentas do trabalho e móveis da casa e para as mulheres estenderem as roupas para secar ao sol. É lugar também para as crianças brincarem de *esconde-esconde* e de *fazendinha* com paus e frutos do lugar. São as mulheres e as crianças que cuidam das plantas dos quintais.



Croqui da **Comunidade de Barra do Pacuí**
Autor: Mateus N. Rocha de Paula- Fevereiro 2008.

As representações dos espaços definidos pelos moradores na Barra do Pacuí geram a delimitação e a interligação através dos costumes, preceitos e do modo de vida no lugar.

4.4.2 O cotidiano: fazer a vida.

O cotidiano dos moradores da Barra do Pacuí é marcado pelos "ciclos" do trabalho e da vida, definidos pelos moradores nos *tempos de cheias* e *tempos de secas*. A fartura das águas proporciona boa lavoura, boa pesca e a permanência dos elementos da família na comunidade. As secas das águas proporcionam perda das lavouras, diminuição de peixes no rio e a mobilidade dos elementos da família para outros espaços na região e fora dela para o trabalho temporário a principio.

O dia-a-dia é marcado pela vida rural camponesa com a solidariedade centrada nas relações de trabalho na pequena lavoura e na pesca. A troca de produtos é bastante freqüente entre os moradores. O escambo acontece na troca de verduras, animais domésticos, milho, feijão, frutas, mandioca e farinha de mandioca e derivados (beiju, polvilho). Não são tão comuns os escambos de peixes, destinados mais à venda. É comum a troca de ervas, remédios caseiros, raízes, óleos, paus, folhas que são utilizadas pelas famílias como medicamentos.

Percebemos distinções de espaços da natureza, espaços do trabalho, espaços da casa e da família, espaços do sagrado e do lazer que constituem o território e fazem a territorialidade da Barra. Todos sabem onde termina e começa a propriedade do vizinho, as populações nativas organizam, através das percepções, observações, ações e atividades individuais e coletivas, uma cartografia dos espaços e dos lugares delimitando limites e demarcando fronteiras simbólicas, provocando identidade e identificação nos moradores com o lugar representados através dos locais e suas regras, símbolos, valores sociais e de conduta.

4.4.2.1 A comida

Os relatos das mulheres e dos homens retratam que as tradições do grupo e em grupo perpassam o fazer diário, entre elas a elaboração da comida, em consonância com as atividades diárias de vida no trabalho e na convivência familiar.

A dieta dos moradores é baseada naquilo que é cultivado na comunidade. Feijão, hortaliças, quiabo, abóbora e maxixe são alguns dos alimentos que compõem a alimentação dos moradores no dia-a-dia. Peixe e aves são comuns nas refeições. A

carne de boi é adquirida em Ibiaí e, portanto, não faz parte da comida diária das pessoas. "*Picadinho de tomate verde, é bem comum aqui. Você faz assim, refoga óleo, alho, sal, tomate verde e deixa cozinhar um pouco e desliga e coloca tempero verde por cima. É muito bom."* (Dona Terezinha)

Os moradores gostam de relatar que a alimentação é *boa e saudável* em função de consumirem poucos produtos industrializados. Consideram *estranhos* os produtos vindos da cidade. O arroz, feijão e a *mistura*[97], o "*de comer do dia- a- dia*" é considerado simples, mas forte, e não faltam na mesa dos camponeses. Não plantam arroz, explicam que o *"terreno é pouco demais pra plantar arroz."*

As mulheres são responsáveis pela preparação da alimentação diária da família e tem geralmente o auxilio das filhas. Os homens sabem cozinhar, mas só o fazem em situações de "*muita necessidade"* como relatam. As refeições são feitas sempre em família e o chefe da família, os homens em sua maioria, são os primeiros a serem servidos. A mulher faz o *"prato*" que é bem *farto* (ou seja, bem cheio) com um bom pedaço da carne do dia, se tiver. Depois do homem, os filhos e filhas vão servir os alimentos diretamente nas panelas e por último é a mulher que irá fazer seu prato de comida. O almoço acontecia no quintal, em volta das árvores, e hoje como o jantar acontece na sala, geralmente assistindo televisão. O café da manhã e os pequenos lanches durante o dia são realizados entre um trabalho e outro e não são consideradas refeições e sim um "*descanso para a barriga agüentar a hora da comida*". Quando existem visitas nas residências, são essas pessoas as primeiras a "*fazerem o prato*" nas panelas e sempre é oferecido um café com biscoitos (biscoito de polvilho e também biscoitos industrializados como os de maizena) para os visitantes, independentemente do horário.

A comida diária vem quase toda da própria comunidade e obedece ao calendário da natureza entre cheias e secas. Os moradores consideram que "*não comem tão bem como antigamente*". Segundo eles, os alimentos de hoje são *"mais fracos e com muita coisa estranha que nem dá pra saber o que você tá comendo"*. Os relatos dizem respeito às modificações na dieta das famílias, entre elas citam a diminuição do

[97] Arroz e feijão (implicitamente, farinha, que raramente os larga) são, por excelência, a comida; o resto, se chama *mistura*, de modo significativo. Aquela permanece; esta falta muitas vezes, ou aparece em quantidade insignificante (CANDIDO, 2001, p.170, grifos do original).

consumo de carnes de gado, de porco, o consumo quase diário de macarrão e a substituição da gordura de porco pelo óleo de soja refinado no preparo dos alimentos.

O momento da refeição é também momento de agradecimento, a comida tem valor simbólico e real para os moradores. Gestos como o sinal da cruz, o nome do pai, e o agradecimento pelo alimento a Deus são rotineiros no início da refeição, principalmente no almoço. A escolha dos alimentos para determinada refeição é resultado de quem são as pessoas que fazem parte daquela refeição e o dia da mesma. Se houver visitas é comum ter frango, que é a maneira de mostrar que aquela pessoa é bem vinda, *"recebemos com um franguinho daqui bem feito e gostoso, é nossa comida mais fina, de domingo ou de dia de festa*".

O cultivo, a colheita, o preparo e o saborear os alimentos fazem parte do cotidiano das famílias com divisões de funções e com a partilha da refeição em grupo. A comida do dia-a-dia (arroz, feijão, macarrão), as comidas de festas (carnes de frango e porco), comidas de trabalho (farofa e arroz), comidas de viagens (paçocas), comidas das épocas do ano (beiju, pamonhas, doce de buriti) e das fases da vida como na gravidez (couve refogada com feijão), após o parto (caldo de frango e pirão de peixe), a infância (leite com rapadura e farinha com rapadura) e na reabilitação da saúde (caldo de carne com mandioca) são pré-determinadas pelos mais velhos e feitas e servidas com regularidade pelas famílias em suas casas no lugar.



Foto 13: **Peixe a carne mais consumida na Barra do Pacuí.**
Autor: Haidê Alves de Carvalho Sousa, 23 maio de 2009.

4.4.2.2 O lazer

O lazer acontece muito nas conversas em frente às casas, na praça, na igreja, nos banhos de rio e na disputas de partidas de futebol nos campos. Como em tantas outras comunidades, os bailes ou forrós são apreciados e acontecem com freqüência no galpão da comunidade. Assistir televisão é com certeza a atividade mais comum e apreciada pelos moradores sejam eles velhos, adultos, jovens e crianças. Em quase todas as casas existe um aparelho de TV. Os bares são bastante freqüentados e funcionam junto das casas e há a comercialização apenas de bebidas alcoólicas como cervejas, conhaque e aguardente. Não existem mercearias ou comércio de alimentos no local, ou melhor, na comunidade.

Os campos de futebol são os espaços mais freqüentados nos domingos e feriados e, durante a semana, no fim de tarde. São as crianças e os adultos de ambos os sexos que praticam futebol e vôlei.

> *Aqui nós temos nosso lazer em ir a igreja e participar das atividades lá. Tem o terço e o grupo de jovens que acontece toda a semana, pelo uma vez no sábado. Quando o sino toca na frente da igreja é hora de ir encontrar na igreja. Ou é a reunião dos jovens, ou é o terço que vai começar. (...) No domingo é dia de participar do culto que é a leitura da Bíblia e os cantos, parece uma missa.Aqui a gente tem também as partidas de futebol. O time da Barra é muito bom, temos muita taça guardada aqui para mostrar. (*Seu Euclides)



Fotos 14 e 15: **Jogos dos jovens na Barra do Pacuí**
Autor: Haidê Sousa, 2009.

4.5 Ciclos de relações

Os moradores da comunidade estão vinculados por relações de parentesco, compadrio e agregação. Relações que formam ciclos que são fortalecidos por processos coletivos, que incluem as práticas de trabalho, as práticas religiosas e de devoções, bem como atividades festivas. As relações de parentesco são perpetuadas através dos casamentos e das relações de compadrio entre as famílias e conservadas no sagrado como norma ética da comunidade. Relações de agregações são permitidas e ampliadas nas redes de solidariedade que acontecem dentro e fora da comunidade entre os habitantes e seus descendentes que se identificam como camponeses da Barra.

4.5.1 Os casamentos

Os laços familiares entre os principais troncos que habitam o lugar são fortalecidos pela existência de casamentos entre primos. Segundo Woortmann. E. (1995), o casamento entre camponeses é um acordo entre famílias e promove a preservação da comunidade: "a rigor, não são apenas dois indivíduos que se casam, mas duas famílias que entram em acordo. Trata-se de um affaire de famille" (p.57). Hoje apenas duas famílias são *"de fora."* Os demais moradores são descendentes das famílias que originaram a comunidade. "*Aqui é quase todo mundo família. É primo que casou com primo e foi rendendo"*, diz Seu Euclides.

> *Seu Benedito Siqueira deixou quatro filhos, deles três ainda residem na Barra, e já com filhos e netos. Francisco Bigodão deixou apenas o neto João Bento, os demais se foram. De João Bento estão as filhas, Edinalva, Edna e Edinéia, que também já formaram família aqui com gente nossa e vivem aqui. O filho Edinaldo foi para São Paulo. Anacleto deixou a filha, Dona Maroca, já falecida. Os demais parentes foram para Januária. De Manuel Vermelho não restam parentes.* (Seu Antonio).

> *Ali todo mundo era unido, se divertia, pois todo mundo era irmão era compadre, era alegre e feliz, tinha dificuldade também e os reparo de velhos mais depois todos se acertavam, o trabalho era coisa que todo mundo fazia, aquela lida do dia a dia, era do trabalho para casa e da casa para igreja e de vez enquanto uma brincadeirinha e ninguém reclamava, ali saia até casamento, então ficava ali mesmo que já era da família (...)antes se casava com os de fora porque as pessoa aqui era pouca, mais depois foi rendendo então ficou mais fácil.* (Seu Antônio*)*

Com um número pequeno de moradores e com a dificuldade de deslocamento, as famílias crescem com os relacionamentos acontecidos dentro da própria comunidade.

As festas e danças religiosas que eram organizadas na comunidade funcionaram como local de encontros e de namoros. Reuniam moradores das proximidades como posseiros e trabalhadores das fazendas, viajantes que chegavam pelo rio através das lanchas; dessa maneira, várias famílias se formavam. "*Ali, quando batia o olho se gostava e dava casamento, ali tinha as danças, que também ajudava a gente*". Dona Messias conta que foi assim também que conheceu o seu esposo, que veio de uma fazenda próxima.

Seu João Bento, neto de Francisco José Soares (um dos fundadores da comunidade) é casado com Dona Isabel, que é filha de Dona Ana, que hoje vive em Pirapora. Dos cinco filhos do casal, três moram na Barra e já constituíram famílias. A filha Edinéia se casou com Nivaldo, que é filho de Sebastiana, que é filha de Dona Tazinha, neta de Benedito Siqueira, um dos fundadores da comunidade.

Seu Antonio Verde (primo de Seu João Bento) se casou com Dona Antonina, que é neta de Anacleto Pereira de Matos. Tiveram sete filhos. Cinco deles agora vivem na Barra depois de idas e vindas a outras cidades da região e do país.

Os tempos passaram e os casamentos entre os membros da mesma família ou com algum grau de parentesco consolidaram a estrutura familiar da comunidade. Os habitantes casavam e ganhavam um pedaço de terra, construíam suas casas, plantavam, colhiam, tinham seus filhos e ali permaneciam.

> *Quando inteirou 50 anos que eu casei, eu voltei a casar com mesmo marido, nos fizemos uma festa que todo mundo gostou. As pessoas dançaram das sete horas da noite ate sete da manhã, farreando. Eu adorava dançar, eu era dançadeira, dançava sapateado, carneiro, até o padre ficou satisfeito, por que ficar juntos cinqüenta anos não era cinqüenta dias. Meu marido era muito bom, não bebia pinga, mas eu bebia e ele não importava*. (Dona Tazinha, 82 anos).

Hoje na Barra este tipo de casamento endogâmico não é tão freqüente, mas continua a ocorrer. Em dezembro de 2008 houve um casamento entre primos que trouxe dois ônibus de parentes de São Paulo à comunidade para assistir a cerimônia e participar da festa que aconteceu no galpão. Observamos muitos homens e mulheres que estão na sua segunda união com membros pertencentes e residentes na comunidade e eles e elas convivem bem com os filhos e ex- parceiros/ras da primeira união.

As alianças matrimoniais e de compadrio consolidou a tessitura da comunidade através da terra como patrimônio e, portanto, não sendo vendida ou negociada com estranhos e ao mesmo tempo distinguindo os que são da comunidade daqueles que não pertencem a ela.

As ajudas no quotidiano entre vizinhos, amigos e familiares são corriqueiras, incidem nos favores, nas atenções para com os outros, ou seja, socorrem-se uns aos outros pontualmente, quando a ajuda é solicitada. Em "Os Parceiros do Rio Bonito", Antonio Cândido (2001), distingue o compadresco, a escolha dos compadres conforme a afinidade espiritual dos compadres, e o compadrio, conforme suas relações afetivas. Na Barra do Pacuí os padrinhos são escolhidos de acordo com a afinidade espiritual e as relações afetivas entre os compadres.

4.6 Trabalho na terra e na água

Podemos delimitar que nos ciclos do trabalho a dimensão do viver na comunidade permeia os tempos e os espaços da vida individual e coletiva que são construídos na interação entre os homens e as mulheres nas suas diversas fases: na infância, na juventude, na fase adulta e na velhice, sendo construídas no limiar do calendário da natureza.

As famílias, os grupos, os lugares foram construídos e são mantidos em função do estar no ambiente da comunidade. A força de trabalho é baseada exclusivamente na mão-de-obra familiar. Atividades de preparação, plantio, cultivo e colheita são divididas entre os membros da família chefiados geralmente pelo homem, o "chefe da casa".

O mutirão e as trocas de dias de trabalho foram atividades vividas e relatadas pelos moradores. Hoje o mutirão quase não acontece mais e as trocas de dias de trabalho acontecem como dizem "*de vez em quando*". A troca de produtos é uma prática do cotidiano. Hortaliças, milho, feijão são trocados por variedades diferentes do mesmo produto ou por outros cultivos. Os agricultores cultivam somente entre a família seu pedaço de terra. Modalidade de parceira da terra como o "meeiro" não é praticada na

localidade, a explicação é de não há necessidade, porque quem não planta nas mediações dos rios, pode plantar na ilha.

Retiram do solo, das águas dos rios e das terras que os cercam, as principais fontes de alimentação para a população que fizeram e fazem da área o seu "lugar" de vivência. A extração dos frutos do cerrado acontece no dia-a-dia, mas é feita sem sistematização. Observamos que mangas, barus, jatobás, goiabas, maracujás, fazem parte das frutas consumidas regulamente pelas crianças e demais moradores no correr do dia, sendo retiradas e consumidas no próprio pé. O baru é colhido pelas mulheres e é comercializado. Esta atividade começa a ganhar mais espaço entre os moradores.

> *Em épocas de plantio que iniciava em setembro a março era comum na comunidade à prática do mutirão e a troca de dias entre nós. Era uma reunião de gente para ajudar na plantação, hoje isso quase não acontece mais. São poucos moradores que ainda plantam em quantidade que utiliza de troca de dias. Outro fato que era muito comum no passado era o sistema de troca quando a roça de um amigo não produzia o outro dividia os produtos de sua colheita com o ele e quando esse amigo obtinha colheita devolvia ao amigo, era uma espécie de empréstimo*. (Seu João Bento)

As plantações acontecem nas áreas de várzea e nas ilhas no São Francisco. Observamos que as áreas cultivadas são de pequenas proporções, com lavouras de policultura e sem utilização de venenos agrícolas. São poucas as ferramentas utilizadas, sendo as mais comuns: enxada, pá, machado, facão, foice e arado de tração animal. As áreas próximas do Rio São Francisco são mais utilizadas para hortas, já as áreas de encontro dos dois rios e as áreas da beira do Rio Pacuí são utilizadas para as lavouras, com também as áreas da ilha. A canoa tem função importante no transporte das pessoas e da produção da ilha.

As plantações na comunidade são para o sustento da família, apenas quando há excedente é feita a comercialização. Os produtos mais comercializados são o feijão, o milho e a farinha de mandioca. Os peixes também são vendidos na comunidade e na cidade de Ibiaí. Alguns fazendeiros próximos compram milho para usarem como ração para o gado. O principal produto cultivado na Barra é a mandioca.

A preparação da terra, o cultivo e o cuidado com as lavouras, as pescarias e a rotina diária do camponês são regidas no calendário das épocas do ano divididas em cheias e secas dos rios, nas estações da lua, no descanso e classificação das terras para o plantio e na divisão familiar das tarefas entre a casa e a roça.

No último mês do ano e no primeiro do novo ano é feita a limpeza das roças, como dizem: *é hora de capinar*. Fevereiro é o período para o início da preparação da terra para feijão da seca e também para o tombamento do milho. Em março a atividade principal é a limpeza da várzea e o plantio de feijão da seca. Em abril e maio são realizadas as colheitas das lavouras e o preparo da farinha de mandioca e também a limpeza do feijão. Junho e Julho é época do plantio das hortas pelas mulheres e é período de extração de frutos do cerrado, realizada principalmente pelas mulheres e pelos jovens. É período de intensa migração para trabalhos temporários na região e fora dela. Agosto tem colheita de feijão da seca e a atividade de raspagem da mandioca para fazer a farinha. Setembro e Outubro a atividade principal é a limpeza do terreno para o novo plantio e o plantio das novas roças para o início do tempo de chuvas.

O período de maior dificuldade relatado pelos agricultores é entre abril e setembro que é o "*tempo da seca*". No passado os produtores desenvolviam nesse período as atividades de colheita dos frutos do cerrado, a fabricação de farinha e a colheita das lavouras e hortas. No presente todas essas atividades continuam, mas em menor escala, pois o desmatamento do cerrado, as atividades de carvoejamento, a poluição e diminuição das águas e dos peixes do Rio São Francisco provocaram a drástica diminuição dos frutos, bichos e o aparecimento de pragas e a queda da fertilidade da terra. Portanto, a sobrevivência de muitas famílias está na busca de trabalhos em carvoarias, nas fazendas próximas ou em outras regiões. Os poucos que ficam se dedicam à pesca durante este período. A maioria dos trabalhadores que não tem nenhuma fonte de renda sai em busca de trabalho, fora da comunidade.

Quase todas as famílias possuem lavouras mantidas pelo trabalho familiar. Homens, mulheres, jovens, velhos, adultos e crianças se dividem nas etapas do cultivo. Aos homens é determinada a responsabilidade pelo trabalho de preparar a terra, cuidar das lavouras. Eles participam em todas as etapas do processo produtivo na agricultura. As mulheres são responsáveis pela plantação e cultivo das hortas e o cuidado com os animais domésticos, como as galinhas. Há criações de aves para consumo.

São também as mulheres que cuidam de fazer e levar comida para os homens nas lavouras e auxiliam no local. Os homens quando trabalham na ilha muitos fazem sua própria comida no ambiente. Existem algumas mulheres que são chefes da família e,

portanto, são responsáveis pelo trabalho total das lavouras. As crianças são responsáveis pelas atividades domésticas quando os jovens auxiliam nas lavouras e nas pescarias. Os velhos são em geral responsáveis pela escolha dos terrenos nas vazantes e nas ilhas para o plantio, pelas decisões de partilha e da comercialização do excedente.

A pesca é realizada também para o sustento, embora sejam vendidos excedentes na própria comunidade ou para os fazendeiros. "*De vez em quando se vende em Ibiaí, mas mais é por aqui mesmo*", diz Seu Euclides. Ele aponta que os peixes hoje são bem menores do que antigamente. A pesca é atividade complementar à agricultura e é praticada de acordo com o calendário das atividades de agricultura.

Varas de pescar e linhas são as ferramentas para a pesca do dia-a-dia, ou seja, pescar para levar o alimento para casa. Quando pescam para a comercialização utilizam tarrafas e redes para assim capturarem peixes maiores e mais comerciais como surubim e dourado.

> *Oh meu Deus, antigamente era só colocar a rede e era garantia hoje às vezes a gente arma a rede duas, três vezes e não pega nada. A Votorantin soltou veneno forte na água e matou muito peixe, muito peixe mesmo. Se pararem de soltar veneno ai o Rio recupera.*" [98]

O relato é de Seu Euclides que narra que há três anos pescava "*dois surubins de 30 kg no dia. Hoje por causa da química jogada no rio quase não tem mais"*. Ele aponta que as espécies mais encontradas hoje são curimatã e piranha.

Os moradores relatam que num passado recente a prática da caça foi fundamental na dieta da comunidade. Agora com a proibição e com a diminuição dos bichos, quase não há mais caça. Seu Antônio diz já ter caçado cinco jacarés numa noite só e quatorze pacas em outra. "*Hoje isso não é possível mais*". Seu Euclides diz não

---

[98] Seu Euclides está se referindo ao incidente com o Grupo Votarantim quando pesquisas e análises foram realizadas em torno da mortandade de peixes na região do Alto-médio São Francisco. As mortes vêm ocorrendo desde a instalação da Votorantim, agravadas em alguns períodos, como em 2004, 2006 e 2007. Relatórios realizados pelo SISEMA (assinados pela FEAM, IEF e IGAM, órgãos do Governo do estado de Minas Gerais) indicam que a contaminação da Votorantim "é a principal causa da mortandade de peixes" – a água, os sedimentos e os peixes identificam altos índices de contaminação, cujos efeitos são constatados na fisiologia dos exemplares avaliados.

gostar de caçar, diz ter pena dos animais. "*Tenho dó dos bichinhos, fico pensando se fosse eu no lugar dele"*.

Na década de 1970 foi formada a ilha. De acordo com Seu Tonhão: "*Em 70 apareceu o lameiro, eu fui o primeiro que plantei lá, depois de um tempo o lameiro cresceu e virou ilha e todo ano crescia mais, aqui a terra é muito fértil e a gente tem uma plantação de melhor qualidade e de bem mais volume*". (Seu Tonhão em entrevista para Simone Aparecida Leite da Silva, 2008)

As terras na ilha são de apropriação comum para todos os moradores da Barra, ou seja, cada morador que cultiva na ilha tem o direito de posse durante o tempo que utilizar aquele pedaço de terra. O uso da terra da ilha é partilhado e de conhecimento de todos os moradores, não existe cercamento entre as propriedades e quem tem condições de cuidar e cultivar as lavouras é o responsável por aquela porção de terra durante o período de cultivo e colheita. Situação que pode ser diferente no próximo calendário/ciclo do rio, na época das cheias. Outro agricultor pode plantar e cultivar se o antigo abandonar a área.

A ilha serve também como lugar de apoio à pesca. Os moradores designam dois tipos de espaços: a *croa* que é onde no período da seca o rio deposita areia, o espaço é bastante utilizado por jovens e crianças para o lazer através de banhos de rio, e *as terras firmes* que são as áreas de lavouras. Esses espaços são também utilizados para a pescaria.

> *A gente planta na ilha mais não sabe se vai colher, mais o ano que colhe é com fartura, aqui todos podem plantar, quando os velhos não plantam os filhos plantam, e quando o ano é bom, quando chove e não inunda, todo mundo colhe. A minha parte mesmo eu já dividi com os meus filhos para eles também plantarem. Todo mundo aqui sabe que a ilha é do rio e a gente só usa a terra. E se não cuidar no outro ano pode ser outro que vai plantar no seu lugar e não vai ter reclamação.* (Seu Tonhão).

Os moradores relatam que a ilha é de propriedade do rio e que eles estão acostumados a obedecer ao que o rio determina:

> *A melhor terra para plantação é da ilha, mas quando o rio enche a gente perde tudo. O rio invade a ilha e mata tudo que a gente plantou, leva embora o esforço do ano todo. Mas quando ele diminui e a ilha volta é hora de começar tudo de novo e a gente planta e colhe com fartura na ilha.* (Seu Tonhão).

Os camponeses da Barra cultivam na ilha o feijão, o milho, abóbora, cebola, frutas como melancia e maracujá e hortaliças e mandioca. É o feijão o produto cultivado e colhido em maior proporção na ilha, sendo comercializado o excedente nas cidades de Pirapora, Ibiaí e Ponto Chique, todas estas cidades ribeirinhas.

As terras na beira do Rio Pacuí são as mais utilizadas para o cultivo das lavouras. Os espaços são demarcados pela posse dos agricultores através do tempo de fixação. O cultivo de feijão, fava, milho e mandioca são prioritários nessa área. As terras estão em área limite da comunidade não sendo possível o aumento da área plantada ou de moradias. As lavouras na beira do São Francisco são em menor escala e geralmente são utilizadas para o plantio de hortas. As terras que são localizadas no encontro dos dois rios são bastante férteis e também utilizadas pelos moradores.

O principal produto cultivado é a mandioca. Na comunidade existe há 20 anos uma fabriqueta de farinha comunitária adquirida pela Associação dos Moradores. A casa de farinha foi instalada na sede da Associação de moradores da Barra, e é um lugar de uso comunitário. Na época do beneficiamento da mandioca e da produção de farinha as famílias fazem um cronograma de utilização de acordo com a Associação dos Moradores e se sucedem na fabricação da farinha. A casa de farinha é bastante utilizada pelas famílias em regime de trabalho familiar em todas as fases de produção.

4.6.1 Cultivar e transformar: *a farinhada.*

A Farinhada é assim conhecida o processo de atividades para a produção de farinha e derivados. A *Farinhada* é reconhecida nos estudos de comunidades tradicionais como:

> Parte da paisagem rural em todas as regiões do país, são um espaço simbólico, elo entre as diferentes dimensões de um mesmo processo. Situadas no espaço de confluência entre a natureza e a cultura, articulam biodiversidade, modos de cultivo, trocas sociais e sistemas de significados" (NOGUEIRA; WALDECK, 2006, p. 10).

Para os moradores da comunidade a atividade é "*também um festejo*". É o momento de rever familiares e amigos, de estar em família. Observamos que a socialização e a sociabilidade são promovidas no exercício da reciprocidade e

solidariedade que acontecem na prática das atividades relacionadas com a *farinhada*. Os moradores relatam que a atividade é desenvolvida na comunidade há muito tempo, e que as modificações só aconteceram na forma de produzir a farinha com a chegada da máquina.

> *Todo mundo aqui na comunidade planta mandioca e faz farinha, tem alguns que tem ano que não consegue fazer, mais ai junta um povo amigo e faz para ele. A farinhada é uma festa pra nós. Rever os parentes, ficar junto e comer beiju. Além do mais com a farinha a gente faz bolo, coloca no pirão do peixe. Sabe acho que nem vivia sem farinha e cresci vendo minha mãe fazendo farinha e assim vai ser. Eu vou morrer comendo e fazendo farinha e meus filhos vão ensinar para os filhos deles e eles ensinam pro filhos deles e vai...* (Relato de Dona Terezinha)

A farinha é produzida nos meses de maio a junho por toda a família. As mulheres plantam as raízes de mandioca, pois são responsáveis pela fertilidade, os homens cuidam da plantação e fazem a retirada da mandioca do solo e depois levam até a casa de preparação. Em seguida, as mulheres assumem a produção, "*raspam e relam* as *mandiocas, retiram a goma e torram a farinha*." Conta Dona Terezinha.

> *A farinhada é feita assim, primeiro a gente ranca a mandioca, eles os homens rançam. Depois vamos raspar a mandioca e lavar. Ai ralamos e lavamos a massa. A água que é retirada da massa é levada a masseira para virar goma. O conteúdo da mandioca é prensado para secar e no outro dia ser torrado. Ai é hora de tirar o fundo que está prensado para ser torrado. Depois de tirar a água da goma e tirar a goma da masseira e quebrar a goma, esfarinhando, bom é hora de levar para ser secado ao sol*. (Relato de Dona Terezinha).

A *farinhada* é uma atividade da unidade familiar na Barra do Pacuí. A família envolve todos os membros na atividade, até os mais distantes, como noras e genros que moram em outras localidades próximas. A goma e farinha são utilizadas durante todo o ano pela família e uma parte excedente é comercializada através de atravessador que vai à comunidade buscar uma vez por mês.

O trabalho da produção começa muito cedo, antes dos primeiros raios solares, e terminam com a lua já no meio do céu. Com uma parcela da produção é feito o *beiju* - uma comida típica com goma, açúcar e queijo que é colocado na pedra do forno e assado. Um dia após a produção da farinha, as mulheres separam em pequenas porções o *beiju* e enviam para os vizinhos mais próximos que retribuem com outros gêneros alimentícios. Toda a produção é repartida entre as famílias que fizeram a farinha. As mulheres dispostas e alegres conversam e cantam:

Pra fazer a farinhada...
Muita gente eu vou chamar... (bis)
Só quem entende de farinha...
Venha peneirar aqui... (bis)

A prática da atividade familiar ocorre também com outros tipos de alimentos como a carne de porco. Matar o porco significa a partilha do que se tem no mediato através da distribuição entre os familiares, e seus vizinhos. Polvilho, farinha, beiju, tapioca e farinha puba são muitos dos derivados extraídos da mandioca. Bolos, mingaus, biscoitos, sopa, leite e rapadura, são muitos dos alimentos feitos na Barra com a mandioca. *Como com leite*, diz um camponês, *junto com a rapadura,* registra outro morador.

A mandioca é um sustento bom que dá raiz no chão.
Mandioca boa é da Barra. É uma benção no sertão.
Farinha, beiju e pirão a mandioca da Barra dá.
Pra toda a gente alimentar
Alimento bom que dá cobre
Mandioca é o pão do pobre.

O ditado declamado pelo Seu João Bento expressa o valor do alimento para a comunidade. Os ciclos do trabalho entre o *plantar, o colher e o comer*[99], intercalam as ações e as estações que provocam e fazem o conviver solidário entre os homens, as mulheres, as famílias nos ciclos do trabalho e da vida, fazendo os tempos e espaços da vida da Barra do Pacuí. Os saberes populares, passados de geração para geração, sempre tiveram no saber da natureza a sobrevivência. Fases da lua, tempos de chuvas e secas, épocas de plantio e de colheitas, bem como formas de plantio, são as referências dos ciclos da vida que fazem do sertão físico o sertão sentido.

4.7 Os sonhos

Os projetos e sonhos dos moradores que conhecemos e que nos relataram um pouco das histórias de suas vidas na comunidade, apontaram para *viver no lugar em paz*, *o estudo dos filhos* e o desejo de *saúde para a família* como critérios de uma vida digna. Nos relatos dos mais velhos aparecem sempre a referência que -"*Nunca falte o prato de comida nem para a família e nem para quem chegar em nossa casa e que a gente tenha logo a comunidade reconhecida como RESEX pra poder ficar em paz e*

[99] Conferir em Brandão, 1981.

tranqüilo agora por muito tempo"(Seu João Bento). *Que não falte comida na mesa* diz Seu Euclides, *Que a gente possa viver em paz e com os nossos*, diz Seu Tonhão. "*Que Deus proteja sempre a gente pra gente continuar vivendo"* fala Dona Terezinha.

4.8 Travessiando

De acordo com o Decreto presidencial n° 6.040 de 07 de fevereiro de 2007, são comunidades tradicionais:

> I - Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (BRASIL, 2007, s. p)

Podemos afirmar considerando a literatura de estudos de comunidade[100] que temos uma comunidade tradicional rural na Barra do Pacuí. Um lugar que os moradores vivem em estreita dependência do mundo natural, para a manutenção de seu modo de vida. A unidade familiar produz para sua sobrevivência e depois comercializa o excedente. O conhecimento sobre os ciclos da natureza e a oralidade na transmissão são fundamentais e marcantes para o grupo. Os símbolos, lugares, caminhos, mitos, lendas são também formas de delimitar e definir normas de uso comum do território e exercem papel fundamental para a produção e reprodução social e simbólica do modo de vida.

De acordo com Bauman (2003), a comunidade nos provoca um sentimento de coisa boa, o estar na comunidade seria um aconchego e a sociedade é estar fora. A percepção que temos da comunidade da Barra perpassa o sentimento de comunidade imaginária estudada por esse autor. Para Redfield (2003), citado por Bauman, temos três características na comunidade que promovem a proteção para os seus membros: a distinção, a pequenez e auto-suficiência. Encontramos essas características na Barra. Distinção na divisão entre nós e eles. Pequenez na densa comunicação entre os de dentro. Em relação a auto-suficiência essa esta cada vez mais ameaçada, mas ainda é existente na relação com os outros.

[100] Martins (1975), Brandão (1988, 2000), Diegues e Arruda (2001)

Diferentes de outras comunidades rurais, na Barra do Pacuí todos tem acesso a terra para o plantio, portanto os deslocamentos da população são atribuídos as necessidades e anseios de melhoria de condições de vida que perpassam a melhoria da qualidade da moradia, da saúde, da educação e da aquisição de bens de consumo.

O grupo que constituiu e fez e faz a tessitura do lugar tem as relações sociais baseadas na reciprocidade que envolve ritos que se transformam em normas, regras e valores que fazem as coletividades. As ações e condutas dos indivíduos são feitas nas relações interativas entre as pessoas, entre pessoas e a natureza, entre pessoas e coisas. As técnicas do fazer, a ética do agir e uma lógica do pensar são formados nos costumes (que fazem o modo de ser, agir e pensar) e no viver (códigos e sistemas sociais) que construímos e que são institucionalizados e legitimados nas teias, redes tecidas de símbolos, sentidos e significados. Assim a população nativa possui um cotidiano que é feito nas ações de cada um e uma externalizada nos universos do simbólico e do material, nas práticas de trabalho, na unidade familiar e na obtenção de alimento e recursos que possibilitem a sobrevivência.

Afirmamos que a Barra do Pacuí é uma comunidade de mínimos vitais e sociais, de acordo com a categorização de Antônio Candido (2001, p.35). Asseguramos também que a sociabilidade caipira, do mesmo modo estudada por este autor, está presente na comunidade através da proximidade das famílias vinculadas "[...] pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxilio mútuo e pelas atividades lúdico-religiosas (CANDIDO, 2001, p.81).

As histórias vividas em uma comunidade de beira de rio e a descrição do seu dia-a-dia são os elementos essenciais na concepção que os moradores têm do tempo social e das relações com os outros e outras e com o mundo. As transformações ecológicas e sociais que atingiram a região Norte Mineira afetaram diretamente a comunidade e seus moradores. As diminuições do território, a degradação das terras e águas, modificaram e seguem modificando o estar - junto no lugar.

Observamos modificações na representação do tempo e na concepção do espaço. O espaço foi modificando ao longo do tempo, e essas modificações construíram novas relações entre o homem e o meio. Temos diferentes tempos na comunidade: o tempo vinculado à natureza e o tempo vinculado ao trabalho na cidade e à obtenção de bens de

consumo. Concepções de tempo e espaço são modificadas. Os Tempos e os espaços naturalizados decompõem-se. Tornam-se "outros".

Os espaços são definidos pelos moradores como: o espaço de vida, feito e vivido no lugar comunidade e o espaço do trabalho, vivido fora da comunidade. Nessa mediação é o processo migratório compreendido pela população local como sendo estratégia de reforço do orçamento familiar e como forma de resistência e de permanência na terra e na comunidade. Deslocamentos geográficos acompanham deslocamentos da subjetividade. Invocamos o personagem Riobaldo, para confirmar: “Mas o sertão está movimentante todo tempo... rodando por terras tão longas” (JGROSA, 1986, p.483).



Fotos 16 e 17: **Caminhos da Barra (2008)**
Autor: Andréa Maria Narciso Rocha de Paula. (2008)

∞

QUINTA TRAVESSIA
"Sertão é isto:" narrativas e imagens da Barra do Pacuí

> Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera; digo. (JGROSA, 1986, p.249)

5.1 Sertão é isso

Estamos na Barra do Pacuí, vinte e nove de junho de 2008. Em frente das casas, estão arrumadas às fogueiras anunciando que hoje será noite de São Pedro. São visíveis ainda, os restolhos e cinzas das fogueiras acesas para Santo Antônio e para São João. Lembro João Guimarães Rosa quando diz através de Riobaldo:"Os Gerais desentendem de tempo". (JGROSA, 1986, p.91-92)

Entre tantas paisagens, pessoas, gestos, falas, sabores, sons e cheiros desse lugar, algo chama mais nossa atenção. Luciane e Marilena.[101] Duas meninas sertanejas, duas histórias na Barra. Marilena perdeu sua mãe e vive na Barra a liberdade de ir e vir entre casas, roças e rio. Diz que "*não gosta de ser preta*", passa "pó de arroz" no rosto para ficar mais clara. Menina animada e profundamente carinhosa, desde nossa primeira visita, ela nos acompanha para todos os cantos e recantos da comunidade.

Luciane, menina de 12 anos, estuda na mesma série que sua mãe, ela gosta de viver na Barra", já viveu alguns anos em Montes Claros, mas pediu para voltar. Carinhosa, ela também é muito disponível. Luciane é filha de Rosina, tem mais dois irmãos. Eduardo de 4 anos e Bruna de 2 anos. Ela mora com sua mãe e seus dois irmãos e com os seus avós Euclides e Terezinha na Barra. Observamos que Luciane tem uma liderança na família e entre seus amigos. Hoje ela vai fazer fotografias das pessoas e dos lugares na comunidade. Percebemos o entusiasmo nela e também a vontade nas outras crianças de fazerem o mesmo. Luciane cede durante algum tempo a máquina e deixa que as colegas também façam suas fotografias. No divertimento dessas crianças aprendemos que o enquadramento e as boas imagens são feitas na possibilidade do olhar

[101] Optamos em não utilizar os nomes verdadeiros das adolescentes,portanto os nomes que aparecem nesse capítulo em relação as histórias das meninas são fictícios.

de quem vê e na interpretação do que vê e escolhe para ser enquadrado. Paisagens naturais e culturais fazem a geografia da existência desse lugar.

Vamos com as crianças e adolescentes à beira do Rio São Francisco. Passamos por roças de feijão, de milho, pelos vários pés de joás. Na beira do rio um dos adolescentes tem a idéia de irmos a ilha e lá irmos à *croa* para tomarmos banho de rio. Lembramos a eles que como adultos naquele momento não iríamos permitir que fossem de canoa para a ilha guiados por um adolescente. Pois o rio estava cheio e estava perigoso. Eles argumentam que fazem sempre isso, mas resistimos e decretamos que não iremos e que pelo contrário iríamos retornar para a comunidade. O adolescente entra na canoa e diz: *"Você tá com medo? Eu sei nadar e remar, nasci aqui, eu sou barranqueiro."* Na cartografia da nossa memória, vivemos naquele momento a cena que tantas vezes lemos no Grande sertão: veredas. Vi naquele menino um pouco de Reinaldo-Diadorim e Riobaldo misturados naquela gente sertaneja. São em atos e pequenos gestos do vivido na comunidade que podemos traçar a grafias desse lugar.

O sino toca, são quase 7 horas da noite. É hora da igreja, o sino é o sinal de convocar as pessoas para o culto na igreja e depois irá acontecer a reunião do grupo de jovens. Nessas reuniões os jovens ensaiam os cânticos das missas e os encaminhamentos para as celebrações religiosas. Chega a noite, temos tantas famílias com casas com fogueiras para visitar. E é uma bela noite do sertão, o céu está coberto de *infinitas estrelas*. Passeamos pelas ruas da comunidade e são muitos convites para participar da festa da fogueira.Vamos à casa de Seu João Bento. A fogueira já foi acesa quando chegamos e logo várias pessoas estão em volta do fogo, temos uma "*friagem*" no sertão, afinal é inverno. Os sons são variados, vem música da igreja, foguetes ao longe, risos e conversas na beira da fogueira. Vinho, biscoitos de farinha são servidos para as pessoas que estão ao redor do fogo. Muitas pessoas que são da comunidade, mas que trabalham *fora,* estão no lugar visitando suas famílias. Outras pessoas que aqui não vivem mais também estão de volta para participar das fogueiras. Seu João Bento explica que faz todo o ano a fogueira para continuar a tradição de seu sogro.

> *Quando era vivo meu sogro fazia a fogueira todo o ano, comemorava São Pedro e o aniversario do casal de filhos gêmeos deles. Depois que ele morreu, o filho dele fazia, mas ele mudou daqui e eu prometi que continuava a fazer. Minha cunhada tá ai, para comemorar com a gente, ela agora vem sempre, pois não mora mais em São Paulo, mora em Pirapora, e todo ano*

> *que ela pode vem pra fogueira, e aproveita e comemora o aniversário dela.* (João Bento).

Nas rodas em volta das fogueiras o tempo viaja pelo passado, presente e futuro. Ouvimos casos e causos de *antigamente*. Das mudanças do tempo de *hoje,* usam a expressão *"ai chegou o desenvolvimento..."*. Ouvimos relatos e previsões de chuvas, secas, dos peixes que não aparecem, da última vez que o caboclo d'água apareceu e os acontecimentos do *futuro*. O espaço muda, onde havia as cinzas das fogueiras passadas, temos agora o fogo da fogueira de São Pedro.

Viajamos pelo espaço nas notícias reproduzidas nas falas dos moradores na roda, são notícias do Jornal Nacional, notícias e previsões locais do próximo prefeito ou prefeita de Ibiaí, da contaminação do Rio São Francisco, do motivo de comemorar São Pedro, de como fazer o calendário dos Santos das fogueiras de Junho para saber se será ano de boas chuvas. Polissemia de assuntos, idéias, pessoas, opiniões na beira de uma fogueira, em uma comunidade no sertão dos Gerais. *"*Enfim, cada um o quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é uma questão de opiniães... O sertão está em toda parte", diz João Guimarães Rosa, podemos dizer que *toda parte* também está no sertão.

Ao "estar aqui" e sentir a reciprocidade e a solidariedade entre as pessoas do lugar para com nós, os "estranhos" que ali estávamos, provocou em mim a pergunta de Geertz (2002): *Quem sou "aqui", eu?* Ao "estar aqui" e observar as casas simples, as plantações sem cercas, as trocas de alimentos e troca de valores entre as famílias, me pergunto: "aonde é que de fato eu estou?" O estar aqui provoca lembranças, ritos, sonhos que tecem o mundo da vida, que representa e identifica o nosso ser no mundo e a nossa essência de ser.

Importante ressaltar que os relatos das lembranças da minha infância, a minha volta na casa da memória, que registrei anteriormente, foram várias vezes provocadas, no estar em campo nas visitas à comunidade da Barra do Pacuí. Não me vi nas meninas e nas moças daquele lugar, não me reconheci nos adultos que lá moram. Mas reconheci naquelas pessoas, naquele ambiente, nas águas, árvores, cheiros, sensações, em um gole de café, nos sabores e práticas de viver em grupo o ser rural e do ser sertanejo. Invoco novamente João Guimarães, através de Riobaldo: "Sertão é isso". (JGROSA, 1986, p.249).



Foto 18: O Rio São Francisco, as canoas na Barra do Pacuí- 2009
Autor: Haidê Sousa, 2009.

5.2 Saberes da Alma: *o contar sertanejo*

Percebemos através das falas, causos, prosas e relatos dos moradores que muitas são as tradições que perpassam o viver no sertão e aos poucos vão fazendo a identidade da e na comunidade. A Barra é comunidade sertaneja e ribeirinha que apresenta traços da identidade e da diversidade que fazem a polissemia de saberes que desenham um mapa amplo e complexo, feito e re-feito por homens e mulheres *do* sertão e *no* sertão.

Nesse capítulo-travessia estaremos priorizando as narrativas sobre os conhecimentos do dia-a-dia, o rezar, benzer, estar aqui e aqui fazer o viver, um pouco da geografia da existência que fazem a comunidade rural do sertão. Vamos conhecer alguns homens e mulheres desse *sertão sem fim.*

5.2.1- Tradições: benzer, cuidar e oferecer

Dona Tazinha, 82 anos, viúva, aposentada, camponesa. Chegou em 1976 na comunidade. Lembra com pavor a enchente de 1979, relata que "*nunca viu tanta água junta"*. Ela cultiva sua roça na beira do rio Pacuí. É benzedeira há 40 anos, criou-se na comunidade. Narra que benzer os enfermos é um ato de caridade e devoção à Nossa

Senhora Aparecida e às Almas Benditas. Conta que começou a benzer com 14 anos de idade e que não benze aos domingos. Conhece *"muitos tipos de folhas, ervas e rezas para tudo desde sangramento, dor de cabeça até qualquer outra coisa."* Ela benze contra "*quebrante, cobreiro, dor de cabeça, cólica, dor de barriga"*. Os ramos que são mais utilizados são das plantas arruda, laranja e *tipi.*

*"Ta lá na escritura sagrada: "E o seu fruto servirá de alimento e sua folha de remédio" (Ezequiel, 47:12.). "O povo chega aqui queixando de tudo, e garanto que as folhas ajudam na cura de muitas doenças. Na terra tem remédio pra tudo, basta saber a folha e a mistura que deve ser feita." N*arra Dona Tazinha. Após rezas e ramos, ela orienta as pessoas para fazerem chás com ervas que são encontradas na própria comunidade.

> *Aqui não é tão longe da cidade, mas já teve tempo que não tinha médico e ir para a cidade era só de vapor ou de barco, pelo rio, demorava um dia até Pirapora, porque em Ibiaí não tinha muito remédio não. Até hoje para gente encontrar especialidade de médico é mesmo em Pirapora. Então foi sempre na natureza que primeiro a gente tenta resolver as enfermidades, as dores. Minha avó me ensinou rezar, benzer e saber qual a folha certa para isto ou aquilo. Folha certa para rezar e benzer e a folha certa, raiz, erva para fazer chá e garrafada. Ela dizia que a mãe dela tinha ensinado ela e assim foi e assim é. Eu passo o ensinamento para os meus e eles vão passar para os deles. Aqui tem umas folhas que faça chuva ou faça sol sempre encontramos.*
> *[...] Boldo: o chá da folha é bom para o fígado e para a prisão de ventre.*
> *Erva- cidreira: o chá é bom para os nervos, para dormir e muita gente não sabe que o chá é bom também para dor de cabeça.*
> *[...] cordão de São Francisco: faz o chá das folhas e dos talos e toma duas vezes no dia e vai ver que vai melhorar bem os rins.*
> *Além dos chás é bom usar as ervas e as folhas para fazer um banho, passar no corpo, melhora tanta coisa. Hoje muita gente acha graça quando eu falo disso, meus netos mesmo ficam rindo. Mas na hora que tão com dor, aí é chama pela vó para fazer o chá, para passar o ramo,* (Dona Tazinha).

Dona Messias, 78 anos, ex-morada da comunidade e hoje residindo em Pirapora, relata que[102]:

> *O velho Gregório benzia, os meus meninos, e eu e eles sentíamos bem, eu mesmo aprendi a benzer, só que agora já esqueci, deixei de lado, e todos que eu benzia Deus abençoava que sentia bem, assim mesmo eu ainda sei benzer de quebranto, espinhela. Cresci sabendo e lá na Barra todo mundo sabe que quebranto é olho gordo, ou seja, você olhar para um recém nascido ou uma criança e admirar demais ai já viu fica com um mal estar danado na criança. Espinhela só acontece com adulto e só cura com benzimento. É uma dor no estômago e um forte desânimo, a pessoa fica sem vontade de fazer nada. Só passando o ramo e rezando muito, tem gente que tem que voltar para benzer umas três vezes.*

[102] Relato a Haidê Sousa, 2009.

> *[...] Morando aqui na cidade eu ainda planto alguns ramos para usar em momento de necessidade. Um chá, uma reza, passar os ramos melhora muito, mas tem que ter fé. Hoje só benzo as pessoas da família.*

Sr. Gregório com 73 anos também é um benzedor conhecido no lugar. Hoje, em função de um problema de saúde, ele não benze mais. Agricultor há mais de 50 anos, sempre teve muita fé e alerta que:

> *Oração cobrada num vale nada não e se num tiver fé também num vale nada. Tempo lá atrás, uma dona pediu pra eu benzer o terreiro dela que as galinhas tava morrendo tudo. Ai ela queria me pagar mais eu num quis receber. Só falei pra ela separar um frango dos maiores e dos mais bonitos e dá pra igreja e depois disso nenhuma galinha morreu mais.*

As palavras, gestos, pessoas determinadas, em espaços e tempos pré-determinados garantem a ligação do sagrado com as oferendas, agradecimentos e penitências de outros membros do grupo que se sentem na responsabilidade, na obrigação dessas *benzeções* para a garantia da saúde, colheita, e outros desejos.

Os "*remédios do mato*" são os chás e garrafadas (mistura de ervas em infusão para determinada enfermidade) feitas com ervas utilizadas pelos moradores. São cultivadas nos quintais das casas, nas hortas localizadas na ilha e na beira do rio e encontradas nos "gerais", como denominam as chapadas do cerrado.

As narrações e os atos sagrados das rezas realizados pelos benzedores transformam-se em valores e símbolos sagrados, que tem como função compensar as dificuldades e lutas reais. É importante também refletir que na comunidade os laços solidários são sustentados em experiências que podem ser visualizadas nas práticas da narrativa, nos aconselhamentos através das promessas a santos e nas penitências sugeridas para se conseguir a recompensa espiritual ou material.

Exemplo disso acontece no cemitério antigo, quando as crianças fazem penitências para que venha a chuva. Todo ano em outubro, junto com suas mães, elas cumprem uma caminhada da igreja ao cemitério velho onde rezam o terço e pedem a chuva. Molhando as cruzes com água trazida em baldes e de joelhos rezam a ladainha de Nossa Senhora Aparecida.

> *Só as crianças entre 4 e 11 anos podem fazer a oferenda, mas todos podem participar. Muitas pessoas falam que isso é coisa de gente velha, malvada com as crianças, mas não é não. É nosso jeito de dizer a Deus que a chuva*

> *venha como veio as crianças e que ela venha mansa como a alegria das crianças. Tudo mudou, as vezes temos boas chuvas, outras vez não. Mas por que não continuamos com nossa reza? Afinal nosso Deus não muda. "Se não aqui já tava todo mundo morto de fome."* (Dona Maria)

Dona Messias relata a importância que tinha as mulheres parteiras dentro da comunidade. Geralmente essa função era exercida pelas mulheres mais velhas e elas logo que ficavam sabendo que havia uma mulher grávida já começavam a cuidar dela e prepará-la para o momento do parto. As fases da gravidez, do parto e os quarenta dias após, que é conhecido como o período do *resguardo,* são momentos de grande necessidade de orações e da realização dos banhos de ervas e dos chás. Como lembra Dona Messias:

> *No resguardo da mulher, no mesmo dia que ela ali ganhava o nenê, a gente já tinha, (pra você ver como era antigamente), aquele bolo de sebo com tudo que tinha na horta como alho, cebolinha branca tudo machucado ali e quando ganhava o nenê, ali a parteira esquentava, mexia ali e passava na gente, na mulher. E era da cabeça aos pés, ai passava no corpo todo e vinha com aquele pouquinho que ficava e punha em cima do umbigo da mulher e passava uma faixa ali. Quando acabava o resguardo, por volta de sete dias tirava aquela coisa toda, tomava um banho de ervas [...] então as mulheres antigamente era mais sadia.*

Ao narrar, ela cita com quais ervas era feito o banho: "*folha de goiaba, matruz, crista de galo e gervão. Mistura tudo, coloca na água e passa no corpo todo da mulher que teve criança."* Caso a mãe não tivesse condições de amamentar, era convocada uma mulher que também estava amamentando, para oferecer o leite para a criança até que a mãe pudesse dar o seu próprio leite. A "mãe de leite", como ficava conhecida a mulher que ofertava seu leite, recebia da família da criança todo o respeito e gratidão. "*Quando a criança crescia era ensinada a chamar aquela mulher de mãe, dar a benção e respeitá-la como sua própria mãe biológica*. " (Dona Messias)

Muitas moradoras da Barra lembram que essa prática era comum em função da necessidade de que elas tinham de auxiliar nas lavouras e de buscar água no rio. As mães de leite tinham e tem o mesmo respeito das madrinhas e padrinhos das crianças e estas são ensinadas a terem por eles e por elas o respeito e devoção que tem pelos seus pais. Nos relatos afirmam que muitas mães de leite são hoje as madrinhas das crianças que elas amamentaram no passado.

> *Eu mesmo sou mãe de leite aqui de quase todo mundo, e parteira também. Tem vez que um chega e: - bença, mãe Joaninha, me dão bença e me chamam de mãe, até hoje. [...] Às vezes aquela mulher saia para trabalhar ou para pegar água e aquela que ficava olhando aquela criança dava de mamá então também era mãe de leite daquela criança e as vezes até*

> *batizava,não era difícil não viu, acontecia também". (*Joana, 62 anos, moradora da comunidade)

5.2.2 Rezar e festejar

Para Brandão (1987), as festas são momentos de lembrar, celebrar e festejar. O autor chama atenção para os desdobramentos comuns das festas mesmo em suas variadas e diversas situações, são eles os símbolos, a celebração e o contraste e a justaposição. "Ora, qualquer que seja a situação simbólica e a intenção proclamada de sua realização, tudo o que ela tem para celebrar é a experiência da própria vida cotidiana." (1987, p. 5)

As datas de festejos religiosos, o domingo de descanso, as reuniões no espaço da igreja, os relatos do lazer sempre relacionado às atividades com as celebrações e no ir à igreja, demonstram a forte tradição católica ligada à organização da vida da localidade. A religiosidade que tem como um dos pontos fortes a devoção aos santos católicos e a reunião da comunidade para celebrarem sua padroeira, transformando-se em eventos que se caracterizam pela realização de festas.

Nossa Senhora Aparecida, Santo Antonio, São João, São Pedro, São Francisco, São Sebastião, São Gonçalo e Bom Jesus são os santos da devoção na Barra do Pacuí. "*Somos todos católicos*", relatam e afirmam vários moradores entre eles jovens, velhos, crianças que ouvimos nas casas, na praça do lugar, no campo de futebol, nas hortas, nas plantações na beira do rio e na ilha, que é a religião católica a única religião do lugar e que sempre foi assim.

> *Aqui no passado eram comemorados todos os anos os santos festeiros, Santo Antonio, São João, São Pedro e em agosto era hora de fazer festa para Bom Jesus e depois vinha a grande festa de Nossa Senhora Aparecida, a gente fazia danças, folias, novenas, rezas. As danças eram: batuque, lundu, cana verde, goiano e outras danças religiosas; como, dança de São Gonçalo, folia de reis e de Bom Jesus.*
> *Hoje muita coisa mudou, as festas diminuíram, mas a devoção não. A festa de Nossa Senhora Aparecida continua, mas tem gente que vem só para farrear. A vida mudou demais, muita coisa diminuiu na religião, mas a fé continua forte.* (Seu João Bento).

> *Naquele tempo quando ainda não tinha igreja, tinha missionários vinha em Ibiaí nas fazendas sete dias de missa e festa, ai eles iam e ficavam três dias de remessa, não podia deixar as coisas sozinhas comemorava São João, comemorava Nossa Senhora da Aparecida, rezava no dia de São Benedito,*

> *Santo Reis, Santo Antonio, Santa Luzia, o São Gonçalo em caso de promessa fazia a dança.*
> *[...] As festas eram muito boas, aquilo quando era dia assim de festa ali fazia aquela biscoitada e convidava o povo de fora, já tinha o povo dos gerais que foi já tomando conhecimento, já sabia o dia, chegava aquela cavalerada toda; era tanta gente em volta, em cada casa chegava aqueles conhecidos "Ei seu Francisco "oi seu Benedito" e ia chegando. ai festa ia até o dia amanhecer e não tinha briga não, nada de confusão era bom de mais.*
> *[...] Tinha dança de baile tinha brincadeira de cantar de roda, tinha um tal de batuque que nós pulávamos mais do que o bicho veado fugindo do caçador e ai pulava a noite todinha , dançando carneiro, (risos) e ai era os brinquedos, as vezes que a gente não queria dançar o carneiro, ai, ia cantar roda. (*Messias da Silva).

As festas dos santos que continuam ocorrendo são: São Gonçalo, que acontece em qualquer época do ano para pagamento de promessas; Santo Antonio, São João e São Pedro, no mês de junho nas fogueiras; A Folia de Bom Jesus em agosto e a festa de Nossa Senhora Aparecida em outubro. As comemorações dos dias dos Pais e das Mães e do Natal no mês de dezembro completam o calendário das festas do lugar.

> *Os homens pedem doação e juntam na praça e festejam o dia dos pais então nós, eu, mãe, minhas filhas e a vizinhança começamos achar que a gente também deveria festejar o dia das mães. E assim nos últimos anos tem as duas festas. A folia de Bom Jesus em agosto depende de pagamento de promessa de ter os foliões agora mesmo teve gente que ficou de vim e não vieram, os foliões, ai não houve o pagamento da promessa, mas teve a comida e nesse ano a gente cumpre.* (Dona Terezinha).

5.2.2.1 A dança de São Gonçalo

A dança de São Gonçalo é a única dança que ainda é mantida com regularidade pelos moradores, e é apresentada na comunidade e também em Ibiaí. Existe um grupo infantil de São Gonçalo que faz apresentações sem compromisso com as promessas, são apenas momentos para que as crianças aprendam a dança. E há o grupo oficial de tocadores e dançadores de roda de São Gonçalo na Barra. A dança começa com um homem à frente, o marcador. É ele quem ordena as rodas de dança, atrás dele duas fileiras lado a lado de mulheres que vão dançar. Cada uma delas levando um arco de arame revestido de papel branco e azul. Todos vestem uma camiseta branca assinalada com o nome da dança de São Gonçalo da Barra. Na frente delas dois homens, cada um com um arco enfeitado na mão. O mestre e o contramestre. A participação de mulheres não tem limites, podem ser quantas tiver, mas a dos homens é sempre em número de três, o puxador e os dois que ficam à frente das fileiras de mulheres.

> *A dança é organizada em pagamento de promessa devida a São Gonçalo. O promesseiro é quem organiza a função. É realizada onde se arma um altar com a imagem do santo e outros de devoção do promesseiro. Em frente a este altar é que acontece toda a dança. Sempre é em frente a casa da gente, de quem está pagando a promessa.*
> *Os dançarinos se organizam em duas fileiras, uma de homens e outra de mulheres, voltadas para o altar. Cada fileira é encabeçada por dois violeiros, mestre e contramestre, que dirigem toda a dança. A dança acontece com muitas rodas. Cada roda os violeiros cantam e os dançadores fazem sapateado e saúdam São Gonçalo. Na dança não pode ficar de costas para o altar, então é uma arte a dança porque no final com os arcos em postos a gente consegue ficar cada um no seu lugar e olha que tem mudança, quem ficava na frente vai para trás e sempre na mesma fileira. Na última volta quem fez a promessa tem que carregar a imagem de São Gonçalo e tem que dançar as voltas. (*Dona Terezinha)

A roda de São Gonçalo é uma manifestação religiosa que é também forma de lazer e socialização entre os moradores da Barra. O festejo religioso tem no pagamento de promessas a sua essência. Na ocasião, a pessoa que recebeu a "graça" proporcionada pelo São Gonçalo irá promover em local, dia e horário determinado a roda de danças para o santo: *Ora viva, Ora viva... Ora viva, ora viva. Viva São Gonçalo Viva. Viva São Gonçalo Viva.* (Refrão do cântico de São Gonçalo cantado por Dona Terezinha).

5.2.2.2. A Festa da Padroeira

> *Em outubro é hora de comemorar Nossa Senhora Aparecida com missas, procissões, levantamento de mastro, leilões e confissões. Primeiro a gente se reúne na frente da igreja, depois saímos em procissão junto com a imagem de Nossa Senhora e acompanhando o padre que é o guardião da Santa. O conjunto da igreja canta música em louvor a santa. Depois é hora de levantar o mastro, de fazer oração e de soltar foguetes para celebrar Nossa Senhora. E tem então o leilão com tanta comida, biscoito, farinha, tudo feito daqui. As vezes o leilão e de animais, venda de porco, galinha.*
> *A festa de Nossa Senhora reúne muitas famílias, muita gente que é daqui volta para rever á família, vem também muita visitante, gente que sabe da festa e aproveita. É tempo da gente esperar os parentes, matar a saudade e tudo graças a Nossa senhora.*
> *Oferecemos nossas casas e nossa comida para os hospedes, muita gente fica nas nossas casas e divide com a gente, um dia ou dois da nossa vida. È hora de festejar, de rezar, dançar e agradecer a Deus o ano, as chuvas, as lavouras, a pesca. E se não choveu então é hora de pedir para Nossa senhora enviar chuva e sempre chove no dia dela.* (Seu João Bento)

A festa da padroeira acontece durante nove dias de festa. Com novenas e terços e nos últimos três dias as atividades são realizadas com uma mistura de orações, missas, shows e muita comida e bebida. O grande momento da festa acontece no dia da padroeira, ou seja, no dia de Nossa Senhora da Aparecida. Nesse dia todos se reúnem

em frente à igreja local e saem em procissão, acompanhados do padre, que é considerado o guardião da imagem de Nossa Senhora, e do conjunto de músicos da igreja. Após a procissão, é realizada a missa e então é o momento do levantamento do mastro, orações e fogos, em seguida um leilão feito com produtos e animais dos moradores. Depois do leilão acontece no galpão a festa com danças e cantores convidados. As danças e músicas na festa são os forrós e axés.

A festa da padroeira é considerada a *festa da família,* é a ocasião de retorno dos camponeses que estão trabalhando fora da comunidade. São pais, mães, irmãos e irmãs, primos, namorados, esposa e marido, famílias que se reencontram nessa data. É momento de agradecer o encontro, mesmo que seja temporário, pois muito retornam poucos dias depois para os espaços de trabalho. A perpetuação de credos e ritos passados de geração para geração, é fundamento primordial para a construção do mapa de saberes da comunidade.

5.3 Saberes da natureza

As representações dos sujeitos são vinculadas às práticas das ações do trabalho através da transformação da natureza. A terra e a água são elementos essenciais para o espaço do trabalho. A vida corre margeando o rio e as construções simbólicas passam pelo rio. Orações para proteção das lavouras, o sinal-da-cruz antes do começo do dia de trabalho, as mãos postas para o céu, são exemplos de gestos representativos da força da religião também nas práticas do trabalho no lugar.

A interferência da lua na atividade de plantio e colheita e na escolha dos dias de pescaria é exemplo do modo de vida do lugar. As mulheres relacionam a lua com os nascimentos das crianças. *"Se tiver no mês de ganhar o menino e a lua vai mudar, pode saber que daquele dia não vai passar, vai nascer. É comprovado. Pode olhar na folhinha*" (Dona Maria). Os agricultores da Barra costumam escolher a lua para a época do plantio e também relacionam as fases da lua com os períodos de pescaria de determinados peixes.

> *Vinho de buriti tem que tirar na lua certa. Agora em relação a plantação é melhor na lua nova.Não tem mandioca melhor do que a mandioca boa que é plantada na lua nova. Tudo que é novo é na lua nova. Na lua cheia é forte,*

> *eu acredito na força dela. Na lua minguante tem gente que planta, eu prefiro na lua nova, mas tem gente que prefere a minguante porque acha que evita bicho. Agora os mais velhos ensinaram que só é bom plantar na minguante o que dá debaixo da terra, igual batata, mandioca. Lua crescente é boa para alho, cebola, para aquilo que nasce em cima da terra. Peixe bom e graúdo é na lua nova ou na quarta crescente.* (Dona Maria).

As fases da lua estão vinculadas à produção. Plantação e pescaria são atividades que podem ter melhor desempenho dependendo da fase da lua. "*terra molhada, enxada amolada é mandioca na lua nova"*, relata Dona Tazinha.

5.3.1 Saberes da água

As águas são a ligação do homem ribeirinho com o imaginário através de mitos e lendas como do caboclo d'água, da mãe d'água e da proteção das carrancas na proa do barco para evitar maus espíritos e trazer boa pescaria.

> *Compadre Valú voltava da ilha, ele e outro compadre, quando já próximo de seu porto começou uma movimentação brusca nas águas e não os deixava aproximar do porto, quando eles perceberam bem próximo dali uma cabaça sobre a água, ambos avistaram a cabaça e ao retirar o olhar da cabaça e olharem um pro outro ouviram um barulho na água e ai só avistaram os pés do cumpade que mergulhou pro fundo do rio*. (Seu Trucão, entrevista concedida para Simone Leite)

A narrativa mostrada acima foi repetida por muitos dos moradores na Barra. O acontecimento foi recente, em maio de 2009, e para eles é uma demonstração da necessidade de respeitar os limites do rio e compreender o que o rio quer dizer. Saberes de águas, seres, magia e simbolismo entre o real e o imaginário que permeia a vida no lugar.

Mas as águas do rio são também o espaço de produção para o desenvolvimento da pesca, o meio de produção para os pescadores que baseados em saberes tradicionais permitem a sobrevivência das muitas famílias ribeirinhas. O Rio São Francisco é identificado em quase todos os relatos como *Velho Chico*. O rio é descrito assim:

> *Lugar cheio de almas, de bichos e de seres de luz e de treva. A gente tem que saber conviver com eles. Caboclo d'água pode ser companheiro na pesca se você levar a cachaça dele e tem também a hora que não é de entrar na água porque se não ela te engole. É respeitar o rio que veio antes da gente, vai ficar depois da gente e a gente só tá aqui de passagem. Toda vez que saio pra pesca, peço a bênção de Jesus de Nossa Senhora e peço permissão pro Velho Chico.*

O relato é de Seu Trucão, 65 anos, pescador. Com o fumo na mão preparando o cigarro de palha, ele conta que já pesca há mais de 40 anos, aprendeu com o pai a pescar e a tecer rede. E que sempre pescou no Velho Chico. "*O verdadeiro pescador dedica a profissão na água, você chega na casa dele tudo que tem lá foi comprado com dinheiro do rio"*. Ele relata que sobrevive exclusivamente da pesca. É pescador com carteira profissional, participa da Colônia dos pescadores de Ibiaí e recebe, na época da Piracema, o seguro-pesca.[103]

> *Fui tentar a vida lá em Belo Horizonte, com seis meses eu arrumei emprego, fiquei um ano e seis meses nessa empresa, passei muita dificuldade, fiquei só devendo. O salário não dava para nada, pedi para eles me mandarem embora, vim para Ibiaí cheguei, comprei um barco e fui pescar, e pesquei seis meses, ai voltei pra BH, trabalhei mais seis meses, comprei um motorzinho e coloquei no barco e fui mexendo, até conseguir dinheiro e então arrumei caminhão e busquei minhas coisas, continuei pagando aluguel, depois fui para o Maranhão e trabalhei três meses e depois construí meu barraco, gastei 4 anos, agora tô sossegado porque lugar de velho é então ou no cemitério ou dentro do mato bem quieto graças a Deus tô aí mexendo devagarzinho. Não pretendo sair daqui.* (Seu Trucão).

Conta que entre os pescadores próximos ou parentes funciona o sistema de horário no rio, que, segundo Thé (2003), é um conjunto de normas ou direitos estabelecidos por uma comunidade para relacionar-se no uso de um recurso comum. [104]

> *Comecei a pescar com meu pai, tem mais de 30 anos, em março, agosto e setembro sempre davam mais peixes. Antes não tinha barco, era no remo, com mais dificuldade. Mas agora, tem mais conforto, mas tem menos peixes. O rio tá mais vazio e não enche como antes. Tempo de peixe graúdo é com água suja, tem que ter sorte de ter arribação. E claro sempre depende das fases da lua. Com a lua cheia é melhor, porque se a lua for minguante os peixes não caminham. Aqui a gente combina assim, nunca todo mundo pesca no mesmo lugar e na mesma hora, fica determinado os lugares de mais peixe e os horários, ai uns vão e depois outros vão, mais variando os lugares para os peixes descansarem. Como é tudo família fica mais fácil de resolver, agora tem gente de fora que quer levar de quarenta a cinqüenta quilos de peixes, ai não dá. Mas na maior parte das vezes resolvemos tudo de jeito bom para todo mundo.*

---

[103] Piracema vem do termo tupi-guarani: pira, que significa peixe, e cema que quer dizer barulho. É o período da saída dos peixes para a desova que acontece entre outubro a maio. Nesse período existem restrições para a pesca Tanto para os pescadores amadores como para os profissionais, em relação aos locais de pesca, tipos de equipamentos utilizados e quantidade que pode ser pescada. Para qualquer espécie de peixe, tanto para a pesca amadora quanto profissional, não pode ser capturado e nem transportado mais do que 5 kg mais um exemplar por espécie, e nem de tamanhos diminutos que os caracterizem como filhotes. No caso dos pescadores profissionais, recebe do Governo Federal um valor mensal, nesse período, para deixar de exercer a profissão. Disponível em: *www.al.es.gov.br/images/dpl/pdf/1451.pdf*. Acesso em 10 de abril de 2009.

[104] Para maiores informações ver: THE, Ana Paula G.Tese de Doutorado, UFSCAR, 2003, p.70.

5.3.2 Saberes da terra

A representação da natureza pelos sujeitos desses relatos demonstra que a forma de apropriação dos recursos, por meio do trabalho familiar e pelo uso da terra e da água, representa a reprodução material e cultural da interação homem e natureza.

Seu Nivaldo tem 50 anos, agricultor, ele vive da lavoura e relata como foi que se tornou agricultor:

> *Meu pai começou a me levar para roça desde os sete anos de idade. Como eu fui o filho mais velho, ele levava como o companheirinho dele. Ali eu sentava na sombra e ficava olhando ele trabalhar, quando pouco tempo depois ele inventou de encabar uma enxadinha para mim. Ai eu, eu ficava por ali, batendo aqui, noutro lugar, chegava aterrar um pé de planta e por ai comecei e nunca mais parei. Isso eu tinha uns sete para oito anos, não tinha mais não moça. Pra trabalhar na roça ia mais com ele e os companheiros, dele e era todo o dia, isso com oito anos eu já puxava uma enxada quem nem gente grande. Dei uma descascadinha quando entrei para aprender a lição na escola, mais isso eu tinha 12 anos. Fui um ano na escola, aprendi a assinar meu nome, só isso, não tenho leitura não. Só que tem uma coisa com minhas idas e vindas nas cidades e no campo trabalhando sei pegar condução em qualquer cidade grande e tantas outras coisas que vida ensina. Mais a minha profissão mesmo, eu aprendeu com meu pai, foi com ele que aprendi a plantar, colher, cuidar da terra, essas são as coisas que sei fazer, foi com a terra que eu coloquei na mesa o pão de cada dia, a baixo de Deus, criei meus filhos com as lavouras, elas nunca deixaram a comida faltar. Meu pai sempre ensinou que nunca devemos usar a terra sem deixar ela descansar e que tudo tem vida, então eu sei que tem hora de mudar de lugar, tem hora de plantar outra cultura.*

Seu Narciso, 59 anos, agricultor e pescador, relata como convive com a lavoura e a pesca:

> *Você tem saber o que é primeiro. Então eu sou da roça. Vivo da terra e da pesca. Mas primeiro da terra. Planto lavoura todo ano aqui na beirada do Pacuí e na ilha. E pesco sempre no São Francisco. Na maioria das vezes pesco para trazer um peixe pra mesa e só. Agora a roça é serviço todo o tempo. Fico de olho na lua, vigio a roça, fico no aguardo doa colheita do arroz, do milho, do feijão das águas e das secas. Na roça você tem trabalho da hora que o sol aponta até a hora que ele vai embora, é puxado, mas digo uma coisa ninguém na roça morre de fome, mas na cidade você já viu é uma miséria de dá pena.*

Dona Eunice é agricultora e, como ela mesma se apresenta, *sou esposa de Seu Nivaldo*. Planta horta faz farinha, cuida da casa e auxilia na lavoura:

> *Tem ano que a gente colhe pouco, mexe na lavoura, às vezes o tempo de sol e água; todo ano a gente colhe pouco, mais dá pra viver.*
> *Fazendo a farinha, mais já vamos mexer com feijão, milho, nós plantamos mais a água comeu e nós colhemos um pouquinho. Graças a Deus vamos bem, pois dá para criar a família. Por que aqui é o lugar onde a gente mora, e graças a deus a gente vai bem.*

Seu João Bento, líder na comunidade, respeitado como um dos mais velhos moradores do lugar relata *a lida da vida na roça*:

> *Mas todos aprenderam o que meu pai me ensinou, que trabalhar na roça, lavrar a roça, no mesmo estilo que eu aprendia a tocar a rocinha. Tive muitas colheitas boas, muita fartura, depois o tempo foi diminuindo, as chuvas foram encurtando e aí foi vindo as pragas no mantimento, não sei se a própria terra sentiu, a terra fraqueou e não produz o que ela produzia antes.*
> *Só enxada, limpava, plantava e colhia o mantimento, a chuva caia, até hoje aqui não mexe com adubo não. A lida da vida na roça não é fácil, mas a gente acostuma. É só não querer de tudo muito.*
> *Não planto no mesmo lugar, às vezes muda, eu plantei mais de dez anos na mesma roça e sempre dava. A terra pode ir cansando, hoje eu acho que a terra precisa sim de adubo, mais até hoje ninguém usa adubo aqui não. Durante toda minha vida não mexi com adubo só na terra própria, o que ela gerava por ela mesma. Era fartura, produzia bastante, mais hoje, várias coisas que diminuiu não é mais aquilo como era então a terra entrou nessa daí de fraquejar, mais ainda produz o suficiente para a alimentação. Mais não era como antigamente tantas quartas de feijão que a gente colhia.*
> *Quarta é: são vinte medidas, quarenta litros, uma medida são dois litros. Meia quarta são vinte litros. Depois que passou para o peso. No princípio tudo era assim. Um trabalho duro que a gente tinha, era árduo, em compensação tinha muita fartura.*

5.4. Travessiando

Na lida da vida na roça, expressão utilizada pelos moradores, no que retiram da natureza, no que festejam no ambiente socializado e nas transformações inerentes às representações oriundas dessa relação é que são estabelecidos os modos de vida e trabalho na Barra do Pacuí. Não difere de outras comunidades tradicionais do rural no Norte de Minas, mas tem peculiaridades que caracterizam o lugar. Os moradores desenvolvem o fazer diário nos percursos e trajetos do viver solidário nos ambientes culturais da comunidade, convivendo com rios, lavouras, terras e bichos, formando uma *geo-biografia*. Assim, confirmamos de acordo com Harvey (2001) que nossa representação do espaço se faz na vida individual e coletiva, nas práticas espaciais que construímos e realizamos com outros e outras e no cotidiano do mundo realizado no lugar.

Os saberes das populações tradicionais acontecem nas partilhas e parcerias dos sistemas comunais dos recursos da natureza que são realizadas no dia-a-dia. São famílias que dividem a terra, são pescadores que com o sistema de "horários no rio" partilham os locais de boa pesca. São as benzedeiras e benzedeiros que cultivam com as rezas os valores na fé que promovem o respeito aos mais velhos, e que fazem com que os laços solidários na comunidade sejam revitalizados. São promessas e festejos de santos que promovem a unidade da família no reencontro e na celebração do estar junto.

As representações, os imaginários da população, demonstram que são os saberes tradicionais que, embora pouco respeitados e referenciados pela ciência, promovem a construção de uma identidade, do modo de vida e de trabalho com sujeitos plurais em espaços diversos. Muitas modificações aconteceram e acontecem no viver cotidiano, nas idas e vindas de pessoas ao lugar e fora dele, mas as percepções de viver no rural seguem na trilha de quem fica e de quem vai.

As narrativas que foram aqui apresentadas são fruto das experiências de homens e mulheres que vivem na Barra e que fazem através de suas práticas do trabalho, do sagrado, da cultura, no dia-a-dia, nas relações que traçam e desenham as rotas, os itinerários, os caminhos nos vínculos de pertencimento entre homem e natureza. Ao re-viver histórias no vivido, no imaginário, nas crenças, vão cartografando os valores que permeiam as ações sociais e que constroem as relações sociais nos lugares.

5.5. Imagens do lugar e falas roseanas.[105]

As narrativas são dos moradores e as imagens são do lugar. Narrativa e imagens fazem a tessitura da Barra do Pacuí. São homens, mulheres, crianças, jovens, adultos e velhos que em casas simples, nas roças e no rio, no brincar e trabalhar, no correr do dia e da noite, no fazer do trabalho e na lida da vida fazem o comum e o diverso na comunidade. As frases são de João Guimarães Rosa, nosso informante nessa pesquisa e que auxilia na compreensão da organização da comunidade rural tradicional da Barra do Pacuí.

[105] A autoria das imagens dessa parte do trabalho são respectivamente de Simone Leite (2009), Carlos Rodrigues Brandão, (2008), Andréa M. N. R. de Paula (2008), Haidê Sousa (2009).

“O senhor vá lá, verá. Os lugares sempre estão aí em si, para confirmar,” (JGROSA, 1986, p.19).



“Casas - coisa humana.” (JGROSA, 1986, p.345)





"As coisas assim a gente mesmo não pega nem abarca. Cabem é no brilho da noite. Aragem do sagrado. Absolutas estrelas!" (1986, p.372)



"*Todo dia é véspera..."* (JGROSA, 1991, p.49, grifos do original)

“Enquanto isso, o tempo, como sempre, fingia que passava”. (JGROSA, 2001, p.48)

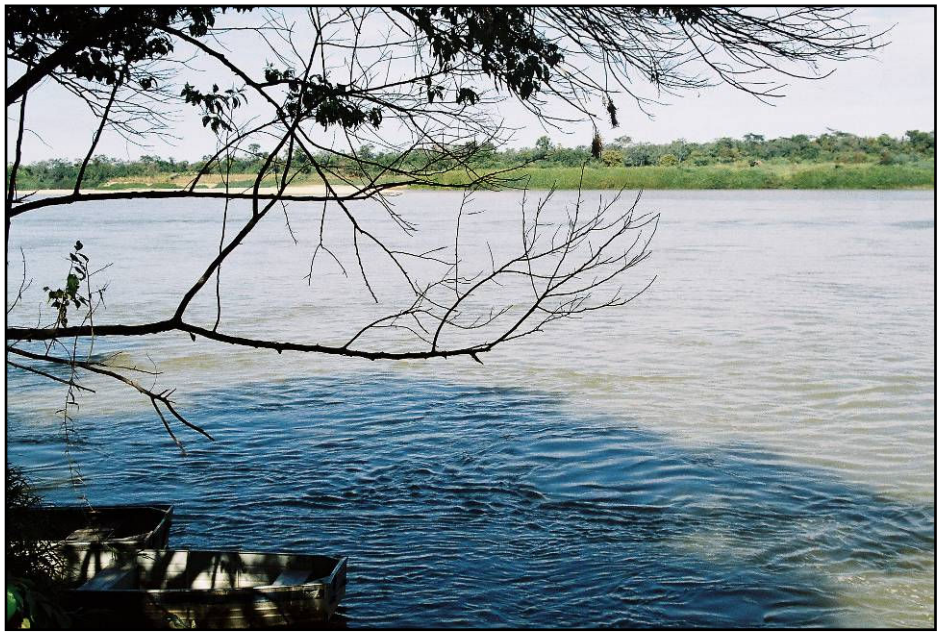




“A liberdade é assim, movimentação. [...]” (JGROSA, 1986, p.280)



“Já era o do Chico - o poder dele - largas águas, seu destino,” (JGROSA, 1986, p.266).



“Carece de se conservar coragem” (JGROSA, 1986, p.37).



"Da janela da outra banda, pus o olhar, espiei o desdém do mundo, distâncias." (JGROSA, 1986, p.285)



“Sertão é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo!” (JGROSA, 1986, p.134)

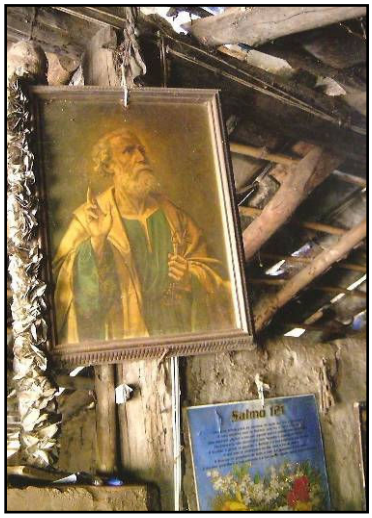




> É logo ali, nos desmandados lugares... Quase todo mundo tinha medo do sertão: sem saberem nem como o sertão é. Sertanejos sabidos sábios. Mas o povo dali era duro, por demais. Mais, então, as mulheres. A gente perguntava: – 'Vocês têm medo de onça?' Essas respondiam: – 'A gente tem remorso delas não... '. "(JGROSA, 1984, p.190)







“(...) Deus é paciência.” (1986, p.10)





PARTE 2 – Sertão Pensado e Vivido: tempos e espaços no processo migratório

Um estudo sobre a representação do tempo e espaço na vida prática e as transformações no lugar sob a perspectiva do trabalho no moderno e no tradicional.



SEXTA TRAVESSIA - A terceira margem: as representações dos tempos e espaços no processo migratório.

SÉTIMA TRAVESSIA - Tempos e espaços, vidas entre idas e vindas no mundo da cultura e das identidades sertanejas.



SEXTA TRAVESSIA:
A terceira margem: as representações do tempo e espaço no processo migratório.

Relato Ser – tão
Da palmeira Buriti: "Basta a gente olhar uma delas para acreditar que a arte e o céu são assuntos muito sérios, países
de primeira necessidade." G.Rosa
Nasci e freqüentei a escola no Rio de Janeiro mais tarde mudamos para São Paulo, em 68 fui embora, estudei na Academia de Belas Artes em Stuttgart na Alemanha aprendi novas línguas e vivi vários anos na Europa. Dali, eu vim direto morar no cerrado das Três Marias onde em 1978 herdei as terras do Professor Johnsen, meu pai.
Em roça sem eletricidade iniciei aprendizado para a agricultura orgânica n'outros distintos linguajares e nos mil balaios repletos de sabedoria sertaneja. As artes foram transferidas para imensas telas coloridas: em hectares vi plantios de milho azularem para depois granar, enxerguei imagem das veredas ao se tingirem do roxo das quaresmeiras e pude vislumbrar a imensidão azul fundindo o céu com as águas represadas do rio Opará.
Era a região mineira recém alagada pelas águas do primeiro barramento do São Francisco com sua Hidrelétrica, cortada no seu vazio demográfico pela BR040 via Brasília e pelos plantios extensivos de eucalipto. Vi Manuelzão praguejar: "quero ver, pra comer só vai sobrar carvão".

Cheguei para ouvir relatos completamente desconhecidos porque para a construção destas mudanças houve no início de 1960 uma migração de enorme contingente de trabalhadores nordestinos e da região. As influências foram somadas com a chegada de técnicos e engenheiros americanos e canadenses contratados pela Cemig e Cadevasf que montaram acampamento nos moldes de suas próprias cidades, concomitantemente erguia-se a vila da aeronáutica trazendo o sistema Sindacta de controle aéreo nacional montado por franceses. Dom Frei Luis Cappio afirma que então se fundou a única cidade proletária do Rio.
Por ter escolhido morar em roçados tão longe, meus amigos da capital diziam que eu sofreria a falta de informação, isso não aconteceu. Esta imaginação diz estarem ciência e as tecnologias contidas na universidade e confinadas nos grandes centros. Conheci meus mestres Nô Generoso na Folia de Reis, compadre Chico Teixeira nas lidas de vaqueiro e Manuelzão Nardi já personagem de Guimarães Rosa, deles me tornei amiga e fui aceita para acompanhá-los em seus fazeres cotidianos recebendo lições para a minha sobrevivência e agricultura no cerrado.
Convivi com suas esposas de onde colhi temperos e terapias, o modo da criação de bichos e das finas artes bordadas, a prática do fiar ao cozinhar. Nas famílias compartilhei das tantas festas e tradições, danças, doces, graças, espiritualidade, conflito, escutei causos e estórias de experiência real e inventada.
Conheci o Ser Humano independente e completo - naqueles que sabem construir suas casas e os móveis que abrigam, produzem seu próprio alimento e açúcar, cuidam dos animais, fazem ferramentas, cela e arreios, tiram o óleo e as essências para lamparina e cura, entendem o comportamento e o período da caça e da coleta, desenvolvem tecnologias e conhecimentos sobre tudo que nos rodeia. Um infinito de saberes diversos que jamais encontramos reunidos em gentes da cidade.

Enveredei nesse ar quente que arfa nas palhas do Buriti e nos macios brejos cuja umidade embebeda o pé destas palmeiras, em cada recanto e momento fui aprendiz.
Mais tarde conheci os pescadores artesanais e com eles me vi dourada, entendendo ciências das águas doces vindas das veredas e que dão sustento ao Rio e ao peixe da piracema. Se algum cientista vem fazer tese e pesquisa e deixa de consultar o barranqueiro? - vai ficar sem saber de nada, mas tem vergonha de mencionar suas fontes populares, ser assim é um desaprendizado estimulado pelo mundo intelectual.
Ando estes anos no sertão da bicentenária vila de Andrequicé, onde morou Manuelzão, ilhada hoje por eucaliptais, é marco na travessia histórica de Minas Gerais onde tudo se transformou tão rápida e definitivamente que estamos a nos lembrar devagarinho como éramos no início dos anos 60, o que aconteceu com as propriedades e terras, como foi o rasgo do des-envolvimento que deixou no rastro apenas um restante de cerrado e muita vereda secando? Vamos aprendendo a usar mídias digitais e chamando a memória para refazer rapaduras e fubá de moinho – porque é muito bom! Ser-tão envolvido alberga riquezas sobre maneiras especiais que despertam desejos e indagações em visitas e estudiosos de lugares bem distantes daqui...
Meus cinco filhos foram criados na lida da fazendinha. Quando as crianças perguntavam aos vaqueiros e proprietários de quem é esse gado? "É nosso", diziam, de quem são estas terras? "São nossas". Seriam idéias sobre o coletivo em lugar tão isolado? Imprimiram em nós sentimentos de pertencer que jamais se diluiraram. Os meninos foram estudar e trabalhar em São Paulo e sempre falam como foi importante viver aqui no sertão porque aprenderam a fazer as mil coisas de maneiras diferenciadas e por isso sabem que temos constantemente capacidade de criar e aprimorar técnicas e cuidar do ambiente de moradia. Se sentem mais aptos a redescobrir que a maioria da galera especializada da metrópole.
Aprendi a ir tentando preservar o altar das veredas e o paraíso do cerrado que as abastece de água, para fazer fluir o profundo velho rio de São Francisco pelo sertão de todos nós.
Do sertão: "Quem lá nasceu tem de guardar, por toda a vida, uma concepção mágica do universo" G.R

Três Marias, Primavera de setembro 2009.
Bárbara Johnsen - ambientalista e artista plástica, coordenadora do Ponto de Cultura Memorial Manuelzão em Andrequicé, distrito de Três Marias, MG.

6.1 A terceira margem e a representações do tempo e espaço

> Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de toda a gente. Aquilo que não havia, acontecia. (JGROSA, 2001, p.80).

No conto de JGROSA, "A terceira margem do rio", o personagem principal passa a trama de parte de sua vida e de quase todo o conto, no rio, entre as margens. Não está em uma margem nem na outra, mas sempre em flutuação, sempre em

movimento. Nunca desce da canoa, mas está sempre se movendo, no vai e vem das águas do rio. Vive em um espaço flutuante. Um território de fluidez.

Percebemos no conto o espaço como cena e cenário da trama, pois é entre as margens que ocorre o espaço-lugar do personagem central. A narrativa é centralizada no pai, que deixa a terra firme para viver entre águas, entre margens, e no filho que se propõe a assumir o lugar do pai, talvez para não se tornar um filho marginal, na recusa. Indagações que transcorrem as margens do rio, enquanto margens possíveis, que já existem e que estão estruturadas e outra margem, não natural, que foi procurada pelo pai, a terceira margem.

Entre as modificações que se desenrolam em terra firme e na "movência" das águas e da canoa do pai a estória se desenvolve. O pai nunca desce da canoa; nunca chega a lugar algum, mesmo passando por todos os lugares, nunca chega a um porto, a uma margem, mas está sempre visível durante toda a trajetória da *estória*, provocando e modificando destinos e vidas. Com o tempo, quase todos os integrantes da família do pai migram, e só fica o filho: "Eu permaneci, com as bagagens da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei - na vagação, no rio no ermo – sem dar razão de seu feito." (JGROSA, 1988,p.36). Mas o mover da estória leva a outro final, o filho não consegue se livrar da terra firme e não abandona a margem. E em função da não realização daquilo que ele acreditava ser o seu destino, termina dizendo: "Sofri o grave frio dos medos, adoeci. [...] que, no artigo da morte, peguem em mim, e depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro – o rio." (ibidem, p.37).

Entre tantas leituras já realizadas deste conto realmente paradigmático, observamos que a terceira margem do rio nos permite elaborar metaforicamente o processo espacial migratório. Um movimento contínuo envolvendo as duas margens, origem e destino ou, quem sabe? Uma terceira margem de movimentos sucessivos, descontínuos, circulares, numa noção de movimento que não se interrompe abruptamente. E que vale por ser apenas e tudo isto: um movimento sem fim e sem um destino-de-chegar.

Nas margens do rio os lugares de origem e espaços de destino, e, entre as margens, todo o processo de idas e vindas, de sair, de estar, ficar, voltar que fazem do

migrar uma das maiores aventuras da existência. É o mover que faz o acontecer. O espaço sendo o definidor das ações e o sujeito procurando no espaço a constituição humana. Na instauração do caos, daqueles que partem e naqueles que ficam entrelaçados nos que partem e os que se vão, mas que estão mais presentes no lugar do que os que ficam, enfim o dialético processo de migrar. Algo que nos quase remete à filosofias de negação da ontologia, como em Heidegger, quando o Ser, o *Ente*, deixa de existir-em-si, e existe apenas enquanto o próprio processo do acontecer-do-ser. Ficção literária e realidade sertaneja, que tecem os tempos e os espaços de muitas famílias camponesas, que vivem em comunidades rurais e tiram a sua sobrevivência na agricultura camponesa e na pesca, portanto, fixando nas margens os modos de vida e de trabalho.

Muitas nunca saíram de suas terras, muitos saíram e nunca mais retornaram, e muitos outros moradores continuam migrando sazonalmente para poderem permanecer na comunidade. Fluidez de pessoas nos espaços e espaços que fluem nas e entre as pessoas. São estas tessituras que modificam, constroem, segmentam e separam os espaços. Que os transformam em lugares, em territórios constituídos de territorialidades, de paisagens e de diferentes "gentes" que provocam os processos de deslocamentos populacionais.

É nosso objetivo neste capítulo-travessia refletir sobre o espaço enquanto categoria de análise não apenas geográfica, mas epistemológica. Assim sendo, nossa busca visa compreender a realidade sócioespacial na corrente fenomenológica, quando "a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência", (TUAN, 1983, p.10). Portanto, estaremos transitando nas margens, entre margens e em um espaço em trânsito que, segundo Bhabha (2007), produz paisagens, imagens complexas na diferença e na identidade entre os que estão dentro e os que estão fora, os incluídos e excluídos, espaços *in-betwen*. Estaremos navegando de encontro com a perspectiva colocada por Boaventura de Sousa Santos (2000) que estabelece que aos estudarmos as relações sociais faz-se necessário compreendermos que o conteúdo delas resulta do fato de elas sempre ocorrerem no espaço.

6.2 Espaço - tempo e suas representações

> El espacio empero-¿permanece el mesmo? ¿ No es aquel espacio que desde Galileo y Newton recibió su determinación? El espacio-¿ es aquella extension uniforme, sin zonas privilegiadas, em cada dirección equivalente, e imperceptible a los sentidos? (HEIDEGGER, Martin. 1970, p.p.113)

Percebemos o espaço como o *locus* de transformação humana, onde o território, enquanto forma de poder, e o lugar, enquanto subjetividade e afetividade, representam as ações dos homens e das mulheres na materialidade que só é possível nos espaços do estar no mundo praticando relações e interações sócioespaciais, as nossas práticas espaciais.

> São as práticas espaciais, isto é, um conjunto de ações espacialmente localizadas que impactam diretamente sobre o espaço, alterando-o no todo ou em parte ou preservando-o em suas formas e interações espaciais [...] as práticas espaciais são as seguintes: seletividade espacial, fragmentação- e -remembramento espacial, antecipação espacial, marginalização espacial e reprodução da região produtora, (CORRÊA, 2001, p.35-36).[106]

As práticas espaciais explicitadas pelo autor constroem o espaço enquanto valor de uso e de troca do capital, possibilitando entender que tal apreensão do conceito é apenas uma das muitas dimensões possíveis para analisar o espaço. “Eis o espaço geográfico, a morada do homem. Absoluto, relativo, concebido como planície isotrópica, representado através de matrizes e grafos, descrito através de diversas metáforas, reflexo e condição social”, (CORRÊA, 2001, p.44).

É no espaço geográfico que fazemos nossas práticas espaciais que são vividas, pensadas e imaginadas na ação do homem que o representa. Segundo Lefèbvre (1980), a

[106] Para Corrêa (2001), as práticas espaciais conceituadas acima, podem ser complementares e estão também sujeitas de ocorrerem simultaneamente. As práticas espaciais acontecem através da ação humana no espaço, influindo de forma direta na relação sociedade e natureza. A seletividade espacial é compreendida como feita pelos sujeitos no processo de organização das relações de produção. Já a fragmentação é a forma de controle sobre o espaço de forças políticas que dividem e fragmentam os lugares em função da potencialidade dos mesmos, enquanto o remembramento é a imposição em função do capital, de lugares possíveis de se tornarem espaço de atuação produtiva. Para ocorrer antecipação espacial, é necessária uma ação em determinado lugar, antes mesmo de se ter as condições básicas para atuação do mercado. Já a marginalização espacial é o abandono das relações de produção de um lugar especifico ou uma região. As causas que provocam a marginalização espacial podem ser de ordem econômica, política, cultural. E, por fim, a prática espacial da reprodução da região produtora realiza-se através da valorização de um determinado espaço, para que este possa ser produtivo através de políticas públicas de incentivos para as condições de produção.

representação é um movimento dialético onde o espaço é a chave para compreender a (re) produção do homem em sociedade e a construção da relação do homem com o ambiente.

David Harvey (2001, p.201), citando Lefebvre, propõe o espaço em três dimensões: 1) As práticas espaciais materiais que garantem a produção e a reprodução social é o espaço vivido; 2) As representações do espaço através da compreensão dos signos e significados é o espaço do percebido; 3) Os espaços de representação que são as invenções mentais, são os espaços pessoais, interativos e sociais do imaginário. Para Lefebvre a percepção, a imaginação e a simbologia são dimensões distintas, mas não são separáveis dos espaços sociais e naturais.

Compreendemos junto com os autores Harvey (2001), Lefebvre (1980), Corrêa (2001), Bachelard (1988), Chauí (2000), que as práticas espaciais são nossa ação materializada no espaço. Ação que é feita na experiência com o sentido, que faz parte da vivência na história de cada sujeito e na geografia dos seus mundos vividos no cotidiano e no imaginário através da percepção.

> Uma paisagem, por exemplo, não é uma soma de coisas que estão apenas próximas uma das outras, mas é a percepção de coisas que formam um todo complexo e com sentido: o vale só é vale por causa da montanha, cuja altura e distância só podem ser avaliadas por que há o céu, as árvores, um rio e um caminho[...]essa paisagem será um espetáculo de contemplação se o sujeito da percepção estiver repousado, mas será um objetivo digno de ser visto por outros se o sujeito da percepção for um pintor[...].Na percepção, o mundo possui forma e sentido e ambos são inseparáveis do sujeito da percepção, (CHAUÍ,2000, p.122).

É através da nossa percepção que nos utilizamos da observação para fragmentamos os fatos, as pessoas e as situações. E é na imaginação que criamos um objeto por inteiro, sem parte. Para Bachelard (1984):

> Contemplar sonhando é conhecer? E compreender? Não é, decerto, perceber. O olho que sonha não vê, ou pelo menos vê numa outra visão A imaginação tenta um futuro [...]. Um mundo se forma no nosso devaneio, um mundo que é o nosso mundo. E esse mundo sonhado ensina-nos possibilidades de engrandecimento de nosso ser neste universo que é o nosso, (BACHELARD, 1984, p.8-167).

É na construção das representações do espaço, das práticas espaciais, daquilo que percebemos, imaginamos e fazemos no agir individual e social, que organizamos no

espaço presente o aqui, e no tempo atual, o agora, as nossas ações e relações nas esferas de viver a existência no mundo do cotidiano.

Para Goffman (1975), as representações de nossas ações no viver cotidiano, colocam-nos diante das experiências e das informações que fornecemos e recebemos quando estamos na presença de outros. Desta forma, baseados em observações que fazemos e que os outros fazem de nós, estamos prontos para agir em grupo.

A metáfora da ação teatral utilizada por Goffman (1975) descreve as cenas humanas como acontecimentos dirigidos e dominados por atores que as representam diante de um determinado público. O relacionamento social é fruto das diversas apresentações do ator da mesma cena e com o mesmo público mediante representações dos papéis sociais. As representações sociais, enquanto concepções e visões de mundo, fazem as classificações e exclusões que permeiam as construções sociais de um tempo e um espaço.

Tempos e espaços em que conduzimos nossas ações no correr da vida. Por eles somos influenciados nas diversas situações, na mesma medida em que tentamos influenciar e controlar as situações. As representações que nós fazemos do cotidiano são marcadas pela certeza que temos de que há certa independência entre partes do que está neste cotidiano e nós mesmos. Nossas representações geram e atribuem sentidos e significados com que nos relacionamos com nossos outros em nossas interações, movimentos, práticas do nosso desempenho social.

> Uma interação pode ser definida como toda interação que ocorre em qualquer ocasião, quando, num conjunto de indivíduos, uns se encontram na presença imediata de outros. O termo ‘encontro’ também seria apropriado. Um ‘desempenho’ pode ser definido como toda atividade de um determinado participante, em dada ocasião, que sirva para influenciar, de algum modo, qualquer um dos outros participantes. O padrão de ação pré-estabelecido que se desenvolve durante a representação, e que pode ser apresentado ou executado em outras ocasiões, pode ser chamado de um ‘movimento’ ou ‘prática’, ”(GOFFMAN, 1975, p.23-24).

São as representações que montam e fazem as tramas do cotidiano dos homens e das mulheres, com e no ambiente, no constante viver, reviver e conviver nas interações em sociedade e, portanto, no espaço.

> Espaço deve ser considerado como o conjunto indissociável do qual participam, de um lado, um certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais e, de outro lado, a vida que os anima ou aquilo que lhe dá vida, isto é a sociedade em movimento(SANTOS, 1988, p. 16).

Ao transformarmos o espaço pela nossa ação, o espaço se cria entre "sistemas de objetos e sistemas de ações". Considerando a conceituação de Milton Santos (1988) que os objetos são os sistemas que regulam o fazer entre o funcional e o simbólico e as ações são sistemas que geram as relações humanas. Nos espaços criamos os nossos lugares. Lugares que, para Yi-Fu Tuan (1983), correspondem à determinação da transposição de um espaço para um lugar. "[...] O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em um lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor", (TUAN, 1983, p.142).

Para o autor, o ser humano precisa tanto do espaço como do lugar. O espaço é aberto e significa a liberdade, o lugar é fechado e humanizado. Nossas vidas estão sempre no movimento dialético entre o refúgio, considerado como lugar e o espaço, que é a liberdade. Os espaços se transformam em lugares na medida em que os dotamos de definições e significados. Para Tuan (1983, p.7), é através das formas diversas de "experenciar" que definimos espaços e lugares. Exemplo é dado por João Guimarães Rosa, por Riobaldo Tatarana:

> Nome de lugar onde alguém já nasceu, devia de estar sagrado. Lá como quem diz: então alguém havia de renegar o nome de *Belém* – de Nosso-Senhor-Jesus-Cristo no presépio, com Nossa Senhora e São José? Precisava de se ter mais travação. (JGROSA, 1986, p.32)

Na análise de espaço e lugar, Tuan (1983) afirma que é nossa característica humana de produzir símbolos e dotá-los de sentidos e sentimentos que nos permitem diferenciar e denominar os lugares.

As variadas formas de utilização do espaço e nos diferentes tempos em que vivemos e que o medimos proporcionam o *mundo da vida* e a transformação dos espaços em lugares, sendo, portanto, a cena e o cenário das nossas representações sociais. Através de nossas experiências no espaço e no lugar e de nossas percepções no tempo, geramos e fazemos interagirem as práticas, as atividades que são a nossa materialidade de construção da realidade, ou seja, nossos sistemas de objetos e ações.

> Tempo, espaço e mundo são realidades históricas, que devem ser mutuamente conversíveis, se a nossa preocupação epistemológica é totalizadora. Em qualquer momento, o ponto de partida é a sociedade humana em processo, isto é, realizando-se. Essa realização se dá sobre uma base material: o espaço e seu uso; o tempo e seu uso; a materialidade e suas diversas formas; ações e suas diversas feições, (SANTOS, 1999, p.44).

Nosso habitar um espaço, viver em um lugar, realizam a nossa representação do mundo entre coisas e ações como um acontecer solidário que se manifesta em um lugar. A forma é o evento a se realizar,[107] o conteúdo constitui as funções que podem ser portadoras do evento. Finalmente o acontecer solidário é o processo espacial. Vivemos entre espaços e tempos em que o evento é cada vez mais rápido, e onde as formas e conteúdos são mais objetos do que ações e o acontecer solidário são processos espaciais de conflito e luta de poder nos lugares entre pessoas e grupos sociais.

Uma análise dos espaços e tempos do presente foi realizada nos estudos de Boaventura de Souza Santos no livro pela Mão de Alice (1999, p.125-308). O autor caracteriza quatro diferentes espaços-tempo que são considerados como os problemas fundamentais da sociedade capitalista. São eles: 1- O espaço-tempo mundial**:** os graves axiomas deste espaço são a explosão demográfica, a globalização da economia e a degradação ambiental, a unidade de prática social é a nação, o mecanismo de poder é a troca desigual e o modo de racionalidade é a maximização da eficácia. 2- O espaço-tempo doméstico**:** tendo como característica fundamental de dissociação a discriminação sexual contra as mulheres, a unidade de prática social são as gerações e os sexos, o mecanismo de poder é o patriarcado e o modo de racionalidade é maximização da afetividade. 3- O espaço-tempo da produção**:** no qual se dá a dupla desigualdade de poder coexistente neste espaço-tempo: "[...] entre capitalistas e trabalhadores, por um lado e entre ambos e a natureza, por outro", (Ibidem, 1999, p.308), a unidade de prática social é a classe, o mecanismo de poder é a exploração e o modo de racionalidade é a maximização do lucro. 4- O espaço-tempo da cidadania: no qual existe uma diversidade de relações sociais, de identidades, de crenças e de regiões, a unidade de prática social é o individuo, o mecanismo de poder é a dominação e o modo de racionalidade é a maximização da lealdade.

[107] Conceituando o tempo como um evento: "Trata-se de um instante do tempo dando-se em um ponto do espaço. Os eventos são simultaneamente, a matriz do tempo e do espaço", (SANTOS, 1999, p.115).

Estas categorias diversificadas de espaço-tempo formulam as sentenças dos confrontos e dos problemas modernos como a hegemonia cientifica, a legitimidade da propriedade privada, a soberania dos Estados e a crença no progresso com o crescimento econômico e tecnológico. Sociedade e natureza vividas e pensadas em e através de tempos diferentes. A sujeição da natureza ao antropocentrismo moderno nunca foi tão intensa e destruidora. A lógica do capital através das relações de produção permeia todas as esferas de representações e de vivências da sociedade humana. Diferenciando e estratificando cada vez mais homens e mulheres que a cada dia são mais numerosos, que vivem à margem, submersos na miséria, e vão perdendo as suas identidades e as representações socioculturais que os definem e os identificam no e através dos seus lugares de trabalho. E vão construindo novas experiências culturais de construção e de descontração de imagens identitárias. Somos movidos no estar sempre prontos em "sair de" e a não nos fixarmos "em". Habitamos o mundo como sujeitos da modernidade, e agora da pós-modernidade. Modernidade que foi definida por Giddens, como associada a um período do tempo histórico a partir do século XVII e com uma localização geográfica: a Europa, referindo-se a um estilo, costume de vida ou organização social com suas características guardadas numa *caixa preta* (GIDDENS, 1991, p.11).

Para o autor estamos vivendo um período que precisamos compreender "as conseqüências da modernidade", que estão se tornando mais essenciais e universalizadas do que antes. Sendo necessário "capturar a natureza das descontinuidades", (GIDDENS, 1991, p.13). Giddens observa que vivemos uma época marcada pela desorientação, pela sensação de que não compreendemos plenamente os eventos sociais e que perdemos o controle. Portanto, não basta inventar novas palavras para explicar este redemoinho, mas sim olhar com atenção a própria modernidade e analisar as suas conseqüências.

> Em vez de estarmos entrando num período de pós-modernidade, estamos alcançando um período em que as conseqüências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes. Além da modernidade, devo argumentar, podermos perceber os contornos de uma ordem nova e diferente, que é "pós-moderna"; mas isto é bem diferente do que é atualmente chamado por muitos de "pós-modernidade". (GIDDENS, 1991, p. 12-13)

Boaventura de Sousa Santos (2006) chama a atenção da necessidade de diferenciarmos o pós-moderno do *pós-modernismo de oposição*. Para ele a grande

diferença é que o pós-modernismo de oposição não renuncia aos projetos coletivos e a emancipação social, mas propõe a pluralidade de projetos coletivos e a reinvenção da emancipação social. A tese principal do autor é o estudo e a reivindicação da tensão dialética entre a regulação social e a emancipação social. "Em vez da desconstrução, proponho uma teoria critica pós-moderna, profundamente auto-reflexiva, mas imune à obsessão de desconstruir a própria resistência que ela funda," (SANTOS, 2006, p.27).

6.2.1 Modernidade, tempo e espaço

De acordo com Giddens (1991), o dinamismo da modernidade deriva da separação do tempo e do espaço, da separação do espaço do lugar, do deslocamento das relações sociais dos contextos locais e da reflexividade aplicada no cotidiano.[108] O autor compreende que nas sociedades pré-modernas o espaço e o tempo, o espaço e lugar, eram vinculados e o tempo era mensurado através de ciclos e estações. A tradição era um modo de integrar a monitoração da ação com a organização do tempo e do espaço na comunidade. O autor cita a invenção do relógio mecânico como um marco na separação do tempo e do espaço, pois o relógio "correspondeu à uniformidade na organização social do tempo". (GIDDENS, 1991, p.26). Com a modernidade, houve um "*desencaixe*" dos sistemas sociais e uma nova ordenação das relações sociais que afetaram as ações dos indivíduos e dos grupos. A modernidade provoca descontinuidades.

Milton Santos compreende o evento como a matriz do tempo e do espaço, e o portador da ação presente. Observamos que não há uma separação de espaço e tempo, ao contrário temos um espaço-tempo. Santos faz importante citação do filósofo alemão Ernst Bloch (1970, p.124):

> O tempo somente é porque algo acontece, e onde algo acontece o tempo está ("Time is only because something happens, and where something happens there time is"). O autor sublinhou a palavra é, nós sublinharíamos, também a palavra onde, (SANTOS, 1999,p.145).

Para Santos (1999), é no lugar que teremos a ação do homem sendo a base da vida social, portanto o acontecer do espaço e do tempo. Na modernidade o tempo, o

[108] O autor explica que compreende a reflexividade da vida social moderna "(...) consiste no fato de que as praticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter. ' (GIDDENS, 1991, p.45).

espaço e o lugar estão interagindo desarmonicamente e provocando diferenças nas formas de acontecer solidário entre pessoas e lugares.

Para Gurvitch (2001) em estudos feitos por Harvey (2001, p.205), os tempos sociais pós-modernos contribuem para a mudança no pensar da vida social. Tempo permanente, ilusório, errático, cíclico, retardado, explosivo, são tipologias, ou temporalidades propostas pelos autores para a representação do domínio do espaço e do modo como as práticas socioespaciais atuam na vida cotidiana das pessoas, onde cada relação social tem o seu próprio tempo. Com a pós-modernidade os tempos estão sendo vencidos rapidamente, os espaços não são permanentes e podem ser percorridos de forma cibernética, ao dominar e racionalizar o espaço e o tempo o capital continua a dominar o complexo das relações da vida em todas as suas dimensões.

Harvey (2001) chama a atenção para o fato de que a conquista do espaço fez o homem conceber o espaço como dominado pela ação humana, e isso leva ao centro dos dilemas da política do espaço, em todo tipo de projeto de transformação da sociedade: "a propriedade privada da terra e a compra e venda do espaço como mercadoria." (p. 231)

Santos, Harvey, Giddens, são autores que pensaram as modificações na relação sociedade e ambiente, na crise da modernidade em função do espaço. Percebemos que tudo se passa no espaço e no tempo, no transformar humano, em uma relação mediada da sociedade/natureza, pela técnica. Concordamos com o conceito de técnica explicitado por Milton Santos: "As técnicas são conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida." (SANTOS, 1999, p.25). Para o autor é a técnica o "saber fazer" humano no espaço e no tempo.

6.2.2 Tudo flui: sociedade em redes, modernidade líquida

De acordo com Castells (2005), o espaço e o tempo são também formas materiais essenciais na vida humana. E são intrínsecos à natureza e à sociedade, sendo transformados através da tecnologia e das relações sociais que constroem a "sociedade em rede". Vivemos hoje uma sociedade que, baseada no modo de produção capitalista,

modifica as lógicas da vida em todo o sistema social[109]. As experiências, as percepções humanas através da difusão das tecnologias e das informações provocam, na análise do autor, novas formas de estruturação de poder, da cultura, da produção e das experiências em toda a sociedade.

> [...] O poder dos fluxos é mais importante que os fluxos do poder. A presença na rede ou ausência dela e a dinâmica de cada rede em relação às outras são fontes cruciais de dominação e transformação de nossa sociedade: uma sociedade que, portanto, podemos apropriadamente chamar de sociedade em rede, caracterizada pela primazia da morfologia social sobre a ação social, (CASTELLS, 2005, p.565).

Ao representarmos o espaço e sermos representados no espaço estamos entre redes de fluxos que, dinamicamente, são inventados e reinventados sem que haja, para tanto, identidade, pertença ou valores que nos permitam estar em partilha com nossas vontades e reciprocidades de modos de vida.

Uma imposição inventada pela sociedade de consumo, onde "todos e ninguém" estamos sempre em busca de espaços e tempos intemporais[110] e globalizantes, tanto para os nossos desejos de consumo quanto para as nossas possibilidades de uma vida de qualidade. Tudo são objetos e ações efêmeras, voláteis, sendo produzidos e consumidos através dos espaços de fluxos.

> O espaço de fluxos é organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos. Por fluxos, entendo as seqüências intencionais, repetitivas e programáveis de intercambio e interações entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por atores sociais nas estruturas econômicas, política e simbólica da sociedade, (CASTELLS, 2005, p. 501).

Os espaços de fluxos são definidos como a forma espacial composto por três características: uma infra-estrutura tecnológica, os centros de comunicação, e a organização espacial das elites gerenciais dominantes. Assim vivemos transformações profundas no espaço e no tempo que se tornam espaços de fluxos e tempos negados, ou seja, só existem no aqui e agora projetados sem antes ou depois. Somos conectados e separados, estamos em rede e fragmentados.

---

[109] Consideramos aqui sistema social de acordo com a definição de Humberto Maturana: "cada vez que os membros de um conjunto de seres vivos constituem com sua conduta, uma rede de interações que opera para eles como meio no qual eles se realizam como seres vivos, e no qual eles, portanto, conservam sua organização e adaptação, e existem em uma co-deriva contingente com sua participação em tal rede de interações, temos um sistema social', (MATURANA, 1999, p.199).

[110] O autor define tempo intemporal como o tempo dominante na sociedade em rede. "Ocorre quando as características de um dado contexto, ou seja, o paradigma informacional e a sociedade em rede causam confusão sistêmica na ordem seqüencial dos fenômenos sucedidos naquele contexto", (CASTELLS, 2005, p.556).

> A construção social das novas formas de espaço e tempo desenvolve uma meta-rede que ignora as funções não essenciais, os grupos sociais subordinados e os territórios desvalorizados. Com isso, gera-se uma distancia social infinita entre essa meta-rede e a maioria das pessoas, atividades e locais do mundo. Não que as pessoas, locais e atividades desapareçam. Mas seu sentido estrutural deixa de existir, incluído na lógica invisível da meta-rede em que se produz valor, criam-se códigos culturais e decide-se o poder. Cada vez mais, a nova ordem social, a sociedade em rede, parece uma meta-desordem social para a maior parte das pessoas (CASTELLS, 2005, p.573).

Nossos espaços de vida estão em lugares que estão esvaziados de pessoas, símbolos, signos e valores, e nossos tempos são vividos entre a mobilidade dos lugares e dos ofícios, na subordinação e exploração dos seres humanos.

Segundo o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2003), os tempos atuais são os tempos de fluidez. Eles são responsáveis pela degradação do espaço, do tempo e da condição humana. Ele estabelece entre a modernidade e a pós-modernidade a diferença que separa a modernidade sólida da modernidade liquida. Teríamos na história dois tipos de modernidade: uma modernidade que está terminando, e que pode ser chamada da era do *hardware*. Essa é uma modernidade pesada, uma modernidade sólida onde à conquista do espaço era o objetivo primordial e o tempo era flexível e maleável. O trabalho e o capital eram indissolúveis. As características da modernidade sólida foram o estado-nação, a ciência e o ela haver sido um período de controle e dominação racional.

Já a modernidade liquida é o período presente que vivemos, onde o tempo e o espaço são separados. Um novo ciclo de modernidade, a era do *software*, da modernidade leve, onde a conquista do espaço é desvalorizada e o tempo é instantâneo. O trabalho e o capital são separados. Segundo Bauman, os sólidos que estão derretendo, ou os que estão para serem derretidos são os que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas. O tempo e o espaço separados promovem o "aqui e agora" como o símbolo da vida efêmera e instantânea do presente.

A mudança da modernidade pesada para a modernidade liquida tem como condição primordial a desintegração social através da fragilidade dos laços sociais que promove a quebra desses laços na fluidez e na consolidação do poder. "Se a modernidade sólida punha a duração eterna como principal motivo e principio da ação, a modernidade "fluida" não tem função para a duração eterna. O "curto prazo"

substituiu o "longo prazo" e fez da instantaneidade seu ideal último." (BAUMAN, 2001, p.144).

Para o autor, na modernidade liquida os espaços dos fluxos promovem a velocidade de movimento onde as fronteiras são permeáveis forçando o reduto da significação territorial e simbólica fixa, já o espaço de fixação é onde as fronteiras não são entendidas como lugares para a interação, mas ao contrário são os lugares de afastamento. Através da revolução da informática, dos transportes e dos fluxos de redes nas sociedades contemporâneas, ocorreu a impossibilidade da manutenção de fronteiras rígidas. Neste sentido, não podendo limitar-se a um espaço definido e quebrando os laços fortes de vizinhança e familiaridade, Bauman considera que houve um enfraquecimento da comunidade, da significação territorial e simbólica. O que levou a emergência dos espaços de fluxos e, portanto a valorização da individualidade enquanto construção do sujeito. Desta forma a individualização, no que diz respeito aos valores humanos, envolveu uma troca entre a liberdade e a segurança.

> O capitalismo moderno, na expressão célebre de Marx e Engels, "derrete todos os sólidos"; as comunidades auto-sustentadas e auto-reprodutivas figuravam em lugar de destaque no rol dos sólidos a serem liquefeitos. Mas o trabalho de fusão não era um fim em si mesmo: os sólidos eram liquefeitos para que os outros sólidos, mais sólidos do que os derretidos, pudessem ser forjados. Se para os poucos escolhidos o advento da ordem moderna significava o começo de uma extraordinária grande expansão da auto-afirmação individual – para a grande maioria apenas anunciava o deslocamento de uma situação estreita e dura para outra equivalente. Destruídos os laços comunitários que a mantinham em seu lugar, essa maioria viria a ser submetida a uma rotina inteiramente diferente, ostensivamente artificial, sustentada pela coação nua e sem sentido em termos de "dignidade, mérito ou honra". (BAUMAN, 2003, p.33).

Os espaços de fluxos provocam a mobilidade das pessoas, em busca de espaços, que são cada vez mais seletivos, individualizados e dominados por uma minoria que exige cada vez mais a diferença e que tem como objetivo a individualidade. A modernidade liquida transforma a comunidade em mito e a representação do espaço é produzida no consumo e na fluidez no vivido, percebido e concebido.

6.2.3 A representação do espaço no território e territorialidade

Ao representar o espaço somos também representados pelo espaço. Quem somos, de onde falamos, em que círculo falamos, são algumas das formas, das cenas de

representações do espaço no mundo do cotidiano. As experiências estabelecem uma longa série de objetivações a partir das quais podemos repartir os "momentos de vida em comum". O espaço que é ocupado pelo indivíduo no tempo será sempre o espaço não ocupado pelo outro, e é nessa dialética que se faz a representação da vida cotidiana.

> O nosso cotidiano é organizado segundo uma relação móvel, mas permanente, de aqui e agora. Cada um dos momentos de minha vida é uma encruzilhada entre um *aqui* (espaço ocupado pelo meu corpo em meu mundo) e um *agora* (momento que eu vivo em um determinado espaço do mundo). (BRANDÃO, 2008, p.14)

Para os estudos das representações do espaço, remetemo-nos a Henry Lefebvre (1996), que traçou uma genealogia conceitual da representação do espaço através da filosofia de Kant, de Hegel, da dialética de Marx e do materialismo ideológico de Nietzsche. Para Lefebvre, as representações envolvem sempre a presença e a ausência, um movimento dialético envolvendo como percebemos o mundo, como concebemos o mundo e, assim, como afinal representamos o mundo, no vivido. Para representar o espaço estamos elaborando e re-elaborando uma interpretação da sociedade e da natureza. Ao pensarmos o espaço já o representamos**.**

> Pelo trabalho o ser humano domina a natureza e se apropria parcialmente dela. O trabalho não pertence à natureza. Ele chega a ser "contra a natureza" em dois sentidos: enquanto labor exige o esforço e disciplina - modifica a natureza em torno do homem e dentro do homem. [...] O trabalho é produtor de objetos e de instrumentos de trabalho. Mas ele é também produtor de novas necessidades; necessidades na produção e da produção. Assim, pouco a pouco, a necessidade atinge formas mais altas e mais profundas, mais sutis e mais perigosas: desejo de presença (e presença do desejo), poder do desejo (e desejo do poder). (LEFEBVRE, 1994, p.182).

Estamos no ato de pensar, reproduzindo, produzindo e construindo em nossas mentes as formas, as ações, os conteúdos que se passam em lugares determinados, na mediação dos sujeitos entre coisas que fazemos e construímos no viver e no conviver. Ao representarmos o espaço através do trabalho entendemos como o fazer das práticas transforma a natureza. Nossas ações formam cadeias interligadas através dos instrumentos, tecnologias que criamos, entre e com as relações de produção e de socialização que transformam o ambiente.

Vivemos entre a presença e ausência dos simulacros de felicidade comedida na competição e na permanente e ilusória disputa de espaços sociais, culturais, territoriais. A busca fundamental é pelo espaço. Não o espaço em si, mas o espaço para si, o espaço

transformado em território. Compreendemos o território de acordo com Raffestin (1993): "Ao se apropriar de um espaço concretamente ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator territorializa o espaço", (RAFFESTIN, 1993, p.143) [111]. E também concordamos com o conceito elaborado por Haesbaert (2006), quando o território é compreendido "como fruto da interação entre relações sociais e controle do/pelo espaço, relações de poder em sentido amplo, ao mesmo tempo de forma mais concreta (dominação) e mais simbólica (um tipo de apropriação)," (HAESBAERT, 2006, p.235).

São as relações de poder que transformam o espaço em território e estas mesmas relações de poder nos territórios constroem as territorialidades. Compreendemos a territorialidade como uma estratégia de controle, uma ação do sujeito para obter o domínio do território. Para Spósito (2004) a territorialidade "[...] pertence ao mundo dos sentidos, portanto da cultura, das interações cuja referência básica é a pessoa e a sua capacidade de se localizar e se deslocar" (SPÓSITO, 2004, p.113). Na antropologia Paul E. Little define territorialidade como um "esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu "território" ou *homeland*." (LITTLE, 2002, p.5).

Somos nós com nossas ações, práticas espaciais materiais, imaginárias, carregadas de percepções que construímos territórios e territorialidades no espaço. Damos formas e atribuímos conteúdos aos lugares que habitamos. Lugares variados e plurais, que podem ser fluxos ou fixos, entremeados sempre pelas relações e processos de mobilidade humana e disputa de poder dos grupos humanos.

Podemos pensar que as representações do espaço transformam as pessoas e as paisagens, os cenários, os lugares que se transformam em territórios que possuem territorialidades, sendo uma relação dialética entre construção e desconstrução, dominantes e dominados. Se, enquanto sujeitos, somos os criadores, os transformadores dos lugares através da cultura, podemos ser também transformados no e através dos espaços que habitamos.

> A mesma cultura que nos toma como indivíduos biológicos (seres da natureza) nos transforma em pessoas sociais (sujeitos de uma cultura). Uma

[111] Autores diversos têm trabalhado com o conceito de território e seus desdobramentos entre eles citamos: Raffestin(1993), Oliveira(1999), Sack (1986), Lefebvre, (1994).

> idéia que nos vem de Marx lembra que somos seres naturais, mas seres naturalmente humanos. Nós, construtores de espaços e de lugares, de terras, de territórios, de casas e nomes de casa. E também de conceitos, canções e teorias a respeito dos tempos e dos espaços que de algum modo pertencem a nós, na mesma medida em que pertencemos a eles, (BRANDÃO, 2006, p.2).

É na perspectiva do mundo da cultura que representamos nos lugares os símbolos, o sagrado, os signos, o profano, o lazer, a política, a ideologia, a paixão humana. A representação do espaço permeia sentidos, sentimentos, experiências, tempos e temporalidades. Histórias e "estórias" entrelaçam a memória, entre as recordações e as lembranças que trazemos entre os vivos e mortos, nativos e estranhos que fazem a nossa vida, produto de nossa experiência em viver em grupos, no espaço social.

6.2.3.1 O espaço social

De acordo com Pierre Bourdieu:

> (o espaço é o) conjunto de posições distintas e coexistentes, exteriores umas às outras, definidas umas em relação às outras por uma exterioridade mútua e por relações de proximidade, de vizinhança ou de distanciamento e, também, por relação de ordem (BOURDIEU, 1996, p.18, grifos do original).

Portanto, no espaço temos vários campos que construímos, que habitamos ou que desejamos habitar[112]. Campos que configuram as diferentes possibilidades da presença do ser humano no mundo, na vida e na sociedade e que geram, eles próprios, os seus espaços sociais. E são as relações de ordem que estabelecem grandes distorções entre os grupos sociais, onde as relações de produção são priorizadas, valorizando os mecanismos de poder que sustentam uma minoria em condições de extremo bem-estar. É a reprodução das relações desiguais sociais:

> [...]não pode haver re-produção das relações sociais nem por simples inércia, nem por recondução tácita. Esta re-produção não se dá sem modificações que excluem tanto o processo automaticamente reprodutivo no interior do modo de produção constituído (sistema) como a eficácia imediata de um "núcleo gerador". As contradições também se re-produzem, não sem modificações. Antigas relações há que degeneram ou se dissolvem (por exemplo: a cidade, o natural e a natureza, a nação, a miséria quotidiana, a família, a cultura, a mercadoria e o "mundo dos signos"). Outras há que se constituem de maneira que há produção de relações sociais no seio da re-produção (por exemplo: o urbano, as possibilidades do quotidiano, o diferencial). Estas novas relações emergem no seio das que se dissolvem [...] É a marcha especifica das

[112] Campo palavra central em Pierre Bourdieu.Ver BOURDIEU, Pierre .*Razões práticas – sobre a teoria da ação,* publicado em 1996, pela Editora Papirus, de Campinas, p. 17 - 18.

> contradições ampliadas. Ampliadas - a quê? Ao espaço. Ao mundo: ao mundial. (LEFEBVRE, 1999, p.252).

As contradições da re-produção das relações sociais causam modificações na paisagem local e na global. Os sujeitos sociais fazem as modificações que irão determinar a manutenção ou a transformação do espaço social. Portanto, são os sujeitos sociais que irão implementar a realidade social.

> O sujeito é o desejo do indivíduo de ser ator. A subjetivação é o desejo de individualização, e esse processo pode desenvolver-se apenas se existir uma interface suficiente entre o mundo da instrumentalidade e o da identidade [...] se produz uma dupla exclusão, em relação ao meio de partida que se afasta e ao meio de chegada que se recusa a integrar o recém-chegado, (TOURAINE, 2000, p.86).

De acordo com Weber, todo fenômeno social refere-se às ações que o constitui: "A ação social (incluindo tolerância ou omissão) orienta-se pelas ações de outros, que podem ser passadas, presentes ou esperadas como futuras" (WEBER, 1999, p.139). As ações sociais de vários sujeitos irão proporcionar as relações sociais: “Por relação social deve-se entender uma conduta de vários - *referidos* reciprocamente conforme seu conteúdo significativo, orientando-se por essa reciprocidade”, (WEBER, 1999, p.142, grifos do original).

Os conteúdos significativos das relações sociais balizam a reprodução das relações. Em tempos de modernidade e em espaços cada vez mais artificiais e cada vez mais segmentados, são as ações sociais racionais e do “indivíduo” que prevalecem na lógica da racionalidade. Utilizando uma metáfora do JGROSA,[113] podemos dizer que estamos entre *travessia e nonada* entre os e através dos lugares, espaços, tempos de nossas vidas cotidianas.

Travessias de estar e conviver com as diferenças e similitudes do ambiente e dos seres vivos e *Nonada* de processos de produção que fazem o ir e vir de gentes e coisas nos lugares através dos modos de produção que através das formas e técnicas de trabalho que nos apropriamos da Natureza.

> Espaço e lugar são termos familiares que indicam experiências comuns. Vivemos no espaço. Não há lugar para outro edifício no lote. As Grandes Planícies dão a sensação de espaciosidade. O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Não há lugar como o lar. O que é lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria. Os geógrafos estudam os lugares. Os planejadores gostam de evocar

[113] *Nonada* é a primeira palavra e *Travessia* a ultima utilizada por JGROSA na obra Grande Sertão: veredas.

> "um sentido de lugar". Estas são expressões comuns. Tempo e lugar são componentes básicos do mundo vivo, nós os admitimos como certos. Quando, no entanto, pensamos sobre ele, podem assumir significados inesperados e levantam questões que não nos ocorreria indagar. (TUAN, 1983, p.3)

Estamos nos tempos da sociedade, utilizando e sendo utilizados pelo espaço que nós mesmos construímos e produzimos nas ações de modificar o mundo natural e o transformar em mundo da cultura, o mundo humano.

Do ponto de vista da unidade familiar que envolve a pessoa ou as pessoas que partem, que migram de uma vez para sempre ou sazonalmene, uma polaridade tempo-espaço sempre se constitui. Pensamos muito nos que partem, nos migrantes, e é sobre eles que recaem os olhares de quase todos os pesquisadores do assunto. No entanto, do outro lado do "rio do ir e vir", estão os que ficaram. Está a esposa ou a mãe que espera o marido ou o filho. O lugar-casa se quebra e marca uma ausência-presente que apenas deixa de existir quando quem-foi volta. Retorna. Migrar é não apenas deixar um lugar e partir em busca do que se espera encontrar em um outro espaço, em um outro lugar social. Migrar é quem fica e assume na casa muitas vezes o "lugar" deixado por quem partiu. E redefine a geografia da casa ou mesmo de uma comunidade, quando são muitos os que partem, para que a partida de quem foi não deixe "sem recursos" a comunidade doméstica dos que ficaram. E, bem sabemos, muitas vezes é em nome dos que ficam e da reprodução da unidade familiar que o que partiu, viveu a nem sempre desejada aventura do migrar. José de Souza Martins lembra em Fronteira (1997), que um dos maiores desvios na compreensão do que significam as frentes pioneiras, ou as invasões de conquistadores de territórios, povos e pessoas, é que o olhar de quem procura compreender o processo da conquista apenas o percebe desde o ponto de vista do conquistador, do aventureiro, do ator da frente de fronteira. Quando, na verdade, o eu ator essencial é a vítima. É o autóctone, é quem lá estava e viu seus espaços e territórios invadidos, tanto quanto suas culturas e vidas subjugadas. Em outra dimensão quase o mesmo poderia ser dito do ponto de vista da migração. Seu ator mais visível é quem parte. Mas tão essencial à compreensão do processo é o olhar de e o olhar sobre quem fica.

Os deslocamentos provocam modificações nas relações e interações em diferentes direções e envolvendo, como lembrado acima, diversos atores do processo.

Idas, partidas, deslocamentos que se materializam no espaço nos sistemas de objetos e ações e, assim, constroem múltiplas bases de representação do espaço e podem construir o espaço de representação em outro lugar que não seja o de origem, mas que seja o escolhido como lugar de vida e trabalho.

6.3 Entre margens: espaços e tempos no processo migratório.

Pensamos a relação com o espaço como configuração na construção e re-construção de modos de vida e de trabalho. Ressaltamos que consideramos os modos de vida, como o viver entre os sujeitos com seus costumes, valores e os modos de trabalho, como as transformações que fazemos no viver dos sujeitos e que produzimos os instrumentos, as tecnologias e as ferramentas junto com as técnicas com que ao produzirmos nossas vidas, também criamos os nossos espaços.

Para tanto concordamos com Bachelard quando nos diz que as nossas interpretações do espaço são possíveis se estiverem centradas em entender as microrrelações que perpassam nas macrorrelações.

> Quantos teoremas de topoanálises teriam que elucidar para determinar todo o trabalho do espaço em nós. A imagem não quer deixar-se medir. Por mais que fale do espaço, muda de grandeza. O menor valor a estende, a eleva, a multiplica. E o sonhador se transforma no ser de sua imagem. Absorve todo o espaço de sua imagem. Ou então ela se confina na miniatura de suas imagens. É em cada imagem que é preciso determinar, como dizem os metafísicos, nosso ser-lá sob o risco de não encontrar às vezes senão uma miniatura do ser. (BACHELARD, 1984, p.310).

Observamos que a experiência migratória não envolve somente uma série de fatos ocorridos no desenrolar da vida das pessoas, mas abarca fatos singulares e resultantes de processos sociais vivenciados em situações reais no cotidiano de pessoas que constroem a realidade socioespacial. Um processo que pode partir das, mas ultrapassa as macrorrelaçoes realizadas e re-feitas nas microrrelações. Os microcosmos e as microrrelaçoes constroem o mundo do cotidiano nos espaços que são produzidos, elaborados e que vira simulacro do real para, assim, divulgar a superação das tradições enquanto sinônimo de velho e antigo e propagar o moderno como o novo, o tecnológico, o urbano.

> Quando uma imagem familiar cresce até ter dimensões do céu, somos de subido chocados pelo sentimento de que, correlativamente, os objetos

> familiares se transformam em miniaturas de um mundo. O macrocosmo e o microcosmo são correlativos. (BACHELARD, 1984, p.307).

O processo migratório revela as formações sociais em forma e conteúdo estratificados e desiguais, entre oportunidades desiguais em meio àqueles que são expropriados de suas terras e lugares de vida e que, assim, são caminhantes em busca de novos lugares, espaços de trabalho e na esperança que seja também um lugar de vida. "Rugosidades," [114] no dizer de Milton Santos (2004) que fazem com que em tempos e espaços de modernidade tenhamos processos de supressão, de acumulação e superposição das coisas sobre as pessoas.

Nos relatos de nossa pesquisa com pessoas que já migraram e retornaram à região e às suas comunidades rurais de origem, são muitas as afirmativas de *que o tempo não foi bom*, de que foi *tempo de vacas magras*, de que o *tempo tá difícil*. Em todas as proposições em relação ao tempo que já foi, ao tempo que se vive e ao tempo que virá, sempre são asseverações que pretendem reforçar o lugar de vida como o rural e o lugar de trabalho como a cidade.

O quadro a seguir é uma representação/interpretação da investigação através de relatos de camponeses que migraram e retornaram a região e do processo migratório no Norte de Minas Gerais, baseada na tipologia de Gurvitch, trabalhado por Harvey (2001) e com a associação dos tipos de espaços na última coluna baseada na grade feita por Brandão (1995), retratando uma lógica classificatória de reconhecimento social dos territórios da vida do cotidiano entre as pessoas do mundo rural.

Os tempos apresentados descrevem como na migração em família, em grupos de afinidades e reciprocidades, ou individualmente, os trabalhadores/ras de forma temporária ou permanente são sempre delimitados pelos espaços que se transformam em territórios de outros e os expulsam dos seus lugares. As decisões de ir e vir são feitas e executadas na disposição de um tempo em função de vários espaços, que são vividos como espaços fluidos, percebidos e presenciados na modernidade líquida. Vejamos a classificação dos tempos:

---

[114] "[...] Chamemos rugosidades ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares." (SANTOS, 2004, p.140)

O Tempo permanente é apresentado com forma contínua e com uma formação social da migração acontecendo com toda a família. É a busca por um outro lugar de vida. A necessidade é estabelecer relações, ações, práticas sócioespaciais. Ao partir de um lugar e buscar um mesmo e novo tempo nele, a expectativa é a possibilidade de reciprocidade e estabilidade de relações entre o ambiente e a sociedade. O espaço natural é bem próximo do social em função do lugar de vida constituir o lugar de trabalho. A migração de retorno é a busca do tempo permanente, a procura de laços de afinidade e possibilidades de retorno a lugares e pessoas que signifiquem um estar de novo, um começar através do já vivido.

O Tempo acelerado possui forma de ruptura com a formação social da migração, acontecendo individualmente ou em grupos sem laços de parentesco. O objetivo da migração é prover uma renda mínima e retornar ao lugar de origem. Ao chegar a um lugar de trabalho, a expectativa é a renda do trabalho para o retorno com recursos que possam prover as despesas mínimas da família ou famílias, pois muitos dos que migram no tempo ilusório e acelerado acreditam na possibilidade de prover a própria família bem como as famílias descendentes. O espaço social é distante do espaço natural em função de ser individualizado e as partidas serem programadas para se tornarem chegadas de retorno.

O Tempo errático é de forma incerta e com uma formação social da migração acontecendo individualizada e/ ou com a família no retorno a região de origem, provenientes de migrações sazonais. Ao retornarem à região ou municípios e comunidades de origem, os trabalhadores, muitos em grupo e outros sozinhos, estão dispostos a migrarem novamente, mas agora dentro de sua própria região. Os espaços naturais e sociais têm proximidade, embora aconteça o deslocamento por várias semanas ou meses, o que faz com que os espaços pareçam às vezes mais distantes.

O Tempo cíclico é de forma modificável não continuado e com a formação social da migração em sua maioria em família, ou grupos com laços de parentesco ou laços de reciprocidade cultural com as relações visíveis dos espaços naturais e sociais na apropriação dos costumes e hábitos dos lugares de vida.

O Tempo retardado ocorre com forma excedida do futuro e com uma formação social da migração acontecendo em diversas modalidades: pessoas em grupo,

individualmente e em família. Os símbolos e gestos da crença religiosa são as representações nos espaços do trabalho e da vida. Os espaços sociais e naturais são próximos. O rezar, orar, festejar e agradecer são ações que os trabalhadores reproduzem em suas casas, em templos, igrejas, pequenos presépios e altares, nas festas de trabalho e no ambiente da comunidade que fazem a proximidade e o estar em grupo.

O Tempo alternado possui forma descontínua e com a formação social da migração, acontecendo de forma individualizada ou em grupos de afinidades, em que o passado e o futuro competem no presente, através dos vínculos com o lugar de origem e com as expectativas com o lugar de destino. Os que partem e permanecem fora do lugar de origem mantém com os que não partiram e estão no lugar de origem relações de afetividade e de dependência que os aproximam e os mantém de certa forma unidos. As relações de espaços naturais e sociais são distintas. Ao estar em espaços naturais distantes e enviarem recursos financeiros ou cartas com notícias para os familiares no lugar de origem estas ações provocam percepções de proximidade afetiva em quem envia e em quem recebe.

Os relatos dos moradores da Barra do Pacuí, que apresentamos a seguir, descrevem os tempos e os espaços de um antes, de um agora e de um porvir. Os espaços existem em nós, entre nós e para nós, que habitamos tempos-espaços conforme assinala Brandão (2006). O ir e vir entre os tempos percorrendo os espaços naturais e sociais são decorrentes das formações humanas e acontecem em função da sobrevivência. As nossas dimensões no *mundo da vida* são realizadas na construção dos espaços e no viver os tempos enquanto indivíduos, grupos, comunidades e enquanto condição humana.

> *Eu nasci no Jacinto na fazenda Venida, do outro lado, de lá sai com 16 anos, fui pra São Paulo, depois voltei e morei em João Pinheiro lá trabalhei 5 anos, e vim pro Coração de Jesus e por lá me casei e de lá vim pra beira desse rio, agora do Pacuí só saio quando Deus me levar.*(Dona Maria)

> *Plantar roça a uns tempos atrás, não tinha nada de facilidade pra gente era tudo tocado a força, não tinha carro, as vezes só o de boi, não tinha nem carroça a gente carecia de muita coisa, tudo era feito no braço, carregava tudo nas costas. No transporte o que mais tinha era canoa, lembro dos mais velhos, carregando as colheitas direto pra casa no remo, eu e meus irmãos fomos criados desse jeito. Hoje quem mexe na roça sou eu e a mulher, dessa*

maneira, juntos. Eu gosto e ela também, assim a gente continua retirando o que a gente precisa pra sobreviver. Mais uma coisa naquela época o povo era mais forte agüentava, hoje meus meninos não agüenta mais, os tempos mudaram e preferem ganhar a vida fora. Mais eu ensinei eles do mesmo jeito que o meu pai, eles sabem, mas não querem isso pra vida deles. (Sr. Nivaldo).

Carregava uns 40 a 50 quarta de mantimentos (feijão ou milho) em uma canoa, dois homens, dois dias, dois dias e meio e chegava em Pirapora. Era o único meio da gente transportar o que colhia, a canoa e remo, tempo bom, muito saudade. (Seu João Bento)

Nasci em Ibiaí, na Fazenda Ema, depois morei nos Gerais e cheguei aqui em 1966, fui para São Paulo, vivi lá quase um ano. Não gostei de jeito nenhum. Fiz de tudo um pouco, mas voltei e em 1968 casei aqui no Pacuí. Eu gosto do meu lugarzinho, é aqui que eu quero viver tudo. (Seu Euclides)

Você pergunta quanto a gente tem aqui, eu sei dizer quantas casas, pela casa de cada um, eu sei quem ainda tá na casa. Quem continua aqui e quem já se foi. Porque tudo tem ido. As terras cercaram as águas do rio direto tá suja e avisam que a gente não pode beber a água. Então já viu o tempo é difícil, mas a gente segue vivendo, onde tem a casa da gente, o povo nosso, é lugar de viver. No meu caso é aqui né? E todo dia agradeço Nossa Senhora e Nosso Senhor Jesus Cristo. Tem coisa mais importante que isso? (Dona. Tazinha).

Nunca sai daqui, mas já vivi em tanto lugar por causa dos filhos. Eles viajam e a gente vai junto. Fico aqui tão preocupada. Cidade tem gente ruim, na roça o tempo passa de acordo com o povo do lugar. Na cidade o povo quer descortinar tudo até gente, tenho medo. Alegria é quando eles voltam. E agora que vieram pra ficar, nosso Deus e bom demais. (Dona Maira Conceição)

QUADRO 3

TEMPOS E ESPAÇOS NA ANÁLISE DO PROCESSO MIGRATÓRIO NO NORTE DE MINAS

Tipo do tempo	Forma	Formações Sociais	Relação de espaços naturais e sociais
Permanente	Quantificável e continuo.	Migração em família. Busca de compra de moradias em periferias de pequenas, médias e grandes cidades de sua própria região ou pequenas propriedades no meio rural.	Espaços muito próximos: a comunidade (bairro) ou cidade de origem, a região de origem.
Ilusório e acelerado	Forma de marcar as crises e rupturas. O futuro torna-se presente.	Periferias, moradas de migrantes. Práticas sócio-espaciais urbanas, trabalhos informais e bicos. Dívidas com desconto em salário pela alimentação e moradia.	Espaço social e naturalmente distante: cidades de trabalho temporário em outras regiões, lavouras no meio rural na própria região, mas em outros municípios e com riscos para a saúde em função de agrotóxicos e condições insalubres de trabalho.
Errático	Incerteza onde sempre prevalece o presente.	Movimentos migratórios sazonais de retorno às regiões de origem nas expectativas de novos deslocamentos espaciais.	Espaços próximo-distantes: outros municípios, outras cidades, ou meio rural do seu próprio município para o trabalho sazonal.
Cíclico e com possibilidade de ser também explosivo.	Acentua a continuidade dentro da mudança. Futuro transcendente	Manifestações culturais na culinária, na religião, no sagrado, nos signos, no simbólico, no profano. Visibilidade dos sujeitos que fazem o processo migratório como teoria e interpretação de resistência e persistência como forma de manter os laços de reciprocidade.	Espaços sociais próximos; Cidades de origem e lugares e espaços nos lugares de destino onde existam laços de reciprocidade e solidariedade entre as pessoas e grupos sociais.
Retardado	Superação do futuro de forma tardia	Símbolos, signos que reproduzem os ritos e crenças das gentes migrantes.	Espaços sociais muito próximos: a casa, os lugares dentro da casa, os templos, as igrejas, as festas dos Santos de devoção, as festas de colheita e mutirão do trabalho.
Alternado	Descontinuidade sem continência	Cartas para familiares e amigos, depósitos financeiros para os que ficam nos lugares de origem.	Espaços naturais distantes e espaços sociais próximos.As cidades-dormitório, os bancos, os correios.

FONTE: Quadro elaborado pela autora: PAULA, Andréa M. N. R. de.2009.

Os tempos vividos pelos homens e mulheres nos espaços no Norte de Minas Gerais, em especial pelos trabalhadores camponeses que migram e retornam, revelam dois tempos distintos: *os de ontem e os de hoje.*. As utilizações dos espaços do campo e da cidade são diferenciadas. No rural são os lugares do ser. Na cidade representa o espaço do estar, ou seja, estar para trabalhar em cidades grandes ou propriedades de outros, trabalhando de forma provisória.

Os tempos de ontem são caracterizados como tempos de fartura, de "boa vida", de muita terra e de "prato cheio"; de "trabalho pesado" o campo era o tempo anterior, do passado. A cidade era local para "fazer a feira, comprar e vender" e, de vez em quando, para "ir ao médico" ou ver "novidades". Os espaços rurais e urbanos eram completamente separados, caracterizados e delimitados.

> *São tempos que não voltam. Hoje a gente vem, sabe onde termina a cidade. A roça acho que nem existe mais. Pelo menos, aquela com gado, peixe, fruta, fartura e, professora. E minha família toda junta, criando galinha, porco, fazendo queijo, plantando roça. Quando a seca vinha, sempre tinha um serviço de roça perto e tinha também feijão e mandioca para colher. Agora não tem nada e é tudo máquina. (*Depoimento de um trabalhador rural, ao preencher o cadastro no Posto do SINE- Moc, 2002).

As atividades de produção no tempo antigo eram caracterizadas como atividades de sustento da família e da possibilidade de permanência no campo. As relações de trabalho relatadas não se baseavam apenas nas leis de mercado. As ações dos indivíduos fundavam-se também em trocas entre as famílias, parentes, vizinhos, imbricando valores de cooperação, solidariedade e reciprocidade.

Os dias de hoje, como muitos chamam o presente, são "*outros tempos*", "*novos tempos*". De acordo com os depoimentos dos trabalhadores já *"são poucas*" as possibilidade de permanecer no meio rural e a necessidade faz o ir e vir, pois "*quem parte, já vai pra voltar",* conforme repetem em quase todas as conversas que tivemos com os moradores da região.

> *Você me pergunta qual é o morador mais velho daqui. Eu não sei dizer. Mas sei qual é a casa mais velha. É a do Juca. Aqui na comunidade, as casas são passados de pai para filho, e a gente não vai embora nunca. Então são sempre as mesmas famílias, nas mesmas casas. Quando um morre, tem o cemitério, enterramos. Quando um nasce e volta da cidade o batismo é na igreja daqui. Aqui tem pouca coisa, mas tem um pouco de tudo. Há... tem os*

> *chegantes, mais são poucos que já tem uns monte de anos que tão aqui com a gente.*(Relato de Dionísio, 46 anos,agricultor, migrante retornado das lavouras de plantação de café do interior de São Paul em setembro de 2007).

Entre os pescadores com os quais conversamos alguns não nasceram na comunidade, nem mesmo na região; vieram do estado da Bahia para aqui no Norte de Minas fazerem "a vida". Hoje são senhores de 60 ,70 e 80 anos, com filhos, netos, com uma família extensa. Já migraram para trabalhar em outras regiões e explicam que só foram para outras regiões porque "*não tinha jeito", entre ficar e não comer, melhor ir, trabalhar e voltar.*

> *O rio seco, o prato vazio, o jeito é ir pra estrada e voltar com algum. Como o rio os tempos são assim: às vezes rio acima, contra a correnteza, outras vezes rio abaixo, a favor da correnteza", (*Relato de pescador em conversa em beira de rio, no fim de tarde em Pirapora em julho de 2009).

É assim que o modo de produção capitalista torna-se o símbolo da modernidade para os camponeses e trabalhadores rurais, no meio rural através da introdução dinâmica, ágil e rápida do modo urbano de vida, transformando a população rural em consumidores e logo expropriados de suas terras e do trabalho rural e seguem para viver nas cidades, mudando a dinâmica do tempo e espaço da vida que aprenderam no rural e que será imposto no urbano.

Podemos pensar junto com Martins (1975), que a introdução do capitalismo no campo brasileiro provocou a sujeição do rural para favorecer o crescimento econômico. A economia mercantil, a economia de mercado exclui a economia de subsistência e a economia do excedente: Uma economia do excedente, cujos participantes dedicam-se principalmente à própria subsistência e secundariamente à troca do produto que pode ser obtido com os fatores que excedem às suas necessidades, (MARTINS, 1975, p.45).

A ideologia da modernização, como é caracterizada pelo autor, modifica as relações sociais nos espaços e nos tempos rurais. A máquina vira símbolo da modernidade, e as pessoas no campo adotam objetos e ações do modo urbano de vida e trabalho. Assim, a questão agrária brasileira fundamentou-se na propriedade privada que segrega, separa e vende os espaços: a terra. Provocando a mobilidade espacial das pessoas através da expropriação do trabalho e dos lugares, provocando a busca de novos espaços: de terra e de trabalho.

Pessoas diversas, em espaços plurais, com saberes diferentes que vivem no sertão dos Gerais e que entre tempos e espaços, sistemas de objetos e ações, com formas-conteúdos fazem a cultura e o ambiente e seguem representando o espaço e fazendo também a representação do espaço em função da dialética migração e trabalho que define e redefine os papéis sociais no rural e no urbano.

6.4 Modernidade e tradição nos tempos e espaços do trabalho

Na dialética global/local, chama a atenção a redefinição do papel do Estado, das fronteiras nacionais, das culturas locais, da redefinição de espaços e lugares. A reorganização e disputa dos mercados, a divisão internacional do trabalho e o livre fluxo de capitais são problemas que aparecem permitidos pelos avanços tecnológicos no mundo do trabalho. O emprego torna-se cada vez mais seletivo. Escolaridade e formação profissional são determinantes para o ingresso no mercado de trabalho formal. Os trabalhadores rurais, não possuindo esses requisitos, encontram maiores dificuldades de inserção e permanência no mercado de trabalho.

Arendt (1991), distinguindo labor e trabalho, faz uma reflexão da sociedade moderna em que o barateamento e a exploração da mão-de-obra revela uma concepção do trabalho convertido em uma forma de poder e de exploração. Suas idéias auxiliam no pensar a condição dos trabalhadores no processo migratório. O pensamento da filósofa alemã mostra que os gregos possuíam três concepções para a idéia do trabalho: *labor, poiesis e práxis.*

Por *labor,* entendia-se o esforço físico voltado para a sobrevivência do corpo, sendo, portanto, uma atividade passiva e submissa ao ritmo da natureza. Na *poiesis,* a ênfase recai sobre o fazer, o ato de fabricar, de criar alguma coisa ou produto, com o uso de algum instrumento ou com as próprias mãos. E a *práxis* significava, por sua vez, aquela atividade que tem a palavra como seu principal instrumento, isto é, que utiliza o discurso como um meio para encontrar soluções voltadas para o bem-estar dos cidadãos.

Desde os gregos, para quem o trabalho manual era algo penoso e que deveria ser executado pelos escravos, passando pela tradição judaica até épocas mais recentes, como o período feudal, quando a igreja considerava o trabalho o resultado do pecado original, o trabalho manual foi então percebido como uma verdadeira tortura, conforme

o significado da própria palavra latina (*Tripallium*-instrumento de tortura) que lhe dá origem. Entretanto, as mudanças ocorridas nas relações sociais fizeram com que o trabalho passasse a ser visto como criador de toda a riqueza, o que resultou na discussão sobre o significado do trabalho.

As concepções do trabalho como vocação e dever (WEBER, 1980) auxiliaram a burguesia comercial e depois a industrial, que precisavam de trabalhadores dedicados, sóbrios, dóceis em relação às condições de trabalho e aos baixos salários. O aparecimento das cidades provocou transformações profundas nas relações de trabalho e mesmo no conceito de trabalho, o que já confirma que é no espaço que as transformações ocorrem e que o rural e o urbano modificam todas as relações de produção, os objetos, os instrumentos, as empresas não mais mecânicas, mas técnicas. A automação associada à industrialização do século XX modificou e diminuiu a quantidade de seres humanos no mercado de trabalho.

O desenvolvimento do sistema fabril intensificou o modelo de acumulação de capital. Com o advento da cibernética, a sociedade contemporânea sofreu grandes transformações, principalmente, nas relações de trabalho. Passou a haver a predominância do setor de serviços, envolvendo atividades das áreas de comunicação, informação, finanças, saúde, educação, lazer, comércio, etc.

Nosso cotidiano transformou-se, passando a ser marcado pela automação em todas as esferas da vida social. As máquinas constituem o intermediário constante entre o homem e o mundo. Como conseqüência desta modernidade tecnológica, milhões de pessoas não sabem o que farão amanhã.

”Será útil viver, quando não se é lucrativo ao lucro?” (FORRESTER, 1997, p.44). A solução seria então exterminar os pobres? Segundo Forrester, no seu livro "O Horror Econômico”, mais de um terço da humanidade está excluída do mercado de produção e de consumo, não constituindo, portanto, seres necessários a uma existência real na e para a sociedade capitalista.

> Um desempregado, hoje, não é mais objeto de uma marginalização; provisória, ocasional, que atinge apenas alguns setores; agora, ele está às voltas com uma implosão geral, com um fenômeno comparável com as tempestades, ciclones e tornados, que não visam ninguém em particular, mas

> aos quais ninguém pode resistir. Ele é objeto de uma lógica planetária que supõe a supressão daquilo que se chama trabalho; vale dizer, emprego, (FORRESTER, 1997, p.11).

As alterações do novo cenário produtivo levaram à flexibilização no mercado de trabalho e nas relações de trabalho. Sofre-se com o desemprego e com a reestruturação da produção. Nos locais de trabalho ferramentas e máquinas evoluem com muita rapidez. Há uma redução drástica no número de postos de trabalho. Nascem outras funções, muitas desaparecem. Os direitos sociais do trabalhador são substituídos pela flexibilização de direitos, ou ausência de direitos. Produtividade, qualidade e colaboração são lugares-comuns que entram no repertório de todos que trabalham e também dos que não trabalham e querem trabalhar.

O mercado de trabalho formal excluiu grande parte dos trabalhadores que, para sobreviverem, são levados à informalidade, aos biscates, às baixas remunerações, às péssimas condições de trabalho. Os trabalhadores do campo ficam impedidos de se integrarem no mercado de trabalho formal em função das imensas disparidades entre os trabalhadores urbanos e rurais. Para o sociólogo Robert Kurtz (1999) os trabalhadores passam a ser "descartáveis e degradados". Os índices de desemprego urbano demonstram que o espaço urbano não resolve o problema de emprego, pelo contrário, dificulta a vida das populações rurais e urbanas.

Voltamos a Arendt (1991) para defendermos a necessidade de pensar o trabalho como meio de liberdade e transformação, sendo importante entender a sua esfera pública.

> A esfera pública, enquanto mundo comum reúne-nos na companhia uns dos outros e, contudo evita que colidamos uns com os outros, por assim dizer. O que torna tão difícil suportar a sociedade de massas não é o número de pessoas que ela abrange, ou pelo menos não é este o fator fundamental; antes, é o fato de que o mundo entre elas perdeu a força de mantê-las juntas, de relacioná-las umas às outras e de separá-las, (ARENDT, 1991, p.62).

Assim o sujeito perde de forma drástica seu espaço público e privado. Sofre o isolamento e o desenraizamento de forma abrupta e violenta. A ameaça inicial do aniquilamento físico perdura na continuidade do rompimento dos laços de sustentação da sua existência enquanto identidade, isto é, na ameaça do aniquilamento psíquico.

6.5 Travessiando

Homens e mulheres, famílias inteiras que entre o urbano e o rural, entre lugares que se transformam em espaços e espaços que se modificam em lugares, vivem o sertão, convivem entre e com os ritos, hábitos, costumes, gestos, tradições e, assim, preservam e resistem entre o real e o simbólico, entre a memória em ter uma percepção ambiental não só como utilização do espaço, mas como representação do eu, do outro, neste espaço.

> Somos nós que entre práticas, imaginários e percepções construímos formas, damos conteúdos aos lugares que habitamos. "O modo como representamos o espaço e o tempo na teoria importa visto afetar a maneira como nós e os outros interpretamos e depois agimos com relação ao mundo", (HARVEY, 2001, p.150).



Foto 32 e 33- **Modernidade e tradição nos tempos e espaços no rural**
Autor: Fotografias tiradas pelos moradores da Barra do Pacuí em julho de 2008. Lohany (2008)

As imagens acima comprovam o estar na comunidade camponesa no Norte de Minas Gerais: tempo e espaço de fazer a comida da forma feita há várias gerações, *na cumbuca* e aproveitando a mandioca que foi cultivada e colhida pelo Seu Antonio. O alimento está sendo preparado pelo Sr. Antonio, sentado na frente de sua casa. A fotografia do Senhor Antônio foi feita pela menina Lohany.

Eles são moradores da comunidade da Barra do Pacuí. Karen Lohany é neta de Seu Euclides e Dona Terezinha, primeira, dos três filhos de Rosina. Tem onze anos e

está na quinta série. Fala da comunidade com adoração. Morou três anos em Montes Claros, "*não gosto de lá, é muito perigoso*. Gosto *é do mato*". Ele vive na Barra: *"quase toda a vida"* como diz. Já esteve em outras regiões, em cidades maiores em função do trabalho em canaviais e no café, sempre em atividades de lavouras. Fala pouco, olha sempre para o horizonte, e sorri para a menina aprovando a fotografia. Lohany passou todo o dia tirando fotografias de pessoas, lugares, foi acompanhada por várias crianças que ficaram animadas com a novidade, não da máquina que já conheciam, mas de fazer fotografias e vê-las na máquina. Tempos de vida diferentes, em um mesmo lugar.

Muitas modificações são visíveis na comunidade nos hábitos e costumes do dia-a-dia. A construção tanto da identidade como da cultura é feita a todo momento a partir dos discursos e das atribuições dos atos dos sujeitos. Invoco novamente João Guimarães Rosa (2001) na narrativa da terceira margem: "Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos", (p.83).

∞

SÉTIMA TRAVESSIA
Tempos e espaços no mundo da cultura e das identidades sertanejas.

E esse sertão. De vez em quando eu digo: Ceará passou sete anos sem chover. Ceará agora está chovendo muito e Estado de Minas está ficando seco. O cearense só que era obrigado a agüentar ficar sem água... Não, eu viajei aqui no Norte; daqui de Montes Claros pra baixo de Montes Claros. Nós não chegou a ir pra Montes Claros. Pra nós ir pra São Miguel do Jequitinhonha, nós tinha que voltar pra trás: sair de Guaranópolis, sair de Santo Hipólito, pra nós pegarmos a Zona da Mata e sair em Jequitinhonha. Pra desviar de Montes Claros pra baixo a gente andava um dia inteiro e você não encontrava uma gota d'água.

Em Salinas tinha um rio que tinha uma usina. E agora aquecia a cidade de luz. Não era grande, mas pra dentro da cidade dava com sobra. O ribeirão de Salinas secou de um jeito que o senhor podia chegar lá e pegar areia do rio e jogar fora. Eles buscavam água num caminhão-pipa retirado de lá umas três ou quatro léguas. E o caminhão chegava dentro da cidade com o pessoal, e se não tivesse polícia saía até morte por causa da água.

Lá eles foram vendendo o gado. Lá tinha o coronel Idalino. Era o chefão de lá, do lugar. Ele deu primeiro uma partida de gado. Ele foi vendendo o gado pior e deixando o bom. Quando foi o reto, foi um comprador de Montes Claros lá e comprou o resto do gado. Os garrotes que tinha pegou um caminhão, e o resto do gado tocado passou pela Zona da Mata, que era onde tinha água. Eles não quiseram trazer o gado de caminhão porque de caminhão estraga muito mais o gado.

E você olha a natureza! Cada lugar tem uma natureza... pra uma coisa. A pessoa que não conhece é porque nunca andou, mas quanto coisa diferente não tem no Estado de São Paulo? E você está vindo aqui? Quanta coisa diferente tem no lugar que eu saí, e agora estou morando aqui. Lá não tem pequizeiro, não tem. Lá ninguém conhece isso. Aqui já tem; tem pau que lá eu nunca vi. Ninguém fala neles. Aqui tem. E é tudo modificado. Cada lugar, né? Dizem que cada roca tem um fuso e cada terra tem um uso. E você sabe que é?... A natureza é diferente. Um jeito de ser...

O senhor olha aqui, este sertão brabo. Igual aquela fazenda ali.aquela fazenda era de um dono só: uns 12 ou 14 mil alqueires de terra. Já vendeu a uma companhia de reflorestamento mais da metade da fazenda, e ainda tem fazenda que não acaba mais. E ainda tem lugar de criar umas 3 a 4 mil reses. Porque... isso é em qualquer lugar, não é só aqui no sertão não; quase todo o lugar.

Uma pessoa comprava terra. Fechava um mundo e metade do outro. A coisa é certa. Quando Nosso Senhor fez este mundo, eles subiram no salto de uma serra e parou. São Pedro olhou pra um lado, olhou por outro e disse: "Eh, Senhor, este mundo é grande mesmo! E para quem é que vai ficar o mundo desse tamanho?". Ele então disse: "É pra quem enxergar mais longe." E quem mais longe enxergou ficou rico mesmo.

Ficou, ó! Que uma pessoa chegava num lugar e comprava um alqueire de terra. Fechava 10, 15 e assim a maior parte foi ficando assim. Esse terreno aqui mesmo, olha. Quem comprou pela primeira vez esse fazendão desse tamanho que eu tô te falando, isso aqui, por 500 mil réis.

Agora, o que o João Rosa gostava era dele chegar num lugar e se você tivesse um papel velho, um trem, mostrar pra ele. Desses que tivesse dessas fazendas que teve escravidão, senzala, tinha esse trem tudo. Ele gostava de caçar aqueles caixotes de papel velho... se tivesse lá num certo jeito.(Entrevista de Manuelzão para Carlos Rodrigues Brandão em 21 de julho de 1989, no Andrequicé- distrito da cidade de Três Marias- Norte de Minas.)

7.1 Identidades,cultura e migração

"Todo-o-mundo é louco" afirma Riobaldo logo nas primeiras páginas de Grande sertão: veredas[115]**.** Com um outro sentido, se pensarmos sobre nós mesmos de forma genérica, veremos que somos todos e todas migrantes entre nossos lugares de trabalho e vida familiar; entre nossas vontades, desejos, alegrias e as necessidades básicas de sobreviver. Mas a diferença entre o nosso nomadismo, que é bem vindo e típico da condição humana, para conhecer novas formas de saberes e relações humanas está em que a migração forçada faz com que o ir e vir das pessoas aconteça em função de processos, eventos e estruturas que se sobrepõem as vontades e desejos individuais.

De acordo com Mafessoli (2001), são nossas atividades do fazer diário, as errâncias no cotidiano, uma característica dos humanos na pós-modernidade. Nossa errância cotidiana não é exclusividade de alguns, mas é praticada por todos: "Aventura que pode ser desejada, assumida ou sofrida, isso não é problema. Pode ser compreendida como a modulação contemporânea desse desejo do outro lugar que, regularmente, invade as massas e os indivíduos, (2001, p.29). Para ele na modernidade o indivíduo vivia em sociedade contratual, na pós-modernidade vivemos em grupos, "neotribos", em espaços específicos. Uma mudança de paradigma do "egocentrado" para o "lococentrado". A modernidade teve como características o sedentarismo, a territorialização individual (identidade) ou social (instituição) e a pós-modernidade é caracterizada como um período que começa a dá lugar ao nomadismo e à errância.

Todos esses autores que estão nos acompanhando nesse trabalho, com concepções e ideologias diferentes, evidenciam mudanças estruturais que estão em curso na atualidade, e se torna cada vez mais radical a cada deslocamento do tempo e do espaço de suas dimensões tradicionais. E assim, as identidades nesse novo período também se tornam diferentes das identidades sólidas da modernidade.

Percebemos que a tessitura na realidade empírica de cada experiência migratória específica é complexa. Compreender o lugar, o humano, através do deslocamento

[115] "Hem? Hem? O que mais penso, texto e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas." (JGROSA, 1986,p.8)

espacial, e como se articulam os sentidos e processos de interação na sociedade em que eles incidem nas representações das inter-relações individuais e coletivas, são questões estruturais que fazem parte do drama configurador do reconhecimento do sujeito e sua identidade e que vem sendo (re) configurada nas e através das migrações.

Buscamos entender a migração no sertão do Norte de Minas, na identidade do migrante na tríade eu/outro/estranho, da mesma maneira como a pensamos na vocação de outra tríade: partir/estar/voltar. Tríades que se constroem não no cruzamento de fronteiras, mas nos e entre os múltiplos espaços de vida que atribuem sentidos e configuram simbolicamente as experiências migratórias que aparecem, evidentemente, constantemente conflituosos. Estamos considerando fronteira de acordo com Martins (1997): "[...] *a fronteira é essencialmente o lugar da alteridade*. É isso que faz dela uma realidade singular", (p.150, grifos do original).

Desta forma, incorporar tal percepção na pesquisa faz com que a migração não seja entendida como ação material de corpos deslocados, mas como ação também simbólica. Não só na perspectiva de divisão do sujeito migrante ou de sua experiência migratória, mas como chave para o entendimento de sua complexidade, de suas identidades. Falar de migrante é falar de um outro-estranho[116], muito além dos tipos de receptividade, interação ou integração que ele possa vivenciar em lugares de migração.

No marco específico da nossa pesquisa sobre as interações entre os/as migrantes sertanejos/jas, os seus/suas "ficantes" e os outros, os "de lá", os já parentes e amigos migrados antes, ou os estranhos, percebemos que o migrante vivencia a experiência de ser outro-estranho no seu lugar de destino e quando migra e quando retorna. A decisão de partir para "tentar" a vida em outro lugar, conectar o eu com o desdobramento de um outro-eu, que vai tecendo sua mesma e outra vida no fio estendido num tempo-espaço que se abre em perspectiva. Desta forma, o deslocamento físico é feito sobre o eixo de referência desse "eu" que vai em direção a um outro que virá a ser, a partir dos encontros com o novo espaço e com os outros. As aberturas ao outro, ao novo e à cidade acabam resultando em vivências abertas a novos possíveis e a hibridações de valores

[116] O estudo do migrante nessa linha de referência da relação outro-estranho configurou-se como instigante principalmente a partir do estudo de Schutz (1979). É instigante a analogia que Schutz faz do recém chegado ao grupo, isto é, do estranhamento do não pertencente ao grupo, com o migrante. O não pertencente o que não é familiar é objeto de estranhamento.

diversos. Uma redefinição da identidade que será estabelecida na incerteza do novo no lugar de destino. Ou nas diferenças percebidas no retornar ao lugar de origem.

Neste sentido quase podemos pensar em um padrão polar de migrações individuais. De um lado o migrante-desejo. O que sai pelo desejo de sair, de ir embora, de "não voltar nunca mais". De abandonar para sempre ou por muito tempo os seus. De ser, agora, um alguém de um outro mundo. De outro lado, o migrante-dever. O que não quer partir e que ficaria com os seus, em seus sempre costumeiros espaços de vida. Mas que os deixa justamente para que eles possam ficar. E que deseja haver partido para um dia – tão logo quanto possível – retornar. Voltar para.

No interior das relações e processos sociais vivenciados e estabelecidos no lugar de origem, na família, e na comunidade o indivíduo se transforma e assume uma identidade que irá revelar e desvelar as dimensões dos projetos que constituem a vida. O lugar de origem é o inicio do processo de mudança; é ali que foram constituídos os sonhos, os desejos e as necessidades de quem parte. É na comunidade, no lugar que vai deixar que ficará para muitos e muitas as pessoas importantes da vida, os lugares e afetos que compõem os cenários da sua vida e é a partir desse lugar que irá compor ou re-compor sua trajetória em outros lugares. Muitos retornam e nesse retornar já trazem consigo novos hábitos e valores, e a construção de outra identidade, sempre retornada e sempre modificada. A mobilidade, portanto, irá traduzir-se em um processo de decomposição e recomposição de espaços, lugares, paisagens naturais e culturais que irão dar lugar à construção de identidades.

7.2 O processo de identidade

O processo de identidade sofreu modificações no final do século XX. Vivemos hoje um processo que Hall (1999) chama "crise de identidade". O indivíduo moderno era considerado como unificado, sujeitos integrados que em função das fragmentações das paisagens culturais como gênero, etnia, nacionalidades forneceram o deslocamento do sujeito. Um duplo deslocamento dos indivíduos tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos, constituiu a crise identitária. Portanto a identidade não é uma coisa em si, mas um processo. Não é algo que aconteceu, mas o próprio acontecer.

> Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso *exterior,* pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. (HALL, 1999, p.39).

Teríamos, segundo Stuart Hall (1999), três concepções de identidade: primeiro o sujeito do iluminismo com a visão de que todos os homens eram dotados de razão, agiam racionalmente e eram individualistas; segundo o sujeito sociológico que refletiu a complexidade do mundo moderno em que o sujeito não é autônomo, mas interage entre o eu e a sociedade, o mundo pessoal e o mundo público; e por último o sujeito pós-moderno que é formado e transformado nas relações de representação que construímos e que são no tempo e no espaço continuamente deslocadas.[117] Tais concepções promoveram um indivíduo híbrido que é construído na "modernidade tardia" (GIDDENS, 2002).

O nascimento dos híbridos acontece, de um lado, nos lugares de destino através dos hábitos de comida, danças, músicas, tradições, portanto no território do corpo, através dos cheiros, sabores, gostos, cores, gestos e afetos. Uma ação social movida pela emoção e tradição seguindo os conceitos weberianos. A emoção é o limite, e definidora de deslocamentos, fluidez, permanências e delimitação de territórios. Não são as relações sociais que determinam o ir e vir, mas sim o indivíduo na perspectiva da ação social.

> Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem 'flutuar livremente'. (HALL, 1998, p.75)

No outro lado, é a própria sociedade e sua ordem social no lugar de chegada ou no lugar de origem que motivam os deslocamentos espaciais. São as relações sociais, nas tessituras das ações sociais dos indivíduos que promovem a complexidade da exploração do trabalho dos indivíduos. Dos encontros e desencontros resultou uma

[117] Hall (1998, p.34) chama atenção para os descentramentos do sujeito no pensamento ocidental do século XX: descentramento do pensamento marxista, a descoberta do inconsciente por Freud, o trabalho de lingüista estrutural Soussure, o trabalho de Foucault e o poder disciplinar, o impacto do feminismo e os novos movimentos sociais com a política de identidade para cada movimento.

realidade irreversível: o direito de uma cidadania individualizada, a necessidade do relativismo cultural e a diversidade cultural como o lugar híbrido.

Temos dois processos na globalização: processos que hibridizam e colocam hábitos, culturas frente a frente e processo de homogeneização que negam o local para sobressair ao global destituído de ambigüidade, gerando uma uniformização. É nesse sentido que encontramos em Augé (1994) a concepção de "não-lugares" considerando que é a vida urbana contemporânea a produtora de não-lugares, espaços que não podem ser traduzidos por vínculos identitários, relacionais ou históricos, portanto lugares de fluxo, onde a passagem é fugidia, destituídos de vínculos relacionais.

Para Bhabha (1998), as populações migrantes das diásporas constroem uma identidade cultural e política enquanto um processo de alteridade. As migrações e diásporas são estratégias de sobrevivência, enraizadas nas histórias espaciais dos deslocamentos culturais caracterizada pelo trânsito migratório:

> Reconstituir o discurso da diferença cultural exige não apenas uma mudança de conteúdos e símbolos culturais [...]. Isto demanda uma visão radical da temporalidade social nas quais histórias emergentes possam ser escritas; demanda também a rearticulação do "signo" no qual se possam inscrever identidades culturais. (1998, p.p. 240-241).

É o lugar híbrido, aquele desde onde podemos construir o contexto espaço-temporal geo-histórico e antropológico, nas relações entre homem e o ambiente nos valores diferenciais. O *ethos* das populações que partem ou ficam não se constrói apenas em representações próprias do cotidiano, mas também na relação complexa com o *ethos*. A representação construída como um entre-lugar, onde diferentes discursos circulam em relações gradativas e plurais de oposição.

Compreendemos o conceito de *ethos* de acordo com Geertz (1989, p143.) "[...]O ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete." *Ethos* é a realização, como o modo do vivido. Ressaltamos mais uma vez que o *etho*s e a 'visão de mundo' são complementares, mas não são o mesmo. a visão de mundo é a dimensão do pensado. "[...] A visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito da natureza, de si mesmo, da sociedade. (ibidem, p.p.144)

É nos contatos, nas trocas, que se constrói uma visão de mundo de uma cultura uma vez que a cultura é formada pelos fragmentos do choque entre campos opostos e pela criatividade na prática da sobrevivência, própria aos que precisam inventar desvios para viver. Designações como: *O que chega* e é *do lugar, o que é de fora e o de dentro*, levam com freqüência a uma negação das diferenças dentro dos dois universos, e a afirmação de identidades individualizadas.

As identidades são, portanto, configurações de auto-referências cuja explicação só se dá através das relações transfiguradas por de grupos, comunidades, famílias, e sujeitos que ao mesmo tempo constroem um campo de relações sociais e espaciais e se conflitam dentro dele. A atribuição da identidade só é possível no reconhecimento mútuo no território e na percepção de unidade, da territorialidade que engendra as fronteiras demarcadas pelo próprio grupo.

> Na vida social, tudo se complica ainda mais, pois identidade refere-se ao reconhecimento especular de um outro significativo –essa preposição, *de*, guarda o sentido de "relativo a" e "proporcionado por". Isto é, em sociedade, identidade é sempre a *identidade a* ou *com*, antes de ser *identidade de*. Quer dizer, não é algo que se possua, na gaveta mais íntima da alma, mas uma superposição que se supõe. Identidade é identidade *com* alguém, *com* alguma postura, *com* algum modo de ser. Depende, portanto, de uma dupla interpretação, sobre si e sobre o "outro significativo", esse objeto do reconhecimento especular. (SOARES, Luis Eduardo. 2009, p.1).

A concepção relacional de identidade em Barth (1997) compreende a identificação étnica de um determinado grupo como resultado da capacidade do mesmo manter simbolicamente as fronteiras de diferenciação que os assinala dos demais grupos. Neste sentido, de acordo com Cardoso de Oliveira, é possível considerar a identidade individual e a identidade social, "como dimensões de um mesmo fenômeno situado em níveis diferentes de realização" (1971, p.4). Fredrik Barth alia à idéia de identidade étnica a dinâmica inclusão e exclusão no individual e no coletivo, a partir do contraste de semelhança e diferença nos variados níveis sociais. (1969, p.10 - 13).

Compreendemos que no âmbito sócio–cultural a identidade é constituída sempre na afirmação da diferença, ou seja, no exercício da alteridade. Ao nos identificar com os outros, somos mais um. Concordamos com Brandão (2008) que a identidade nos torna gerais e a alteridade nos torna únicos. A identidade faz de cada um de nós, apenas mais um; a alteridade nos faz um "outro". Concepções que são utilizadas e transformadas quando nos tornamos migrantes. Nossa identidade continua com e no lugar de origem e

vai conosco quando nos deslocamos, ao mesmo tempo nossa identidade é feita na experiência social e é uma representação tanto como construção simbólica nos processos de percepção, pensamento e vinculada as nossas condições de existência. [118]

Concordamos com Haesbaert que a identidade é sempre relacional, inserida em uma relação social e se define também como territorial. Ao nos identificarmos no tempo e no espaço e com nossas relações estruturadas na apropriação simbólica no e com o território estamos definindo naquele lugar, a nossa identidade territorial como: "[...] toda identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das idéias quanto no da realidade concreta [...]" (HAESBAERT, 1999, p.173). O lugar torna-se carregado de sentido, humanamente vivido, simbólico e existencialmente um lugar de identificação territorial.

Ao afirmarmos sermos de determinado lugar, o -ser de- não implica - ter em-, ou seja, não temos vinculação de propriedade com o lugar determinado, mas temos uma vinculação de redes de relações.[119]

As migrações, o ir e vir, os que saem, os que retornam, os que ficam a esperar pelos os que migraram, formam o processo de entrada de novos costumes e hábitos e é no impacto da chegada do novo e na confrontação com os antigos hábitos, costumes valores que construímos a realidade socioespacial que vai sendo feita no cotidiano das pessoas que vão demarcando e delimitando sinais de pertença e de exclusão através da argumentação que se constrói na centralidade dos processos identitários.

Assim, os deslocamentos espaciais promovem os confrontos com os outros: lugares, pessoas, hábitos, costumes, tradições, valores, técnicas de trabalho e modo de vida. A percepção de estranhamento provocada no sujeito da ação torna-se depois compreensão que ao defrontar com a novidade e o diferente, o sujeito passa a ser eu/outro/estranho.

---

[118] Anotações de colóquios com Carlos Rodrigues Brandão durante orientação para este estudo.
[119] Verificar em Ulpiano Bezerra de Menezes. Identidade Cultural e Arqueologia. In: Alfredo Bosi (org). *Cultura Brasileira: tema e situação*. São Paulo, Ática, p.188.

7.3 Identidades e alteridades. Eu, outro, estranho

A construção da identidade torna-se possível a partir do surgimento e da constituição de diferentes olhares e de um olhar sobre a diferença. A alteridade foi sendo construída historicamente, através de referência a um tecido socioespacial elaborado na conjugação da experiência entre a proximidade e a distância. Unidade e diferença, construção paradoxal, da necessidade de conhecer-se e de ser reconhecido, de um *eu* que só pode constituir-se na presença de um *outro,* que, por sua vez, está inserido em uma cultura.

Nesta experiência o que é *local* e o que é *de fora* se entrecruzam e entrelaçam em redes sociais reais e imaginárias. Michael Mafessoli (2001) fazendo um histórico do nomadismo, afirma a ambivalência do errante. O autor cita exemplos de ambivalências como distância e proximidade, atração e repulsa, o estranho e o estrangeiro como partes integrantes do nomadismo. O autor ressalta que devemos pensar o estranho como proposto por Simmel como um "barqueiro" que atravessa as pessoas de uma margem para a outra. Para ele o estranho, estrangeiro, é um ser do social, é fluidez, circulação, é um perpétuo devir.

E conclui afirmando que os exemplos mostram que o nomadismo não é determinado somente pela necessidade econômica,

> "[...] o que move é uma coisa diferente: o desejo de evasão. É uma espécie de 'pulsão migratória' incitando a mudar de lugar, de hábito, de parceiros, e isso para realizar a diversidade de facetas de sua personalidade," (MAFESSOLI, 2001, p.51).

Portanto para Mafessoli a errância, a pulsão migratória pós-moderna é provocada pela "pluralidade da pessoa" que não se satisfaz com uma existência estável, mas pelo viés dos procedimentos imaginários. (MAFESSOLI, 2001, p.112-113).

Para o autor é a errância uma forma de escapar do principio de identidade e da obrigação de uma residência social e profissional. Estamos sujeitos na pós-modernidade em possuir identidades múltiplas e muitas vezes contraditórias. "Alguma coisa oscilante entre a 'mesmice de si e alteridade de si'," (MAFESSOLI, 2001, p.118). Somos e não somos, estamos e não estamos, partindo e sempre retornando, vivendo hábitos e costumes que não conhecíamos como se fossem nossos, recusando tradições que foram

referências de vida. Ao mesmo tempo e em espaços diferentes podemos proceder em costumes e itinerários perseguidos e vividos por gerações, fazendo parte de grupos e tribos pós-modernos.

Segundo Stuart Hall, a "identidade e a diferença estão inextricavelmente articuladas ou entrelaçadas em identidades diferentes, uma nunca anulando completamente a outra" (HALL, 1999, p.87). Algumas identidades giram em torno da tradição buscando a reapropriação de uma pureza anterior, unidades e certezas tidas como perdidas. Outras identidades estão sujeitas à história, à política, à representação e à diferença, não havendo possibilidade de que sejam unitárias ou puras, e elas se constroem em torno da tradução.

Tradução que, para Hall:

> [...] descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. (HALL, 1999, p.88).

O sentido de tradução dado pelo autor remete ao sentindo etimológico da palavra: do latim *transportar entre fronteiras, transferir*. Como os próprios migrantes habitando culturas postas em interação, e emergindo das identidades culturais que não estão fixas, mas existem sempre em e entre diferentes tradições culturais. Do rompimento com laços e lugares de origem e com a inserção em um novo lugar e novos laços podemos compreender a dimensão do híbrido, onde o novo e o vivido perpassam a cultura. Afinal, o migrante é um alguém que tomou a barca do destino e se passou para a outra margem do rio. Ele pode chegar à outra margem e não voltar nunca mais. Pode voltar um dia à sua margem de origem. Pode viver de cruzar o rio. Ou pode descobrir que, entre uma margem e a outra, perdeu-se, ou se achou, na "terceira margem do rio".

> São o produto das novas diásporas criadas pelas migrações pós-coloniais. Eles devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas. As culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia (HALL, 1999, p. 89).

O lugar do sujeito seria, um entre–lugar (BABHA, 2007, p.69), um espaço de sobrevivência do local no universal, onde as identidades nacionais se representam quando articuladas na memória através do registro da fala, da oralidade, da escrita, do

tempo capturado no presente carregado da tradução e da garantia da existência humana sempre pronta para ser reinventada.

Vivemos uma crise do lugar, do estar e habitar no lugar onde se vive e se faz o viver, uma dimensão da vida social que nos identifica com vizinhos, com a co-presença em comunidade e grupos de amigos, familiares e pares. A esfera do sentimento, profundamente comprometida com os valores que são dados aos espaços e tempos vividos, somente pode ser trabalhada do ponto de vista do indivíduo em uma "vida líquida" nos dizeres de Zygmunt Bauman (2003).

Uma vida líquida em várias direções, caracterizada pela indiferença, pela individualização, pelo efêmero e fluido. Para Bauman (2004, 2006), nas sociedades pós-modernas, ou seja, na modernidade líquida, os indivíduos são primeiros consumidores e não produtores. A diferença é que enquanto produtor a vida tem normas de regulação e enquanto consumidor a vida não tem normas e é orientada pelos desejos e seduções fluidas e voláteis. O consumo é a principal forma de individualidade na modernidade liquida e os indivíduos se constroem enquanto sujeitos através da posse de objetos que devem ser consumidos regularmente.

O viver humano é, para o autor, regido pelas relações de consumo que incluem também as relações humanas como amizade, amor, casamento. O "outro" passa a ser também objeto de consumo. As identidades só podem ser percebidas como fluidas, a individualização provoca o medo de não acompanhar a fluidez e a velocidade dos eventos e produtos e se tornar dispensável e descartável.

> Numa sociedade de consumo, compartilhar a dependência de consumidor – a dependência *universal* das compras – é a condição *sine qua non* de toda liberdade individual; acima de tudo da liberdade de ser diferente, de 'ter identidade'. (BAUMAN, 2001, p.98, grifos do original)

A realidade reinventada no cotidiano torna-se lugar de circulação de vozes múltiplas. Uma travessia das histórias das vidas dos homens e das mulheres e suas relações com os ambientes naturais socializados, no entre-lugar de busca carregado da hibridação resultante da deriva do sujeito na procura de sua identidade.

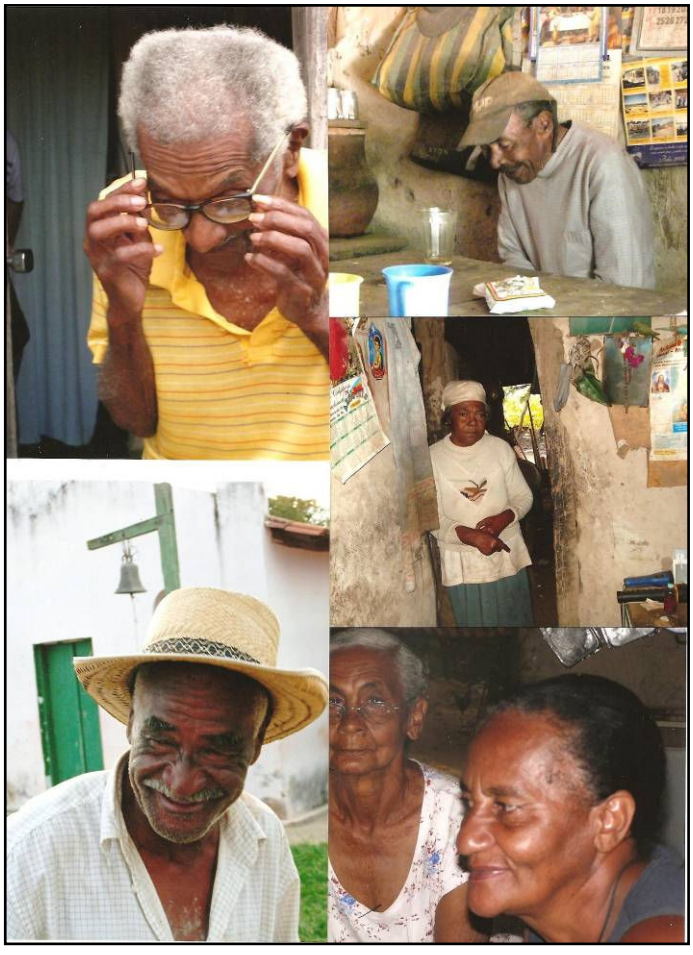
Nesta perspectiva, as discussões sobre a cultura, a memória e as interações entre o homem, o espaço e o tempo, apontam para a relação entre o homem e o meio em que vive, ressaltando o componente afetivo do lugar para a população errante.

7.3.1 Identidades e identificações de fronteiras

O conceito de cultura que utilizamos emerge de formas culturais produzidas no ato da sobrevivência social, onde o cotidiano se constitui como produtor de significado no sentido e no valor da diversidade. A prática do cotidiano através das esferas de saberes e das formas de agir realiza nossa socialização e constrói os nossos símbolos e os significados nas relações.

> Toma como qualidade distintiva do homem não o fato de que ele deve viver num mundo material, circunstância que compartilha com todos os organismos, mas o fato de fazê-lo de acordo com um esquema de significativo criado por si próprio, qualidade pela qual a humanidade é única Por conseguinte, toma-se por qualidade decisiva da cultura – enquanto definidora para todo modo de vida das propriedades que o caracterizam – não o fato de essa cultura poder conforma-se a pressões materiais, mas o fato de fazê-lo de acordo com um esquema simbólico definido, que nunca é o único possível. Por isso, é a cultura que constitui utilidade. (SAHLINS, 1979, p. 8).

7.3.2 Homens e mulheres da Barra.





Fotos 34, 35,36,37,38: **Gente barranqueira da Barra do Pacuí. (2007, 2008)**
Autores: Carlos Brandão e Andréa Narciso.

7.4 Travessiando

As esferas do ir e vir na mobilidade espacial podem significar, talvez, uma recusa de forma invertida, da reconstrução da identidade. Partir e não voltar, ficar na espera dos que partem, voltar para nunca mais partir, voltar e sempre retornar são gestos simbólicos e são atos sociais que podem significar a possibilidade de uma reconfiguração cartográfica e historiográfica do habitar, na reprodução camponesa da família rural.

Os deslocamentos não rompem a família rural camponesa, mas provocam modificações na cultura camponesa através dos "grupos familiares que, para manter sua condição camponesa cruzam fronteiras invisíveis, seguindo uma tradição de deslocamento iniciada na maior parte das vezes por seus pais e avós." (SPRANDEL, 2004, p.151) [120]

As narrativas das famílias mostram que os homens e mulheres que participam da mobilidade espacial são camponeses rurais, pequenos agricultores, trabalhadores que não se definem como migrantes, mas como famílias que entre lugares criam laços de reciprocidades, solidariedade, redes de unicidade que são constantemente feitas e refeitas tanto nos lugares de destino como nos lugares de chegada.

No jogo das identidades há um contraste importante. O ficante, o que fica, o que não "sai-para", é aquele que constrói uma identidade sobre o que há e o que permanece no lugar. Ele é quem recebe os outros que retornam. Os outros, os chegantes, os que vieram, são os que precisam ser identificados por quem é "daqui". Mas eles também alteram a identidade de quem é "daqui".

Já o errante, o que sai e "vai para", o que chega de, é quem diante do outro, de quem é daqui, precisa auto-identificar-se e doar-se como um sujeito para os outros. Podemos cita como exemplo o colonizador – aquele que define "quem é quem" versus o colonizado – quem é redefinido e re-significado.

Mas o que significa "ser de determinado lugar"? É possível ser, sem se ser de algum lugar? A experiência migrante nos ensina que a incerteza começa em nossa própria casa. Para se afirmar o sujeito tem que enfrentar o seu percurso com deslocamentos e desdobramentos, vivendo o luto da perda de seus objetos preciosos, abrindo-se ao outro e estabelecendo novas vivências e, não raro, novos conflitos.

São os símbolos, os significados que fazemos e que nos fazem significativos para nós mesmos, ao lado dos símbolos e significados que outros fazem sobre nós, os

---

[120] Assim são definidas as famílias migrantes por Anita Marcia Sprandel (2004) no texto: "Remando por este mundo de Deus-Terras e territórios nas estratégias de reprodução camponesa". A autora chama atenção para o fato que muitas vezes são os pesquisadores os que constroem os dados estatísticos e os censos que definem quem são os homens e as mulheres migrantes, atribuindo características globalizantes as pessoas que migram, esquecendo as suas histórias de vida.

que se entretecem e representam e nos fazem sermos representados no viver no e do sertão. Através das esferas do trabalho e do habitar o lugar, estamos construindo a nossa identidade que é a marca do que somos e do que fazemos na relação com o outro e outros.

Nos ciclos dos tempos e espaços são as ações dos indivíduos que formam as famílias e que perfazem as relações sociais nas comunidades em que se dá o processo de identidades que caminha no mesmo passo que o processo de alteridade no mundo da cultura, para expressarem os modos de vida nos territórios que constroem socialmente os espaços que partem e repartem os lugares. "Ah, tu: tem medo não nenhum?" – ao canoeiro, o menino perguntou, com tom. – Sou barranqueiro!(JGROSA, 1986, p.89).

∞



PARTE TRÊS:

TRAVESSIAS DO SERTÃO PENSADO, VIVIDO E SENTIDO.

Um estudo sobre as permanências e mudanças de vida e destino através do ficar, chegar, partir, viver e voltar ao sertão.

OITAVA TRAVESSIA -

Travessias na Barra do Pacuí: partir, chegar, viver e voltar.



NONA TRAVESSIA -

Travessia no sertão roseano: partir, chegar, viver e voltar. Uma aventura geo-antropológica em alguns escritos de João Guimarães Rosa.



OITAVA TRAVESSIA

Travessias na Barra do Pacuí: ficar, partir, chegar, viver e voltar

8.1 Travessia: partir, chegar, viver e voltar.

Dois de setembro de 2008. Estou em Portugal. Depois de atravessar sertões, atravessei o Atlântico. Estou na cidade de Coimbra. Faço durante quatro meses um estágio na Universidade de Coimbra. Foi difícil partir e chegar aqui. Deixar a família e o lugar que conheço e vivo. Sair do conhecido e aportar no desconhecido. Agora não só estudo migrações, mas faço parte do processo. Migrante, um *eu-outro-estranho*, assim me sinto. Vivo sensações de estar em um vasto outro mundo - embora Portugal seja pequenino - e de me sentir sozinha entre tantos. Percebo que as pessoas me vêem como diferente e eu os vejo como estranhos. Sinto falta de casa, da família; enfim de lugares e pessoas. Aqui faz frio, estamos no outono europeu, mas são temperaturas que seriam de um inverno rigoroso se eu estivesse no Norte de Minas.

Nesse momento, escrevo sentada em uma praça com muitos pombos ao redor. Eles próprios, um dos mais perfeitos símbolos do ir-e-vir, ou, no passado, de levarem e trazerem mensagens dos que partiram para os que ficaram: pombos, pombos-correio. Estou rodeada de belas fontes de água, com estudantes caminhando de um lado e de outro, indo ou vindo da Universidade de Coimbra, que fica bem ao fundo da praça. Praça da República. De um lado temos o Shopping Center Golden e, de outro lado, o Teatro Acadêmico Gil Vicente. Voltada para a praça temos a entrada do Parque Jardim da Sereia e ela tem três estátuas representando, conforme o escrito: "a fé, a caridade e a esperança". Esta praça é um retrato de Coimbra. Tradição e modernidade povoando os espaços. Não me sinto estrangeira nela. Poderia viver aqui, ser daqui. Mas me sinto estranha, entre estranhos, como alguém entre muitos e sem ninguém. Essa sensação é em muitos momentos triste e assustadora. Em outros momentos, boa e confortante. Somos muitos em um e somos tantos em nenhum. Hábitos e costumes diferentes. Estar aqui nessa praça observando já é uma diferença no meu comportamento, vejo que as

pessoas aqui param mais e contemplam mais a natureza; em nossa comunidade no Brasil vivemos entre ir e vir e a contemplação é pouca.

Estive durante todo o dia no CES, Centro de Estudos Sociais, e lá estudei por todo o dia. Aprendo um pouco sobre o rural em Portugal. Esse é um país marcado pela mobilidade de sua população. Para o professor Boaventura (1999, p.152), foi Fernando Pessoa quem melhor definiu a identidade portuguesa ao dizer: "O povo português é essencialmente cosmopolita. Nunca um verdadeiro português foi português, foi sempre tudo. Ora ser tudo em um indivíduo é ser tudo; ser tudo em uma colectividade é cada um dos indivíduos não ser nada (PESSOA, 1923:18)".

Para o professor Boaventura, em Portugal vive-se uma identidade e cultura de fronteira[121], com o espaço rural e urbano em transformação. O movimento de 25 de abril de 1974[122] traduziu a eclosão de iniciativas sociais, econômicas, políticas e culturais no país. As representações do tempo e do espaço sofreram transformações radicais. A entrada de Portugal na Comunidade Européia em 1986 colocou a agricultura em uma maior competição. Nas conversas com o Professor Pedro Hespanha, ele foi taxativo ao afirmar que os dois fatos citados foram estimuladores da saída da população rural rumo às cidades.[123] Ressalta o professor Pedro Hespanha que muitos que vivem no campo hoje trabalham na cidade e retornam para o campo no final do dia. Comportam, assim, duas funções, ser empregado na cidade e empregador no rural.

> *Culturas são para o mercado, quando já assim pensadas na produção como o leite. Quando dizemos agricultura estamos falando do consumo da família, para a subsistência, e depois para o mercado como o milho. Não devemos falar em somente em subsistência, pois as agriculturas também são para a comercialização. Mas temos que saber que temos diferenças quando pensamos cultura e agricultura.* (Pedro Hespanha, colóquio em setembro de 2008.)

[121] As anotações são transcritas do meu caderno de campo. Palestra proferida no Colóquio Internacional de Direitos Humanos, no Centro de Estudos Sociais, Coimbra- Portugal em 27 de novembro de 2008

[122] Nascimento da Revolução dos Cravos, o fim de uma ditadura que durou 48 anos. No ano de 1974, começou o processo de descolonização. Este processo obrigou à realização de negociações e resultou no nascimento de cinco novos países africanos. A República da Guiné-Bissau foi o primeiro país a tornar-se independente, no dia 10 de Agosto de 1974. Seguiram-se: - República Popular de Moçambique - 25 de Junho de 1975; - República de Cabo Verde - 5 de Julho de 1975; - República Democrática de S. Tomé e Príncipe - 12 de Julho de 1975. - República Popular de Angola - 11 de Novembro de 1975. Dados proferidos em colóquio com o Professor Pedro Hespanha. Coimbra em setembro de 2008.

[123] De acordo com dados de Batista (1993), de 1950 a 1981 houve uma diminuição de 53% na população rural de Portugal. Nesse mesmo período a agricultura familiar teve um acréscimo significativo, passando de 30% para 60%, e a mão-de-obra feminina na agricultura de 17% para 38%

O professor reforça que Portugal "ainda" é um país rural, sendo influenciado pelos valores cultivados no rural que perpassam as relações na cidade como os valores repassados na família, na religião e na divisão social do trabalho. Cita como exemplo os casamentos, que funcionam no meio rural como um empreendimento econômico. *"São os processos de relações subjetivas que através das compensações simbólicas auxiliam na manutenção do status quo"*. Ele relata ainda que a migração sazonal, muito comum no país, interfere em todas as práticas do local, inclusive na arquitetura das habitações nas aldeias, que são feitas ainda através das práticas de mutirão. A reciprocidade torna-se complexa com a migração, pois as relações entre urbano e rural são menores e mais difíceis.

Percebo que foram muitos os avanços em um curto período de tempo em Portugal. No entanto, aconteceram também muitas perdas no meio rural e são complexas e dinâmicas as transformações do espaço, no lugar e entre as pessoas que criam e recriam o território português.

18 de dezembro de 2008. Estou a caminho da freguesia de Samuel, que está situada na margem esquerda do Rio Mondego, na sub-região do Baixo Mondego, pertencendo ao Conselho de Soure, no distrito de Coimbra. A sub-região Baixo Mondego estende-se por uma área de 2 063 Km^2 e reparte-se por 8 municípios, os quais se sub-dividem entre 119 freguesias, que em 2002 contava com 342 031 residentes. As freguesias são designações de um conjunto de aldeias (comunidades) rurais situadas dentro dos "Concelhos", que por sua vez são unidades espaciais, sociais de referência para as populações das aldeias e freguesias. Uma freguesia é eleita do mesmo modo como um "concelho". Os "concelhos" fazem parte dos distritos, que fazem parte de regiões que compõem o território português[124]. Samuel é uma antiga comunidade rural; possui registros de batismos realizados na igreja local do ano de 1601.

> *Durante a última metade do século XIX, algumas famílias de Serroventoso, aldeia aqui de Samuel, partiram para o Brasil em busca de melhores condições de vida. Duma destas famílias viria a nascer um filho, de nome Tito Lívio, uma figura grada da cultura brasileira, reitor da Universidade de S. Paulo por volta dos anos 40 do século passado. Esta figura ilustre, já falecida, muito conhecida nos meios académicos não só de S. Paulo, mas em todo o Brasil, fez uma visita a esta terra cerca do ano de 1955, onde foi*

[124] Desde 1976, Portugal está dividido em 18 Distritos e 2 Regiões autônomas insulares (Açores e Madeira), que englobam 308 Municípios (ou Conselhos) e que se sub-dividem em 4.257 Freguesias.

> *recebido com toda a pompa e circunstância, estritamente para conhecer antepassados e o casebre onde nasceram os seus pais.Ele é considerado muito Ilustre cá na nossa freguesia.* (Relato de Teresa Pedrosa, grafia em português de Portugal, para Andréa M. N. R. de Paula em novembro de 2008).

Saio de trem de Coimbra (ou de comboio, que é a designação para os trens aqui em Portugal). Não é a minha primeira visita, pois já estive nessas semanas algumas vezes na comunidade. Conheci várias mulheres do lugar no "VII Encontro Internacional da Marcha Mundial de Mulheres" que aconteceu na cidade de Vigo na Espanha[125]. Participei desse evento através do convite, contato e apoio do Movimento Graal de Mulheres de Portugal e AJPAZ (Associação de Acção para a Justiça e Paz) sediada na Granja de Ulmeiro, no distrito de Coimbra. As mulheres rurais fazem parte de um grupo que desenvolve, através de práticas de trabalho na comunidade, os princípios de economia solidária. Várias delas já migraram para outras localidades em Portugal e em outros países europeus para trabalharem e hoje vivem na comunidade de origem.

Desde o encontro em Vigo venho acompanhando algumas atividades desse grupo de mulheres rurais. Hoje vamos trabalhar com a memória dos lugares, através de uma oficina com objetos que lembram o passado. Faço uma viagem agradável com paradas em *Taveiro, Cascais, Vila Pouca do Campo, Ameal, Pereira, Formoselha, Alfaredos, Montemor e Verride,* onde desembarco e recebo uma carona de carro de um membro da Associação Cultural Recreativa e Social de Samuel, que irá me conduzir até a comunidade.

Chegando a Samuel, mesmo não sendo a primeira vez, ainda me surpreendo com as benfeitorias que existem nas localidades rurais em Portugal. A população local tem ao seu serviço, através da associação, uma creche, um jardim de infância, um centro de atividades de tempos livres, um centro de dia, um centro de convívio e serviço de apoio domiciliário para idosos e, ainda, uma unidade de saúde. A associação tem papel fundamental para a comunidade e é a segunda empregadora do lugar. A associação iniciou suas atividades na comunidade, mas sua atuação já ultrapassou a abrangência do

[125] A Marcha Mundial das Mulheres (fundada em 1998) é uma rede mundial de ações feministas que luta para eliminar a pobreza e a violência sobre as mulheres. Participamos do VII Encontro da Marcha nos dias 18 e 19 de outubro de 2008, na cidade de Vigo/Galícia- Espanha, o tema principal do encontro foi a Soberania Alimentar. Estiveram presentes delegações de mulheres e homens de 140 países de todos os continentes do globo. Na manifestação final estavam presentes mais de 10 mil mulheres (conforme dados da policia local) que saíram as ruas da cidade galega com o slogan: *Mudar a vida das mulheres para mudar o mundo e mudar o mundo para mudar a vida das mulheres.*

Concelho de Soure, atingindo concelhos limítrofes como Montemor-o-Velho, Figueira da Foz, Pombal e Condeixa-a-Nova. "*Reconhecida como Pessoa Colectiva de Utilidade Pública, a ACRSS é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) fundada em 1982*.", de acordo com o depoimento da coordenadora Teresa Pedrosa.

Teresa, Pedro, Rosa, são algumas das muitas pessoas da associação e do grupo de mulheres rurais que me recebem com simpatia e disponibilidade. O carinho e simpatia da gente portuguesa me deixa feliz e emocionada. Quando estamos fora de casa, as emoções ficam "a flor da pele". Percebo uma característica comum ao povo rural: são sempre receptivos e abertos ao diálogo e às emoções. Tive maiores dificuldades em relacionar com os pesquisadores na Universidade de Coimbra e agora, aqui na comunidade, ao estar com essas pessoas, na partilha de um lanche ou de um café, escuto histórias e aprendo sobre como é o viver no rural.

Dezenove localidades formam a freguesia de Samuel. Todas com forte tradição de cultivo de oliveiras. Em algumas localidades produz-se o arroz, noutras o milho, o feijão, ainda noutras o trigo, a aveia, as favas e as ervilhas. "*Em todas, há a cultura do vinho, batatas, hortaliças, legumes, área florestal e oliveiras que vira azeite.*" Relata Teresa Pedrosa. E completa:

> *Uma parte considerável dos terrenos agrícolas da nossa freguesia é ocupada por terrenos alagadiços onde se cultiva o arroz, precisamente nos vales dos rios Mondego e Pranto. A cultura deste cereal foi introduzida há muitos anos atrás pelo Frades Crúzios, de Santa Cruz de Coimbra, em meados do século XVIII. Algumas localidades da freguesia de Samuel, tais como: Coles, Carvalhal de Azóia, Moinho de Almoxarife, Casais das Camarinheiras, Azenha e Serroventoso, foram, no passado, marcadas por atividades específicas, da região do baixo Mondego. Efetivamente, estes lugares, da freguesia de Samuel, são os que estão mais ligados à cultura do arroz, devido à sua situação geográfica, na bacia do Mondego e seus afluentes, Arunca e Pranto. Também devido ao baixo nível econômico era necessário trabalhar fosse onde fosse.*

Dos cerca de 2000 habitantes registrados nos Censos de 1981, a população residente passou para 1398 nos Censos de 2001. Estes valores indicam uma população relativamente jovem, isto é, mais de 300 pessoas com menos de 24 anos. Isto apesar das 384 pessoas com mais de 65 anos. Assim, se em 1991 os dados recolhidos em Samuel apresentavam uma taxa de atividade de quase 38%, no final de 2001 os níveis de empregabilidade ultrapassaram os 41%. Os locais que absorvem a maioria da população empregada são a fábrica de têxteis *Fapsu***r** e a *Associação Cultural Recreativa e Social*

de Samuel. A primeira, situada em Souselas, emprega cerca de 130 pessoas. A freguesia é hoje membro e signatária fundadora da *"Carta das Comunidades Rurais da Europa",* juntamente com outras 14 comunidades rurais da Comunidade Européia.

Estamos quase em véspera de Natal e todas as mulheres compareceram. São muitas no auditório. Temos uma mesa linda de natal com doces, bolos, licores, vinhos, chás e café típicos da região. Aprendo receitas e tenho que saborear os quitutes que foram feitos pelas senhoras. Fazemos uma roda e aos poucos vamos construindo um entrosamento e vai fluindo o acontecer das lembranças e recordações. Havia pedido para que elas trouxessem "algo que lembrasse o passado". E foram tantos objetos que fizemos uma exposição. As estórias relatam saídas da comunidade, quando muitas mulheres deixaram filhos e pais para irem trabalhar em outro lugar. Algumas ficam emocionadas e choram ao lembrar a saudade que sentiam quando estiveram "*fora de sua terrinha*".

Arminda com lágrimas nos olhos, conta que ficou 10 anos longe da filha. Deixou a filha com a mãe em Samuel e foi com o marido trabalhar nas colheitas na Alemanha. Enviava dinheiro todo ano, mas não conseguia voltar sempre, nem mesmo a passeio. Quando sua mãe adoeceu teve que retornar e encontrou uma filha de 15 anos triste e magoada. Não voltou mais para a Alemanha. Ficou e hoje ainda convive com o dilema de conquistar o afeto da filha e conviver com "*uma culpa enorme que carrego no coração*". Em outro relato mãe e filha se emocionam quando recordam que ficaram 14 anos separadas em função de a mãe e o pai terem ido trabalhar em Angola, sendo que a filha não se adaptou ao clima e teve que retornar para a comunidade de Samuel, ficando com os avós. Nos relatos todos confirmam que possuem parentes no Brasil. Irmãos, primos que não vêem há, 30, 40 anos. *"Toda gente daqui tem um parente no Brasil, muita gente foi para lá e nunca voltou e nunca mais vimos."*

Vivo momentos de grande emoção com as mulheres no meio rural de Portugal. Observo e convivo com um mundo rural tão distinto do nosso e, ao mesmo tempo, com pessoas tão parecidas com aquelas com quem convivo no interior de Minas Gerais. Uma imbricação dos mundos que são os mesmos e tão diferentes. A representação dos espaços e tempos são diferentes e complexas. A similaridade é visível no pertencimento com o lugar que vivem. Pessoas que possuem uma identidade territorial e um modo de

vida que fazem o viver em comunidade. A significação da vida e os desejos são os mesmos, viver na terra e da terra junto com o seus.

Lembro as lições apreendidas com o professor Boaventura de Sousa Santos em seus colóquios e palestras realizadas na Universidade de Coimbra, segundo as quais as identidades "*são, identificações em curso*". Para ele, importante é sabermos "*quem quer saber nossa identidade, em que contexto e com quais propósitos"*. Ele reforça junto aos seus alunos que devemos exercitar o *"princípio da esperança"* (formulado pelo filósofo alemão Ernst Bloch), ao analisarmos as contradições entre o universal e singular, individual e coletivo, circular e pós-circular, o capital e pós-capital e individual e fundacional.

> *Precisamos descolonizar o poder e o saber, democratizar a democracia e produzir para viver e para deixar viver. Uma emergência é o respeito ao universal e funcional através da diversidade cultural do mundo e trabalhar por dentro da própria cultura. Reconhecendo como emergência as culturas locais. Outra emergência é o direito da natureza, uma outra concepção da natureza. Compreender que nosso conhecimento é nossa biografia e nosso estar no mundo.* (Boaventura de Sousa Santos, colóquio em novembro de 2009)

Retorno a Coimbra de carro com a psicóloga da associação. Já é noite; os lugares são próximos e entre Samuel e Coimbra gastamos uma hora de viagem. Fico na beira do Rio Mondego. Aproveito para passear em suas margens iluminadas (e com uma linda decoração de Natal) com belas pontes e parques. É um rio muito bonito, são momentos que trazem na memória um outro Rio, o São Francisco. São nesses momentos de observar e presenciar a paisagem do lugar e perceber a beleza, que me vejo e me sinto tão profundamente do meu lugar, sertaneja, que nas ladeiras e becos de Coimbra encontro na paisagem tão completamente diferente a identidade do meu lugar do outro lado do Atlântico. Estou fazendo uma travessia e reproduzo o dizer de João Guimarães Rosa, que foi tão sertanejo e atravessou oceanos tantas vezes para compreender e traduzir o mistério do "estar aqui". "[...] Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca. Mas é só muito provisório". (1986, p.9)

8.2 Tempo passado e presente: migração na Barra

Eu chamo Antonia, nasci na cidade de São Romão, morava eu e meus pais e meus oito irmãos, todos nascidos lá. Nasci em uma família de boas condições financeiras. Meu pai era o delegado de São Romão, também tinha uma farmácia e uma fazenda muito grande. Com a primeira esposa meu pai não teve nenhum filho, mas se envolveu com outras mulheres e teve 19 filhos. Minha mãe foi a ultima esposa do meu pai, com quem ele teve sete filhos e mais dois que ela já tinha. Quando eu completei quatro anos de idade meu pai teve derrame e repetiu mais três vezes e os meus irmãos que moravam em Belo Horizonte vieram e levaram ele para tratamento. Mas antes dele ir, ele pediu para minha mãe ir passar uns dias na casa dos pais dela que moravam no Salto, no município de Ubaí porque ela estava grávida e era de duas meninas e já estava no oitavo mês.

Ela foi, mas como não teve noticia do meu pai, ela voltou para São Romão, quando chegou todos ficaram olhando pra ela. Então perguntou o que estava acontecendo, eles responderam que meu pai havia falecido e meu irmão tinha invadido a casa e levado tudo de valor que havia dentro, até as jóias. Não contentando com isto eles venderam a fazenda e a farmácia. Minha mãe entrou em depressão e trocou a casa a troco de porcos e uma bacia.

Ela foi para a comunidade de São Bento em Buritizeiro alugou uma casa e trabalhava pra sustentar os filhos. Depois foi pra casa dos meus avôs que já havia falecido, ficou morando na roça lá três irmãos da minha mãe e uma tia, não tinha espaço pra nós dormirmos, então a gente dormia debaixo de um pé de manga no quintal, foi duro, depois ela fez uma casinha de enchimento. A situação estava difícil queria ajudar, mas como? Veio minha madrinha de São Paulo e pediu minha mãe pra eu ir com ela, estava com nove anos e fui. Lá cuidava da casa e de um bebe de um mês e estudava de tarde. Como não recebia dinheiro eu fiquei dois anos e voltei pra casa. Minha mãe estava trabalhando em uma fazenda de gente de Pompeu. A esposa do dono veio passar férias com as crianças, gostou de mim e pediu mãe pra eu trabalhar em Pompeu, que pagava bem.

Mãe deixou, o dinheiro que recebia mandava todo pra ela. Fiquei lá um ano e meio, senti saudades e voltei. E ruim demais ficar longe da gente da gente e na casa dos outros, ninguém olha você com gente é como se eu fosse diferente.

Voltando pra roça a crise tava feia, fiquei dois meses e fui trabalhar em Belo Horizonte. Trabalhei seis meses, mas como a mulher não pagava arrumei outro serviço. Cuidava da casa e de três crianças, não tinha tempo de estudar era muito serviço e pouco dinheiro, estava com 15 anos, fiquei seis meses.

Voltei pra minha mãe e lá arrumei outro serviço. Como o dinheiro era pouco e acabou logo fui trabalhar em Montes Claros. A mulher diz que pagava bem e eu fazia de tudo, mas ela não pagou nada. Quando fui embora nem a passagem pagou, fui em ônibus de eleição e ela e o esposo também foram. O bom de arrumar serviço na nossa região mesmo é isso, dá pra voltar na eleição. O ônibus foi preso, ela ligou e alguém buscou eles na estrada e ela me deixou lá no meio da estrada. Minha sorte é que passou um conhecido que me deu carona e acabei de chegar em casa. Falei com minha a mãe o que havia acontecido e ela foi procurar a mulher, ela tinha família aqui na comunidade. Ela não atendeu telefone e nunca mais procurou a gente. Fiquei com minha mãe na roça e ai e peguei um serviço de cozinhar e lavar roupa pro povo do eucalipto. O dinheiro que eu recebia eu entregava para minha mãe.

Voltei a trabalhar em Pompeu na mesma casa que já havia trabalhado, fiquei seis meses, fui embora porque sumiu um dinheiro e eu havia achado e

> *tinha guardado porque tava fazendo faxina e não deu tempo pra falar com ela. Ela achou n em minhas coisas e me acusou de ter roubado tentei explicar, mas ela ficou desconfiada, ai resolvi voltar pra casa de mãe.*
> *Fiquei um tempo e depois fui trabalhar em São Paulo na casa de minha prima. Eu já estava com 17 anos e como ela não estava pagando nada arrumei um serviço não bairro Morumbi para cuidar de uma senhora, ela pagava direitinho, ela queria assinar carteira, mas eu não tinha nenhum documento.*
> *Ela mudou pro Itú. Fui com ela. Ela viajava de 15 em 15 dias para casa dos filhos em São Paulo. Tive medo que era ela mesmo que dirigia, ela estava com 69 anos. Fiquei um ano e seis meses. Sai e ela ficou muito triste, ai voltei e fiquei mais 8 meses com ela. Fiquei sabendo que tinha um irmão por parte de pai e que ele morava em São Paulo, peguei o endereço e fui à casa dele. Fui bem recebida por ele e pela sua esposa, eles me levaram para tirar meus documentos. Ele me enchia de presentes e começo a dar em cima de mim, e eu já estava morando com eles, tinha deixado a senhora de Itu e tava vivendo com eles. Ele dizia que nós não éramos irmãos, quem garantia isto, que nosso pai foi sem vergonha. Eu pedi pra ela parar com aquilo que eu ia contar tudo para a esposa dele. Ele dizia que se eu falasse ele ia me matar. Eu só chorava e queria ir embora, mas não tinha dinheiro. A esposa dele perguntou um dia o que estava acontecendo e eu respondi que não estava acontecendo nada.*
> *Ela disse é seu irmão que esta mexendo com você, que eu podia falar que ela sabia que ele não era fácil e que ele já tinha tentado pegar uma sobrinha dela. Foi minha cunhada junto com um pastor e irmão da nossa igreja que juntou dinheiro e me ajudou a sair da casa escondida e voltar pra casa. Com 21 anos eu engravidei da minha filha que chama Emilly e estava trabalhando de novo em São Paulo. Voltei pra roça com Emilly com oito meses, conheci um rapaz, namoramos e estamos juntos até hoje. Minha filha agora já está com oito anos.*
> *Tentei a vida lá fora, mas foi muito difícil, não valeu a pena. Não pude estudar. Fui estudar agora, aqui no sertão, na comunidade e hoje faço a 5 e 6 series. De tudo que vivi o mais difícil é ver no olho do povo de lá o nojo e o desprezo de gente da roça como eu, é sempre a gente que rouba, é sempre a gente que estraga as coisas.Já passei muito tempo difícil, o que vivo hoje é de agradecer pra Deus, tenho esse pedaço de terra, essa casa simples e vivo, antes eu não vivia eu só agüentava a vida. Vim pra ficar, aqui com toda a dificuldade é melhor pra viver, não saio daqui mais não e desejo que minha filha viva pra sempre aqui.* (Depoimento feito a Andréa M. N. R. de Paula, em março de 2009)

Em nossa pesquisa, fizemos entrevistas com moradores da Barra pertencentes a duas gerações de migrantes, de idades entre 60 e 90 anos na primeira geração e entre 26 a 45 anos da segunda geração. Priorizamos as pessoas mais velhas. Mulheres e homens que já migraram e que retornaram das migrações, assim como os moradores que ficaram. Aquelas e aqueles que, ficando, pertencem também ao processo migratório, pois sempre permaneceram na comunidade, mas, a partir da partida de um alguém "da casa e da família" ficaram como o outro lado de quem foi. Como aquele que espera por alguém da família que migrou.

Os moradores da Barra em sua maioria já migraram pelo menos uma vez em sua vida. Hoje a migração continua ocorrendo, tendo como fator principal "*a busca da*

melhoria na vida". A mobilidade das pessoas na Barra acontecia em tempos e espaços pré-determinados e através dos chamados "*gatos",* pessoas contratadas para buscar levas de trabalhadores para determinado serviço perto ou longe, com atividades pré-estabelecidas a serem realizadas. Hoje a migração ocorre de forma individualizada e, na maioria das vezes, de forma sazonal.

Destinos como São Paulo, Uberlândia, Brasília e Maranhão foram citados várias vezes nos relatos dos moradores como espaços de migração realizada no passado e ainda presente na vida e na memória. Muitos homens, em sua maioria, sozinhos ou acompanhados por indivíduos mais velhos do núcleo familiar, deixaram a comunidade seguidamente nas décadas de 70, 80 e 90 para os mesmos locais, com o objetivo de desenvolver trabalhos na construção civil nas sedes dos municípios e na plantação de cana e café no meio rural. Na maior parte dos casos os que se foram envolveram-se com uma atividade na esperança de retornar com lucro maior da viagem.

> *São Paulo é ali, já fui mais de 5 vezes. Tinha um moço que vinha aqui levava a gente e ai durante uns 3 ou 4 meses ficávamos lá. Primeiro a gente vai com serviço de alguma construção de prédio, serviço de pedreiro ou de auxiliar de encanador é o que mais aparece de serviço, depois de lá a gente já faz contato para pegar um serviço nas roças de cana ou de café, muda de trabalho, mas compensa muito. É bom quando tudo dá certo assim, sai de um serviço e já tem outro pra fazer, a mulher não gosta muito porque você sai pra voltar em 3 meses e fica ai mais tempo tem gente que só volta depois de um ano porque vai pulando de um serviço no outro, sem tempo de parar, mas compensa a volta.Trabalho duro, mas com dinheiro certo no final. Não vou dizer que foi o céu, mas nunca passei nada do que eu vejo na televisão. Ficar preso por não ter dinheiro para pagar minhas contas de comida, a gente vai sabendo que vai ter despesas, mas não teve um que não voltou e aqui melhorou sua casa ou sua rocinha.* (Seu José)

Os espaços fora da comunidade são sempre os espaços para o trabalho, "*lugar de trabalhar, mas não para morar"*, onde a possibilidade de estabelecer vínculos é difícil, e para onde todos migram para voltarem. Alguns não retornaram, formaram famílias e vivem hoje longe da comunidade, mas mantém vínculos de parentesco e de afetividade que os fazem retornar pelo menos uma vez a cada dois anos para estarem na Barra do Pacuí. De acordo com os relatos, o período designado de dois em dois anos é em função de:

> *Geralmente quem vem para passear vem nas festas de outubro e depois fica difícil ficar vindo sempre, então a gente marca na festa de outubro e se veio em um ano, vai ser difícil voltar no outro. Emprego difícil e quase todo*

> *mundo que vai arranja emprego de pouco tempo, sempre mudando pra outro, fica difícil ter data certa, mas aqui todo mundo espera em outubro ou no Natal (*Seu João Bento).

As ocupações que os migrantes conseguem são quase sempre temporárias e provisórias. Sempre mudando de emprego, o que causa desgaste físico e poucos direitos trabalhistas. Portanto, é comum ficarem anos e anos sem terem direito a férias, o que dificulta e torna inviável financeiramente o retorno à comunidade para rever os seus parentes e amigos e para repouso. No entanto, foram não poucos os relatos de pessoas da comunidade que deixaram o trabalho para estarem na festa de outubro.

O irmão de Seu João Bento, o Sr. Júlio Pereira de Jesus, 66 anos, migrou para São Paulo para trabalhar na construção civil em 1969, com o irmão Pedro e dois amigos. Imaginava que iria trabalhar como pedreiro durante um ano e, depois, voltaria para a comunidade. Mas ficou em São Paulo por longo tempo e, de serviço em serviço, casou-se e teve quatro filhos. Tornou-se encanador e hoje de acordo com informações da família na Barra (junho de 2008/maio de 2009) está desempregado vivendo em um apartamento da Cohab (Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo) de Carapicuíba, na grande São Paulo. Separado da esposa, vive com uma filha e um irmão. Os filhos mantêm financeiramente o Sr.Júlio em São Paulo. O seu sonho era comprar uma casa em Pirapora (que fica distante da Barra do Pacuí cerca de duas horas), mas os filhos não querem retornar e, portanto, o jeito é contentar-se com as visitas à comunidade realizadas "de vez em quando". *"A gente tinha uma vida simples até demais, mas era muito gostosa. Eu gostava de jogar bola, de pescar, caçar. Naquela época a gente era feliz, mas a gente não sabia.* (Entrevista de Sr. Júlio para Tatiana Thé, 2006)

Como Júlio, seu irmão Pedro migrou para São Paulo em 1977, após conseguir um emprego como metalúrgico em Osasco; retornou à Barra para buscar a mulher e os filhos. A filha mais velha de Pedro, Soledade, hoje com 44 anos, é advogada em São Paulo. Ela foi a primeira pessoa nascida na Barra do Pacuí a cursar uma faculdade. Migrou com 12 anos de idade para São Paulo com os pais.

> F*oi muito difícil a adaptação com a vida urbana. Porque cheguei aqui, fiquei perdida, lá a gente não via carro. Passava carro, a gente corria de medo. Fiquei assustada com os brancos também, porque a gente não estava acostumada a ver pele branca. Sentia uma solidão, pois onde eu vivia*

> *conhecia todo mundo e chegando aqui tinha tanta gente e ao mesmo tempo não tinha ninguém* (Soledade, 44 anos. Depoimento para Tatiana Thé, 2006)

Quando perguntamos para alguns ex-moradores da comunidade que visitavam familiares em junho de 2008 na Barra o porquê de retornarem à comunidade, eles responderam que não é apenas pela saudade das pessoas da família, pois eles e elas poderiam financiar a passagem deles para que fossem estar com eles, e esta seria uma estratégia até mais econômica. Mas o que sentem é a falta de estarem "na Barra" e é quando eles relatam com emoção os detalhes dos lugares que gostam na Barra. Pés de mangas, lugares no rio, na ilha, frutos nas árvores, flores do sertão, imagens e recordações do tempo de vida na comunidade, que fazem a diferença em estar naquele lugar e perceber os significados do ambiente em suas vidas. Gostam de ressaltar que possuem "lote" na Barra, e que isso é a garantia financeira, social e afetiva para o futuro. *Vou trabalhar mais uns anos e voltar pra cá; é meu sonho, d*iz a filha de Dona Tazinha que vive hoje em São Paulo.

Um pertencimento ao lugar, composto de uma rede de reconhecimento mútuo através da partilha de cheiros e sabores, mas também de saberes e valores, vínculos do *ethos* e da visão do mundo nos compartilhamentos de hábitos e gestos que entretecem o sentimento de pertença a um mesmo espaço e tempo comum.

> *Moro em Pirapora, já faz 20 anos, mas mesmo não sendo tão distante demoro em voltar. Venho uma vez por ano. Venho sempre na fogueira de São Pedro. Sinto falta de conversar com as pessoas, sinto falta das casas, do rio, sei explicar não, sei que sinto falta de estar aqui. Aqui tem um lugar perto da beira do São Francisco, lá indo pra casa de Seu Trucão que toda vez que eu venho eu tenho que ir lá, não tem nada de mais, é só um mato com mangueira, mas, menina tem tanta lembrança da infância ali. Parece que o tempo volta, mesmo eu sabendo que não volta*." (Relato de Dona Petrina, ex-moradora da Barra, depois de vários anos vivendo em São Paulo, hoje vive em Pirapora, junho de 2008).

As migrações continuaram a ocorrer nos anos de 2006, 2007 e 2008, quando acompanhamos em alguns momentos o cotidiano das famílias, e foi possível observar o ir e vir dos moradores, o retornar de outros e o estar à espera de vários, que na comunidade ficam a aguardar os que partem. A maioria dos que migraram acreditam que as viagens realizadas auxiliaram na sobrevivência mínima dos que ficaram. Os trabalhos ofertados ou conseguidos pelos trabalhadores na saída da comunidade são precários e não exigem qualificação específica ou nível de escolaridade.

As várias gerações migratórias envolvem homens e mulheres que recordam e revelam a comunidade como um lugar de fluidez e de permanências. Já não existem tantos fluxos em grupo para os mesmos destinos migratórios, embora tenha sido assim a formação da comunidade e dos processos migratórios. Acontecem em menor número as migrações permanentes e com todo o núcleo familiar.

No tempo passado e no tempo presente as migrações aconteciam e acontecem vinculadas ao calendário da natureza, sendo mais comum nos meses de seca, entre maio e setembro. Os moradores relatam que as condições das chuvas e das águas do rio são determinantes para a ocorrência da migração. Se houver no ano um bom período de chuva, não haverá muita migração na comunidade. Mas se houver pouca chuva, haverá aumento do número de pessoas que procuram ocupações fora da comunidade.

> *Aqui quase todo mundo que saiu foi em função do rio tá baixo e ser ano de pouca chuva. Se o rio tá cheio e chove pra que sair? É hora de cuidar da roça e ficar por aqui mesmo. Mas como ta ficando cada vez mais difícil ano de boa chuva, então é esse entra e sai do povo indo e depois voltando. Fazer o quê? A vida é difícil,* (Seu João Bento).

A saída da comunidade muitas vezes começa a ser organizada na festa de São João e São Pedro, santos festejados no mês de junho. Os moradores acreditam que dependendo do tempo nesses dias haverá pouca ou muita chuva nos meses de outubro, novembro e dezembro. Nos relatos eles expressam que é o "*calendário das Chuvas dos santos*", e que "*sempre dá certo*".

> *É só você prestar atenção. Se no dia São João ficar nublado só de meio dia para tarde é porque só vai começar a chover no mês de novembro. Se ficar nublado o dia todo ai vai começar a chover no mês de outubro. Agora se chover no dia de São João ou de São Pedro ai vai ser tempo bom de chuvas. Você começa a contar o ano do dia 24 de junho até 29 de junho. Cada dia dois meses. Dá certinho*. (Seu Euclides)

Os destinos mais procurados pelos trabalhadores da Barra são, de um lado, cidades distantes e regiões agrícolas: São Paulo e Brasília e a região do interior de São Paulo e Alto Paranaíba e Triângulo mineiro. De outro lado, são cidades próximas: Pirapora e Ibiaí e as fazendas ao redor da comunidade. Percebemos que uma mesma pessoa já fez os caminhos de perto e de longe. E percebemos também o oposto: primeiro as capitais ou regiões agrícolas e, depois, as cidades próximas. Ressaltamos que na maioria das situações que observamos os trabalhadores retornaram para viver na comunidade.

Em relação às capitais, os que partiram justificam o destino do deslocamento relatando que é em função da facilidade de serem recebidos por parentes e ex-moradores da comunidade nessas cidades, o que auxilia na procura de emprego e na obtenção de moradia e alimentação. Trabalhos de vigias, serviços domésticos e trabalho em chácaras são citados como os mais comuns nas cidades maiores. Nas regiões agrícolas relatam que sempre que foram encontraram oportunidades de trabalho, o que propicia uma nova migração. Nestas prevalecem os trabalhos na colheita de café, batatinha, alho e feijão. As cidades mais citadas foram Serra do Salitre e São Gotardo no Alto Paranaíba em Minas Gerais.

Nas cidades próximas as alternativas de emprego são em fazendas agroindustriais e também nos lugares onde estão parentes próximos dos moradores. Ainda é o trabalho em carvoarias e em fazendas de plantio de soja e eucalipto na região as atividades mais desenvolvidas pelos trabalhadores que se deslocam para as cidades mais próximas. Quando se referem aos municípios próximos, os relatos indicam que seria um espaço possível de ficar, de estabelecer vínculos se estivessem acompanhados dos outros membros da família, pois, vários outros membros de famílias conhecidas ou do próprio núcleo familiar residem nessas cidades. Mas, na maioria dos depoimentos que ouvimos, os trabalhadores preferem retornar a Barra do Pacuí em função da falta que sentem da "liberdade".

8.2.1 Sair, voltar, migrar: liberdade.

A construção e a consolidação de identidades dos moradores da Barra do Pacuí estão bastante vinculadas nesta expressão: liberdade. Ao relatarem percursos e itinerários migratórios, ao desenvolverem relatos de *causos e prosas* que acendem a memória, ao refletir o vivido e o imaginário na comunidade, está quase sempre presente uma declaração que denota o prazer em estar nesse lugar e, uma nele, não se sentir "cativo", não ser de ninguém, não depender de ninguém fora do círculo da família, da parentela e da vizinhança de iguais. A descrição das rotinas do trabalho das lavouras, hortas e pescarias, de ritos e rituais do sagrado, de lazer do futebol e das festas comunitárias e familiares são sempre ciclos de exercer uma espécie de liberdade, definida como:

> *Liberdade pra gente é terra. Pra você vê a meninada vive correndo aqui nos matos, na beira do rio, a gente tem liberdade de ir e vir da casa da gente, da roça da gente, tem ainda a ilha, olha quero explicar pra você que liberdade é viver na roça, tem pouca coisa, mas tem. Muita coisa mudou e prá muito pior, cercaram os gerais, a gente não pode entrar nas chapadas que era de todo mundo, mas vejo hoje irmão meu em São Paulo vivendo lá, achando que eu tô aqui morrendo nesse fim de mundo, digo pra você, feliz sou eu que ainda vivo aqui.* (Seu João Bento)

Sair da Barra significa viver a fluidez nos espaços. Significa também a ameaça da perda de uma liberdade original e desejada. Pois se sai de um espaço e de tempos de cada dia, de cada ciclo de vida que "são nossos", para se ir viver "no alheio" e para se ter que submeter, como um empregado, ao domínio de outros. Mesmo que um domínio proveitoso e provisório. O ciclo do trabalho não habita em harmonia o ciclo da vida na percepção dos moradores. Ao migrar para espaços distantes da comunidade, homens e mulheres mantêm-se próximos através dos vínculos de afeto e da terra. Muitos os que partem vão em busca de recursos para manter as lavouras e a sobrevivência familiar. E, para tanto, precisam passar de uma experiência original, ainda que pobre e limitada de bens, a uma outra espécie de "cativeiro".

A decisão de partir para os moradores é uma decisão imposta. Praticamente ninguém parte porque deseja, mas porque, como dizem: "*é preciso, não tem jeito, tem que ir*". Os destinos e ocupações (ver Quadro 3 e mapa 5) não são questionados. Acreditam que ao saírem podem estar mantendo as roças e a vida dos que ficam. De certo modo os que ficam e os que partem reconhecem que os que partem o fazem mesmo com o risco de ser para sempre, ou de por algum tempo perderem a autonomia sobre suas vidas, em nome da preservação da autonomia, da liberdade dos que ficam em Barra do Pacuí.

No processo de partir, viver lá, trabalhar lá e retornar, quase todos já retornaram à comunidade. Mas sabem que algum dia adiante irão viver a repetição da experiência de migrar, de outra vez partir e "ir embora". Pois nas idas e vindas do processo migratório, os trabalhadores conseguiram conquistar bens materiais que segundo eles: "*seria impossível só com o recurso da roça ou dos programas do governo"*. Uma televisão nova, um armário para cozinha, um novo sofá, um exame de saúde na cidade de Montes Claros e Pirapora, são algumas das conquistas relatadas.

Quadro 4
SAIR DA BARRA DO PACUI
Destino e Ocupação pretendida pelos trabalhadores da Barra do Pacuí
Anos de 2007, 2008.

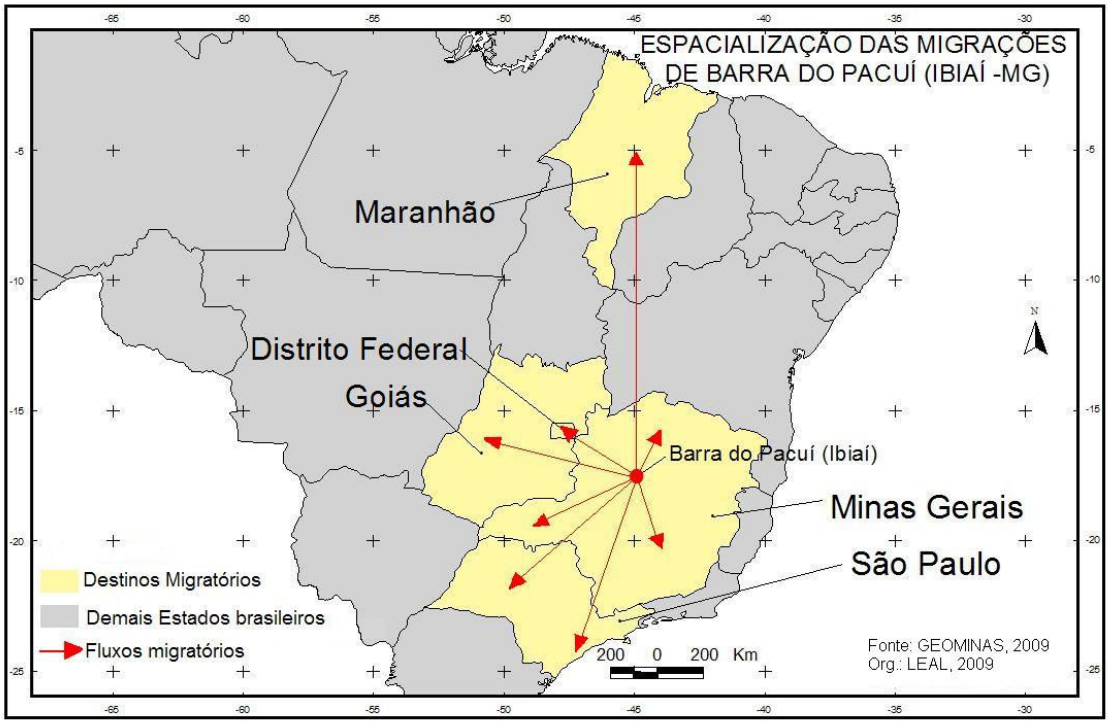
LOCAL DE DESTINO	OCUPAÇÃO PRETENTIDA
São Paulo (capital)	Qualquer trabalho
Ribeirão Preto e interior de SP	Corte de cana
Serra do Salitre, Uberlândia, Uberaba, São Gotardo, Rio Paranaíba*.	Emprego em hortifrutigranjeiros e no plantio e colheita de batatinha, café, soja, girassol.
Brasília (DF), Belo Horizonte (MG)	Trabalho doméstico, sitiante
Goiás (Formosa)	Trabalho na agricultura.
Maranhão	Trabalho no corte de madeira.
Ibiai, Buritizeiro, Ponto Chique, Pirapora, Várzea da Palma, Montes Claros.	Trabalho em fazendas de gado, carvoarias, plantação *de pinus* e eucaliptos.

FONTE: Pesquisa de Campo realizada nos anos de 2007 e 2008 através de relatos dos moradores da Barra do Pacuí retornados desses lugares através de migrações sazonais.
* Cidades das regiões mineiras do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

Os moradores que retornam das migrações à comunidade são identificados como "*chegados da cidade*", e o regresso às posições e lugares na comunidade faz com que os migrantes experimentem, pelo menos durante algum tempo de suas vidas, uma identidade ambivalente, revelando outra fase do processo de migração. Não é só na cidade que os trabalhadores vindos do campo enfrentam dificuldades, mas no retorno ao campo eles são por um lado admirados e, por outro, recebidos como conhecidos que "estão diferentes", no dizer dos moradores, são "os estranhos" no confronto com os seus pares. Confirmamos que no processo migratório vivemos a tríade *eu-outro-estranho*.

Pois quem parte e torna a partir vive para si - mesmo e para os outros a sua "terceira margem do rio". Sendo pessoas *da* comunidade e não mais vivendo todo o curso da vida cotidiana nela, estão *na* comunidade, mas já não são como os da comunidade, pois sempre poderão estar outra vez indo embora. Não mais se fixam. Deixam de ser como as raízes das árvores dos largos de Barra do Pacuí e mais se parecem com suas folhas, um dia pegadas aos seus galhos, outro dia voando para longe, tocadas pelo vento.

De um modo talvez oposto a como se imagina o sentimento de quem parte, para as pessoas da Barra do Pacuí ser livre é "*estar ali*", onde se vive sobre um "*chão que é meu"* e se trabalha sem "*dono*". Partir, ir para longe, não significa liberar-se, mas submeter-se ao estar "*entre outros*", em um lugar estranho, mesmo quando junto a parentes também migrantes. E, sobretudo, migrar é empregar-se, logo perder a liberdade, mesmo de uma vida pobre, quase indigente, em casos limites, para tornar-se um trabalhador remunerado, mas submetido a um outro.



Mapa 5 – **Espacialização das migrações da Barra do Pacuí (Ibiaí- MG)**

8.2.2 Ciclos do ser da Barra do Pacuí

> *Eu me chamo Maria José Ferreira de Jesus, tenho 54 anos, nasci aqui perto, em uma fazenda nas margens do Rio São Francisco. Passei minha infância sempre na beira de rio. Naquele tempo não tinha estrada para nenhuma cidade e o único meio de transporte era a navegação em uma canoa até a cidade mais próxima.*
> *Meu pai e meu tio iam para Pirapora de canoa a remo, para vender cargas de peixe e as colheitas que colhiam que era abóbora, melancia, laranja, carga de rapadura e até requeijão.*
> *Vendia para comprar alimentos pra mim e pra meus outros cinco irmãos. Ele demorava dias para voltar porque era muito longe. Para subir o rio*

> *meu pai coloca uns paus e um pano em cima da canoa fazia um leme para o vento ajudar.*
> *E uma vez por mês passava três vapores e dava alimento, tecido e remédio pra meu pai. Os nomes deles dos vapores eram Tubarão, Fernão Dias e o famoso Benjamin Guimarães, que muitos hoje tem o privilegio de conhecê-lo, mas não é o mesmo, porque eles reformaram e deixou o mesmo nome para ficar na história.Eles doavam alimentos não só pra meu pai,mas pra todos que moravam as margens do Rio São Francisco. Os vapores maiores transportavam lenha de Jurema e pau ferro, que servia para queimar e também para remédio.*
> *Passava também o rebocador que transportava carga de algodão, peixes e rapaduras que ia de Pirapora até a Bahia.*
> *A natureza é minha paixão, já morei em outros rios, no Rio Paracatu pra plantar feijão e melancia, hoje voltei pra margem do São Francisco, onde eu tenho minha casinha, aqui onde estamos agora. Aqui criei meus 08 filhos, hoje quase todos casados. Continuo plantando melancia, mandioca, horta e colho com muito prazer, eu nunca passei fome, nem um filho meu, eu nunca neguei prato de comida, sai daqui, pra que? A gente veio pro mundo foi pra viver o que Deus mandar, pra mim ele mandou comida e água na beira do rio. Agradeço a Deus todo dia minha família, minha casinha, minha vidinha.*
> (Depoimento feito a Andréa M.N. R. de Paula em março de 2009)

É na relação nós e os outros, os outros e nós, que vamos, no entrecruzamento dos diferentes modos de ser, viver, sentir e pensar e, mais ainda, nas diferentes alternativas, estratégias e possibilidades sociais do compartir momentos, situações, cenários e cenas, atuações e interações entre nossas pessoas e os personagens que nos habitam, que vamos estabelecendo diferentes atribuições de identidades para/entre nós e os outros. Identidades que conformam o chão simbólico de nossos modos de vida e que constrõem os autores-atores-que-somos na mescla com nossas visões do mundo e com os nossos sentidos de vida.

Sou da Barra, *chegados da cidade, gente nossa, forasteiros, chegantes* são algumas denominações para definir quem são os moradores e quem são os outros. Relações que estabelecem os domínios e os intervalos presentes em e entre nós e os outros no território social e simbólico da Barra. Percebemos que várias dimensões estão presentes no *ciclo de ser* da Barra e que entre todas as outras, é a categoria *trabalho* quem vai designar o *ser daqui.*

> ***1-Ser do lugar*** é, para os moradores, um qualificador atribuído, em primeiro lugar, aos homens e às mulheres descendentes das primeiras famílias que constituíram e construíram com as suas mentes e mãos a comunidade*: "fui nascido e criado aqui, sou da Barra".*

2- ***Ser do lugar e haver voltado para a comunidade***, configura os moradores que depois de uma, algumas ou mesmo várias migrações, e estando fora por um "*tempo grande*" (eles falam em tempo grande para designar quem ficou mais de dois anos fora do lugar), retornam. Este é o sentido dados ao termo: os *chegados da cidade*. Os habitantes ao retornarem têm que enfrentar um outro olhar dos moradores, como se fossem diferentes e estranhos diante dos que não saíram da Barra. Mas depois de um período do retorno eles voltam a ser aceitos plenamente pelos seus pares.

3-***Ser do lugar e não voltar para a comunidade para morar*** é atribuído aos moradores que são nascidos na Barra e que, havendo escolhido outros lugares para viverem suas vidas, retornam constantemente para rever familiares, amigos e lugares. Pessoas ou mesmo famílias que mantêm vínculos com o lugar e são considerados como "do lugar", sendo esperados e festejados pela comunidade, é *gente nossa.*

4-***Ser do lugar*** é também uma característica que pode se adquirida por quem não é do lugar – por não haver nascido na Barra do Pacuí e às vezes haver vindo viver nela já adulto - mas "aqui" vem viver. É, portanto, uma conotação dada aos moradores que após outras migrações chegaram a Barra para aqui fazerem suas vidas. São os *chegantes* que se tornam habitantes da Barra.

5-***Não ser do lugar e aqui ter suas propriedades de pesca e lazer*** configura pessoas "de fora" que possuem habitações na Barra para aqui estarem por períodos curtos, para atividades de lazer e pescaria. São considerados *forasteiros* e, mesmo que alguns moradores estabeleçam relações de trabalho com essas pessoas, elas não são consideradas como habitantes da comunidade e não há relação de proximidade com os mesmos[126].

Assim, podemos inferir a partir dos relatos coletados junto à primeira e à segunda geração de migrantes que, embora as migrações favoreçam o estabelecimento de novos vínculos culturais com e entre os membros da comunidade, as mobilidades dos habitantes não conseguem anular os obstáculos que se apresentam nas relações entre os que vivem na Barra e são do lugar e aqueles que não mais vivem aqui.

[126] Acreditamos que as margens do rio São Francisco e a proximidade de Ibiaí e de outros municípios, incluindo Pirapora, poderão vir a ser um crescente atrativo para pessoas e famílias assim.

Os que vivem no lugar são os rurais, o que vivem fora do lugar em cidades são considerados "de fora", enfim atores sociais diferentes daqueles que aqui fizeram suas vidas. Assim sendo, é nas diferenças de concepções do ser e estar que homens e mulheres, famílias, grupos e a comunidade foram construindo as formas e os conteúdos do viver e de conviver.

Percebemos que ser e estar no lugar são delimitações feitas no cotidiano da comunidade, na participação de atividades da igreja, do cultivo da terra e do tempo de permanência. Consideram agricultores e pessoas do rural, ou na expressão deles "*povo da roça*", os homens e mulheres que, independemente, de migrações contínuas, estão vinculados ao lugar da Barra do Pacuí pela família e pelo trabalho direto do cultivo da terra.

Ao retornarem à comunidade os migrantes-trabalhadores trazem modos de agir e fazer com os quais conviveram no período em que estiveram em outros espaços de vida e de cultura. Os comportamentos que aprenderam a adquirir para lograr as suas sobrevivências fazem com que, ao retornarem, re-criem na comunidade redefinições de sua identidade e de sua conduta social. Uma aparente contradição entre o modo de vida urbano e rural que provoca no conviver dos moradores a constituição de uma quase cultura híbrida. Alguns valores e condutas são mantidos, outros são modificados e outros desaparecem. A mobilidade da população provocou e provoca as permanências e modificações do mundo da cultura. Este poderia ser um exemplo bastante concreto do que autores como Peter Burke e Nestor Maria Canclini irão denominar de hibridização de culturas, ou mesmo de culturas híbridas.[127]

Apenas aqui, e de maneira clara e pessoalizada, não são "culturas" em si mesmas que "se encontram" e hibridizam. São atores sociais, pessoas, casais ou famílias que, ao retornarem "de fora" para a Barra do Pacuí, trazem nelas próprias e nos seus mesmos e diversos modos de ser, sentir e agir, novos padrões de outras culturas. Culturas "de fora", que se mesclam – com ou contra a vontade dos que ficaram – com o que podemos considerar como uma cultura tradicional e peculiar do modo de ser *da* e *na* Barra do Pacuí.

---

[127] Conferir em CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2003.

A esta "presença do outro" que volta, devemos somar toda a crescente influência das pessoas de fora que chegam ou passam pela Barra (como nós próprios, pessoas de uma equipe de pesquisadoras "vindas de fora" para "estudarem a Barra do Pacuí) Podemos somar aqui também a influência ainda mais visível e crescente da mídia, sobretudo através da televisão. Um dos sintomas de tais mudanças é a chegada recente de uma primeira "igreja evangélica" no território demarcado e tradicionalmente católico da Barra do Pacuí.

8.2.3 O acontecer migratório

Historicamente o estudo das migrações internas demonstra que eram os homens os que partiam para trabalhar fora. Mendras, citado por Abramovay (1999), explicitou vários exemplos na Europa, onde a migração rural tem sido compreendida como um movimento fundamentalmente masculino. Abramovay (2000), estudando o fenômeno migratório brasileiro, levanta três hipóteses para os deslocamentos de mulheres e jovens para o meio urbano: 1) As migrações relacionadas com a oferta de trabalho em residências e no setor de serviços; 2) As mulheres jovens deixam a casa paterna no meio rural procurando independência econômica e sendo estimuladas pela própria familia; 3) Valorização do movimento migratório das mulheres para a cidade, para estudar, em relação aos homens.

Estas três hipóteses podem ser de um modo ou de outro, comprovadas na Barra do Pacuí. No entanto chamou nossa atenção a quantidade de retornos para a comunidade. Mulheres e homens retornam para não mais migrar e resolvem continuar a fazer as suas vidas "aqui no lugar" onde, segundo os mesmos migrantes, mulheres e homens já possuem laços de parentesco e a possibilidade do sustento mínimo. Os que retornam são as mulheres mais jovens e solteiras e os homens mais velhos. Nos relatos dos moradores é ressaltado que os que migraram e não retornaram fazem parte de dois grupos:

1- Os que migraram várias vezes e retornaram para buscarem a família nuclear, ou seja, esposa e filhos.

2- Os que migraram há mais de dez anos e não retornaram e em outros lugares constituíram famílias.

As migrações continuam sendo procuradas ainda por um maior número de homens considerados "chefes da família" que permanecem partindo, chegando e partindo novamente. Notamos, entretanto, um aumento do número de mulheres que migram sozinhas ou seguindo com os filhos e são cada vez mais jovens. Ainda são os homens que decidem as migrações na comunidade em praticamente todas as situações que observamos e que nos foram relatadas, são os homens que decidem a migração mesmo quando as mulheres migram sozinhas.

> *Fui para Serra do Salitre onde já estão dois irmãos meus. Um tem dois anos que tá lá e o outro tem um ano. Eu fiquei seis meses. Ganhava um dinheiro bom, mas o trabalho é de sol a sol sem folga, a gente acorda e já vai pro café, cada pessoa tem uma tarefa, ou seja, tem que tirar café de cinco ruas. E só sai de lá quando termina a tarefa. Não agüentei, fiquei doente e tava com saudade demais de meus filhos. Voltei e já tem um ano que tô aqui, pai quer que eu volte, mas eu não quero voltar não*. (Relato de Rosina,32 anos, filha de Seu Euclides).

Podemos delimitar que é nos ciclos do trabalho que a dimensão do estar na comunidade permeia os tempos e os espaços da vida individual e coletiva. Categorias do ser e do viver que são construídos na interação entre os homens, as mulheres nas suas diversas fases de suas vidas.

8.3 O que significa retornar

As migrações que ocorreram na Barra foram, na maioria das vezes, realizadas dentro de um projeto de volta, de retorno. Ou seja, quem sai da comunidade, vai para voltar. Quem partiu foi para retornar, mesmo que não se efetive o retorno no percurso da vida dentro da qual a saída da Barra que foi realizada. Não observamos ou analisamos uma "pulsão migratória", como no dizer de Mafessoli (2003), mas uma necessidade de migrar e depois retornar em função de condições de melhoria de vida.

Na análise da pesquisadora Osman (2007), investigando a migração de retorno de libaneses do Brasil para o Líbano, o fenômeno do retorno não foi ainda tão estudado dentro do processo migratório como deveria, pois sabemos que é através dele que podemos compreender o elo existente entre os tempos vividos e os espaços percebidos.

> Não houve também uma preocupação maior com a questão do retorno, sobre o qual pouca ou nenhuma referência foi feita, basicamente pelo fato de não se reconhecer essa fase como uma importante etapa do processo migratório. [...] O retorno é o elo entre esses dois momentos (o ir e o voltar) e entre esses dois espaços (o aqui e o lá). (OSMAN, 2007, p.4)

Para Sayad (1998), estudando a imigração de argelinos para a França, o retorno no processo migratório é a fase que mesmo quando não acontece está presente desde o início, durante e no pós migração:

> A idéia do retorno está intrinsecamente circunscrita à denominação e à idéia mesma da emigração e da imigração. Não existe imigração em um lugar sem que tenha havido emigração a partir de um outro lugar; não existe presença em qualquer lugar que não tenha a contrapartida de uma ausência alhures. (SAYAD, 1998, p.16)

Os dois autores citados são investigadores de imigração entre países, mas suas análises, nas devidas proporções e dimensões, e considerando as peculiaridades de cada situação migratória, nos auxiliam a pensar e compreender a migração dos camponeses da Barra do Pacuí. Os autores chamam a atenção para o fato de que a realidade encontrada no lugar de destino nem sempre corresponde àquilo que foi imaginado e, assim, a estadia num lugar de migração pode ser abreviada. Muitos dos que não regressam expressam a impossibilidade do retorno, como uma forma de compensação pela ausência que provocam. A ausência que deveria ser temporária transformou-se em algo permanente. Ou seja, os que retornam e os que não retornam vislumbram diferentemente no acontecer do retorno uma possibilidade, um objetivo e mesmo um mito.

> O mito do retorno sustenta-se na idéia de que a migração é um ato provisório e o retorno propriamente é tido como fato garantido, ainda que esse fato nunca se concretize. Portanto, o retorno existe tanto no seu sentido real e concreto daqueles que efetivam essa empreitada, como daqueles que nunca concretizam esse ato, embora continuem afirmando esse desejo, na mais pura concepção de que o retorno também pode se constituir num mito. (OSMAN, 2007, p.7)

Para a autora, o retorno como uma sempre possibilidade está presente em todo o migrante como parte integrante do próprio ato de migrar. Muitas vezes o retorno é encarado como obrigação e compromisso de "partir-vencer e voltar". Sendo parte de uma crise, que para Sayad (1998), transparece como uma experiência de anomia. "Um

retorno à norma, à normalidade, à ortodoxia; o seu contrário (a emigração/imigração) não sendo senão anomia, heterodoxia, e até heresia [...]" (SAYAD, 1998, p.32)

O retorno pode significar a nostalgia, -"*aqui é meu lugar. Eu gosto do meu lugarzinho. Não saio mais*" (Seu Euclides). Pode traduzir a idealização do espaço e do tempo – *"No dia que cheguei parecia que nem tinha saído, todo mundo me tratou do jeito de antes, o rio e a roça do mesmo jeitinho e eu parecia que nem tinha ficado seis meses fora",* (Seu Euclides).

A família é o eixo e o elo fundamental na decisão de quem parte e de quem retorna. Os vínculos com o lugar foram estabelecidos através dos sentimentos entre e com as pessoas que deixaram na comunidade e são as percepções e a vivência desses sentimentos que guiam o retorno. Percebemos em muitas situações relatadas que o retorno foi considerado também uma responsabilidade para com aqueles que ficaram e aguardavam a volta.

Ressaltamos que o sentimento de pertença ao lugar, sempre presente nas narrativas do que retornaram ao se referirem a comunidade e aos seus lugares, cantos e recantos, fazem com que sintam a Barra do Pacuí como uma comunidade de afetos que também impele o retorno.

8.3.1 Por que voltar?Motivos do Retorno.

Na compreensão do fenômeno do retorno, de acordo com Osman (2007) e Sayad (1998), devemos considerar os fatores objetivos e subjetivos. Considerando que o retorno é um fato contraditório e paradoxal, Sayad chama atenção para compreensão da palavra paradoxal, enquanto vinculada a sua etimologia: *para–doxa*, ao lado da opinião (p.18).

Na verificação dos motivos do retorno a Barra do Pacuí entre os camponeses das duas gerações de migrantes foi possível identificar algumas características básicas.

1) Entre os fatores objetivos que provocaram o retorno os aspectos econômicos parecem ser os mais foram lembrados. "*Era difícil viver lá com o que eu ganhava",* relata Seu José, a moradia, a alimentação e a posse da terra são fatores determinantes para que os camponeses retornem. "*Aqui a gente tem casa e comida. Na cidade se tiver din-din você come, se não morre de fome*." (Seu Euclides, primeira geração).

1.2) A categoria trabalho foi repetida muitas vezes como aspecto que levou a migrar e que também levou a retornar. "*aqui a gente trabalha de sol a sol, mas come o que planta. Lá é roça dos outros ou trabalho na cidade que não ajuda ninguém em nada, ganha pouco, come mal, dorme mal, acaba ficando doente",* (Seu Narciso, segunda geração).

De alguma maneira, podemos considerar que estes dois fatores objetivos – visíveis nas condições de vida e de trabalho da maioria das famílias da Barra do Pacuí – estão intimamente interligados com fatores subjetivos. Podemos mesmo imaginar que é sempre a conjugação entre as duas categorias de fatores o que acaba por determinar o momento e o acontecer do retornar à Barra.

3) Dentre os fatores subjetivos o elo familiar e o retorno concreto à família seria o mais lembrado entre os que retornaram. É na comunidade que estão os pais ou os filhos, ou o companheiro/companheira. É na comunidade que pretendem criar seus filhos. Entre os migrantes da primeira geração que entrevistamos - e eles são os mais velhos - observamos que são os aspectos subjetivos os mais citados e os objetivos vêm depois deles e a eles se associam. Pensar na família, na criação dos filhos, na manutenção de costumes e tradições são aspectos fundamentais para o retorno.

> *Eu tenho dois irmãos que vivem em São Paulo. Vieram aqui levaram mulher e filhos. Eu não quis ficar lá. Sempre vivi aqui. Aqui é meu lugar e foi onde criei meus filhos. Três filhas minhas ficaram aqui e já estão criando seus filhos aqui também. Os dois filhos, os homens, foram embora, quem sabe ainda voltam. Nada é mais importante que criar os filhos na fé de Deus e no respeito de pai e mãe, foi assim que aprendi e foi assim que eu ensinei meus filhos*, (Seu João Bento, primeira geração).

Em relação à segunda geração de migrantes, o fator econômico aparece como o mais citado. O valor do trabalho e as concretas condições de trabalho "aqui e lá" são determinantes para o retorno dos que se foram um dia e voltaram.

> *Lá na Serra do Salitre você vai sabendo que pode ganhar um bom recurso, tem que ter braço e fazer mais e mais e ir na época certa, ai é dinheiro certo. Tem alojamento, fiscal tudo direitinho... Eu não vou dizer que gostei, mas foi assim que arrumei a minha casa e comprei o barco. É bom ir, mas sabendo que vai pra voltar.* (Seu João, 44 anos, segunda geração).

> *Você vai sabendo que não vai ser fácil, e vai preparado, mas o que a gente encontra é o inferno. Trabalha demais, recebe pouco e vê muita gente adoecendo por causa de veneno e ninguém tem certeza que vai ter trabalho depois da colheita. Os parentes que já tão lá há mais tempo não tem tempo para nada e passa dia e nada de mudança, então melhor voltar pro canto da gente,* (Seu Pedro, segunda geração).

A criação dos filhos, o trabalho na unidade familiar, a certeza de moradia e alimentação, a partilha das práticas religiosas e dos velhos e desejados costumes são colocados como motivações básicas para o retorno. Também os casamentos foram lembrados como fator de retorno. Alguns homens que deixaram a comunidade saíram deixando "um compromisso firmado" de volta. E no retorno casaram e constituíram na Barra sua família e morada.

> *Nasci na fazenda da Ema, perto de Ibiaí e cheguei na Barra em 1966. Fui para São Paulo e fiquei lá um ano. Foi tão difícil, trabalhei na construção civil, de guarda, em chácara. Voltei para Barra em 1968. E logo casei. Em 2000 fui para o Maranhão trabalhar no corte de lenha, foi duro também. Mas mais difícil é ficar longe da minha costela. Quando fui pra São Paulo ela já tava na minha cabeça, já tinha compromisso firmado. Depois casamos e agora já temos 40 anos de casados, feito agora em agosto de 2008*. (Seu Euclides, primeira geração).

Algumas mulheres que retornaram à comunidade voltaram para a Barra com filhos e companheiros. E entre elas a explicação da volta é: "*Lá fora ninguém tava conseguindo nada, então viemos ficar aqui e tentar a sorte na roça, aqui tem a família da gente e perto um do outro a gente se ajeita"* (Dona Maria, 33 anos, segunda geração).

Percebemos que o retorno da segunda geração não parece ser tão esperado pelos familiares: *"Pensei que eles iam ficar por lá, na Serra do Salitre tem muito serviço, e aqui não tem nada",* (Dona Terezinha, primeira geração). Mas a surpresa do retorno logo é transformada na alegria do convívio entre os familiares.

> *Agora é acolher e ficar com a gente. Aqui em casa mora eu, meu marido, Euclides, minha filha Rosina e seus três filhos e agora chega minha outra filha voltando da Serra do Salitre. A casa é simples, mas cabe todo mundo*, (Dona Terezinha, primeira geração).

Os relatos dos moradores da Barra das duas gerações de migrantes assinalam a importância das questões culturais ligadas ao cotidiano do trabalho e da vida na decisão entre ficar e voltar. Viver entre aqueles que são considerados iguais estar próximo do núcleo familiar são fatores presentes no desejo e na ação do retorno. Entretanto, percebemos que os motivos que levaram homens e mulheres a migrarem estão relacionados com seus desejos, percepções e projetos de vida individuais e coletivos. Estão vinculados à relação entre suas vidas enquanto sujeitos de suas histórias enquanto membros de uma família. Logo, um alguém ligado por laços afetivos e também de trabalho concebido como "melhoria da vida".

Concordamos com Cavalcanti (2002), que em sua pesquisa com jovens migrantes do mundo rural de Pernambuco para a cidade de São Paulo, confirmou que os deslocamentos que foram realizados no passado e os que continuam a ocorrer no tempo presente, podem ser associados à busca do trabalho, fator principal das migrações. "Se a migração é desenraizante, o desemprego é um desenraizamento em processo" [128] (p.3).

O retorno pode ser parte de um projeto do sujeito desde o início do processo migratório. Portanto, o voltar ao lugar de origem já estava previsto e esperado, como nos foi relatado por muitos camponeses na comunidade de Barra do Pacuí. Mas o retorno pode ser também uma alternativa que foi concebida e depois vivenciada na experiência migratória do mundo vivido.

8.3.2 Na volta, ilusão e desilusão

A filósofa Olgária Matos, discutindo a melancolia de Ulisses, revela a percepção entre a ilusão e a desilusão do retorno. Ilusão que o retorno poderia significar, no preenchimento do vazio e da ausência. Mas ao retornar, Ulisses e o lugar não são os mesmos.[129]

---

[128] A autora define o desenraizamento como um desencontro do ser através daquilo que é oferecido como fundamental para o pertencimento a um grupo social. Portanto, o enraizamento é definido como uma raiz que o sujeito tem por "sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro", (WELL, 1979, p.3).

[129] Conta as viagens de Ulisses, depois da tomada de Tróia, e o regresso do herói ao seu reino de Ítaca. Passaram-se vinte anos desde que Ulisses partira para a Guerra de Tróia. Muitos dos heróis da guerra de Tróia, como Menelau, a quem foi roubada a esposa Helena, já regressaram à Grécia. Mas Ulisses não chegou. Entretanto os pretendentes de Penélope (mulher de Ulisses) acumulam-se e esperam que ela se

> A terra natal transforma-se em terra estranha, por uma dialética sutil do espaço e do tempo: Ulisses reencontrará, pois, sua Ítaca lá mesmo onde a havia deixado; mas o Ulisses de outrora, aquele que deixou sua ilha, ele não encontrará mais. Ulisses é agora um outro Ulisses, que reencontra outra Penélope. E Ítaca é também uma outra ilha, no mesmo lugar, mas não na mesma data. A viagem no espaço é uma viagem no tempo, e o ponto de chegada, o ponto fixo ansiado, não existe, deixando-nos à deriva. (MATOS, 2009, p.173)

Quem retorna volta ao lugar de onde partiu com o desejo e a sensação de que irá encontrar tudo como deixou. Mas sabemos que nem ele, nem as outras pessoas, nem os lugares são e estão do mesmo jeito. Na verdade, podemos voltar a um lugar de origem ou de partida, um dia. Mas nunca podemos voltar a um tempo. E muitas vezes aquele que retorna a um lugar social e simbólico de onde partiu um dia, deseja na verdade voltar ao mesmo tempo anterior no mesmo lugar. Deseja encontrar "as coisas" e as pessoas, sobretudo as pessoas do círculo mais íntimo, como que paradas no tempo. O cotidiano pode parecer o mesmo em sua rotina, sobretudo em um pequeno lugar como a Barra do Pacuí, mas os tempos mudam, são sempre outros, e no mudar, mudam os espaços, as pessoas e os lugares. Mudam os costumes – e, vimos, os próprios migrantes que retornam são importante agentes de mudanças locais – e mudam com eles as relações sociais, mesmo que não seja perceptível a um primeiro olhar. Muitos dos que retornaram a comunidade da Barra apontaram a facilidade de readaptação ao lugar, mas alguns relataram as dificuldades em re-viver de novo naquele lugar que sempre consideraram como o "seu lugar". Um ao mesmo tempo consolador e decepcionante confronto entre o desejo de retornar e o a realidade da volta.

O viver de volta na comunidade foi anunciado como *"só um questão de tempo"* para acostumar, - "*Eu ainda lembro coisas de lá, como acordar mais tarde no domingo, não ter que ir todo dia à igreja, mas com um mês aqui já tava acostumada de novo, afinal eu sou daqui"* (Rosina, segunda geração). A família e os amigos que vivem no lugar auxiliam na adaptação: "*Aqui é todo mundo amigo e é mesmo parente, quase tudo da mesma família, fica fácil voltar e viver de novo aqui*." (Rosina,segunda geração).

O mesmo tempo que foi referenciado como fator de readaptação é também percebido por outros migrantes como fator de dificuldade no re-encontro com o lugar. Para Tuan (1993, p.198), o tempo e o espaço possuem relações baseadas em três

---

decida a casar de novo. Ulisses anda perdido pelo mar. Acaba por conseguir regressar a Ítaca. Prepara tudo para massacrar os pretendentes, o que faz com a ajuda do seu filho.

abordagens: tempo como movimento, lugar como pausa e a afeição ao lugar como uma função do tempo. Nossa afeição ao lugar acontece em função de percebermos os lugares como conhecidos e temos com eles uma relação de pertencimento.

> Mas "sentir" um lugar leva mais tempo: se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e através dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar. Sentir um lugar é registrado pelos nossos músculos e ossos. [...] Com o tempo nos familiarizamos com o lugar, o que quer dizer que cada vez mais o consideramos conhecido, (TUAN, 1993, p.203, grifos do original).

É na experiência do tempo e no espaço que vamos conhecendo, sentindo e adquirindo familiaridade com os lugares. De acordo com Martins (2009), quem migra vive "num limbo". Ao sair do lugar de origem quem partiu percebe que suas orientações do mundo não são precisas e previsíveis e ao retornar sente que as orientações que adquiriu em outros lugares não são tão desejadas e úteis em seu lugar.

> *Aqui a gente chega, acha tudo esquisito, pouca gente, quase não tem nada diferente para fazer. Nasci em São Romão , passei 40 anos em São Paulo e voltei, foi um choque. E a roça, a casa, a igreja e pronto. Mas depois de um tempo comecei entender que o que no início eu achava ruim é que é o bom. O sossego e também arrumei outra companheira aqui. Pois deixei filhos e a mulher lá, mas já tava separada vivendo em São Paulo,* (Sr. Né, 60 anos,primeira geração)

Percebemos que as dificuldades com o retorno são sentidas por aqueles que ficam maior tempo fora da comunidade, assim como pelos membros da segunda geração de migrantes. O retorno, sabemos já, não significa um voltar a um tempo e um espaço que foi deixado na partida. Assim sendo, o retorno à comunidade precisa ser percebido como um recomeçar em um outro tempo, mesmo que no mesmo lugar. Alguns moradores, entre eles os mais jovens, ao voltarem a viver na comunidade relatam situações de estranhamento e as difíceis diferenças no conviver no cotidiano entre os seus.

> *Só voltando a gente sente a dificuldade de viver aqui. Todo mundo sabe o que cada um faz aqui. O que a gente come com quem a gente sai, quantas cervejas bebeu, se fumou, se dançou. Eu tinha esquecido como era ruim ser vigiado pelos outros, lá na cidade é cada um vivendo sua própria vida. Vou ter que acostumar com isso, mesmo não gostando porque isso não muda aqui, sempre foi assim.* (Maria, 33 anos, segunda geração)

Para Sayad (1998), esse estranhamento com os hábitos e costumes já vividos e do lugar deriva do fato que quem volta viveu em outro lugar uma outra vida, ao retornar

re-experimenta tudo aquilo que foi vivido como algo que de maneira inevitável voltou com quem retorna. “Tendo que viver na terra dos outros, entre eles e com eles, só se pode viver, mais ou menos aberta e profundamente, um pouco à sua maneira”, (SAYAD 1998, p.19).

De acordo com Martins (1975), temos três fases no processo migratório: as necessidades que levam as pessoas a saírem do seu lugar, a transição de um espaço para outro e a assimilação do esquema social e cultural do lugar de destino. Durante essas três fases o sujeito se “dessocializa” nas relações sociais de origem e se “ressocializa” na complexa aprendizagem das novas relações sociais vigentes no lugar de destino e, de um modo ou de outro, impostas tanto a quem “já vive ali” quanto a quem “chega de fora”.

É a duplicidade das duas socializações baseadas em relações sociais distintas que mantém as pessoas entre os constantes ir-e-vir das migrações. “É sempre o outro, o objeto, e não o sujeito. É sempre o que *vai voltar* a ser o que não é, (MARTINS, 1988, p.50).

E é aqui, na comunidade, que irá acontecer o confronto entre a vida vivida ali antes da partida e a vida vivida fora dela. Esses dois modos de vida vão ser interpretados pelo sujeito no retorno e são observados e interpretados pelos outros que não migraram e acolheram o que chegou de volta. Aqueles que, fora algumas raras exceções, irão provocar os surgimentos de novos hábitos e os ressurgimentos de velhos costumes repensados na sua vida cotidiana.

A realidade de precariedade de recursos e de possibilidade de diversidade de alimentos, de atividades de trabalho e de lazer provocam em quem volta o dilema do reconhecer que no lugar de onde saiu e que desejava voltar as pessoas sofreram modificações como ele próprio. É necessário encontrar desejos, sonhos e projetos que sejam acalentados no lugar. De certo modo poderíamos pensar a seguinte contradição. Quem partiu de uma pequena comunidade tradicional em busca de uma cidade grande, com uma vida muito mais complexa e diversificada, fatalmente “volta diferente”. No entanto, ao retornar ao “seu lugar”, deseja que ele esteja tão o mesmo de quando saiu quanto possível.

8.4 A dinâmica das idas e vindas e vidas dos moradores da Barra do Pacuí

Dona Tazinha, 82 anos, chegou em 1976 na comunidade. Ela vivia antes em um outro povoado. Teve 12 filhos e hoje tem seis. Dois filhos morreram pequenos, como ela diz: *criei e cresceram seis.* Dois filhos morreram em São Paulo. O mais velho morava em São Paulo, e com 44 anos sofreu um acidente de trabalho.

> *Era dia de Nossa Senhora Aparecida e ele avisou que não era dia de trabalhar. Mas ai não deixaram, ele foi trabalhar. Caiu de 15 metros de altura do prédio em construção. Quebrou a coluna. Ficou internado dois anos e nove meses em cima da cama de colchão de água. Até que morreu. Deixou quatro filhos e a mulher, já se passou três anos que ele morreu.*

O outro filho de Dona Tazinha faleceu com 40 anos, de acordo com o relato dela ele faleceu de complicações cardíacas.

> *Passou um ano e perdi outro filho em São Paulo. Ele tinha feito em 12 de junho 40 anos e em setembro morreu do coração. Foi o que disseram. Deixou um casal de filhos.*

Hoje ela tem duas filhas vivendo em São Paulo. Na ocasião de nossa visita na comunidade (julho de 2008) uma delas estava a passeio na Barra. Os dois outros filhos moram na comunidade. Dona Tazinha lembra que chegou na Barra chorando por deixar o lugar onde vivia, mas que hoje não quer sair. *"De jeito nenhum quero sair daqui, se eu tiver que ir embora, vou chorando, aqui é meu lugar."*

Seu João é filho de Dona Tazinha e vive hoje com a mãe. Teve cinco filhos. Dois filhos trabalham na Serra do Salitre e a filha trabalha em São Paulo. Os outros dois vivem na Barra.

> *Um dos meus filhos já vive na Serra do Salitre, mas o outro quer voltar aqui para a Barra e viver com a mãe dele. A filha que tá em São Paulo , também que voltar. Ela tem lote aqui e ta pensando em vender o barraco lá e construir e viver aqui.* (Seu João).

Seu Antonio, 73 anos, agricultor e pescador, casou com Dona Antonina e tiveram dois filhos, Terezinha e Manoel. Terezinha casou com Euclides e teve três filhos, e Manuel casou com Luzia e tiveram três filhos, sendo que dois vivem na Barra. Seu Euclides tem 73 anos, aposentado como pescador. Chegou na Barra em 1966.Viveu o ano de 1967 em São Paulo. Foi para trabalhar e retornou um ano depois, e casou-se em 1968 com Dona Terezinha. Tiveram cinco filhos. Três deles vivem na Serra do Salitre. Ele vive na comunidade com três netos, a filha e a esposa.

> *Só sai daqui para trabalhar, já trabalhei em São Paulo , mas não gostei de São Paulo lá é lugar frio e difícil, fui motorista do cometa. Trabalhei na construção, ganhei dinheiro, guardei para mostra meus filhos o dinheiro que ganhei em São Paulo.*

Seu João Bento nasceu e viveu toda a vida na Barra. Nunca saiu para trabalhar em outro lugar. Casou com Isabela e tiveram 5 filhos. Três filhas vivem na comunidade e já possuem suas próprias famílias. Tem um filho morando em Pirapora para trabalhar e estudar. Um outro filho mora em Brasília. Seu João Bento possui cinco irmãos, dois deles vivendo em São Paulo.

Os mais velhos que migraram, retornaram e não pretendem sair. Os mais novos migram e retornam, e as suas expectativas são diferentes. Mas a vontade de continuar no lugar é igual.

> *Me chamo Maria de Jesus, nasci no dia 22 de dezembro de 1976 num povoado perto de Ponto Chique chamado Vargem Grande. Em 1978 teve uma enchente e todos tiveram que procurar um lugar alto. Uns foram pra Ponto Chique e outros para Cachoeira do Manteiga. Meus pais prefeririam ir pra Barra do Pacuí, porque era alto e tinha um amigo de pai lá. Eu tinha dois anos. E em 1979, teve outra enchente mais forte que 78 e muita gente ficou desabrigada. Minha mãe teve 6 filhos em vargem grande e morreram 2. Quando mudamos meu pai trabalhava duro, ele construiu uma casinha onde criou todos os filhos. Minha ame teve mais 4 filhos e morreram dois. Eu com 7 anos já ajudava minha mãe nos afazeres em casa, como pegar lenha, cozinhar, ajudava também a encher um tambor de 200 litros de água, carregando baldes e baldes de água do rio até encher*
> *Minha mãe veio a falecer e eu tinha só 10 anos, ai começou a separação de meus irmãos.*
> *Meu irmão mais velho foi embora para São Paulo, por falta de serviço. Minha Irma mais velha casou e foi morar em uma fazenda perto da cidade de Buritizeiro e levou minha irmã que tinha 02 aninhos e hoje tem 21 anos.*
> *Eu fiquei só com minha irmã que tinha 6 anos e outra irmã que tinha 08 e meu pai. Eu lavava, cozinhava, pegava lenha e ainda apanhava do meu pai, foi duro.*
> *Com 12 anos fui trabalhar no combate, é trabalhar no eucalipto.*
> *Quando completei 14 anos fui pra São Paulo trabalhar, mas pensava muito na minhas irmãs e só chorava. Meu irmão me mandou de volta. Fiquei na roça uns meses e arrumei um emprego em Montes Claros e fiquei por lá 02 anos e 5 meses. Ai vim pra festa de outubro, engravidei,tive uma menina e voltei Casei e voltei e quando minha filha completou 6 meses de nascida passei muito mal e comecei a inchar.*
> *Ai eu vim para o hospital e descobriram que eu tinha problema no coração e doença de Chagas. Meu irmão mandou me buscar e fiquei em São Paulo fazendo um tanto de exames. Em são Paulo eu engravidei e tive que ficar internada para controlar a pressão e o coração porque eu e a criança corríamos riscos.*
> *No dia 05 de maio minha segunda filha nasceu. Tive parada cardíaca e ela também teve que fiar em aparelhos. Comum mês de nascida o pai da minha filha resolveu vim embora pra roça e voltamos. Não estávamos vivendo bem*
> *Quando minha segunda filha completou um ano e oito meses, nós separamos. Eu fui trabalhar em Pirapora e minhas filhas foram ficar na fazenda com minha Irma mais velha. Depois aluguei uma casa e trouxe els*

> *para morar comigo. Morava em Buritizeiro e trabalhava em Pirapora, foram dois anos e foi muito difícil cansativo. Deixei minhas coisas e as meninas na roça com minha Irma e fui trabalhar em Belo Horizonte. Trabalhei três anos e vinha de 6 em 6 meses visitar as meninas.*
> *Não estava agüentando e de saudade e então voltei de novo para roça. Não conseguir serviço e ai arrumei outro serviço em casa de família em Belo Horizonte, voltei só que levei minhas filhas e minha irmã caçula pra cuidar delas. Eu pagava aluguel, trabalhava de carteira assinada e fazia bico pra ajudar no sustento, e estava muito difícil. Fiquei lá 02 anos, ai o problema de saúde agravou e tive que voltar.*
> *Hoje vivo com minhas filhas aqui, na casa que meu pai deixou pra nós, a gente tá estudando, participo das atividades na igreja, estou dando aula de catequese, e vou seguindo a vida com a ajuda de Deus. Elas são doidas pra voltar pra Belo Horizonte,sentem falta de tanta coisa, mas eu não. Nada é fácil, mas a gente vai seguindo, igual água de rio, tem vez que mais forte, tem que vez que mais fraquinha, mas é isso, a vida vai levando, sair daqui? Pra que? Pra viver tudo mais difícil? Não melhor no canto da gente.* (Maria de Jesus, 33 anos, Depoimento a Andréa M. N. R.de Paula, em dezembro de 2007)

8.5 Travessiando

Afirmamos que o processo migratório que ocorreu e ainda ocorre na Barra constituiu um ato provisório e a intenção do retorno foi e é condição para a concretização deste ato. Na Barra do Pacuí caracterizamos uma migração temporária, baseada na concepção de migração temporária de José Souza Martins (1988). Entendemos, junto com o autor, que a migração temporária concentra duas funções contraditórias: de um lado quem sai da comunidade para trabalhar vai para ganhar algum dinheiro que auxilie na continuação da condição pessoal e familiar de camponês. E, de outro lado, os trabalhos que conseguem como trabalhadores temporários "[...] não dispendem todo o capital necessário para a reprodução como trabalhador para o capital. É verdade que o salário recria, no operário, o camponês; que por sua vez recria o operário," (p.53).

Na Barra é visível essa situação. A saída dos trabalhadores provoca a diminuição dos cultivos e da colheita agrícola das famílias, assim como o ingresso de crianças e mulheres nas lavouras. Quem se ausenta em períodos agrícolas sabe que a sua lavoura ficará comprometida. O capital oriundo dos trabalhos que realizam fora da comunidade é insuficiente para prover a família durante todo o ano. Portanto torna-se necessária uma outra migração, ou um ano de bom plantio e uma farta e proveitosa colheita agrícola.

Vemos acontecer na Barra não um trânsito de um lugar para outro, mas uma transição de um tempo para outro e de uma sociedade para outra. As pessoas que saíram e retornaram são outros, como também são outros os que ficaram e o lugar que encontram ao retornar. Concordamos com Martins (1988) que é a concepção de ausência e não a duração da migração o que define o migrante temporário. A migração temporária é definida pelas experiências diversas vividas e diferencialmente internalizadas pelas gerações de uma mesma realidade. Quem sai deixa seu ambiente cultural e vai confrontar com outro ambiente que muitas vezes é imposto. Entre o sair e o chegar ocorre um processo duplo que vai das ilusões dos emigrantes ao sofrimento do imigrante que atravessa a fronteira do instituído e do incógnito. "O deslocamento no espaço produz a ilusão da mudança, mas é no *tempo* que tudo muda". (MATOS, 2009, p.174, grifos do original)

O movimento para sair exige a aquisição de novos conhecimentos e da reformulação da própria identidade. O movimento de ficar exige formas e estratégias pessoais e coletivas de resistência. Percebemos a existência de múltiplas lógicas no espaço da comunidade. Quem voltou da migração traz no corpo e na alma impressões do vivido e do moderno. A fala, a vestimenta, o corte e cor do cabelo, os aparelhos de som e os óculos escuros são símbolos de uma falsa e ilusória modernidade que invade a comunidade. Símbolos que muitas vezes escondem a frustração do vivido e o desejo de, ao retornar, mostrar que algo novo foi conquistado "fora" veio com quem volta. Quem fica a esperar, ao re-encontrar quem saiu deseja que as mudanças sejam apenas aparentes.

São os mais jovens e os mais antigos do lugar os que vivenciam o confronto entre as novidades trazidas por quem chegou e as tradições e práticas de quem ficou. As modificações e permanências atravessam o cotidiano das famílias e são visíveis nos vínculos mais tradicionais ligados à vida cotidiana do lugar: a terra e o trabalho, a sobrevivência e a família. Vinculações que definem identidades.

Percebemos que as pessoas que vivem na Barra possuem uma identidade com uma estruturação apoiada sobre uma apropriação simbólica e material com e no território. Um território identificado pelos sentidos das pessoas que o compõem e o fazem através das práticas no cotidiano.

A terra é o lugar de produção e reprodução da vida e, mesmo quando os camponeses migram, é a terra o símbolo da manifestação do tempo passado - pois é na terra da comunidade que estão enterrados os mortos das famílias- manifestação do tempo presente - é na terra que estão as plantações dos alimentos que são consumidos pela família. – Manifestação e desejo do tempo imaginário. É na terra que concentram os sonhos e devaneios que movem as pessoas e fazem germinar os sinais de esperança em se perpetuar uma identidade e uma vida rural. *"Quando tava longe daqui eu lembrava que podia voltar e plantar para comer, isso é o conforto da gente para ficar e agüentar e também para voltar."* (Seu José).

São a terra e o rio os elementos que unem homem e lugar. Mesmo não possuindo os direitos legais da terra os camponeses sentem aquele pedaço de terra e aquela beira de rio como o lugar da memória, do já acontecido, do tempo presente, o mundo vivido e, na imaginação e expectativa, dos sonhos e o devir.

∞

NONA TRAVESSIA
Travessia no sertão roseano:partir, chegar, viver e voltar.
Uma aventura geo-antropológica pelos caminhos de alguns escritos de João Guimarães Rosa.

> Íamos por um plano de varjas; lua lá vinha. Alimpo de lua. Vizinhança do sertão – esse Alto-Norte brabo começava. – Estes rios têm de correr bem! – eu de mim dei. Sertão é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo. Dia de lua. O luar que põe a noite inchada. (JGROSA, 1986, p.134)

9.1 Fazer uma travessia no percurso roseano.

Sete de julho de 2005.[130] Estamos em Cordisburgo, cidade onde nasceu João Guimarães Rosa. Somos 25 pessoas, maioria estudantes da Universidade Federal de Uberlândia da pós-graduação em Geografia. Faz frio, mas a expectativa é calorosa. Viemos participar da XVIIª Semana Roseana. Saímos de Pirapora e iremos percorrer alguns dos lugares que fazem parte dos enredos da obra Roseana: Cordisburgo, Morro da Garça, Três Marias, distrito de Andrequiçé, Buritizeiro, distrito de Paredão de Minas, Pirapora, Barra do Guaicuí, distrito de Várzea da Palma.

Oito de julho de 2005. Nossa primeira atividade é intitulada no programa oficial da semana como "Nos sertões de Rosa", e vamos assistir no auditório as falas de Heinz Dieter Heidemann, professor de Geografia da USP (Universidade de São Paulo), de Dona Antonieta Vargas, (esposa do Juvenal, o "Jove" do Recado do Morro) que esteve com João Guimarães Rosa na sua última pousada na viagem de 1952, na fazenda Paulista e Brasinha - João Osvaldo dos Santos - criador e diretor das "caminhadas eco-literárias" durante a semana Roseana.

Quando chegamos ao auditório já estava lotado e nos chamou a atenção a quantidade de adolescentes e jovens. Observamos que o encontro já havia começado. Um senhor estava declamando, narrando o conto "A terceira margem do rio". Sensível e com uma voz firme e pausada todos ficaram emocionados e ele é aplaudido de pé. Nesse momento agradeço por sermos sensíveis.

---

[130] Utilizo aqui anotações do meu caderno de campo.

Começa a fala de Dieter, professor de Geografia. Ele faz um relato da importância da Boiada, da viagem de João Guimarães Rosa em 1952 pelo sertão mineiro. Narra a experiência de refazer o caminho agora em 2005 com os contadores de história do Morro da Garça e com alunos da Geografia da USP. Duas observações importantes na fala do professor:

1- A importância dos detalhes e da Geografia descritos nas cadernetas de JGROSA. Diz ele: "*As referências são muitas entre as cadernetas, os contos e sua obra. As pessoas descritas nas anotações das cadernetas deixam a desconfiança de serem "personagentes" de João G. Rosa."*

2- O significado da travessia que não é só o deslocamento entre duas localidades. Não é só um caminho medido pelos quilômetros. Significa algo a que mais do que atravessar e transformar cenários, espaços, lugares e paisagens, transforma a vida. Travessia é, portanto, uma viagem que transforma pessoas, transformando através delas as paisagens e os lugares. Diz Dieter; *"A viagem de 1952 foi uma travessia para João Guimarães Rosa enquanto para Manuelzão poderia ter sido um ato do cotidiano."*

Dieter apresenta e passa o microfone para Dona Antonieta, que declama um poema para Brasinha como forma de agradecimento pelo convite em estar naquela mesa falando dos sertões de Rosa. Ela é sensível, alegre e emotiva. Com palavras e frases simples vai narrando como foi o encontro na fazenda paulista com o João Rosa, como Manuelzão gostava de chamá-lo. A fazenda é retratada no conto "O Recado do Morro". Dona Antonieta conta que o moço de "fora" que ela recebia trazia a ela uma preocupação, pois não o conhecia e nem sabia de quem ele era filho. Ele chegou junto com outros vaqueiros, entre eles Manuelzão.

Almoçaram e pernoitaram na fazenda. João Guimarães Rosa tratou ali mesmo de um doente, um funcionário da fazenda, e falou sobre a doença que ele tinha, dando informações sobre como acabar com ela. Dona Antonieta fica emocionada ao lembrar o seu marido já falecido, Seu Juvenal. Ela volta para a narrativa das suas lembranças. As comidas, as pessoas que freqüentavam sua fazenda, a alegria de viver na fazenda. Conta que ao ir embora e ao se despedir dela Guimarães Rosa disse que ela era bonita. Ela ri encabulada e ao mesmo tempo satisfeita. Termina a sua narrativa e começa as perguntas do público para ela. *"O que João Guimarães Rosa comeu?" Qual a roupa que ele*

usava? Neste momento fico confusa, pois parecia um interrogatório. Dona Antonieta responde a todos.

Começa a fala de Brasinha. Ele relata e descreve lugares que passaram a comitiva e JGROSA. Expõe que todos os lugares citados na obra existem e que Dona Antonieta é uma das poucas pessoas que estiveram com João Guimarães Rosa na viagem de 1952 que ainda está viva. Desafio imenso entender e refletir o que foi vivido, como é contado no presente por quem viveu, e como o outro e a outra pensam e interpretam tudo isso. Memória? Relembramento? Lembrança? Não sei responder. É como diz o próprio autor: "regra do mundo é muito dividida", (JGROSA,1986, p.52).

Continuam as atividades e no palco do auditório uma senhora declama o poema de Carlos Drummond de Andrade dedicado a João Guimarães Rosa. O final do poema diz: "*Ficamos sem saber o que era João e se João existiu de se pegar*". Logo depois começa uma encenação apresentada por adolescentes do Colégio Marista Dom Silvério de Belo Horizonte sobre "as mulheres de Rosa". Uma encenação simples, bonita, e que deixou em mim uma impressão de "alegoria" do sertão. Será preconceito de sertaneja? Na encenação são utilizadas personagens femininas de várias obras: Maria Mutema e Diadorim do *Grande sertão: veredas*, a menina de lá, do livro *Primeiras estórias,* a mãe de *Miguilim*, a Menina do laço verde do livro *Ave Palavra*. Revejo tudo o que havia pensado e fico feliz em perceber que as crianças e os adolescentes estão conhecendo outras Minas, outros Gerais através de Guimarães Rosa.

Saímos do auditório e vamos para a praça, pois é hora de começar a sentir não só o lugar do Rosa, mas também o lugar em que hoje vivem tantos outros sertanejos e sertanejas. Josino Medina que está conosco começa a cantar na praça. O Sr. Valdomiro, pai de Josino, também está conosco. Ele usa chapéu de palha e se comunica entre largos gestos, falas, canções e toques que retratam o homem do sertão de dentro. Fazemos uma roda, uma ciranda. As pessoas se aproximam e tudo vira uma grande roda. Água de coco, música boa e, de repente, o barulho do trem. Lembro a minha infância. Recordo uma viagem que fiz de Pirapora a Belo Horizonte com minha avó. O trem chega e não é um trem de passageiros, mas é o trem. O barulho, a estação, são momentos de *vivamento*.

Já é tarde, tenho comigo a impressão de ter vivido dias em uma manhã. Depois do almoço vamos assistir filmes sobre a obra de Guimarães Rosa. Tantas atividades e no domingo viveremos uma caminhada literária indo até a gruta de Maquiné. Muitas emoções, sensações. Enfim fazemos uma travessia; afinal *existe é o homem humano*. É o começo da nossa viagem...

Quatorze de julho de 2005. Às oito da manhã o ônibus da universidade segue para Uberlândia, ficam lembranças, saudades, aprendizados, incertezas e a firmeza de saber que o sertão é do tamanho do mundo; está dentro da gente e por toda a parte. Fizemos um bom trabalho de campo, estivemos em debates com pesquisadores e a população local; estivemos em veredas; visitamos lugares, museus, distritos, comunidades, chapadas, rios, riachos.

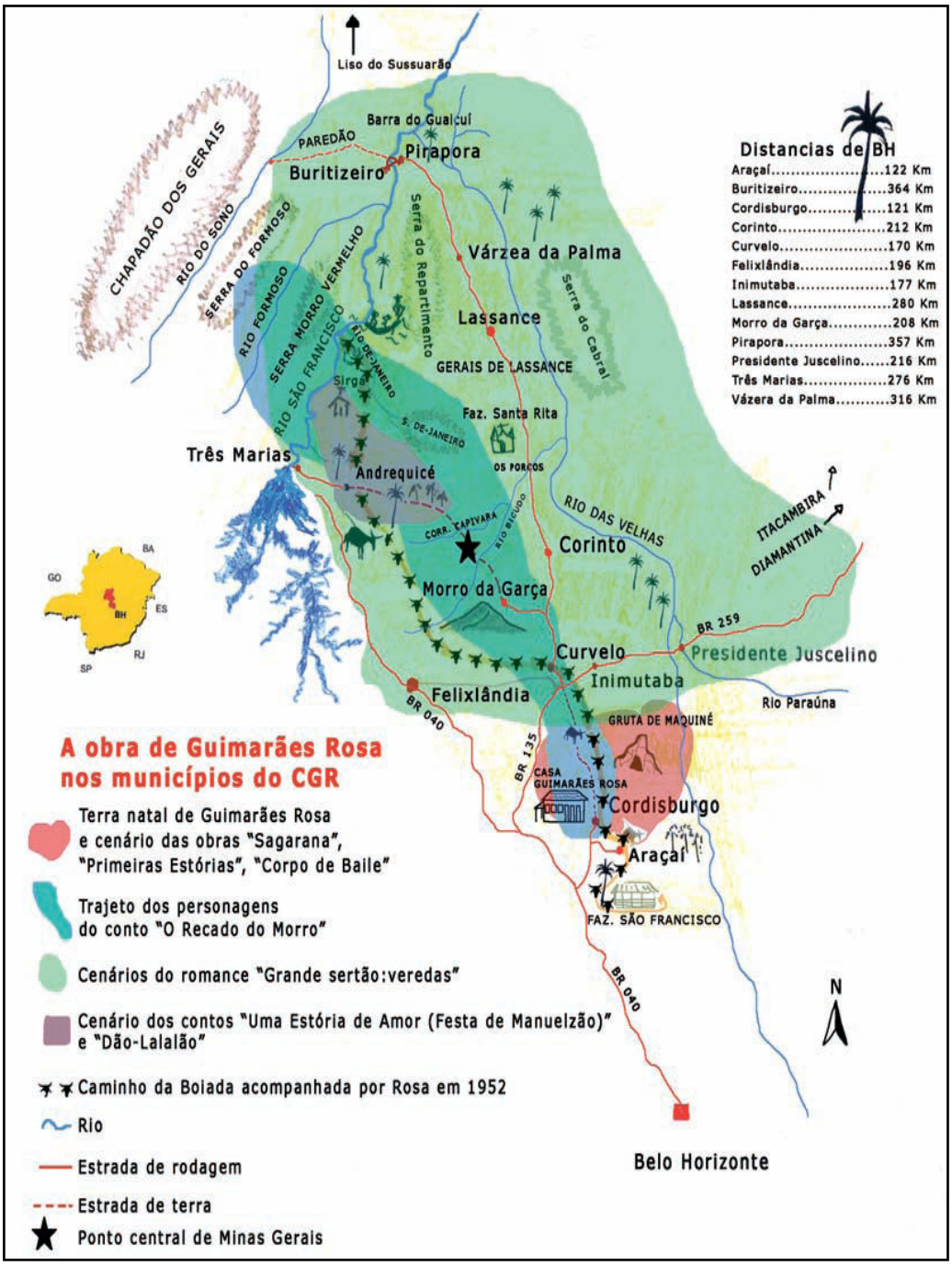
Em todas as cidades que estivemos é visível a devastação do sertão, por efeito da ação da "modernidade" das atividades agroindustriais. As comunidades e distritos que visitamos denunciam que não há mais lugar nem para as pessoas nem para os bichos no rural sertanejo. *"Hoje eu olho em volta e fico com medo. Até bicho não tem mais. Tudo corre da roça. Resta a gente, cada vez tem menos gente. Mas eu fico pensando, até quando*?" nos conta uma senhora no campo em Buritizeiro.

Vimos, ouvimos e registramos os lamentos de tristeza nos relatos dos pesquisadores, dos poetas, dos músicos, dos professores, estudantes, artistas diversos, moradores da área urbana e da área rural. Em Andrequicé, distrito de Três Marias, estivemos com Dona Didi, viúva de Manuelzão. Ela não falou conosco, pois segundo sua neta Adriana, ela ficou "*confusa e sem memória*" desde o dia em que mudou de casa. A casa onde ela morou com Manuelzão durante anos e anos, virou museu. Foi construída uma nova casa para abrigá-la. Mas com a mudança ficou a memória e o que restou da vida dela.

O processo de modernidade na região aumentou a possibilidade do homem dispor tecnicamente da natureza e alcançar novos resultados. Um processo de exaustão de pessoas e de expropriação da natureza. Um acontecer em que os povos do cerrado Norte-mineiro continuam sendo cada vez mais excluídos.

São pais e filhos que vendem sua força de trabalho nas carvoarias. Explorados entre árduos dias e horas intermináveis de atividades, trabalham sem cessar, queimando o corpo junto aos fornos e aspirando o pó de carvão que lhes polui e destrói os pulmões. São famílias que migram para outras regiões e retornam uma única vez em anos aos seus lares e famílias. São famílias de trabalhadores rurais, bóias-frias que saem para o trabalho no cultivo da uva, o produto de exportação da região, às quatro horas da manhã e retornam às sete horas da noite, cansados da lida com a terra, do sol escaldante que marca no rosto a vida dura no cerrado; doentes de conviver com agrotóxicos que deixam manchas no pulmão e tornam menor a expectativa de vida. Excluídos da modernização agrícola, a maioria dos sertanejos ainda encontra forças para rogar a Deus por dias melhores.

Mas tivemos também demonstrações de um cerrado vivo e em pé, como nos disse Arlete, moradora de Buritizeiro e integrante do *Movimento Graal de Mulheres* naquela cidade. São muitas as alternativas: extração dos frutos do cerrado, comunidades que vivem da agricultura camponesa, artesanato, pescadores de beira rio, enfim, vastidão de pessoas que vivem e fazem o sertão. Vimos alternativas públicas de sustentabilidade através do turismo, desde a casa de cultura nas cidades que envolvem os moradores e resgata jovens, adolescentes e crianças para as narrativas do sertão na literatura Roseana. Conhecemos o *Circuito João Guimarães Rosa* de turismo. Um circuito que envolve as cidades e os locais que foram os cenários para as obras do escritor, e é descrito aqui no mapa 6. Lugares e populações se misturam e partilham com pesquisadores e estudantes dos mais diversos espaços do Brasil e do mundo, na esperança da resistência em fazer o sertão vivo e altivo.



Mapa 6. **Obra de Guimarães Rosa nos municípios do "Circuito Turístico Guimarães Rosa**"
FONTE: Marily da Cunha Bezerra e Dieter Heidemann (2006)

9.2- Travessia rosena: partir, chegar, viver e voltar

A boiada, a viagem pelos sertões em 1952
"A SAÍDA"

E 26 "II" p.21.datilografado
(19/V/52)

Foi uma apropriada manhã,clara e cheia de gente, em transparência, de teatro de ar. Ofuscava. E armou-se a Sirga, desde cedo o alvoroço tranqüilo. (a gente ria, falava.) Surpreendente a quantidade acorrida de povo, o pessoal de ajuda, para tocar o gado até a serra. Vaqueiros, roceiros, mulheres, meninos, bichos e pessoas, via-se que davam importância de festa às últimas horas, prezavam como especial acontecimento a saída da boiada – a ex-ir, à valedição, à ampla viagem.

Tornava-se custoso poder assistir a tudo feito num conjunto, ajuntar numa corra-de-olhos os pedaços do espetáculo, os detalhes daquela continuidade quente, ruidosa. Tentar isso era o que emprestava uma pululação feérica e estranha aos sucessivos instantes, em que algo de muito grande se fragmentava. Desconheci a sirga dos dias antes. De alto a alto, um enxame de sol. Roda-a-roda, o lugar se servia como inteira paisagem. Era uma composição. Através da luz, ao norte, o horizonte sinuoso, a oeste, as encostas tapando a extensão São Francisco, a leste, só, a camoniana claridade ecoa, ao sul o arrompado imenso, o morro, contra o qual íamos. E o mundo todo era um vácuo.

Entrementes, o oó, o alvoroço, a sucessão de movimentos humanos, boa alegria. Acabavam de arrear a mula ruã – absurdamente chamada Balalaika – em que eu ia cavaleirar. Alguém, prestimosamente, ajudou-me a prender (atar) a capa, na capoteira. Perto, outro, com o tesourão, aparava a crina de seu cavalo. Outros cuidavam dos burros cargueiros, de arreatar: isto é, de atar com muitas voltas as cangalhas.

Na hora de carregarem os caixotes no burro Canário, esse resistia. Não seria o peso demais?

- "Adonde!" A carga comum de um muar, em Minas, regula entre 7 e 8 arrobas; e ali só estariam umas 5. Outro campeiro explicava:

... "E ele amaneira o passo dele nos baques, nas descidas..."

O burro de carga. Mas, diz-me o Quin, com cordial ironia:

- "Dr. João, se essa (na hora em que essa) armadilha rolar toda no chão, que escrita bonita que o sr. vai fazer, hein?"

Vim espiar ainda os currais, onde se prendia a boiada formidável. Curral cheio: os bois ali, nas relações. Como esperavam. Os chifres em conformidade.

Tinham estado quase três dias em jejum,meio de quebrantá-los.Iamos sair com a "boiada jejuada". tudo pronto, às 10 hs e 30', de repente foi a própria saída.

A largada.
Montei. Escutei o avozeamento. O berrnte tocou. Tres dos vaqueiros, a cavalo, tinham ainda achado jeito de entrar no curral.Um deles, Santana, conta cá fora, Manoelzão determina.Abriram a porteira – mestra. O gado saiu mugindo. Mugem os ainda dentro. Assim mugientes: meuh...moooe... com o berrante.
Tudo e faz rápido, e extenso demais, para se abarcar com os sentidos. Aqui nós ainda na sofralda da serra, e já o gado alem, fazendo cortejo, em avivamento, de andada, versus o bastiao montanhoso. A boiada se derrama para cima. Muito lá cima, já altíssimo na escalada, Zito ponteava,

> *soprando sua enorme inúbia. O berrante é -: u-hum-u-hum... Noutro ponto, Manoelzaão es era, táctivo, muito almirante. Aquilo era de atontat os olhos." Fim da pág 22.* (Anotaçoes das Cadernetas de JGROSA, IEB-USP, trascritos por Andréa Borghi, 1993,mimeo)

Ao contrário de outros autores de antes de seu tempo e de agora, João Guimarães Rosa é um errante escritor de errâncias. Errâncias que são narradas nas travessias feitas e refeitas nos territórios de nonadas, mutuns, chapadas, águas de corguinhos e rios largos, assim como entre distância dos imaginários de seus personagens e na mobilidade entre o ambiente e suas gentes. Errância feita na travessia movente na reinvenção do uno e do diverso. Movimentos do ser e estar entre chegar, viver, partir e voltar. "*O sertão esta em toda parte", "o sertão é dentro da gente", "o sertão é do tamanho do mundo*"... A errância da condição humana.

Ao representar o espaço do mundo dos sertões e ao torná-lo mais um quase-personagem através de quem tudo acontece, do que apenas um cenário onde os seres humanos regem o acontecer dos fatos e das coisas, a literatura de João Guimarães Rosa propõe uma cartografia espacial com nomes de lugares, com coordenadas geográficas precisas e identificadas, acompanhadas pelos causos e prosas dos habitantes do rural sertanejo. Para o autor, falar no sertão mineiro significava retraçar espaços de sua vida entre os personagens que criou e com quem conviveu em sua infância vivida em Cordisburgo.

O espaço representado na obra de Guimarães Rosa evoca percepções e sensações de territórios imensos, mas também de detalhes de cenários e de lugares geográficos que, entre suas muitas semelhanças e suas inúmeras diferenças refletem o sertão em toda *a parte*, entre o real e o simbólico que constroem uma geografia sertaneja com *o sertão dentro da gente* onde a profundidade dialética transforma *o sertão do tamanho do mundo* materializado no Norte de Minas Gerais, onde populações autóctones ainda existem, vivem, trabalham e percorrem suas pequenas ou grandes errâncias de todos os dias, ou de toda uma vida, em e entre comunidades rurais de beira rio e sertão, que desenham e redesenham as cenas dos modos de vida da gente sertaneja.

9.2.1 As representações do sertão em João Guimarães Rosa.

A representação do sertão através da literatura de João Guimarães Rosa absorve uma realidade sertaneja feita e re-feita através da experiência de seus habitantes, na projeção dos usos do lugar e da transformação do espaço em lugar. A palavra *sertão* pode representar a realidade social, a realidade política, a dimensão folclórica, e até mesmo uma dimensão psicológica conectada com o subconsciente humano. Pode, e com freqüência, estender-se a uma dimensão metafísica, apontando para as características do acontecer da existência do homem no mundo, sua solidão, seu viver nos intervalos (travessia) entre o nascer e o morrer. E, ainda, a dimensão geográfica em que se desdobram os seres e os nomes de rios, grutas, árvores, fazendas, cidades e pequenos povoados, apontando para a dimensão dos lugares e espaços na vida dos personagens.

> Quem viaja de automóvel pela estrada que vai do Distrito Federal até a à cidade de belo Horizonte, constata, não só clima físico e emocional das estórias de Guimarães Rosa, como os próprios nomes de lugares usados por ele na concepção de seus enredos. É natural. Aquela estrada corta em sentido diagonal descendente, do noroeste para o sudeste, o território do sertão. (VIGGIANO, 1974, p.4)

Willi Bolle (2004) expressando a fala do personagem narrador Riobaldo Tatarana no romance Grande sertão: veredas, diz que o "*Sertão é dentro da gente*", evidencia que "o sertão não é somente uma referência geográfica externa, mas igualmente um espaço interior, simbólico (...) (BOLLE 2004, p. 314). Sena (1998) corrobora essa assertiva ao instigar: "O sertão é, simultaneamente, singular e plural, é um e é muitos, é geral e especifico, é um lugar e um tempo, um modo de ser e um modo de viver". Para Monteiro (2006) firma-se aqui o vínculo indissolúvel entre o'real' e o 'mítico' na geografia do sertão" (MONTEIRO, 2006, p.06). De acordo com Bezerra e Heidemann (2006), as dimensões do sertão roseano são ainda mais polemizadas: "[...] a paisagem é dentro de nós, enquadrada por nosso olhar particular, por nossa memória individual, por mais coletiva que possa ser" (BEZERRA; HEIDEMANN, 2006, p. 03). Para o escritor moçambicano Mia Couto: "o sertão de Rosa é a própria travessia [...]" (COUTO, 2005, p.109).

A obra do escritor retrata e representa para nós uma interpretação sócio-geográfica da relação homem e ambiente, através de símbolos, sentidos que criam, reformulam e mantém suas identidades. Uma construção da realidade que mostra o

espaço da paisagem humana como migrante, e onde os leitores migram também, entre os mais diversos lugares do “aqui”, “ali”, “acolá”, para representar o espaço que então deixa de ser o rural do sertão do Norte de Minas Gerais e passa a ser o “o sertão do tamanho do mundo”. Um “mundo movente”, entre tradições e modificações, no tempo que se vive das lembranças e recordações e da expectativa do que virá. Podemos lembrar, uma vez ainda, que em JGROSA cenários, cenas e seres quase se misturam tal a maneira como interagem. O sertão, um rio, um caminho, uma estrada algumas vezes não compõem a oposição entre cenário, cena e personagem, mas quase se fundem em uma mesma realidade ambiente-cultura, natureza-sociedade, onde que o sertão que tudo e todos abarca, em diferentes passagens é um ser-cenário ativo que não raro domina e define os próprios personagens humanos, sobretudo em Grande sertão: veredas.

Modifica-se a representação do espaço e o espaço da representação. O espaço que era somente uma região geopolítica do Norte de Minas, torna-se sertão dos Gerais, representando o sertão mineiro, que vai se transformar e transmutar em espaço Roseano. É então quando o sertão perde a representação de identidade e pertencimento regional para perpassar a subjetividade e os conflitos humanos globais. Tornando uma representação local em um espaço de representação translocal, onde os sentidos, os saberes e os valores são também transmutados.

Consideramos que a categoria sertão na literatura Roseana remete a múltiplos sentidos que são percebidos no plano do vivido, nas relações sociais que foram e são representadas, assim como na apropriação natural e simbólica do ambiente. O sertão é, desta forma: lugar e território. Os seus sentidos não se enquadram em singularidades, mas em uma multifacetada multiplicidade de representações que, por sua vez, vão gestar a diversidade de interpretações. A identidade cultural atribui sentido ao território. A vivência e experiência produzem um sentido de/para/ao lugar, entretecidas por ambivalências e por uma pluralidade de vivências e seus diversos olhares.

9.3 Mundo rural roseano

João Guimarães Rosa viveu boa parte de sua vida no bairro de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro. Viveu outra parte significativa de sua vida fora do Brasil,

como diplomata. Este homem que desde a sua viagem de 1952 raramente retornou ao sertão natal, ignorava como escritor o mundo urbano, bem ao contrário de outros mineiros que, tal como ele, foram viver no Rio de Janeiro e habitar Copacabana, e que em pouco tempo passaram a ser cronistas mineiros do Rio de Janeiro. Assim, sem queremos fazer um outro jogo de palavras, poderíamos dizer que enquanto mineiros como "Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Pedro Nava, foram escritores mineiros *do* Rio de Janeiro, Guimarães Rosa foi um escritor sertanejo *no* Rio de Janeiro." Tanto assim que nas primeiras páginas de seu grande romance, o rio de Janeiro de que fala é um bem outro. É o "de Janeiro", o afluente do São Francisco onde o menino Riobaldo (rio-baldo) conhece o menino Reinaldo. Poucos de seus vários escritos são passados em alguma média ou grande cidade. Seus mundos iam dos sertões sem fim a uma casa perdida nos seus ermos, a uma grande fazenda, a um povoado, a uma cidadezinha. Na cidades de Montes Claros, Tres Marias ou mesmo em Pirapora os seus personagens estão de passagem, ou se sentem migrantes "fora do lugar".

Os cenários da natureza em João Guimarães Rosa são sempre o ambiente do local e não do global. Percebemos que a casa, o espaço do viver é sempre delimitado e permeado de cores, sensações, cheiros e sabores que fazem a vida num concreto e definido "aqui". E em quase todas as *estórias* e histórias, quase tudo acontece entre personagens que estão em algum lugar, que saem de algum lugar e que chegam a algum lugar. O ambiente é princípio estruturador dos contos, novelas e do romance. Ambiente caracterizado pelas paisagens naturais e culturais e do modo de vida rural.

Mundos de João Guimarães Rosa onde a vida acontece na perceptiva do ser que faz seus enredos nas historias e *estórias* do mundo da vida que se passa no mundo do sertão, dos sertões e das *opiniães.* "Pão ou pães é uma questão de opiniães". Entre cenários de sertão e roça os personagens muitas vezes, quase como se outros personagens fossem, interagem entre atores "ficantes" (quase sempre mulheres) e "errantes" (quase sempre homens). E do começo ao final de seus contos, novela e romance, tudo se passa entre momentos de: chegar a, estar em, partir de, voltar a. Ou, num quase contrários que acaba sendo a mesma coisa, tudo se passa entre: partir de, errar por, chegar a, viver ali, partir dali, voltar a.

Estórias e histórias narradas por personagens sertanejos que contam seus causos e prosas no viver cotidiano, ao participarem do amanhecer, da conversa no entremeio das refeições, das prosas no espaço do trabalho, das decisões das atividades do fazer o dia, da descrição das árvores, flores, plantas e bichos do lugar. O dia-a-dia é vivido intensamente entre suas *formas e conteúdos* que fazem o cenário sertanejo.

9.3.1 Cenários de sertão:

Retomemos a idéia de que o sertão é a cena e o cenário que possibilita a percepção de como o sertanejo o habita, vive, modifica a paisagem, na mesma medida em que por ela é modificado simultaneamente. O sertanejo representa as suas experiências num sertão que é transformado de espaço em lugar pela ativa presença de um pertencimento que envolve suas populações nativas com os ambientes. O cenário é a paisagem que revela o que é possível de ser visualizado e demonstra as dimensões do que pode existir e existe além do visível.

Chegar a - Estranhar o novo, reconhecer o vivido, o repetido, o possível, o inesperado. São tempos, datas, locais, espaços. Chegar é estar em lugar pequeno, delimitado, existencialmente e geograficamente, entre as cores da natureza e as sensações das pessoas do lugar.

> NO MAIS, mesmo, da mesmice, sempre vem a novidade. (Início do conto Luas-de-mel, 2006, p.96, grifos do original)
>
> Na manhã de um dia em que brumava e chuviscava, parecia não acontecer coisa nenhuma. Estava-se perto do fogo familiar, na cozinha, aberta, de alpendre, atrás da pequena casa. No campo, é bom; é assim. (p.104)
> (Início do conto Partida do audaz navegante, 2006, p.104)

No conto "Saparalha" do livro Sagarana, quem chega é a doença, a malária o Sarapalha: A malária vem do Rio São Francisco. E é a malária quem viaja, é a doença. Logo na continuação do conto o povo é que vai embora e ficam apenas os dois primos. É a doença que se instala no arraial e leva para longe as pessoas.

> TAPERA DE ARRAIAL. Ali, na beira do rio Pará, deixaram largado um povoado inteiro: casas, sobradinho, capela; três vendinhas, o chalé e o cemitério; e a rua, sozinha e comprida, que agora nem mais é uma estrada, de tanto que o mato a entupiu.
>
> Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para o arroz. E o lugar já esteve nos mapas, muito antes da malária chegar.
> Ela veio de longe, do São Francisco. Um dia, tomou caminho, entrou na boca aberta do Pará, e pegou a subir. Cada ano avançava um punhado de léguas, mais perto, mais perto, pertinho, fazendo medo no povo, porque era sezão da brava – da "tremedeira que não desamontava"- matando muita gente. Talvez que até aqui ela não chegue... Deus há de... [...]
> Mas chegou; não dilatou para vir. E foi um ano de tristezas. (JGROSA, 1984, p.133).

Estar em - Viver em lugares de vida e trabalho, percorrer espaços entre natureza e sociedade no universo do fazer cotidiano. Denominações de homens, mulheres, crianças, situações, lugares, entremeios. Percorremos com animais, árvores, plantas, trilhas, serras, chapadas e veredas o correr da duração do tempo de um dia, o viver do tempo e do espaço de uma vida toda, o encontro de bois e de homens que são decisivos para a continuidade do viver sertanejo.

> - Ora, vista. A gente fabulando - o vivendo. Será que alguém, em estudo, já escarafunchou o roda-rodar de toda a gente, nesse meu mundo?Assim - será acima ou rio abaixo - os porquês. Atrás de torto, o desentortado. Adiante. Todo lugar é igual a outro lugar; todo o tempo é o tempo. Aí: as coisas acontecidas, não começam, não acabam. Nem. Senhores! Assim, num povoado... (meio do conto: A estória do homem do Pinguelo, 2006, p.158)
>
> Foi no meio duma noite, indo para a madrugada, todos estavam dormindo. Mas cada um sentiu, de repente, no coração, o estalo do silenciozinho que ele fez, a pontuda falta da toada, do barulhinho. Acordaram, se falaram. Até as crianças. Até os cachorros latiram. Aí,todos se levantaram,caçaram o quintal, saíram com luz, para espiar o que não havia. Foram pela porta-da-cozinha. Manuelzão adiante, os cachorros sempre latindo. – "Ele perdeu o chio..." Triste duma certeza: cada vez mais fundo, mais longe nos silêncios, ele tinha ido s'embora, o riachinho de todos. Chegado na beirada, Manuelzão entrou, ainda molhou os pés, no fresco lameal. Manuelzão, segurando a tocha de cera de carnaúba, o peito batendo com um estranhado diferente, ele se debruçou e esclareceu. Ainda viu o derradeiro fiapo d'agua escorrer,estilar,cair degrau de altura de palmo a derradeira gota, o bilbo. E o que a tocha na mão de Manuelzão mais alumiou: que todos tremiam mágoa nos olhos. Ainda esperaram ali sem sensatez; por fim se avistou no céu a estrela-d'alva. O riacho soluço se estancara, sem resto e talvez para sempre. Secara-se a lagrimal, sua boquinha serrana. Era como se um menino sozinho tivesse morrido. (Novela Uma Festa de Amor- Manuelzão, 1984, p.p.155-156).

No conto "Minha Gente", é a estória de um primo que vai de visita à fazenda de um tio. E se apaixona pela prima. Então todo o conto é a tentativa desse primo urbano, intelectual e universitário conquistar a prima: a Maria Irma. Alguém que vem e

que vai ficar. Alguém que muda a sua vida e de tantas outras vidas, para estar no sertão. São errâncias que se tornam ficâncias. Que começa assim:

> QUANDO VIM, NESSA VIAGEM, ficar uns tempos na fazenda do meu tio Emílio, não era a primeira vez. Já sabia que das moitas de beira de estrada trafegam para a roupa da gente umas bolas de centenas de carrapatinhos, de dispersão rápida, picadas milmaldidas e difícil catação; que a fruta mal madura da cagaiteira, comida com sol quente, tonteia como cachaça; que não valia a pena pedir e nem querer tomar beijos às primas; que uma cilha bem apertada poupa dissabor na caminhada; que parar à sombra da aroeirinha é ficar com o corpo empipocado de coceira vermelha; que, quando um cavalo começa a parecer mais comprido, é que o arreio está saindo para trás, com o respectivo cavaleiro; e, assim, longe outras coisas. Mas muitas mais outras eu ainda tinha que aprender. (JGROSA, 1984, p.191.

Partir de – o acontecer da vida, no percorrer caminhos na esperança e na vontade da experiência do partir e voltar e retornar, do partir-voltar e ficar, do partir sem ir e do partir e não mais voltar. Às vezes as mobilidades acontecem seguidamente, em outras, temos uma migração de uma única vez que muda a vida e o ambiente, em outros momentos a partida se transforma em chegada.

> Ir para onde?...Não importa, para a frente é que a gente vai!...Mas, depois. Agora é sentar nas folhas secas, e agüentar. O começo do acesso é bom, é gostoso: é única coisa boa que a vida ainda tem. Pára, para tremer. E para pensar. Também. (quase final do conto Sarapalha, 2003, p. 173.).
>
> Senão quando o vapor apitou e se avistou subindo o rio, aportava da Bahia cheio de pessoas (Início do conto Estoriinha, 2001, p.92,).
>
> Em puridade de verdade; e quem viu nunca tal coisa? No meio de Minas Gerais, um joaovagante, no pé-rapar, fulano-da-china- vindo, vivido, ido-automaticamente lembrado. (Conto Orientação, 2001, Tutaméia, p.160).

Voltar a - fazer os caminhos de volta, nas dimensões do lugar entre ritos, símbolos, sentidos e sensações. Voltar de, voltar a, voltar para, voltar com. Dilemas do fazer a vivência humana entre lugares, espaços, tempos e situações. São sempre travessias que levam sempre ao sertão. Ressaltamos, o ir e retornar sempre ocorre para algum outro lugar pelo sertão, no sertão e através do sertão.

> -E o senhor que me levar, distante, às cidades? Delongo. Tudo, para mim, é a viagem de volta. (início do Conto Antiperipléia, 2001, p.41.).
>
> Decido. Pergunto por onde ando. Aceito, bem-procedidamente, no devagar de ir longe. Voltar, para fim de ida. Repenso, não penso. Dou de xingar o meu falecido, quando as saudades me dão. Cidade grande, o povo lá é infinito. Vou, para guia de cegos, servo de dono cego, vagavaz, habitual no diferente, com o senhor, seo Desconhecido. (Final do Conto Antiperipléia, 2001, p.45)

São diferentes formas de estar nos lugares através das relações de estar, ficar, sair e voltar[131]. Ciclos diferentes de estar. Podemos classificar como um primeiro ciclo de estar que seria estar no mesmo lugar por uma vida inteira. Um estar absoluto. O segundo ciclo de estar é chegando ao lugar onde se está e onde se imagina que vai se ficar por um resto de uma vida. Chegar para ficar. O terceiro ciclo seria estar para ir, por um tempo. Uma espécie de errante-ficante. E um quarto ciclo, um estar no mesmo lugar saindo sempre dele, mas voltando sempre a ele, um morar para vir, um morar para voltar. Vivem errantes, mas sempre retornam a um lugar, um ficar.

Estes ciclos de ficâncias, errâncias, demonstram a diversidade geográfica na relação dos personagens com o ambiente onde acontecem as ações com a afetividade, a subjetividade e como que através dos vários possíveis do sujeito-personagem e da representação de ficar, estar, ir e partir são feitas as transformações dos espaços em lugares. Uma geografia da errância.

E como a própria trama do que acontece com pessoas que vão de Miguilim e Manuelzão a Riobaldo Tatarana, é algo que dentro delas, entre elas e através delas, acontece entre transuências que fazem sua obra ser não apenas um imenso falar de um "sertão semovente", mas ser, ela própria, uma "escritura semovente". Tramas e dramas de Miguilim que vai do Mutum para a cidade de Curvelo. De Manuelzão que vem viver toda a vida no Andrequicé, distrito de Três Marias; De Riobaldo Tatarana que entre idas e vindas sempre no sertão, termina como barranqueiro em algum lugar de beira rio, beira sertão.

9.3.2 Migração em João Guimarães Rosa

> Quem é pobre, pouco se apega, é no giro-o-giro nos vagos dos gerais, que nem os pássaros e rios e lagoas. O senhor vê: o Zé-Zim, o melhor meeiro meu aqui, risonho e habilidoso. Pergunto: - "Zé-Zim, por que é que você não cria galinhas de angola, como todo o mundo faz?" - "Quero criar nada não" - me deu resposta: - "Eu gosto muito de mudar... (JGROSA, 1986, P.32)

[131] Análises realizadas através dos colóquios com o Professor Carlos Brandão em relação as suas interpretações da obra de JGROSA.

A existência de populações tradicionalmente nômades na literatura de João Guimarães Rosa marcou nossa fisionomia em e entre figuras históricas de todos conhecidas no sertão norte mineiro: o vaqueiro, o mascate, o tropeiro, o fazendeiro, o jagunço, o barranqueiro, sertanejo, etc. Homens e mulheres que ao mudarem de espaços mudam a sua vida e de tantas outras vidas. E mudam também os lugares.

Iremos refletir e analisar mais detalhadamente a novela Campo Geral (Miguilim), que pertence à série das sete novelas de Corpo de Baile, segundo livro do escritor mineiro[132]. Ao escrever ao seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason, João Guimarães Rosa relata a ordem de publicação do livro Corpo de Baile e determina que "em qualquer caso, o primeiro volume se inicie com a novela 'CAMPO GERAL', por ser a de um menino, a mais abrangedora de aspectos, revelando logo melhor a região e compediando (sic) a temática profunda do livro, de certo modo."(2003, p. 95, grifo do autor)

Em Campo Geral, o autor se detém na investigação da intimidade de uma família isolada no sertão, destacando-se a figura do menino Miguilim. Campo Geral mostra a apreensão do mundo exterior e a idéia básica de toda a obra roseana: a narrativa do universo do sertão e dos homens e mulheres sendo influenciados e em interação com o mundo natural. A concepção do tempo, da paisagem do Campo Geral, da mata, da terra preta, dando início a novela, apresenta a relação na esfera da percepção e da experiência de quem olha e vive o espaço, e da esfera afetiva onde se processa, re-processa e modifica as possibilidades de apreensão dos sentimentos, dos fatos, e das práticas.

[132] Os dois primeiros volumes da primeira edição de Corpo de Baile foram lançados em Janeiro de 1956. Figuravam em dois volumes dispostos como: Campo Geral, A estória de Lélio e Lina, Dão-lalalão e Buriti; e o segundo com Uma Estória de Amor, Recado do Morro e Cara de Bronze. Em 2006, comemorou cinqüenta anos das Obras Corpo de Baile e Grande Sertão: veredas.



Foto 39: **Meninos e Meninas do Sertão na Comunidade Barra do Pacuí-MG**
Autor: Elisa Cotta, 2007.

9.3.2.1 Cartografia sertaneja na novela Campo Geral.

A narrativa é entremeada pelas descrições, pela memória, pela percepção, pela imaginação, pelo vivido no sertão pelo sertanejo. Pensar as representações sociais moldadas através da cultura, da lembrança, da narração, da memória coletiva descrita no sertão por um menino de oito anos e sua família, seus amigos, sua vida entre os diversos viventes sertanejos. O olhar o rio, a mata, o cerrado, a vereda, com o sentimento de territorialidade pelo espaço rural e com a temporalidade vivenciada por homens, mulheres na comunidade através dos diversos saberes, das práticas dos sujeitos, das histórias de vidas, das identidades, das tradições, do narrar as *estórias*, do descrever os mundos entre o real e o imaginário.

O menino Miguilim e o lugar Mutum estão em um constante diálogo, como personagem e ambiente que intimamente interagem na procura e na descoberta dos mistérios da realidade, nos dilemas e migrações do mundo *do* humano e do mundo humano.

"Moita enorme, coberta de flores amarelas. E o sol batia nas flores e no garrote, que estava outro amarelo de alumiado. – Miguilim, isto é o Gerais!" (p.128)



Foto 40. **Sertão dos Gerais na Barra do Pacuí** (2008)
Fonte: Andréa Maria N. R. de Paula (2008)

9.3.2.1.2 O Mutum

> Um certo Miguilim morava com sua mãe, seu pai e seus irmãos, longe, longe daqui, muito depois da Vereda-do-Frango-d'agua e de outras veredas sem nome ou pouco conhecidas, em ponto remoto, no Mutum. No meio dos Campos Gerais, mas num covoão em trecho de matas, terra preta, pé de serra. Miguilim tinha oito anos," (JGROSA, 1984,p.13).

O Mutum é o espaço-lugar onde são passados e vividos os dramas das interações dos personagens nos Gerais de Minas: o Buritis-do-Urucuia, terra do pai de Miguilim, Quartel-Geral-do-Abaeté, terra de sua mãe; Vila-Risonha-de-São Romão, onde vive seu irmão mais velho com o irmão de sua mãe, o tio Osmundo Cessim, e a cidade de Curvelo, terra do Dr.José Lourenço, onde Miguilim vai morar na esperança de melhorar a saúde e a vida.

A percepção da paisagem do Mutum vai perpassar o olhar do indivíduo e sua sensação de pertencimento e de sentimento com o lugar, proporcionando o estudo do espaço vivido enquanto lugar de afetividade, de experiências e de intercâmbios, os mais vários. São os homens, as mulheres, as crianças, os cheiros, as histórias de vida que

humanizam e individualizam os espaços, transformam as paisagens que formam e conformam os lugares. "- [...] alguém que já estivera no Mutum, tinha dito: - É um lugar bonito, entre morro e morro, com muita pedreira e muito mato, distante de qualquer parte; e lá chove sempre...", (JGROSA, 1984, p.13).

Mas, na continuação da mesma citação há uma interpretação diferente, agora de alguém que sempre viveu no Mutum. "(...) mas sua mãe, que era linda e com cabelos pretos e compridos, se doía de tristeza de ter de viver ali... Oê, ah, o triste recanto..._'', (ibidem, p. 13)"

"Tio Terêz, o senhor acha que o Mutum é lugar bonito ou feioso? Muito bonito, Miguilim; uai. Eu gosto de morar aqui'',(ibidem, p.16).

As percepções de um mesmo grupo, ou as diferenças entre as diversas pessoas, os diferentes atores do pequeno drama vivido no Mutum, podem ter códigos de valores comuns a e entre todos os que dele fazem parte. Mas a formação mental das imagens que são a leitura dos fatos só pode ser realizada por uma pessoa. O grupo torna-se uma referência: de um lado elementos de identificação (valores, ações comuns, crenças) que o indivíduo partilha com os demais membros; de outro, um sentimento de pertencimento, um lugar de referência, um abrigo que acolhe.

Aquele personagem que diz que o Mutum é bonito lá não vive, apenas já esteve por lá. Enquanto aquela que diz que o Mutum é um triste recanto é de lá, vive seu aqui "nestes Gerais", junto com a família e sente as dificuldades de sobreviver no sertão. E o tio Terêz de Miguilim manifesta seu gostar do Mutum pelo simples fato de ser o lugar onde ele mora, única referência de lugar, portanto, "muito bonito''.

Miguilim, o personagem central da trama roseana, vive, pergunta aos outros e reflete o seu viver entre a diversidade das opiniões. O seu lugar de vida é belo ou feio em uma primeira afirmativa: "no começo de tudo, tinha um erro..." (JGROSA,1984, p.15). É no desenvolvimento das cenas e dos acontecimentos que se vão mostrando a ele que no cerrado onde se encontra os Gerais, a vastidão de terra, os oásis das veredas com buritis, causam pensamentos que "não cabiam no tempo'', (JROSA,1984,p.60).

É no bioma cerrado que o viajante encontra o sertão dos Gerais ou os Gerais ou Campos Gerais, com seus chapadões, com grandes extensões de terras entremeadas por veredas. Espaço composto de paisagens naturais e culturais que povoam os territórios das pessoas em um universo rural, rústico, tomado pela força da ação da relação homem/natureza.

> Beiravam as veredas, verdinhas, o buritizal brilhante. Buritis tão altos. As araras comiam os cocos, elas diligenciavam [...] Começava o mato [...]. Mas entravam a pasto a fora,[...] carecia de se ir em rumo da casa do vento... O cerrado estava cheio de pássaros. Moitas enorme, coberta de flores amarelas. E o sol batia nas flores e no garrote, que estava outro amarelo de alumiado. Miguilim, isto é o Gerais! Não é bom? (JGROSA,1984,p.126-127-128).

A apropriação do território enquanto espaço vivido é vivida e atualizada pelas percepções que os indivíduos, nos grupos e em sociedades, têm dos lugares nos quais estabelecem relações singulares. E ali eles realizam o processo de construção das representações de imagens do espaço geográfico, promovendo a inevitabilidade de entender que a paisagem e o espaço são categorias diferentes:

> Paisagem e espaço não são sinônimos. A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima [...]. A paisagem é, pois um sistema material e, nessa condição, relativamente imutável; o espaço é um sistema de valores, que se transforma permanentemente, (SANTOS, 1999, p.83).

9.3.2.1.3 A vida sertaneja no Mutum

A organização socioeconômica na novela Campo Geral tem como base o mundo pastoril. Os vaqueiros são as referências de profissão e de exercício de atividades no espaço sertanejo. A paisagem descrita das casas, da alimentação, de crianças com fome, do trabalho árduo na roça e com o gado, de rezas, plantas, bichos do cerrado, espelha sistemas de símbolos, signos e significações na vida social e espacial.

São estes sistemas materiais e de valores que formam e fazem as localizações com significados. A memória, as vivências, as percepções, são as práticas espaciais e temporais representadas e percebidas nas sutilezas, nas singularidades e nas complexidades do cotidiano.

> O Ser, inundado pela lembrança espacial imemorial, transcende o Vir-a-Ser; ele encontra todas as memórias nostálgicas de um mundo de infância perdida. Será esse o fundamento da memória coletiva, de todas as manifestações de nostalgias dependentes de lugar que infectam as nossas imagens...? (HARVEY, 2001, p.201).

Miguilim vive no cenário de um lugar perdido entre tantos nos Gerais de Minas, que ele aceita e gosta de ali existir e viver, com naturalidade, e no seu dia-a-dia as suas cenas e as suas imagens vão possibilitando o aprender através das experiências de crescer entre os elementos da natureza a meio caminho entre o mundo da infância que ele habita e o mundo dos adultos em que ele vive e convive. E que, entre viver e conviver, ele começa a decifrar.

É a formação da identidade do sertanejo dos Gerais que, entre o passado e o presente, as lembranças, as nostalgias e as pequenas alegrias, o viver e as tristezas cotidianas, vai entrelaçando o real nos lugares de vida e nos imaginários do sertão.

> Mãe, a gente então nunca vai poder ver o mar, nunca? Ela glosava que quem-sabe não iam não, sempre, por pobreza de longe. "A gente não vai, Miguilim" o Dito afirmou; "Acho que nunca! A gente é no sertão. Então por que é que você indaga?" Nada, não, Dito. Mas às vezes eu queria avistar o mar, só para não ter uma tristeza..." (JGROSA,1984, p.94-95).

O menino pobre dos Gerais percebe então as limitações dos que vivem entre errâncias *no* sertão e *do* sertão: a dificuldade de acesso à terra, as tarefas praticadas pelas diversas categorias de trabalhadores rurais ligados à plantação de culturas de subsistência e criação de gado: vaqueiros, meeiros, roçeiros, enxadeiros, tomadores de conta das terras. As contradições sociais e econômicas com os donos de fazendas e de grandes criações de gado. "Iam para onde iam", (JGROSA, 1984, p.21).

Os personagens de Campo Geral são pessoas simples, sertanejos e sertanejas que reproduzem nas suas práticas sociais e espaciais o real e o imaginário nos mundos polares e complementares do natural e do social no cotidiano. "- ... se vê falta tudo, muita míngua, ninguém não olha p'ra este sertão dos pobres...- ", (JGROSA,1984, p.42). Famílias sertanejas que vivem e convivem com a errância, entre trabalhos em lavouras e criação de gado em propriedades de outros durante tempos provisórios.

> Como o pai ficava furioso: até quase chorava de raiva! Exclamava que ele era pobre, em ponto de virar miserável, pedidor de esmola, a casa não era dele, as terras ali não eram dele, o trabalho era demais, e só tinha prejuízo sempre

> acabava não podendo nem tirar para sustento a comida da família (JGROSA,1984, p.55-56).

Na novela as práticas espaciais cotidianas são vivenciadas pelos personagens que as representam nas condições precárias de trabalho, de saúde, de habitação, tornando a saída do sertão uma opção de sobrevivência, ao mesmo tempo em que entre lembranças, sonhos e narrações de *estórias* vivem o imaginário que habita o dia-a-dia.

9.3.2.1.4 Práticas espaciais em Campo Geral: vividas, percebidas e imaginadas

Dito e Miguilim, personagens do Campo Geral, vivem entre o real das dificuldades de sobrevivência, as percepções das divergências do mundo dos adultos e o cultivo no cotidiano do imaginário típico das crianças. "Miguilim contava, sem carecer de esforço, estórias compridas, que ninguém nunca tinha sabido, não esbarrava de contar, estava tão alegre nervoso, aquilo para ele era o entendimento maior", (JGROSA,1984,, p.104). Miguilim gostava de criar e narrar *estórias*. Nas *estórias* e na vida gostava de preservar as rezas, as tradições e superstições. E se surpreendia com o desconhecido. A lua é o lugar mais longe que se pode existir. O mar é percebido como o impossível de conhecer:

> Mãe, que é que é o mar, Mãe?"Mar era longe, muito longe dali, espécie duma lagoa enorme, um mundo d'água sem fim, Mãe mesma nunca tinha avistado o mar, suspirava. – "Pois, Mãe, então mar é o que a gente tem saudades? (JGROSA, 1984, p.79).

Os personagens se conhecem, mantêm laços de reciprocidade social, tradições coletivas. Eles interagem com o mundo natural nas brincadeiras com bichos e plantas, assim como na utilização de remédios com plantas do cerrado. Dessa forma, apreendem e aprendem processos culturais e sócioambientais que atuam em um nível coletivo, na escala pessoal. Na memória das crianças, dos adultos e dos velhos são preservadas e transformadas as imagens, os cheiros, as lembranças de veredas, buritis, chuvas, luares e de sonhos não realizados. " –[...] o cheiro gostoso, de terra sombreada...nunca ia poder ter um lugar assim... e a enxada capinando, se suava", (JGROSA,1984, p.132).

As práticas espaciais na casa, na roça, na mata, nas veredas e junto a outros sujeitos do cotidiano, juntamente com as relações sociais com grupos mais distantes geográfica e socialmente, são vividas, percebidas e muitas vezes imaginadas ou idealizadas. "Eis porque o universo dos territórios do imaginário, assim como os do

cotidiano parecem ser, ao mesmo tempo, restritos e abertos; concêntricos em volta do bairro e de sua capela e descentralizados", (BRANDÃO, 1995, p.167).

Representamos no Quadro 5 as principais dimensões das práticas espaciais, da representação do espaço e o espaço de representação em relação aos cenários, às cenas, aos atores sociais na novela Campo Geral, relacionada com as dimensões pensadas por Harvey(2001) como forma de apreensão do espaço. A dimensão da apropriação e uso do espaço é a maneira como o espaço é ocupado por objetos, atividades, indivíduos. Na dimensão do domínio e controle do espaço é o modo como os indivíduos ou grupos dominam a organização e a produção do espaço. A produção do espaço é a dimensão composta pelos sistemas reais ou imaginários produzidos e também pelas novas modalidades de representação.

Em Campo Geral nos defrontamos com uma apropriação e uso do espaço vivido no Mutum e percebido nas dificuldades da vida na roça e no imaginado – ilusório ou não - de melhoria da vida na cidade. "[...] só se vê falta tudo, muita míngua, ninguém não olha p'ra este sertão dos pobres". (JGROSA, 1984, p.42)

O espaço é dominado e controlado pelos "outros", os donos de fazendas que fazem com que a roça seja mutante e, com as pessoas, mude de lugar. Pessoas que não possuem a terra e necessitam trabalhar em terras diversas e pertencentes a outros.

Ao produzirem os seus espaços de vida e de representação da vida, Miguilim e sua família constroem no vivido a união do núcleo familiar. No percebido a possibilidade de modificar a realidade através da religião, do imaginário e da natureza que representa o passar do tempo e do espaço nos pássaros e nas águas dos rios.

> Compreender no meio do sentir, mas um sentimento sabido e um compreendido a adivinhado (JGROSA, 1984, p.113)
> Beiravam as veredas, verdinhas, o buritizal brilhante. Buritis tão altos. As araras comiam os cocos...começava o mato... entravam a pasto a fora... carecia de se ir em rumo da casa do vento... (JROSA,1984, p.126)
> Tudo tão misturado e macio, não se sabia bem, parecia que o dia tinha outras claridades. (CG, p.133)
> *Ô ninho de passarim,*
> *Ovinho de passarinhar:*
> *Se eu não gostar de mim,*
> *Quem é mais que vai gostar?* Vó Izidra abençoou Miguilim, pôs mais duas medalhinhas no pescoço dele, trocou o fio do cordão, que estava velho, encardido e sujo de doença. Por fim, beijou, abraçou Miguilim, se

> despedindo – a embora, por nunca mais, ali ficava. (JGROSA, p.137, grifos do original)

As práticas espaciais, a representação do espaço e o espaço de representação são permeados pela ida a cidade e pela mudança do olhar de Miguilim com os óculos. Partir do Mutum representa a possibilidade da melhoria da vida e da ida de todos da família para a cidade. Deixar o sertão, mesmo o Mutum sendo bonito, é a busca dos possíveis.

> E o senhor tirava os óculos e punha-os em Miguilim, com todo o jeito.
> _ Olha, agora!
> Miguilim olhou. Nem não podia acreditar! Tudo era uma claridade, tudo novo e lindo e diferente, as coisas, as árvores, as caras das pessoas. Via os grãozinhos de areia, a pele da terra, as pedrinhas menores, as formiguinhas passeando no chão de uma distância. E tonteava. Aqui, ali, meu Deus, tanta coisa, tudo... (JGROSA, 1984, p.139-140)

Quadro 5: AS DIMENSÕES DO ESPAÇO NA NOVELA CAMPO GERAL

DIMENSOES ESPACIAIS	PRÁTICAS ESPACIAIS:	REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO:	ESPAÇOS DE REPRESENTAÇÃO:
	O VIVIDO	O PERCEBIDO	O IMAGINADO
APROPRIAÇÃO E USO DO ESPAÇO	O sertão; Os Gerais, Os campos gerais; Os animais: as vacas, os bois e touros, os tatus, cavalos,galinhas e porcos; As Culturas de subsistências: milho, mandioca, arroz, feijão; Os Pastos vastos; o berrante; a chuva.	O Lugar: o Mutum nos Gerais; A Paisagem natural de Veredas com Buritizais; Os vaqueiros; os meeiros, os enxadores, o tomador de conta da terra; O espaço das mulheres na casa, na cozinha, na horta; As Relações da família nuclear através da percepção de Miguilim; Miguilim e seu irmão Dito na descoberta do mundo dos adultos entre experiências e convivências; Os pastos verdes e os tempos melhores após a chuva.	A cidade de Curvelo como representação da possibilidade de melhoria de vida; Os sonhos de Miguilim e Dito em serem donos de terra e de gado: donos do Mutum e de boiadas; As lembranças de Miguilim do irmão Dito após sua morte das lições sobre a vida; Miguilim que não gostaria de ser adulto; A memória de Miguilim como contador de *estórias* por ele inventadas.
DOMÍNIO E CONTROLE DO ESPAÇO	O Seo Brízidio Boi-dono das terras no Mutum; O Pai; Nhô Bernardo-Tomador de Conta das terras no Mutum; Os fazendeiros vizinhos: Seu Aristeu;Seu Deográcias; Vó Izidra no domínio do espaço da casa; A Beleza da mãe de Miguilim.	As rezas, rezar o terço, as novenas; A arrumação do presépio; O castigo; As brincadeiras com pássaros, cavalos, bois e as plantas do cerrado; O aboio. A saída de Tio Terez em função do seu amor pela mãe; A volta do Tio Terez ao Mutum após a morte do pai.	A realização dos pedidos através das promessas; A concepção das pessoas estranhas no Mutum; Os pensamentos de Miguilim sobre a lua e o mar. Os pensamentos de Dito sobre o mundo dos adultos; As pragas de Vó Izidra em relação às crianças que não obedecem; Os sentimentos de Vó Izidra sobre a relação da mãe com o tio Terez.
PRODUÇÃO DO ESPAÇO	A família nuclear; A reciprocidade social entre os moradores próximos no Mutum; A estratificação social e espacial em função das categorias de trabalho na roça e com gado; As moradias simples, a alimentação baseada na agricultura de milho, arroz, feijão e mandioca; Os remédios feitos com plantas do cerrado; O *redondo de Pedrinhas* com roupas e objetos de Dito enterrados; Os óculos do Dr. José Lourenço; O suicídio do pai de Miguilim; A migração do campo para a cidade.	A preocupação do pai de Miguilim em que ele aprenda a ler,escrever e fazer contas para melhorar de vida; O trabalho de Miguilim na roça com o pai; A descoberta da miopia de Miguilim; Miguilim e Mãitina enterram objetos do Dito e cobrem com pedras e plantam flores e chamam o lugar Redondo das Pedrinhas; O assassinato pelo pai do Luisaldino com ciúme da mãe e seu suicídio no meio do cerrado; A migração do irmão mais velho que já mora na Vila-Risonha de São Romão.	Ir para a cidade de Curvelo e lá esperar por todos os outros membros da família; Miguilim e Dito imaginam-se adultos e donos de terras, e grandes boiadas; Miguilim com os óculos do Dr. José Lourenço vê o mesmo lugar Mutum só que de modo diferente; O cuidado com o *Redondo de Pedrinhas* como representação do lugar para rezar pelo Dito; A punição do pai através da morte pelos seus atos em vida. A mãe que decide que Miguilim vai para Curvelo e que fica a imaginar uma ida de todos da família também.

FONTE: Quadro elaborado pela autora dessa tese, Andréa M. N. R. de Paula 2009, com base na tabela 3.1 Uma "grade" de práticas espaciais inspirada em Lefebvre no livro Condição Pós-Moderna de David Harvey, 2001, p.203.

9.3.2.1.5. Sair do sertão

> Todos os dias depois vieram, eram tempo de doer. Miguilim tinha sido arrancado de uma porção de coisas, e estava no mesmo lugar." (CG, p.111)

O viver sertanejo é um contínuo estar e ir. A doença e, logo depois, a morte do irmão Dito, os castigos impostos pelo pai, a volta por alguns dias do irmão mais velho da cidade, a tristeza da mãe, o trabalho duro na roça, a realidade do amigo Grivo de não ter comida, vão criando em Miguilim a vontade de sair do Mutum.

> Desde muito tempo Miguilim não senhoreava alegria tão espaçosa. Mas não era por causa de ter ficado livre do irmão. Menos por isso, que pelo pensamento forte que formou: o de uma vez poder ir também embora de casa. Não sabia quando nem como. Mas a idéia o suspendia, como um tom de consolo.(CG, p. 131)

A percepção do lugar de Miguilim permanece com o sentimento de pertencimento com o Mutum. Mas a ida de outros membros da família para a cidade, as perdas sofridas no lugar de afeto, o mundo da experiência atestando a dura realidade da sobrevivência sertaneja, tudo isto junto provoca no menino a vontade de migrar para o espaço da cidade.

> -Você mesmo quer ir?" Miguilim não sabia. Fazia peso para não soluçar. Sua alma, até no fundo, se esfriava. Mas Mãe disse:
> _Vai, meu filho. É a luz dos teus olhos, que só Deus teve o poder para te dar. Vai. Fim do ano, a gente puder, faz a viagem também. Um dia todos se encontram...(JGROSA,p.140)

Partir dos Gerais, do sertão, do Campo Geral. Descobre-se a miopia de Miguilim, a necessidade de usar óculos. E no seu último dia no Mutum ele olha e vê pela primeira vez, com os óculos de quem o leva para a cidade, novas percepções das imagens do lugar. E afirma então que o Mutum é mesmo bonito. Mas é na cidade, em Curvelo que existe a possibilidade da educação, da saúde, do trabalho. A família incentiva à migração e fica a expectativa dos que ficam no sertão, de logo todos poderem ir também.

Na capanga da viagem Miguilim leva farofa de galinha e doces-de-leite que a Rosa preparara e as lembranças de todos reunidos para sua despedida. Afirma para si que todos são bons no Mutum. Na memória carrega as imagens dos matos escuros, da

casa, do quintal, do gado pastando, do verde dos buritis nas veredas, dos cachorros, do papagaio, dos que já não estavam no Mutum: o irmão Dito e o seu pai. Não sabe definir seu sentimento entre a tristeza da partida e alegria da viagem que pode ser o início de uma vida nova.

> -"Mãe, é o mar? -... É muito longe?"_[...]"Mãe, mas por que é então, para que é, que acontece tudo?!" "- Miguilim, me abraça, meu filhinho, que eu te tenho tanto amor..."
> Os cachorros latiam lá fora; de cada um, o latido, a gente podia reconhecer. [...] Mas, então, de repente, Miguilim parou em frente do doutor. Todo tremia, quase sem coragem de dizer o que tinha vontade. Por fim, disse. Pediu. O doutor entendeu e achou graça. Tirou os óculos, pos na cara de Miguilim.
>
> E Miguilim olhou para todos, com força. Saiu lá fora. Olhou os matos escuros de cima do morro, aqui a casa, a cerca de feijão-bravo e são-caetano; o céu, o curral, o quintal; os olhos redondods e os vidros altos da manhã. Olhou, mais longe, o gado pastando perto do brejo, florido de são-joses, como algodão. O verde dos buritis, na primeira vereda. O mutum era bonito! *Sempre alegre Miguilim* [...]*Sempre alegre, Miguilim*[...] Nem sabia o que era alegria e tristeza. -, (JGROSA, 141-142, grifos do original).

Com os óculos e a promessa do re-encontro com toda a família no fim do ano, Miguilim parte para a cidade de Curvelo. Percebemos que o final da novela deixa uma esperança do prosseguir, afinal ainda há tudo que ainda se espera.

O personagem Miguilim reaparece (na nossa interpretação) como adulto e doutor na novela Buriti, última novela do conjunto de Noites do Sertão. E agora Miguilim-Miguel ele – o mesmo e um outro - retorna ao sertão. "Depois de saudades e tempo, Miguel voltava àquele lugar, à fazenda do Buriti." (JGROSA, 1988, p.91), com estas palavras começa a novela. Já nas primeiras páginas o personagem Miguel revela ter nascido no sertão, nos Gerais, e relata que foi época da tristeza de um "tanto tempo". Conta que não sabe se o lugar ainda existe, pois toda a família mudou de lá. E lembra que na sua terra tinha um pássaro que cantava a noite. O mutum.

> O mutum. De dia, ele fica atoleimado, escondido em oco de pau, é fácil de se pegar à mão. Mas a noite, sai para caçar comida. Canta, antes da meia-noite e do romper da aurora. Chega dá as horas. É grande e formoso, como as penas dele brilham, feito um pavão. "– E como canta?" "- No meio do mato, de madrugada, ele geme: - **hu-hum...uhu-hum**...Não se parece com nenhum." (JGROSA, 1988, p.95, Grifos do original.)

Para Miguilim-Miguel[133] o lugar Mutum transformou-se na lembrança de um pássaro, a família migrou para outras travessias. Nas chegadas e partidas, o menino que vira homem retorna ao sertão e entre lembranças, recordação da cartografia de sua memória, segue enveredando o início de uma outra estória no sertão. Sempre movente e sempre presente, o sertão é e está para aqueles que aqui fizeram suas vidas e aqui fazem suas travessias.

9.4 Travessiando

Nossa tese (posição) está focada no sertanejo e no bioma que o cerca. João Guimarães Rosa trabalha com o falar sertanejo, com a palavra dita e depois escrita por ele, com a representação do vivido e descrito pelas pessoas do lugar. A narrativa é um conversar sem pressa, um gratuito e longo conversar tão comum no rural sertanejo mineiro. E que o autor vivenciou em seu tempo nas longas noites do sertão.

Analisamos que a prosa roseana é uma sociogeografia do sertão. Uma sociologia e uma geografia poética no sertão, do sertão e sobre o sertão. Uma visão do homem através das nuances de uma linguagem peculiar a uma cultura, e que nosso autor recria com um pé no respeito à antigas tradições e, com o outro, em imprevisíveis ousadias da criação textual. É também uma visão do meio natural do mundo através de sua força e envolvimento com o homem. Sertanejo e sertão. A cultura que é capaz de criar a prática, ou seja, as técnicas e a voz das técnicas: a tecnologia (a técnica no `"*logos*", no falar, dizer, escrever).

João Guimarães Rosa poeticamente, geograficamente, sociologicamente descreveu e revelou o povo do sertão. Citamos como exemplo a percepção de Diadorim, personagem homem-mulher, com a beleza que há no sertanejo, a de um homem rude, determinado e determinista perseverante e severo, sólido e fluido. Personagem que enfrenta, entremeia e enreda o bioma cerrado. Um lugar áspero, em cujas terras vermelhas com poucas chuvas as plantas e suas águas renascem e florescem.

[133] Parece-nos tratar-se do mesmo personagem, lembramos que em *Corpo de Baile* é recurso comum um personagem participar de mais de uma narrativa. Dois dos irmãos de Miguilim ressurgem adultos, em "A estória de Lélio e Lina".

Assim é Diadorim na sua saga. E ao falar de Riobaldo (o rio baldo, o rio que corre sem saber porque corre, que corre em vão; aí baldo, debalde) uma perspectiva filosofante, uma antropologia, uma etnografia, uma sociologia, uma ética, uma epistemologia, enfim, como descreve Antonio Candido em seu ensaio: " O homem dos avessos", em relação ao romance Grande sertão: veredas.

> (...) há de tudo para quem souber ler, e nela tudo é forte, belo, impecavelmente realizado. Cada um poderá abordá-la a seu gosto, conforme o seu ofício; mas em cada aspecto aparecerá o traço fundamental do autor: a absoluta confiança na liberdade de inventar. (CANDIDO, 1978, p.121)

Os espaços naturais têm nomes, força, ação. Veredas, buritis, rios, que traduzem e transformam os destinos dos personagens. Convivemos com a mutação "O sertão aceita todos os nomes: aqui é o Gerais, lá é o Chapadão? lá acolá é a Caatinga" (JGROSA,1986,p.458).

Rios dividem a vida ao meio, perguntas se fazem ao Buriti. Como seres que respiram, transportam e reproduzem a vida, bichos, plantas e águas na literatura de João Guimarães Rosa possuem diferentes subjetividades. Uma árvore demarca território e os destinos, tal como na novela *Buriti*, onde um lugar chamado *Mutum* é o início, meio e o fim da novela *Miguilim*. Um pássaro - Manuelzinho-da-Croa é a representação de um lugar e de um amor. Uma geografia feita no sertão e com os sertanejos na presença do murmúrio das águas, nas travessias de vastos espaços de chapadas e da solidão, na criação de territórios feitos por bois e homens, nas paisagens que modificam vidas e aproximam ou afastam pessoas.

São as representações da vida do lugar e no lugar, nas transformações provisórias e permanentes que fazem os enredos das tradições e das transformações que estavam eminentes no sertão. No concreto e naquilo que é sonhado, nos espaços e tempos intercalados e vividos nas realidades e verdades que são produzidas e nos devaneios que também construímos acompanhamos os personagens narrando suas *estórias*. Miguilim inventava e contava muitas estórias. Riobaldo narra a sua estória. Manuelzão reflete sobre a historia/estória de sua vida ao esperar pela festa. Narrativas sertanejas do fazer a vida, dia-a-dia no lugar onde se vive e no simples conviver com as outras pessoas e com o ambiente.

Modificações que traduzimos como o prefácio e, portanto, o confrontante.

“Prefácios” de vidas de famílias entre errâncias e ficâncias.

- “Daí, tão claro e aligeirado pensei – os prefácios.” (JGROSA, 1986, p.289). De um presente entre a esperança e a expectativa.

“Portanto” de um presente entre a esperança e a expectativa.

-“(...) não esbarrar de pensar inventado para adiante, sem repouso, sempre mais. A gente estava por conta dele - e sem repouso nenhum também, nenhum... – o portanto”.(ibidem, p.285).

“Confrontante” entre a resistência do modo rural de ser e a necessidade de sobrevivência do sonho, de estar e ser o/no/do sertão.

“Ao ser: que entendia meu sentimento, mas só até uma parte – não entendia o... depois do fim, o confrontante”. (p.296).

As trilhas e caminhos roseanos mostram que é possivel ainda ao homem perceber sua miopia na relação com a natureza e procurar colocar os óculos e olhar, através da cultura e dos conhecimentos dos vários saberes das populações sertanejas e da própria natureza, a urgência em perceber, conviver e sobreviver na relação homem/natureza. As populaçoes tradicioanis mostram que é possivel viver com e no ambiente. A literatura roseana descreve e poetiza os modos de vida das populaçoes rurais. É uma simplória metáfora, que poderia e deveria ser uma "*travessia"* .

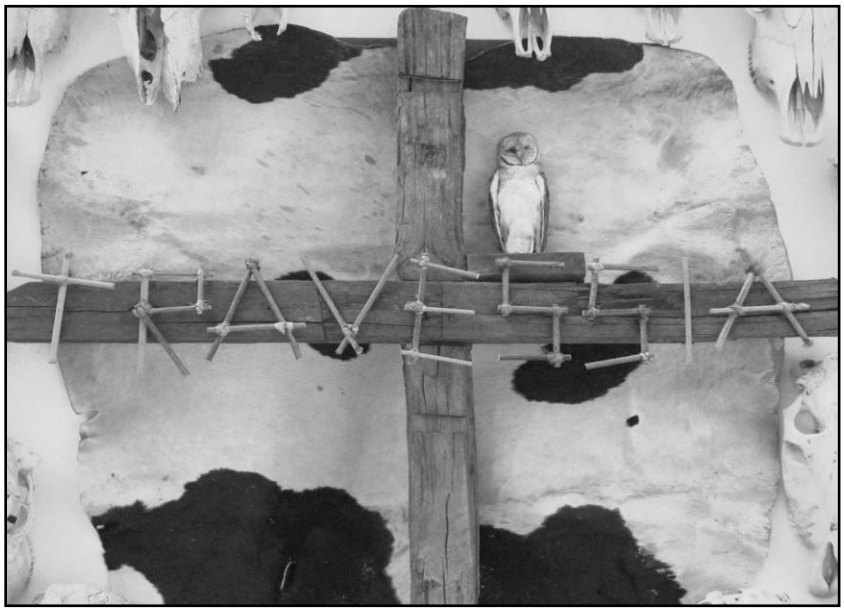


Foto 41- **Travessia em painel de cabeças de gado na cidade de Cordisburgo.**
Autor: Andréa M. N. R. de Paula (2005).

∞

CONSIDERAÇOES FINAIS

DA BARRA AO ROSA - UMA GEOGRAFIA DA ERRÂNCIA

"E o que era *para s*er. O que é *pra* ser – são as palavras! "(JGROSA, 1986, p.37)

Agora é hora de aportar, chegar a um porto. Um primeiro porto.

Segunda feira, três de novembro de 2008, saímos de Coimbra rumo a cidade do Porto no "Comboio" de "9 e 15 da manhã". Por pouco não perdemos o trem. Chove muito e faz frio; estamos eu e uma mineira (minha companheira nessa viagem) preocupadas se teremos realmente disposição e coragem para fazer o "Caminho Português" para Santiago de Compostela, na Galícia-Espanha.

Após uma rápida passagem pela cidade do Porto chegamos no meio da tarde à cidade de Valença, na fronteira entre Portugal e Espanha, separados um do outro pelas águas do Rio Minho. Agora faremos todo o caminho a pé. Adentraremos em trilhas e estradas por vales, montanhas, ruínas de castelos, igrejas, aldeias, rios, pontes, riachos, cemitérios e lavouras de uvas e milho. Faremos 160 km a pé até a cidade de Santiago de Compostela. Começamos a nossa viagem, atravessando a pé a ponte internacional e logo estamos em território espanhol, na cidade de Tuí. Ali nos encaminhamos para o albergue do peregrino. Já é noite e recebemos a informação de que os albergues fecham as 22 horas; temos que nos apressar.

No albergue dos peregrinos recebemos credenciais e o mapa do percurso. Tuí, Porriño, Mos, Redondela, Soutomaior, Arcade, Vilaboa, Pontevedra, Barro, Briallos, Portas, Caldas de Reis, S. Miguel de Valga, Pontecesures, Pádron (terra onde nasceu e viveu Rosália de Castro, a grande mulher-poeta da Galícia e onde se acredita que teria aportado a barca de pedras conduzida por dois discípulos do apóstolo Tiago, juntamente com o corpo dele), Escravitude, Cruces, Teo, Ames, Milladoiro, Vidán, Conxo e Santiago de Compostela. Eis alguns dos lugares descritos e apontados no mapa do *Caminho Português* que recebemos para nos auxiliar no reconhecimento da estrada. São reconhecidas oito rotas jacobinas, ou caminhos jacobeus, os vários caminhos de Santiago. O Caminho francês, o caminho do Sudeste -Via da Prata, Caminho Português, Rota do mar de Arousa e Rio Ulla, Caminho de Fisterra-Muxia, Caminho Inglês, Caminho do Norte, Caminho Primitivo.

Dia quatro de novembro de 2008, dez horas da noite. Chegamos faz pouco tempo ao albergue de Redondela, andamos 35 kilômetros a pé e estamos desanimadas, com dor, fome e frio. Foram muitas as sensações do dia, o entusiasmo do início, a fome no meio do dia, o medo de errar o caminho, a vontade de desistir no início da noite com chuva e frio. Chegamos e vamos continuar. Mas uma pergunta é inevitável nesse momento: "o que leva alguém a caminhar tanto? Por quê? Provamos o que para nós mesmos ou para quem?

Dia oito de novembro, duas horas da tarde: chegamos a Santiago de Compostela. Nos perdemos mais uma vez no caminho. No percurso temos setas e outros símbolos que demarcam o percurso, mas na travessia confundimos idas e vindas e retornamos quando deveríamos prosseguir. A subida final foi dolorosa, ficamos vermelhas de tanto cansaço e dor nos pés. Depois de muito andar dentro da cidade, chegamos à catedral e, literalmente, caímos no chão.

O silêncio domina. Lembramos João Guimarães Rosa: "(...) O senhor sabe o que o silêncio é? É a gente mesmo, demais" (1986, p.371). Olhamos em volta, tantas diferentes pessoas chegando e contemplando, observando, admirando. Fazemos, também nós, todo o ritual. Entramos pela porta dos peregrinos, nos ajoelhamos e agradecemos por termos conseguido fazer o caminho. Depois entramos em uma fila para abraçar a imagem de Santiago Apóstolo, e nos reverenciamos diante de seus (supostos) restos mortais. Saímos da catedral e nos dirigimos à "Oficina do Peregrino", onde recebemos a "Compostelana", o símbolo que atesta que realmente fizemos "o caminho".

Chegamos a Santiago de Compostela; caminhamos 160 kilômetros em cinco dias, com chuva, frio e determinação. Encontramos no percurso homens e mulheres a pé, caminhando alguns em grupos e, outros, sozinhos. Vindo dos mais diferentes espaços e lugares do mundo com um só destino: a cidade de Santiago. Como será o "sertão" de cada um? De cada uma? Não temos respostas para o porque de se fazer o Caminho. Acreditamos que uma mistura de sagrado, rito, vontade e desejo do novo esboçam uma resposta, ainda que tímida e incerta. Percebemos, ao fazer o percurso, que a viagem possui desafios, motivações e visões do caminhar diversas. Mas algo move todos e todas: sonhos diferentes, crenças diversas, e uma única possibilidade: seguir.

Nove de novembro de 2008, 10 horas da noite, regressamos para Coimbra de autocarro como chamam o ônibus por aqui. Iremos percorrer em algumas horas o percurso realizado durante uma semana. Como muitos e muitas migrantes do interior de Minas Gerais, recomeçamos de novo o caminho de volta. Mas o caminho não é o mesmo e nem nós somos as mesmas. Fazer o caminho de volta nos lembra que logo faremos uma travessia maior, pelo Atlântico. De volta para casa. Em dezembro iremos de Coimbra para Lisboa. De Lisboa para Belo Horizonte. De Belo Horizonte para Pirapora. Ai sim teremos realizado o caminho de volta, estaremos em casa, na beira do Rio São Francisco. Aprendemos que fazemos sempre travessias, no plural, na diversidade e na complexidade daquilo e daqueles que encontramos pelo e nos caminhos indo e vindo. A travessia, as trajetórias e trilhas são variadas, mas o caminhar é a possibilidade. Como ensina o João Guimarães Rosa no Grande sertão: veredas: - "Riobaldo, a colheita é comum, mas o capinar é sozinho..." (1986, p.46).

Um outro porto - Da Barra ao Rosa- Uma geografia da Errância.

Travessia. A rota, o passo, o correr da vida. Deixar os acontecimentos irem guiando as atividades e as práticas do cotidiano. A errância, a mudança e depois a ficância. No cenário um povoado que faz festa para Nossa Senhora e todos os anos organizam e seguem a sua procissão. Pelas ruas e num só dia ou em vários outros lugares da vida, e em vários dias do existir? Meninos e meninas correm e fazem penitência para chover. Um homem avisa que não dá mais para confiar no rio, pois ele anda triste com o homem. Homens, mulheres entre jovens, velhos e adultos olham para céu e dizem que vai ser ano de pouca chuva, afinal não choveu no dia de São Pedro. Alguém conta que viu o caboclo d'água e é melhor ficar longe do rio nesses dias. Outro homem observa a lua para saber se vai ser boa a pescaria e se é hora de plantar mandioca e colher o feijão. Homens e mulheres agradecem a Deus a comida do dia e preservam a unidade da família para o trabalho e para o estarem juntos por mais um dia. A estória do comportamento e valores do homem que modifica e transforma os espaços e os lugares. Uma comunidade no meio do sertão, em beira de rio. Lá onde mora homens e mulheres que vivem da agricultura e da pesca no rio. Não é uma estória de João Guimarães Rosa, é uma história do sertão.

E entre histórias do sertão e *estórias* do João Rosa, pensamos haver atravesssado várias travessias. Revisitamos caminhos já percorridos por autores, viajantes, historiadores, geógrafos, antropólogos, pesquisadores e também pelas pessoas que relataram a historia do sertão e do sertanejo. E ao adentrar na história observamos os homens e as mulheres que aqui chegaram e aqui fizeram suas vidas, foram e são atores-sujeitos de um modo peculiar moderno e tradicional de viver que mistura sagrado e profano, singularidades e pluralidades, que vieram de longas, médias, pequenas distâncias e que provocaram o surgimento da *cultura sertaneja.* A mistura de rio e terra, de sertanejos e ribeirinhos, do seco e do úmido, do europeu e do nordestino e provocaram um caldeamento de etnias, sotaques, comidas, sabores, religiões, sons, hábitos, costumes que hoje fazem "os Gerais" um espaço-lugar-territorio local e global, feito e re-feito de territorialidades que são reafirmadas nas identidades territoriais de sua população que são múltiplas e dinâmicas.

Vivemos o complexo gerais-sertão-cerrado como cultura, populações tradicionais e *agrobusiness* tudo ao mesmo tempo e no mesmo espaço. Estamos no meio do redemoinho, convivendo com graves e violentos conflitos agrários: na região Norte Mineira. De um lado, populações tradicionais, populações sem-terra, populações camponesas do sertão que buscam um território de vida. De outro lado grandes empresas que buscam terras rendáveis e produtivas do bioma cerrado. No meio de tudo isso o Estado brasileiro em todas as esferas, desde o local, ao regional, ao estadual e ao federal, e as políticas públicas que ainda não conseguiram viabilizar e publicizar para a maioria da população um dos mais legítimos anseios: terra e condições de viver dela.

Fizemos travessia rumo ao processo migratório complexo e dinâmico que faz da errância e da persistência as descobertas de novos caminhos e também o percorrer de velhas rotas migratórias tão conhecidas pelas populações sertanejas. Viajamos nos caminhos da memória da nossa história e do fazer da vida das histórias de outros e outras que vivem neste sertão.

Migrações pelo sertão, migração saindo do sertão, migração indo e vindo ao sertão, migração voltando ao sertão. Percebemos que entre os que ficam e nunca migraram e os que migram e sempre retornam e ainda entre aqueles que partem-retornam e partem de novo, são homens e mulheres rurais que em sua maioria não se

reconhecem como migrantes enquanto categoria, identificam-se como barranqueiros, sertanejos, ribeirinhos, da roça, enfim, são camponeses e camponesas que indo e vindo adquiriram novas características que são algumas incorporadas ao cotidiano rural e outras fazem parte apenas do cotidiano da cidade.

Mas através das modificações e das permanências que foram observadas no dia-a-dia da comunidade rural, podemos afirmar que o mundo rural e o jeito de viver rural persistem em função do ser e habitar das populações que por gerações transmitem e vivem os conhecimentos e valores do ser camponês.

Estivemos com homens e mulheres rurais como João, Antonio, Maria, José, Rosina, Lorane, Milena, Edna, Sueli, que poderiam ser Diadorim, Miguilim, Riobaldo, Reinaldo, Maria Mutema, Manuelzão. Ouvimos e vivenciamos histórias de vidas que são mistura dramática de alegrias, tristezas, lutas e vitórias para a sobrevivência das pessoas e do ambiente, pois algo foi revelado e comprovado, a população rural camponesa e o ambiente natural possuem o mesmo modo de vida imbricado e cotidianamente reinventado. Não preservam o ambiente, não reciclam matérias de resíduos sólidos (atividade necessária e urgente na comunidade), mas na necessidade e na prática do viver a vida dentro do possível, fazem e convivem com bichos, plantas, matos e águas como parte e todo do seu *ethos* e visão do mundo. Não preservam o ambiente, porque vivem no e com o ambiente natural.

Percorremos veredas, rios, riachos, flores, sol forte de cerrado "estrondando" em dias de "*dião de dia*" e vimos lua e infinitas estrelas em "noites do sertão". Vimos o Rio do Chico imensamente largo e profundamente assoreado. Percorremos e fizemos trajetos junto com meninos e meninas sertanejos que nos levaram a beira rio e lembraram a coragem de ser barranqueiro. Observamos que aquilo que destrói as águas do rio e modifica seus cursos d'água são também fruto de nossas ações rotineiras em nossa casa, em nossa comunidade, mas são as ações das grandes empresas, das modernas técnicas agrícolas que devastam terras e águas, e provocam uma destruição agonizante e agonizadora para os seres de vida nas margens dos rios do sertão mineiro.

Agora é hora de aportar, chegar a um porto, após travessias, chegar, mesmo que provisoriamente. Precisamos retomar às nossas indagações iniciais. Teríamos algumas respostas? Façamos nossas considerações:

Encontramos e estivemos com pessoas camponesas, famílias, homens e mulheres que após viver no urbano retornaram ao campo e vivem hoje na comunidade rural. Homens e mulheres que depois de vagarem por cidades e outros mundos rurais sempre retornaram para a comunidade que consideram como o seu lugar.

Vivem hoje novos hábitos e costumes, são novas vontades e desejos de consumo, novas características que promovem no lugar modificações e fazem com que a identidade seja feita na alteridade. Mas vimos também promessas, valores e Fé no sagrado. Pessoas que plantam e colhem na terra o sustento da família. Mulheres e homens que esperam por algum ente familiar retornar das migrações temporárias e na comunidade fazer seu viver permanente. As transformações nas pessoas acontecem em função do ir e vir dos sujeitos em lugares diversos e complexos, as transformações dos espaços e lugares acontecem nas concepções e partilhamentos que fazemos dos lugares que percebemos e sentimos como nosso.

Percebemos que quem migra torna possível conviver com *o eu-outro-estranho* e nas diferenças dos mundos constitui o seu lugar de vida e trabalho no mundo. Os migrantes rurais da Barra lançaram-se em uma travessia sem fim, acreditando que seriam sempre os mesmos, mas na travessia descobriram que se preserva e se transforma, afirma-se e também se transfigura, ao rememorar o caminho percorrido e ao viver e reviver situações, pessoas, imagens, lugares, sentimentos foram fazendo e construindo as novas situações de vivências. Fazendo assim o mundo vivido.

Foram migrantes, depois emigrantes e se tornaram imigrantes, retirantes e em todas as situações vividas foram e continuam camponeses rurais. Podem não ter a consciência das transformações, mas sabem que vivem no lugar de novo, o novo e que não são os de antes, mas que podem ser os de agora junto com os que antes aqui já estavam. No percorrer caminhos levaram suas marcas e ao retornarem encontraram desenhados no mapa da comunidade os sinais de suas errâncias e as marcas do passos que já haviam deixados antes de saírem.

A família possui e preserva, tanto na saída quanto no retorno à comunidade um antigo e sempre renovado papel fundamental para os migrantes e para os ficantes. São os que ficam que cuidam da casa, das pessoas e da terra para que alguns da família

possam migrar. Os que retornam buscam encontrar na família o que não encontraram em outros lugares: o sentir pertencendo a um grupo e a um lugar.

As relações do trabalho possuem lógicas diferenciadas quando concebidas na comunidade e fora dela. Existe uma ética do agir e fazer na Barra que concebe o trabalho como sagrado, e valor de sustentação da vida, assim protegem águas e terras. As relações do trabalho concebidas fora da comunidade são baseadas na concepção do trabalho como emprego, direcionados para a possibilidade da renda.

Temos na Barra uma dimensão do tipo mundo-de-dentro (lar) versus mundo–de-fora (trabalho). O lar é o local do relacionamento onde a pessoa vale por ser parente, ligada a outros pela família, pela afeição e através de sua pessoa reconhecida. O trabalho é o local das relações formais onde a pessoa vale por ser produtor, ligada aos outros por seu trabalho, pela eficiência, e através de um papel adquirido.

As pessoas que migraram e constituíram a comunidade da Barra muitos vivos e vivendo no lugar, transmitiram e transmitem conhecimentos e valores às novas gerações que por sua vez migram, mas em sua maioria retornam. São esses sujeitos que desenvolveram uma percepção da relação nós e outros e eu e os outros. Sentem em relação aos outros como "diferentes" e colocam no contra ponto do eu e o outro, nativo e estrangeiro, de dentro e de fora, como um complexo de identidade e alteridade, singularidade e pluralidade. A comunidade consegue conviver com diferenças e similitudes que são visíveis através do estar no lugar do moderno e tradicional e é na unidade enquanto grupo que fazem redes de reciprocidade, de solidariedade e conservam no lugar e fora deles a identidade de ser daqui. Não utilizam mais trocas de solidariedade do passado como mutirão, mas preservam o valor da ajuda mútua entre os seus e deles com os outros.

As categorias espaço e tempo são vivenciados de formas diferentes na comunidade entre os que ficam e os que partem. Aqueles que ficam na comunidade percebem o tempo e o espaço nas atividades diárias e no imaginário procurando compreender na concepção dos tempos e espaço de quem partiu. Os que migram vivem diferentes temporalidades de acordo com o espaço. Se estão no trabalho fora da comunidade são guiados pelo relógio, pelo tempo do capital e da modernidade. Ao retornarem para a comunidade por tempo determinado, continuam vinculados ao tempo

do relógio. Mas ao retornarem definitivamente, voltam a serem regidos nos tempos da natureza, no nascer e cair do sol, nas estações da lua.

O tempo presente esta impregnado de um passado que ressoa sempre e continuamente nas pessoas, nas coisas, nos sentimentos e nas situações que fazem os lugares. O passado faz o presente na comunidade. A grande e perseverante busca é - para utilizar um termo da comunidade - o *descortinar* de dias melhores.

Dias melhores que hoje os camponeses vivem da esperança do reconhecimento formal de seu território tradicional como uma Reserva Extrativista de Unidade de Conservação de Uso Sustentável (Reserva Extrativista - RESEX). Acreditam e anseiam por essa possibilidade, pois ela favoreceria o retorno de pessoas e lugares. Ela encontra-se com os trâmites legais avançados. Muitos filhos e filhas podem voltar das migrações para viverem na comunidade, fato relatado e confirmado nos depoimentos dos camponeses. E aguardam que lugares, como os Gerais – chapadas onde recolhiam frutos do cerrado e a área da lagoa sejam incorporadas de volta às terras da comunidade. A adesão como comunidade tradicional de forma governamental e pública tem propiciado aos moradores uma atenção aos aspectos culturais do grupo e tem criado entre eles e elas uma experiência de re-significação do passado no presente que agora pode proporcionar um futuro melhor.

Manuelzão costumava dizer que não se come carvão e ia acabar tendo só isso no sertão. Riobaldo, no *Grande sertão: veredas*, pergunta se cidade vai acabar com sertão. Miguilim sai do Mutum em busca de uma vida melhor, mesmo reconhecendo, após colocar nos olhos míopes óculos, pela primeira vez, o Mutum como um lugar bonito. O próprio João Guimarães Rosa saiu cedo do sertão em busca de melhoria de vida. Outros personagens do autor fazem viagens por meio do sertão, dentro do sertão, saindo do sertão e na maioria das vezes retornam ao sertão, ou por passagem ou permanentemente.

As ações dos personagens e dos homens e mulheres que fizeram conosco essa viagem, traçaram, grafaram, fizeram e modificaram os destinos dos atores e os cenários nos trajetos migratórios no sertão. Apreendemos que a travessia nos foi revelada no meio do caminho, a cada nova provisória descoberta exercitamos a indagação e a instigação de renovar a busca e de percorrer outros novos e velhos caminhos. As travessias são infinitas, fazem parte e fazem o todo no espaço do real, do percebido e do

imaginado. Aportamos e estamos nas palavras de João Guimarães Rosa e Seu João Bento: *alumiados e descortinados*. Certeza apenas que "*existe é o homem humano"*... Travessia.

∞

REFERÊNCIAS

ABROMOVAY, Ricardo. CAMARANO, Ana Amélia. **Êxodo Rural, Envelhecimento e Masculinização no Brasil: Panorama dos Últimos 50 Anos.** Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

AB'SABER. Aziz Nacib. **Sertão e sertanejos: uma geografia humana sofrida**. Estudos Avançados n.13 (36) São Paulo, 1999.

ALMEIDA E OLANDA. **Uma visão geográfica em "O Fiel e a Pedra" de Osman Lins.** Sociedade & Natureza, Uberlândia, 19 (1): 143-156, jun. 2007.

AMADO, Janaína. 1995. **"Região, Sertão, Nação**" in: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. vol. 8, n. 15, p. 145-151.

AMADO, Jorge. **Seara vermelha**.32 ed. Rio de Janeiro: Record, 1978.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. trad. Roberto Raposo; 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária,1991.

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. Trad.Joaquim José moura Ramos et.al.2 ed. São Paulo, Abril Cultural, 1984. -(Os pensadores).
_____. **Poética do Devaneio**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BAPTISTA, Fernando Oliveira. **Agricultura, Espaço e Sociedade Rural**. Coimbra-Portugal: Fora do Texto, 1993.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix,1978.
_____. **A câmara clara**. Tradução de Manuela Torres. Lisboa: Portugal, ediçoes70, 2008.

BARTH, Fredrik. **Os grupos étnicos e suas fronteiras**, p. 25-67. In: LASK, Tomke (org.). O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas. – Fredrik BARTH. Tradução de John CUNHA Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **COMUNIDADE: a busca por segurança no mundo atual**. Trad.Plinio Dentzien. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2003.
___. **Modernidade Líquida**. 1.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e História da cultura.** Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo, Brasiliense, 1994. (obras escolhidas, V. I).

BEZERRA, Marily da Cunha & HEIDEMANN, Dieter. **Viajar pelo sertão roseano é antes de tudo uma descoberta.** Estudos Avançados. 20 (58) 2006.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BIZZARRI, E. J. **GUIMARAES ROSA CORRESPONDENCIA com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri.** 2.ed. São Paulo:1981.

BORGHI, Andréa Jacinto. **Anotaçoes das Cadernetas de JGROSA**, IEB- USP, São Paulo, 1993,mimeo.

BORNHEIM, Gerd. **Cultura Brasileira.** Tradição/ contradição. Rio de Janeiro, Jorge Zahar/Funarte, 1987.

BOLLE, Willi. **Grandesertão.br.** 1Ed. São Paulo: 34, 2004.

BOSCO, S. H.; JORDÃO NETO, A. **Migrações: estudo especial sobre as migrações internas para o Estado de São Paulo e seus efeitos**. São Paulo: Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, 1967. p. 1-40.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaina. **Usos e abusos da Historia Oral**. (org). 7 ed.Rio de Janeiro, FGV,2005.
_____. **O poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **São Francisco Meu Destino**. Campinas: Mercado das Letras, 2003.
_____. **A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador. Saber com o Outro**. São Paulo: Cortez, 2003.
_____. **Tempo e Espaço na Comunidade Rural: A visita de um antropólogo à geografia**, In: II Encontro Nacional de Grupos de Pesquisa – agricultura e desenvolvimento. Uberlândia, Instituto de Geografia. UFU, 2006.
_____. **A partilha da vida**. São Paulo: GEIC/Cabral Editora, 1995.
_____. **Memória-Sertão**. São Paulo: Cone-Sul/UNIUBE, 1998.
_____.**O afeto da terra:** imaginário, sensibilidades e motivações de relacionamentos com a natureza e o meio ambiente entre agricultores e criadores sitiantes do bairro dos Pretos, nas encostas paulistas da Serra da Mantiqueira, em Joanópolis. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. 175 p.
_____.**Festas populares brasileiras**. Org. FEREEIRA, Cláudia Márcia. Ed. Pioneira, 1987. Organização de Cláudia Márcia Ferreira. São Paulo: Ed. Pioneira, 1987.
_____. **Plantar, colher, comer:** um estudo sobre o campesinato goiano. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.
_____. **Outros olhares, outros afetos, outras idéias**: homem, saber e natureza. In: ___. **Somos as águas puras**. Campinas/São Paulo: Papirus,1994. Pg.71-135.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução Newton Aquiles Vonzuben. 8ed. São Paulo: Moraes, 1974.

BURTON, Richard. **Viagem de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico**. Belo Horizonte: Itatiaia/USP, 1977.

CALVINO, Ítalo. **A palavra escrita e Não escrita**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaina. **Usos e Abusos da Historia Oral.(org**). 7 ed.Rio de Janeiro: FGV,2005.p.p.139.

CANDIDO, A. **Os parceiros do rio bonito: estudo sobre o caipira paulista e as transformações dos seus meios de vida.** 6 ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1982.
___."**O Homem dos avessos**", In: Tese e antítese. 3ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

CAPPIO, Flavio; MARTINS, Adriano; KIRCHNER, Renato. **Rio São Francisco: uma caminhada entre vida e morte**. Petrópolis: Vozes, 1995.

CARDOSO, Lúcio. **Maleita**. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint, s.d.

CARDOSO, José Maria Alves. **A região norte de Minas Gerais: um estudo da dinâmica de suas transformações espaciais**. In: OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de et al. Formação social e econômica do Norte de Minas. Montes Claros: UNIMONTES, 2000. 428p. Cap. 3, p. 173-346.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Redes**.Volume I. 8. ed.São Paulo: Paz e Terra, 2005.
_____.**O poder da Identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. Volume II.6 ed. São Paulo: Paz e Terra,2008.

CASTRO, Iná de Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORREA, Roberto Lobato(org.). 3 ed. **Geografia: Conceitos e Temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CASTRO Josué. **Geografia da Fome: o dilema brasileiro pão ou aço**. 14.ed.Rio de Janeiro:2001.

CAVALCANTI, Helenilda. **O DESENCONTRO DO SER E DO LUGAR: A migração Nordestina para São Paulo.** 13 de julho de 2002. Número 267. ISSN 1676-9023 Disponível htpp: em: http://www.riototal.com.br/coojornal/.Acesso em 30 de maio de 2009.

CHAGAS, Ivo. **Eu sou o cerrado**. In: RODRIGUES, Luciene. MAIA, Claúdia. **Cerrado em perspectiva(s**). Montes Claros: Unimontes,2003.

CHAUI, Marilena. **Convite a Filosofia**. 12 ed. São Paulo, Ática, 2000.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 2 ed. Florianópolis:2001.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução Nº196/96.** Disponível em http://www.ufrgs.br/bioetica/textos.htm. Acesso em 20 de agosto de 2006.

Comitiva Sertão das Gerais- Verde e Rosa. Alfredo Dures, 2005. Disponível em http://www.cultura.mg.gov.br/?task=interna&sec=3&cat=31&con=913#comitiva. Acesso em 12 de maio de 2008.

Comitê de Bacias Hidrográficas dos Rios Jequitaí e Pacuí – CBH Jequitaí/Pacuí. Disponível: em: http://comites.igam.mg.gov.br/new. Acesso em 23 de outubro de 2009.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço, um conceito-chave da Geografia**. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Geografia: Conceitos e temas.** 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
_____. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

COSTA, João Batista de A. **Fronteira regional no Brasil: o entre-lugar da identidade e do território baianeiros em Minas Gerais.** Sociedade e Cultura,v.5,n. 1,JAN/Jun.2002,p.53-64.
_____. **Cultura Sertaneja: A Conjunção de Lógicas Diferenciadas**. In: SANTOS, Gilmar Ribeiro dos (org). **Trabalho, Cultura e Sociedade no Norte/Nordeste de Minas**. Montes Claros: BEST, 1997.
_____.**Cultura, natureza e populações tradicionais: o Norte de Minas como síntese da nação brasileira**. In: Revista Verde Grande. Vol. 1 – nº 3, 2005. p. 8-47.Dez./Fev. 2005.
_____. **Minas Gerais na Contemporaneidade: Identidade fragmentada, a diversidade e as fronteiras regionais**. Cad. Esc. Legisl., Belo Horizonte, v. 11, n. 16, p. 117-137, jan./jun. 2009.

COUTO, Mia. **O sertão brasileiro na savana moçambicana**. In: **PENSATEMPOS: textos de Opinião**. 3.ed.Lisboa: Editora Caminho,2008.

CUNHA, Euclides. **Os sertões**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

CUNHA, Antonio Geraldo da. **DICIONÁRIO ETIMOLOGICO NOVA FRONTEIRA DA LINGUA PORTUGUESA**.Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução ä antropologia social. Rio de Janeiro:** Rocco, 1987.

____. **Carnavais, Malandros e Heróis, para uma Sociologia do Dilema Brasileiro**. 4.ed.Rio de Janeiro: Zahar,1983.

___. **A Casa e A Rua**. Rio de Janeiro: Quanabara/Koogan,1993.

DANTAS, Humberto. **Movimento de migrações internas em direção do planalto paulista.** BOLETIM DO SERVIÇO DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO. São Paulo, Séc. da Agric, Ind e Comércio, Nº3, 1941.

DAYRELL, Carlos Alberto. **Geraizeiros e biodiversidade no norte de Minas: a contribuição da agroecologia e da etnoeconologia nos estudos dos agroecossistemas tradicionais.** Dissertação de Mestrado. Andaluzia: Universidade Internacional de Andaluzia. 1998.
_____. **Os Geraizeiros Descem a Serra ou A Agriculturade Quem Não Aparece nos Relatórios dos Agrobusiness** In: LUZ, Cláudia e DAYRELL, Carlos (org.). **Cerrado e**

Desenvolvimento: tradição e atualidade. CAANM e Rede Cerrado. Max Gráfica. Montes Claros. 1999.

DE PAULA, Andréa Narciso Rocha. **Integração dos migrantes rurais no mercado de trabalho em montes Claros, norte de Minas Gerais:** a esperança de melhoria de vida 159 F. Dissertação (mestrado em geografia) Programa de pós-graduação em geografia UFU. Uberlândia MG, 2003.

_____. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. JUNIOR CLEPS, João. **Pesquisa de campo e em campo, os saberes das histórias de vida em comunidades rurais no sertão de Minas Gerais/Brasil**. ALASTRU, Equador, Quito, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. São Paulo, ed. 34, 1992.

DIEGUES, Antonio Carlos & ARRUDA, Rinaldo S. V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. 2001.
_____. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. 2. ed. São Paulo,Hucitec,1998.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel. **Regiões culturais do Brasil.** Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais; Ministério da Educação e Cultura, 1960.

DINIZ, Domingos. "**De barranqueiro para barranqueiro".** JORNAL CORRENTE. 15 de abril de 2005. Pirapora, Minas Gerais.

DURÁN, Francisco E. **Viejas y nuevas imágenes sociales de ruralidad**. Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro: UFRRJ/CPDA, n. 11, p. 76-98, out. 1998.

DURKHEIM, Emile. **As regras do Método Sociológico**. São Paulo:Martins Fontes, 1999.

EITEN, G. A. **Classificação da vegetação do Brasil**. Brasília: CNPq, 1983.

ELIAS, Norbert. **O processo Civilizador**. Tradução Ruy Jungmann.Rio de Janeiro: Zahar.1994.

ESTRELA, Ely Souza. **Os sampauleiros: memórias do deslocamento.**Travessia, 32:11-3. 1998.

ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS DO BRASIL. Disponível em http://www.estacoesferroviarias. com.br/. Acesso em 10 de janeiro de 2009.

FANTINI, Marli. **A poética migrante de Guimarães Rosa**. Belo Horizonte; UFMG, 2008.

FERNANDES, Mançano Bernardo. **Brasil: 500 anos de Luta pela Terra**. Disponível em <http://w.w.w.culturavozes.com.br/revistas>. Acesso em 4 mai.2001.

FERREIRA, L. P. **Aspectos do Desenvolvimento de Montes Claros**. Belo Horizonte. Imprensa Oficial. 1975.

FORRESTER, Viviane. **O Horror Econômico**. São Paulo: Unesp, 1997.

FUNDAÇÃO JOAO PINHEIRO. **Migrações em Minas Gerais. Um Panorama do seu Comportamento nas Ultimas Décadas.** Belo Horizonte. 2002. Informe especial-Demografia-29p.
_____. **Atlas do Desenvolvimento Humano 2000**. Disponível em:<http://www.fjp.gov.br>, Acesso em: 05/03/2009.

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. Disponível em http://www.fundaj.gov.br/docs/indoc/cehib/bartira.html#fn1, Acesso 15 de julho de 2009.

FUNDARPE. **Viagem ao Sertão Brasileiro – Leitura geo-sócio – antropológica de Ariano Suassuana, Euclides da Cunha, Guimarães Rosa**. Recife: CEPE/FUNDARPE: 1997.

GALVAO, Walnice Nogueira. **Guimarães Rosa.** São Paulo: Publifolha,2000.

GARCIA, Carlos. **O Que é Nordeste Brasileiro**. 9.ed. São Paulo: Brasiliense.1995. Coleção Primeiros Passos.

GEOMINAS. **Programa Integrado de Uso da Tecnologia de Geoprocessamento pelos Órgãos do Estado de Minas Gerais.** Disponível em http://www.geominas.mg.gov.br. Acesso em 20/10/2009.

GEERTZ,Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científica Editora S.A., 1989.
_____. **A Transição para a Humanidade.** In: Sol Tax (org).Panorama da Antropologia. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura,1966.
_____. OBRAS E VIDAS: Antropólogo como autor. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

GILDENS, Anthony. **As conseqüências da Modernidade.** Trad.Raul Fiker. Sao Paulo: Unesp, 1991.

GODÓI, E.P. de. **O trabalho da memória: cotidiano e história no sertão de Piauí.** Campinas: Editora da Unicamp, 1999. 165 p.

GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na Vida Cotidiana**.Trad.Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 1975.

GONÇALVES, Alfredo José. Migrações Internas: evoluções e desafios**.** Estud. av. (online). 2001, vol.15, n.43, pp. 173-184.

GOMES, Sueli de Castro. **Uma inserção dos migrantes nordestinos em São Paulo: o comércio de retalhos.** São Paulo, v. 12, n. 13, 2006. Disponível em: http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo. Acesso em: 03 de Julho 2009.

GRAVATÁ, Hélio. **Viajantes estrangeiros em Minas:** 1809 a 1955**.** Minas Gerais: Suplemento Literário n. 215, 1970.

GRUZINSKI, Serge. **Por uma nova história**. In: WALTER, Sebastião, coluna: Pensar, JORNAL ESTADO DE MINAS, 30 de junho de 2007.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. Niterói: EdUFF; São Paulo: Contexto, 2002.
_____. **Identidades Territoriais**. In: Manifestações da Cultura no espaço. ROSENDAHL, Zeny. CORREA, Roberto Lobato. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. 3 ed. Rio de janeiro: DP&A, 1999.
___. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG,2003.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna.** 9 ed. São Paulo: Loyola, 2001.

HEIDEGGER, Martim. **El arte y el espacio**. Revista Eco. Bogotá, Tomo 122, junho/1970.
_____. **Construir, Habitar, Pensar.** traducción de Eustaquio Barjau, In:Conferencias Y Artículos, Serbal, Barcelona, 1994.

HEIDEMANN, Heinz Dieter. SILVA, Antonio da Silva. Simpósio Internacional **Migração: nação, lugar e dinâmicas territoriais**. São Paulo: Humanitas, 2007.

IBAMA/MMA**. Revista Velho Chico Patrimônio Mundial**. Brasília-DF: n. 1, Jun. 2002,p. 34-35.
_____. **Glossário verbetes.** Disponível em http://www.ibama.gov.br/siucweb/guiadechefe/glossario/verbetes.htm. Acesso em 20 de março de 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICO. **Sinopse Preliminar Do Censo Demográfico 2000.** Volume 7: Rio de Janeiro: 2001.
_____. Censo Demográfico, 1970; 1980; 1991 e 1996.

JORNAL DIÁRIO DE SÃO PAULO. **Rio São Francisco, Tradição, misticismo e folclore embelezam suas margens, colorindo a vida da população sertaneja**. 30 de abril de 1976.

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. **Sertão de Guimarães vira ‘ deserto verde’**. 21 de março de 1993. Caderno Cotidiano. Agencia Folha. São Paulo.

JORNAL ESTADO DE MINAS. Desastre Ambiental. 11 de novembro de 2007. Belo Horizonte. Minas Gerais.

JORNAL HOJE EM DIA. **Mar de Eucalipto**. 17 de maio de 2009. Belo Horizonte, Minas Gerais.

JORNAL O TEMPO. **Reportagem especial**. Edição 23 de setembro de 2007, Belo Horizonte, Minas Gerais.

KURTZ, Robert. **Descartável e Degradado.** Folha de São Paulo, São Paulo, 11 de julho de 1999, Caderno Mais, p- 18.
_____. **O Colapso da Modernização.** Paz e Terra: São Paulo, 2001.

LEAL, Alessandra, 2008, **Texto sobre a Barra do Pacuí**. Ibiaí - Minas Gerais, 2008.mimeo.

LEFEBVRE, Henri. Problemas de sociologia rural. In: MARTINS, José de Souza (org). **Introdução critica a sociologia rural.** São Paulo: Hucitec, 1986.
_____. Perspectivas da sociologia rural. In: MARTINS, Jose de Souza (org). **Introdução critica a sociologia rural**. São Paulo: Hucitec, 1986.
_____. **A "praxis":** a relação social como processo. In: FORACCHI, Marialice Mencarini; MARTINS, José de Souza. Sociologia e Sociedade. 21.ed.São Paulo:LTC,1999,p.175-190.

LINS, Wilson. **O médio São Francisco:** Uma sociedade de Pastores Guerreiros. 3 ed.São Paulo, Editora Nacional, 1983.

LITTLE, Paul E. **Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil:** Por uma antropologia da territorialidade. Trabalho apresentado no SIMPÓSIO "NATUREZA E SOCIEDADE: DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS E METODOLÓGICOS PARA A ANTROPOLOGIA", na 23a Reunião Brasileira de Antropologia, Gramado, RS, 19 de junho de 2002.

LUZ. Claudia. **Vazanteiros do Rio São Francisco:** um estudo sobre populações tradicionais e territorialidade no Norte de Minas Gerais. Departamento de Sociologia e Antropologia/UFMG. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte. 2005.

MAFESSOLI, Michel. **Sobre o Nomadismo. Vagabundagens Pós-Modernas**. São Paulo: Record, 2001.
_____.C**omunidade de destino** in: Horizontes Antropológicos. Porto Alegre: PPGAS, ano 12, n. 25, jan/jun, 2006, p. 273-283.
_____. **O Eterno Instante:** O retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. Tradução Maria Ludovina Figueiredo. Lisboa: INSTITUTO PIAGET. 2008.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental:** Um relato do Empreendimento e da Aventura dos Nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné Milanésia. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural,1978. Coleção Os Pensadores.

MARTINS, Nilce Sant' Anna. **O léxico de Guimarães Rosa.** São Paulo: FAPESP /Edusp: 2001.

MARTINS, José de Souza. **Capitalismo e tradicionalismo**. São Paulo: Pioneira, 1975. HUCITEC, 1981.
_____. **Não há terra para plantar neste verão.** 2 ed. Petrópolis: VOZES, 1988.
_____.**Henri Lefebvre e o Retorno da Dialética.** São Paulo: HUCITEC, 1996.
_____. **A Chegada do Estranho**. São Paulo: HUCITEC, 1993.

_____. **Os Camponeses e a Política no Brasil.** 5ªed.Petrópolis:Vozes,1995.
_____. **O Cativeiro da Terra.** 7ªed. SãoPaulo: Hucitec,1998.
_____.**A Sociedade Vista do Abismo:** Novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis: Vozes, 2002.
_____. **Exclusão social e a nova desigualdade.** 2.ed. São Paulo: Paulus,2003.
_____. **Fronteira:**a degradação do Outro nos confins do humano.São Paulo: EDITORA HUCITEC, 1997.
_____.**A dureza de ser cidadão do limbo**. JORNAL ESTADO DE SÃO PAULO. 28 de junho de 2009

MATA-MACHADO, Bernardo Novais da. 1991. **História do Sertão Noroeste de Minas Gerais (1690-1930).** Belo Horizonte: Imprensa Oficial.

MATTOS, Olgária. **A Melancolia de Ulisses: a dialética do Iluminismo e o canto das sereias**. In: CARDOSO, Sérgio (et alli). Os sentidos da paixão. SP: Cia das Letras, 1987.

MARANDOLA Jr. Eduardo. **Habitar em Risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana**. 2008. 278f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. SP

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MATURANA, Humberto. **A Ontologia da Realidade.** MAGRO,Cristina. GRACIANO, Miriam, VAZ, Nelson (org). Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MENEZES , Ulpiano Bezerra de. **Identidade Cultural e Arqueologia.** In: Alfredo Bosi (org). Cultura Brasileira: tema e situação. São Paulo, Ática, p.188.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL. Disponível em http://www.mds.gov.br/bolsafamilia/ Acesso em. 20 de abril de 2009.

MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL**.** Disponível em http://www.integracao.gov.br/saofrancisco/rio/numeros.asp. Acesso em 25 de abril de 2009.

MONTEIRO, C. A. F. **Mapas e Tramas**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2002.

MONTEIRO, Douglas Teixeira. **Os errantes do novo século:** um estudo sobre o surto milenarista do Contestado. São Paulo, Duas Cidades, 1974.

MORAES, Maria Dione Carvalho de. **Memórias de um sertão desencantado – (Modernização agrícola, narrativas e atores sociais nos cerrados do sudoeste piauiense**) IFICH/UNICAMP, Campinas, SP – Tese de Doutorado, 2000.

MOSCOVICI, Serge. **Sociedade contra Natureza.** Vozes, Petrópolis, 1975.

MOURÃO, Laís. **Pertencimento**. In: II Congresso Internacional da Transdisciplinaridade. Vitória – ES: Julho de 2005.

NETO, p. Helion. **A produção de um estigma**: Nordeste e nordestinos no Brasil. In: Revista Travessia n.1. São Paulo: CEM mai./ago. de 1994.p.p 20-22.

NEVES, Zanoni. **Navegantes da Integração:** os remeiros do rio São Francisco. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
_____. **Médio São Francisco:** a paisagem rural ribeirinha na primeira metade do século XX. IN: RODRIGUES, Luciene. MAIA, Cláudia. Cerrado em perspectiva(s). Montes Claros: Unimontes, 2003.
_____. **Os remeiros do Rio São Francisco**. São Paulo:Saraiva, 2004.
_____. **Na Carreira do Rio São Francisco:** trabalho e sociabilidade dos vapozeiros. Belo Horizonte: Itatiaia. 2006.

NOGUEIRA, Mônica C.R. **Gerais a dentro e a fora:**Identidade e territorialidade entre Geraizeiros do Norte de Minas Gerais.Tese de Doutorado.Departamento de Antropologia.Universidade de Brasília- UNB. 2009.p. 233.

NOGUEIRA, M. D. ; WALDECK, G. **Mandioca:** saberes e sabores da terra. Rio de Janeiro: IPHAN - CNFCP, 2006.

Nordeste sertanejo: a região semi-árida mais povoada do mundo. USP: ESTUDOS AVANÇADOS 13 (35), 1999.

OLIVEIRA, A. U. de. **Geografia agrária:** perspectivas no início do século XXI. In: OLIVEIRA, A.U. de.; MARQUES, M.I.M. (Org.). **O campo no século XXI: território de vida, de luta e de construção da justiça social.** São Paulo: Casa Amarela e Paz e Terra, 2004 p.29-70.

OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de; RODRIGUES, Luciene (org.). **Formação Social e Econômica do Norte de Minas Gerais**. Montes Claros: Unimontes,2000.

ORTEGA, A. C. FERREIRA, Rômulo Gama. **Impactos da intensificação da mecanização da colheita de café nas microrregiões de Patos de Minas e Patrocínio-MG.** Teoria e Evidência Econômica, Passo Fundo - RS, v. 12, n. 23, p. 71-96, 2004.

OSMAN, Samira Adel. **O retorno na comunidade líbano-brasileira: experiências migratórias e história oral de vida.** V ENCONTRO NACIONAL SOBRE MIGRAÇÕES CAMPINAS, 15 A 17 DE OUTUBRO DE 2007. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/5EncNacSobreMigracao/comunic_sec_2_ret_com_lib.pdf. Acesso em 31 de maio de 2008.

PENNA, Maura. **Relatos de migrantes: questionamentos as noções de perda de identidade e desenraizamento**. In: SIGNORINI, Inês (org).Língua e Identidade: elementos para uma discussão no campo Aplicado.São Paulo: Mercado das Letras, 1998, p.89-112.

PEREZ, Léa Freitas. GOMES, Rafael Barros. **Notas e observações sobre o projeto de pesquisa Cartografia das festas em Minas Gerais por seus viajantes e cronistas.** Trabalho apresentado no Colóquio Festas e sociabilidadesa, UFSE. 2006.

PIERSON, Donald. **O Homem no Vale do São Francisco.** Rio de Janeiro: SUVALE, 1972. Tomo I e II.

PINTO. Júlio. **O ruído e outras inutilidades: Ensaios de Comunicação e Semiótica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PIRES, Simeão Ribeiro. **Raízes de Minas.** Montes Claros, sem editora, 1979.

PRADO, Adélia. **Poesia Reunida.** São Paulo: Arx,1991.

QUEIROZ, Maria Izaura Pereira (org.) **Sociologia Rural**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

REIS, Geraldo Antônio dos. Algumas Considerações sobre o processo de desenvolvimento recente da Região Mineira do Nordeste**.** In: SANTOS, Gilmar Ribeiro dos(Org). **Trabalho, Cultura e Sociedade no Norte/Nordeste de Minas: Considerações a partir das Ciências Sociais.** Montes Claros: Best Comunicação e Marketing, 1997.p. 37-74.

RELPH, E. C. **As bases fenomenológicas da Geografia.** In: Geografia, 4(7). Rio Claro: (s.n.), 1979.

Revista Época. Saiba mais sobre a seca**.** Edição nº 321. Disponível em: http://revistaepoca.globo.com/revista/epoca/saiba+mais+sobre+a+seca+no+nordeste. Acesso em 22 de dezembro de 2008.

Revista Realidade. Rio de Janeiro: Editora abril, 1971.

RIBEIRO, Luiz. **O Mapa da fuga.** Jornal Estado de Minas, Belo Horizonte, Edição de 08 de julho de 2001.Caderno Gerais,p-16.

RIZZINI, C.T.**Tratado de Fitogeografia do Brasil: aspectos ecológicos, sociológicos e florísticos.** 2. ed. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural Edições, 1997.

RODRIGUES, Adriana F. S. RODRIGUES, Fátima C. MEDRADO, Rita de C. DRUMOND, Sirléia M O. CARDOSO, Soraya F. **Projeto Geografando os municípios**. Montes Claros: Unimontes. 1991.

RODRIGUES, Luciene. **Formação econômica do Norte de Minas e o período recente**. In: OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de et al. Formação social e econômica do Norte de Minas. Montes Claros: UNIMONTES, 2000. 428p. Cap. 1, p. 13-103.

RODRIGUES, Luciene et al. **Especificidades setoriais dos municípios do Norte de Minas: um instrumento para o desenvolvimento setorial e regional.** In: Cadernos BDMG. Belo Horizonte, BDMG, 2005, nº10, p. 5-35.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão:veredas.** 33 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
____.**Manuelzão e Miguilim**. 9 ed.Rio de Janeiro:Nova fronteira.1984.
____.**Magma.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
____.**Primeiras Histórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1998.
____.**Sagarana**. 12 Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1998.
____.**Corpo de Baile.** Rio de Janeiro: José Olympio: 1998.
____.**Tutaméia.** 8 ed.Rio de Janeiro:José Olympio: 2001.
____.**Ave, Palavra.** Rio de Janeiro: José Olympio: 1970.
____.**Correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer Clason (1958–1967).** Tradução de Erlon José Paschoal; Edição, organização e notas: Maria Apparecida Faria Marcondes Bussolotti. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Academia Brasileira de Letras/Belo Horizonte: UFMG, 2003.

ROSENFIELD, H.Kathrin. **Grande Sertão: Veredas-Roteiro de Leitura**. São Paulo: Ática, São Paulo, 1992.
_____.**Desveredando ROSA**. A Obra de J. G. Rosa e outros ensaios roseanos. Rio de Janeiro: TOPBOOKS, 2006.

ROSENDAHL, Zeny & CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Matrizes da Geografia Cultural.** Rio de Janeiro-UERJ, 2001.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais.** Belo Horizonte, Ed Itatiaia; São Paulo, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.

SAHLINS, Marshal. **Cultura e razão prática.** Rio, Jorge Zahar, 2003.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente – contra o desperdício da experiência.** Cortez Editora, São Paulo, 2001.
_____. **Pela Mão de Alice:** O social e o político na Pós-Modernidade. 5.ed. São Paulo: Cortez,1999. p.p.281-346.
_____. **Um Discurso sobre as Ciências**. 9 ed. Porto: Edições Afrondamento, 1987.
_____. **A Globalização e as Ciências Sociais**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.
_____. **A gramática do tempo:** para uma nova cultura política. Porto: Portugal: Afrontamento, 2006.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço:** espaço e tempo, razão e emoção. 3. ed. .São Paulo: Hucitec, 1999.
_____. **O espaço geográfico como Categoria Filosófica**. Revista Terra Livre: O Espaço em Questão São Paulo: AGB/Marco Zero, 1988.p.09-120.

SANTOS, Rodrigo Herles. **Aqui estou, aqui faço o meu lugar: um estudo sobre percepções e manejo do ambiente entre camponeses, na comunidade de Barra do Pacuí, município de Ibiaí – MG**. 148 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia- MG, 2008.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade.** SP: EDUSP, 1998.

_____. **O retorno:** elemento constitutivo da condição de imigrante. Travessia: Revista do Imigrante. Publicação do CEM, ano XIII, número especial, jan/2000.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória.** Companhia das Letras, São Paulo, 1996.

SCHUTZ, Alfred. 1979. **Fenomenologia e relações sociais.** Rio de Janeiro: Zahar Editores.

SENA, Custódia Selma. **A categoria sertão: um exercício de imaginação antropológica. Sociedade e Cultura.** Goiânia, V.1 p.p.19-28. Jan/Jun, 1998.

SILVA, Simone Aparecida Leite. .**Pra se lembrar tem que bulir em muita coisa:** história e Identidade em Barra do Pacuí uma Comunidade Rural Negra de Ibiaí Norte de Minas. 2009. Monografia (graduação em Ciências Sociais) Unimontes: Montes Claros.

SPIX, Johann Baptist Von; MARTIUS, Carl Friederich Philip Von. **Viagem pelo Brasil: 1817 – 1820.** Belo Horizonte, Ed Itatiaia; São Paulo, ed da Universidade de São Paulo, 1981.

SOARES, Luis Eduardo. **Sair do armário.** Disponível em: www.luizeduardosoares.com.br/docs/sair_do_armario.doc. Acesso em 26 de maio de 2009.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros.** Trd. Rubens Figueiredo. São Paulo: CIA das Letras, 2003.

SOUSA, Haidê A. de Carvalho. **Lugar, Trabalho, vivência e identidade na comunidade de Barra do Pacuí, município de Ibiaí Minas Gerais.** Monografia (trabalho de Conclusão de Curso de Geografia)- Unimontes- 2009.

SOUZA. José Antônio de. **Paixões alegres.** São Paulo: Globo, 1996.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e Filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico.** São Paulo: UNESP, 2004. 218 p.

SPRANDEL, Marcia Anita. **Remando por este mundo de Deus – terras e Territorios nas estratégias de reprodução camponesa.** In: WORRTAMANN, Ellen F. (org) Significados da terra. Brasília:UNB,2004.

STEFANINI, L. de Lima. **A Propriedade no Direito Agrário.** 1 a. Ed. São Paulo. Editora Revista dos Tribunais, 1978.

SUSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui – o narrador, a viagem.** Companhia das Letras, São Paulo. 1990.

THÉ, Ana Paula G. **Conhecimento Ecológico, Regras de Uso e Manejo Local dos Recursos Naturais na Pesca do Alto-Medio São Francisco, MG.** 2003.197 p.(Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Carlos/São Paulo São Carlos,UFSCar).

THÉ, Tatiana Glinfskoi. **Barra do Pacuí: entre o rural e o urbano**. 2006. 23 f. Monografia (trabalho de conclusão de curso em Jornalismo) - Universidade de São Paulo.

TOURRAINE, Alain. **Poderemos viver juntos?** Iguais e Diferentes. Petrópolis: Vozes, 1999.

TUAN, YI-FU. **Espaço e lugar:** A perspectiva da Experiência. Tradução de Lívia de Oliveira, São Paulo: DIFEL, 1983.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. **Migrantes nos espaços (sertão, memória e nação).** Revista do CESPUC, Belo Horizonte, UFMG, v. 22, n. 30, p. 67-81, jan./jun. 2002.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Mineiridade:** ensaio de caracterização. Belo Horizonte: Imprensa Oficial. 1968.

VELOSO, Caetano. **O ciúme.** CD: Antologia 67/2003.

VIANNA, Eliane Chaves. **A migração em um novo contexto sócio-cultural: o provisório permanente.** (Mestrado) Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 1998. 104 p.

VIGGIANO, Alan. **Itinerário de Riobaldo Tatarana.** São Paulo: José Olympio, 1978.

VILLA, Marco Antônio. **Vida e Morte no Sertão:** História das Secas no Nordeste nos Séculos XIX e XX. São Paulo/SP: Ed. Ática, 2000.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro.** In: TEDESCO, João Carlos (org).2 ed. Agricultura Familiar: Realidades e Perspectivas**.** Passo Fundo: Ediupe,1999.
_____**.A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas: o "rural" como espaço singular e ator coletivo.** Recife, Universidade Federal de Pernambuco, mar. 2000. Fotocópia.

WEBER, Max. **A ciência como vocação.** Trad.Carlos Babo.Lisboa: Presença,1980.
_____.**Ação Social e relação social.** In: FORACCHI, Marialice Mencarini; MARTINS, José de Souza. Sociologia e Sociedade. 21.ed.São Paulo:LTC,1999.

WEIL, Simone. **A condição operária e outros estudos**. Coletânea de escritos de imone Weil. Organizado e prefaciado por Ecléa Bosi. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra.1979.

WOORTMANN, Klaas. 1990a. **Migração, famílias, campesinato** in; Revista Brasileira de Estudos de População. v. 7, n. 1, jan/jun., p. 35-53.

WOORTMANN, Ellen F. **Herdeiros Parentes e Compadres.** São Paulo: Hucitec; Brasília: EDUNB, 1995.
_____. **O sítio camponês.** Edições UFC, 1983. Anuário Antropológico, 81, p.164-203.

_____. **O saber tradicional camponês e inovações**. In: OLIVEIRA, A. de O.; MARQUES, M.I.M. (Org.). O campo no século XXI: território de vida, de luta e de construção da justiça social. São Paulo: Casa Amarela e Paz e Terra, 2004. p.133-143.
_____. 1990b. **Com Parente Não se Neguceia:** o campesinato como ordem moral**.** In: Anuário Antropológico 87. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 11-73.

WWF/FUNDO MUNDIAL PARA A NATUREZA. **De grão em grão o cerrado perde espaço.** Impactos do Processo de Ocupação. Brasília: WWF/Fundação Pró-Cerrado. 1995.

DOCUMENTOS

BRASIL. **Constituição da Republica federativa do Brasil**. Brasília, DF, 1988, Decreto Presidencial, 6040.2007.

Lei n. 9.985, de julho de 2000, regulamenta o Art. 225 da Constituição Federal e institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC).

BRASIL, República Federativa do. **Utilização e proteção da vegetação nativa do BiomaMata Atlântica.** Lei 11.428. Brasília, 2006.

Carta pública. **13° Romaria das águas e da terra de Minas Gerais.**

MINAS GERAIS, Estado de. **Mata Seca**. Lei 17.353: Belo Horizonte, 2008.

SNUC, Sistema Nacional de Unidades de Conservação: **lei n° 9.985, de 18 de julho de 2000; decreto n° 4.340, de 22 de agosto de 2002.** 5 ed. Brasília:MMA/SBF, 2004.

ANEXOS

ANEXO A
Desenhos da representação do urbano feito pelas crianças na Barra do Pacuí



ANEXO B

Roteiro básico de observação da pesquisa de campo.[134]

.

- Podemos identificar no campo paisagens descritas nos contos, estórias e novelas de João Guimarães Rosa?
- Podemos identificar entre os moradores locais, personagens que se identificam com os descritos na obra de João Guimarães Rosa? A linguagem, as características no modo de vida e trabalho? As relações com as paisagens do lugar?
- Como se define a paisagem local, descrita pelos moradores? Quais as transformações atuais como eram?
- Quais as transformações da infância vivida por um morador antigo e a infância das crianças do lugar na atualidade? Narrativas de vida/oral.
- Quais as transformações nos meios de produção e nos modos de vida/sobrevivência dos moradores do lugar no presente em relação ao passado? Narrativas de vida/oral.
- Em que medida a tradição passada de pai para filho se mantém e como é essa transmissão?
- Como a população se relaciona com o seu passado e com os rituais e as festas?
- Quais são, e como refletem a realidade do jovem, as expectativas futuras de permanência ou evasão da cidade? Procurar identificar a visão da cidade pelos moradores:
- Quais são os processos modernizadores em curso? Qual a sua influência na mudança nos modos de vida da população?
- Qual é o significado do rio para os moradores?
- As terras em que moram são suas? Compra ou posse:
- Quantos habitantes há na comunidade?
    - Que moram lá:
    - Que trabalham ou estudam na cidade e só vão fins de semana:
    - Na área urbana:
    - Na área rural:
    - Quantos membros da família residem permanentes na comunidade?
    - Quantos migram sazonalmente?
    - Quais os membros da família que foram e não retornaram?E quais são os membros da família que sempre migram e retornam e quais são aqueles que migraram e retornaram e não querem mais migrar?Quem nunca saiu para a migração?
    - Quem chegou à comunidade vindo de processo migratório?
- Como é morar ali?Tem vontade de permanecer?
- Quais as diferenças observadas durante todo o tempo em que vive lá?
    - No ambiente:
    - Habitantes de hoje e de ontem: moradores, trabalhadores:
    - Na atividade com a terra e a água, os animais, a flora:quais as culturas que são plantadas, forma de plantio, combate a pragas, forma de colheita e beneficiamento
    - Quais atividades de trabalho comunitário e como são praticadas e por quem?

[134] Pesquisadora Andréa Maria Narciso Rocha de Paula, doutoranda em Geografia no Instituto de Geografia na Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação do professor Carlos Rodrigues Brandão.

    - Quais atividades das mulheres, dos homens e das crianças na terra e na pesca?
    - Que tipos de rezas são feitas e quando para que haja produção e pesca?
    - Os tipos de trabalho que existem hoje e que já existiram e permanecem ou que não existem mais:
- Observar se a maioria dos habitantes são de crianças, jovens,adultos ou idosos?
- Homem / mulher:
- Qual tipo de atividade de lazer que se destaca na comunidade?
- O que plantam, o que criam:
- Comercializam? Onde e como:
- Tem escola rural?
- Caçam, pescam, coletam?
- Procedência da água que bebem:
- Como usam a água?
- Como usam a terra?
- Algum tipo de trabalho comunitário?
- Qual o tipo de trabalho? Duração:
- Gosta de trabalhar ali?
- O que é bom, o que é ruim?
- Qual a relação com a religião?
- Quais atividades praticadas através da religião e por quem?
- Quais as festas tradicionais na comunidade?
- Quais são as manifestações culturais presentes na comunidade?
- Existe alguma festa na comunidade que é reencontro de pessoas e famílias migrantes? Se sim? Quando e qual?
- Quais são os sonhos em relação a comunidade e a vida
- Lugares de afeto, lugares sagrados, lugares evitados na comunidade
- Os seres do rio, as lendas, os ritos no lugar.

ANEXO C – RELAÇÃO DOS ENTREVISTADOS NA BARRA DO PACUÍ – MG[135]

Antônio Conceição de Souza. 73 anos.

Euclides Rodrigues Alves 72 anos.

Rosina Alves de Souza. 32 anos.

Joana Batista de Sousa (Joaninha) 62 anos.

João Batista de Jesus (João Bento) - 73 anos.

Maria Conceição - 66 anos.

Maria Messias da Silva - 78 anos, ex moradora da comunidade .

Natália (Dona Tazinha) -82 anos.

Salú Lima de Jesus - 77 anos.

Tereza Lima de Jesus – 67 anos.

Jose Adão Pereira Silva – 32 anos.

[135] Foram realizadas mais entrevistadas com outros moradores, nesta lista estão somente os nomes das pessoas que permitiram que suas imagens e falas fossem reproduzidas e utilizadas.

ANEXO D – Reportagem sobre mortes de peixes no Rio São Francisco

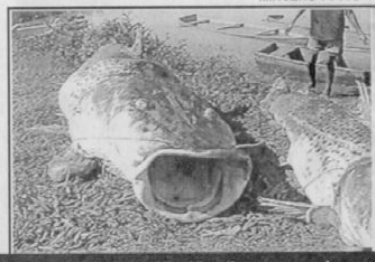
JORNAL A SEMANA Página 14- Pirapora,29 de abril de 2005

Peixes mortos não páram de descer o rio

IMAGENS TV RIO







Um grande número de peixes da espécie Surubim, com média entre 20 e 35 quilos, vem sendo periodicamente encontrados mortos ou agonizando no leito do Rio São Francisco, comprovando o grau de contaminação das águas por metais pesados e agrodefensivos

SAAE denuncia gravidade da mortandade de peixes à Promotoria de Defesa do Rio São Francisco. Desde o final do mês de janeiro pescadores e ribeirinhos continuam avistando e recolhendo grande volume de peixes mortos

Em ofício dirigido ao Dr. Paulo César Vicente de Lima, da Coordenadoria Regional das Promotorias de Justiça em Defesa da Bacia do Rio São Francisco, o Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE), em Pirapora, notificou que continua sendo verificada uma grande mortandade de peixes no Rio São Francisco, iniciada no final do mês de janeiro deste ano. Desde então, pescadores e moradores ribeirinhos vem denunciando o grande volume de peixes mortos (de várias espécies como surubis, pirás, curimatãs e mandis) descendo o rio.

"De acordo com informações de pescadores e ambientalistas, o fato vinha ocorrendo à montante do trecho piraporense do rio, uma vez que os peixes desciam o rio já mortos ou agonizando. Após tomarmos conhecimento do fato, notificamos o mesmo ao Dr. Agostinho Clóvis da Silva, responsável pela área de ecotoxicologia do setor de recursos hídricos do CETEC, que nos solicitou o envio de amostras de peixes e de água, colhidas próximo a barragem de Três Marias, no Rio Abaeté e Córrego Formoso, afluentes do São Francisco e no trecho do rio próximo a Pirapora", explicou Helder Freire Cardoso, Diretor do SAAE.

Compostos orgânicos e inorgânicos

"A coleta das amostras de água e mais 12 exemplares de peixes diversos, alguns mortos e outros ainda vivos, para remessa ao laboratório do CETEC, ocorreu no dia 22/02. No dia 24/03 recebemos o parecer técnico nº 401.490 (com um total de 5 folhas) contendo os resultados das análises, demonstrando que a água se encontrava dentro dos padrões de potabilidade estabelecidos pela Portaria nº 518 do Ministério da Saúde. Quanto a causa da morte dos peixes, o laudo concluiu que provavelmente foi consequência da ação sinérgica de compostos orgânicos e inorgânicos que poluem o rio", especificou Janeir Soares Barbosa, Engenheiro de Projetos do SAAE e membro do COPAM (Conselho Municipal de Política Ambiental).

Tais compostos identificados (principalmente zinco, cobre e pesticidas), se acumulam no fundo do rio, trazendo, então, consequências imprevisíveis para a sua fauna. "Após todas as providências por nós tomadas, solicitamos da Promotoria que acione os órgãos ambientais competentes (tais como IBAMA, FEAM, IGAM e outros), para que efetuassem uma pesquisa mais aprofundada sobre o ocorrido, comprovando a presença de metais pesados e pesticidas no fundo do rio, bem como sua origem, empresas e/ou produtores rurais responsáveis pela contaminação", disse Janeir.

Riscos à saúde e ao Meio ambiente

"A mortandade de peixes continua e tal situação poderá comprometer toda a vida no Rio da unidade nacional, bem como das populações que vivem das suas águas", concluiu Helder Freire Cardoso. Na tribuna do Legislativo Municipal, no dia 25/04, o Vice-Presidente da Câmara, Neivaldo Pereira (PMDB), também manifestou sua preocupação: Pudemos confirmar, in-loco, que a descida de vários peixes mortos, alguns de grande porte como surubis, não cessou, o que prova que o problema até hoje não foi solucionado pelos órgãos ambientais acionados, colocando sob risco a saúde de nossa população.